

CÁTIA VIEIRA



LOLA

ROMANCE



VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

CÁTIA VIEIRA



LOLA

ROMANCE



CÁTIA VIEIRA

LOLA





Durante vários anos, a ansiedade foi o meu inferno.
Este livro é para todos aqueles que ainda lá se encontram.
E para os que se libertaram dele.

PRIMEIRA PARTE

1.

A janela aberta da cozinha permitia a entrada de um ar quente e ligeiramente pestilento e de inúmeros latidos de cães ansiosos pelo passeio nocturno na Faria Guimarães. Incomodada com esta invasão, fechei a janela e liguei a televisão para ouvir o telejornal enquanto me dedicava a uma *cuisine* bastante requintada. Tirei uma lasanha de marca branca do congelador, coloquei-a no microondas e debrucei-me para observar a rotação do prato, enquanto o jornalista, que falava a partir da capital, apresentava os desenvolvimentos diários da política portuguesa. Incomodada com o suor que escorria pelas minhas têmporas, liguei a ventoinha e sentei-me na cadeira, encarando os armários castanhos. Sentia-me cansada do pandemónio instaurado em São Bento. O nosso país, ainda massacrado pelas consequências da pandemia, tinha o seu primeiro-ministro, Luís Lopes, sob escrutínio nacional, devido a mais um caso de corrupção.

Estava concentrada em toda esta situação, quando o visor do telemóvel se iluminou, sugando-me para uma vida paralela. Percorri as últimas *stories* do *Instagram*, que mais rápida e eficazmente do que um livro de qualquer filósofo existencialista me provam o desespero e insignificância da vida humana. As minhas antenas regressaram ao planeta quando escutei uma voz familiar, vinda da televisão. Tirei a lasanha do microondas, com as pontas dos dedos, tentando não me queimar, e pousei-a na mesa. No discurso televisivo ela falava da importância de se implementar nas escolas portuguesas uma unidade curricular semanal, que discutisse questões humanas e sociais, para

explorar noções de igualdade, de tolerância e de respeito. A sociedade, afirmava com veemência, só poderá evoluir, quando esses valores forem instruídos desde os primórdios da vida. Não podemos, continuou, confiar que a mentalidade simplesmente progredirá nesse sentido. Temos de auxiliar, proporcionar meios e conhecimento para nos assegurarmos de que essa mudança ocorre, terminou.

Espetei o garfo na lasanha e desliguei a televisão, sabendo que não tardaria a ver este discurso nas redes sociais e que várias mensagens inundariam a minha caixa de entrada para elogiar o mais recente discurso de Dulce Gaspar. Comi a minha refeição com diligência, enquanto o som do meu telemóvel disparava como previsto. Ficar em casa, nessa noite de Setembro, começava a fazer-me sentir claustrofóbica. Calcei os sapatos rasos pretos e pendurei ao pescoço a máquina fotográfica, uma prenda da minha avó quando eu era ainda criança. Pressentindo aquilo que viria a ser o meu desespero existencial, entregara-me uma *Olympus* como se me atirasse a uma bóia de salvação. «Deixa-me os livros, rapariga! Só te agarras a essas páginas. Vai-te à vida! Usa esses teus olhos enormes e esta máquina para fazeres a tua história!», dizia-me ela no seu tom expedito e carregado com a força de uma nortenha pura. Seguindo o seu conselho valioso, saltei para a calçada, pronta para o meu exercício favorito: a exploração incansável das ruas do Porto, em busca de um recanto de estranheza. A ânsia que as pessoas têm de se aprisionarem em ginásios sempre me pareceu absurda. Percorrem vários quilómetros em máquinas que não as transportam a lado algum, enquanto encaram paisagens belas, por vezes até bucólicas. Para a última, basta afastarmo-nos do centro do Porto e não tardaremos a encontrar essa fantasia, que tenta recalcar o facto de que se está irremediável e aborrecidamente numa gaiola transparente.

Nos meus sapatos de guerra, uns *Dr. Martens* que comprara anos antes numa loja londrina, pisava a terra e dava quilometragem às pernas, que ansiavam o desconhecido e a adrenalina. Esta electricidade que as percorre, nesses momentos de exploração infindável, pontapeia-me de volta para a vida. Embarcar nestas minhas viagens solitárias pela Baixa é uma forma de captar a sombra de uma cidade recentemente vendida. Comecei a descer a Faria Guimarães como se rumasse para um porto de abrigo. Na rua escasseava a iluminação, mas a pujança da Lua impunha-se, entre estes prédios anacrónicos. Os carros passavam por mim a uma velocidade excessiva para entrarem no túnel, e os gatos vadios, pressentindo o perigo, corriam desenfreadamente para se resguardarem. Enquanto subiam a estrada, eu caminhava na direcção oposta, rumo à Baixa do Porto, acariciando a minha câmara e arrependendo-me de ter trazido o casaco de ganga. Ao passar a Trindade, antevi uma cidade abarrotada, o que me causou algum transtorno. Nesta noite abafada de Setembro, turistas e locais estavam à solta, buscando o refúgio das suas casas quentes e tentando aproveitar os espectros da cidade.

Para escapar desta paisagem medonha e sobrelotada, numa noite misantropa, caminhei no sentido da Rua do Almada, na qual ainda ecoa um Porto histórico e velho. Aprecio, sem dúvida, o que colhemos do nosso tempo, nomeadamente a digitalização do mundo, que me permite conseguir comida, serviços, interacção e até sexo a partir de um telemóvel. A existência torna-se mais confortável e cómoda, mas ainda me rendo a estas raízes portuenses, que tanto contrastam com uma insegurança que me domina.

Apercebi-me de um rato veloz na berma e senti um arrepio na espinha, que me fez acelerar o passo e querer ver-me livre da rua. Mas, ao aproximar-me de um restaurante tradicional, avistei uma jovem família que saía, partilhando risos íntimos. A

felicidade daquelas três pessoas remetia-me para lugares imaginários esplêndidos e puros. Um dos pais, que vestia umas calças pretas curtas e calçava sandálias de pele, carregava a pequena criança nos ombros, agarrando-a pelas pequenas mãos. O menino, extasiado com a aventura de ver o mundo de cima, ria-se e parecia não querer ver o momento terminado. O outro pai carregava uma mochila com os pertences da criança e observava a sua família com um olhar maravilhado e completo.

Quis fotografá-los e guardar este instante para sempre, mas precisava de pedir-lhes autorização. Custava-me sair do refúgio da câmara para comunicar com outras pessoas. Encobrirmo-nos em dispositivos é satisfatório, mas tira-nos qualquer prática em ser humano e fazer coisas profundamente humanas, como comunicar. Chegar a um estranho e pedir para o captar com a minha lente fazia-me repensar várias vezes estas minhas caçadas de Indiana Jones. Além de pedir, geralmente tenho ainda de justificar a minha preferência. As pessoas gostam de saber o que as torna especiais, dignas de uma eternização. Gostam que a monotonia dos seus dias seja quebrada com um momento peculiar e extraordinário. Gostam de ser vistas e de se tornarem estrelas num filme de alguém, de saberem que não serão esquecidas.

— Olá, sou a Lola. Sou fotógrafa. Importam-se que tire uma fotografia da vossa família? — menti, agarrando na máquina que levava ao pescoço, como se desse legitimidade à minha actividade. Quando me requerem demasiada informação, fico um tanto exausta, por isso opto por brincar com verdades e factos para me escapar de grandes elucidações. Não sou fotógrafa, mas estava num caminho também destinado à miséria económica e bastante desmoralizador: investigação em Literatura Espanhola. Para mal dos meus pecados, nas minhas viagens solitárias pelo mundo dos livros, tinha descoberto os enredos de Rosa Montero. A certo momento, a escritora

madrilena confessou ter passado por uma fase de grande angústia existencial aos vinte e oito anos. Ainda me faltava um ano para lá chegar, mas compreendia muito bem o significado daquelas palavras.

Os dois jovens sorriram e aquiesceram ao meu pedido. Pedi que se movessem para o centro da estrada, tendo como fundo uma via sem horizontes, repleta de lojas de roupa usada, de vinis e restaurantes. Ainda com a criança nos ombros, os dois pais riam, olhando-se. O menino sorrindo, com olhos colados no céu e mãos presas ao pai e à terra, causou-me um arrepio. A magia daquele momento perturbou-me e contemplar uma infância — inundada de felicidade, profunda segurança e livre para olhar os confins do céu — perfurou-me com sentimentos de inveja, o que me doeu e envergonhou.

Após trocarmos algumas palavras cordiais, segui o meu caminho pela rua abaixo, sem grande rumo. A voz de Dulce Gaspar voltava a fazer-se ouvir na minha mente, ameaçando definitivamente destruir qualquer réstia de paz que pudesse existir em mim. Claro que as escolas portuguesas deveriam introduzir unidades curriculares sobre noções de igualdade para que possamos formar melhor aqueles que serão o nosso futuro. O único sítio em que podemos garantir essa reflexão é a escola, já que não é possível confiar de modo pleno nas mensagens transmitidas em casa.

Estes pensamentos circulavam a um ritmo obsessivo na minha mente, até que, chegada ao Túnel de Ceuta, fui invadida por uma sensação familiar e indesejada, que me visitava regularmente. Surgia de modo inesperado e avassalador, lembrando-me de que a minha derrota é iminente. Sair de casa nessa noite tinha sido uma tentativa de me esgueirar deste inferno, mas no fundo sabia que era uma questão de tempo até ser atacada em duas frentes. Era geralmente assim que esta praga se anunciava e me fazia revelar nos tons mais negros de

mim mesma, devolvendo-me a um estado profundamente infantil que me deixava aterrorizada e desesperada. A primeira investida era dirigida de modo certo e implacável ao meu peito, a segunda alastrava-se em forma de tremor pelas pernas, que se tornavam débeis e inúteis. Em que humanóide podre me transformava eu quando a ansiedade me assolava? Lembrei-me de que me encontrava numa das zonas mais movimentadas do Porto e, pela segunda vez nessa noite, senti-me envergonhada. Precisava desesperadamente de regressar a casa. Tinha medo de que as minhas pernas me falhassem, que a minha ansiedade colapsasse num ataque de pânico, que as minhas lágrimas apavoradas se libertassem. Estava sozinha. A minha incursão tinha chegado ao fim. Procurei abrandar a respiração para me salvar de um cenário ainda mais neurótico, por isso tentei concentrar-me neste mundo estranho e distante. Fixei o olhar numa livraria, cujas sombras dos livros, naquela escuridão, comunicavam comigo. Os meus mundos imaginários, que me dão resguardo desde sempre, começaram a acalmar-me. Limpei o suor frio das mãos, que não sabia ser resultado das temperaturas infernais ou da ansiedade, e tirei uma última fotografia. Arrependi-me imediatamente deste acto, porque abominava provas dos momentos que atestavam o caos que se consegue desencadear na minha alma.

Ponderei apanhar o metro para casa, mas caminhar pareceu-me mais seguro. Continuei a fugir das vias mais movimentadas, por isso, no regresso, optei pelo mesmo percurso. A meio da Rua do Almada, avistei o Mauro a sair de um carro estacionado, acompanhado de uma mulher. Por estarmos ambos no meio académico, tínhamo-nos conhecido anos antes numa palestra sobre o significado da monogamia no século XXI. Apesar de ele ser casado, tivemos uma relação durante dois meses. Claramente, a sua presença naquela conferência tinha sido por motivos meramente teóricos, porque não parecia

atribuir muito crédito ao conceito.

A última vez que nos vimos ocorreu no pico da minha ansiedade. Estava num autocarro nocturno do Porto, que me levava até casa, quando senti uma dor aguda no peito e, entre tentativas frustradas de controlar um ritmo cardíaco absurdo, vi-me incapacitada de respirar. Achei que estava a ter um enfarte e que ia morrer aos vinte e quatro. Ridículo, lembro-me de pensar, até o Jim Morrison chegou mais longe... O autocarro parou e ouvi uma mulher ligar para o número de emergência e pedir uma ambulância. Quando me colocaram na maca, sentia-me tão louca e desnorteada, que não sabia se me levariam para o Hospital de São João ou para o Magalhães Lemos. Enquanto chorava na maca, desesperada e sozinha, lembrei-me de um episódio estranho da minha infância. Tínhamos ido jantar a casa de um possível cliente do meu pai, em Lisboa. Após o jantar, recheado de adultos e de conversas sobre arquitectura bastante aborrecidas para uma criança ou para qualquer leigo na matéria, decidi ausentar-me da mesa e deambular pela casa, em busca de algo que aliciasse a minha curiosidade. Entrei num pequeno escritório e lá encontrei um furão numa gaiola. Na altura não sabia ainda que o que via era um furão, mas o animal corria às voltas naquele espaço pequeno e hermético. Em estado de choque, observei-o preso e erradicado do mundo, reduzido a uma vida sem sentido. A sua energia desesperada contrastava com a minha absoluta e plena paralisação. Senti lágrimas a espreitarem pelos meus olhos, ameaçando uma violenta libertação. Deixei-as escorrer pela face. Com as minhas pequenas mãos, toquei o vidro da gaiola e tive vontade de salvar o animal. Foi quando o meu pai me encontrou. Disse-me, então, que aquele animal se chamava furão e que pertencia à família dos Mustelídeos, da qual eu já conhecia o texugo. Falava-me destes termos como se procurasse contextualizar, racionalizar e teorizar o que ambos

contemplávamos. Antes de me tirar do escritório, disse-me que os animais são como as pessoas: nem todos podem ser livres. Mais tarde, quando as minhas capacidades intelectuais permitiram, pesquisei e compreendi que o furão não é um animal que deve ser engaiolado. Eu também não e, ainda assim, aqui estava, numa ambulância, trancada e sozinha, andando às voltas, ou assim me parecia, numa vida absolutamente irrelevante.

Quando cheguei ao São João, fui medicada e conversei com um médico do hospital, que me explicou que nessa noite tivera um ataque de pânico e que, muito provavelmente, sofreria de um Transtorno de Ansiedade Generalizado.

Tentou tranquilizar-me, dizendo-me que este problema é comum nos jovens, e aconselhou-me a fazer psicoterapia. Eu acenava com a cabeça porque tudo o que eu ouvia fazia sentido, essencialmente a parte que dizia respeito à minha geração. Por causa da ansiedade, alguns dos meus conhecidos estavam a *Victan* diariamente e queixavam-se de que não conseguiam trabalhar porque abrir os olhos, durante o dia, tornava-se tarefa hercúlea; outros gabavam-se dos vários quilómetros que corriam, cronometrados por *apps* da moda, para descomprimir e aliviar a tensão da rotina; outros usavam o *Tinder* freneticamente para evitar a ansiedade que a solidão provoca, e outros, mais liberais, fumavam uns charros à noite. Esses, pelo menos, conseguiam trabalhar no dia seguinte. Por isso, tenho a certeza de que o psiquiatra tinha razão quando dizia que a ansiedade é uma praga geracional. Pensando na minha vida, em retrospectiva, até acho que me saí bem só com um Transtorno de Ansiedade Generalizado.

Naturalmente, tive alta e tentei ligar aos meus pais para que me fossem buscar. A minha mãe não atendeu e o meu pai disse-me que seria melhor apanhar um táxi para casa da minha mãe, porque estava num evento social bastante importante. Poucas

coisas na vida têm tanta razão de ser como eu estar naquele hospital, naquele momento. Como poderia não ter acabado ali? Foi quando decidi ligar para o Mauro, que aceitou ir buscar-me ao São João. Assim que entrei no carro, olhou-me como se eu fosse um cão abandonado, pegou na minha mão e disse-me que não podíamos continuar a ver-nos. Aparentemente, ir buscar-me a um hospital, por causa de um ataque de pânico, tinha-o feito tomar consciência da factualidade do nosso caso, e tudo isso era demasiado para ele, nesse momento. Demorei uns segundos a processar o que estava a acontecer, para reconhecer apenas que nada nesta situação me admirava ou incomodava. Encolhi os ombros e pedi somente que, no caminho para casa da minha mãe, me deixasse passar numa caixa de multibanco para averiguar as minhas poupanças irrisórias, conseguidas ao longo de anos a trabalhar em *part-time* numa livraria Bertrand. Assim que consegui garantir que não acabava debaixo da ponte e à procura das últimas migalhas de pão nas ruas portuenses (porque os vagabundos até mandam pinta em Paris, mas é apenas isso), saí de casa da minha mãe com algumas caixas de roupa, uma carrada de livros e ainda um Transtorno de Ansiedade Generalizado. Tenho vivido na Faria Guimarães, desde então, onde alugo um quarto.

Três anos depois reencontrei o Mauro. Apesar do tempo, as minhas circunstâncias sintomáticas mantinham-se, o que me fez julgar a minha falta de autodesenvolvimento e perceber que talvez devesse olhar com mais humildade para os livros de autoajuda que costumam ocupar estantes que adoro ignorar e menosprezar.

— Lola, há quanto tempo! Esta é a Beatriz, a minha mulher — disse-me num ápice, para que fatais desentendimentos fossem evitados. Para agravar aquele que já era um humor de cão, irritou-me que se tivesse referido a Beatriz como sua

mulher e não como sua esposa. Mesmo com os meus estudos infundáveis de Linguística e sabendo que a primeira reina nas línguas românicas, ficava danada com o facto de que, mais uma vez, os homens pudessem acolher as mais variadas facetas. Ser marido de alguém é só mais uma delas. Pelo contrário, nós tornamo-nos a mulher de alguém. Sem dúvida que, neste sentido, o inglês é uma língua bem menos sexista que a nossa. Com *husband* e *wife*, o assunto fica arrumado. A nossa, no entanto, é mais transparente e franca: não tem problemas em assumir quem está no poder.

Enquanto os cumprimentava, perscrutava o Mauro, apercebendo-me de que ele era mais baixo do que me recordava. Mais baixo, mais vulgar, mais tedioso. Lembrei-me do rato que vira mais cedo e voltei a contorcer-me por dentro. Beatriz tinha cabelos ondulados e longos em tons mel, que se impunham de forma dramática no meu raio de visão. Sorria-me com serenidade, ao mesmo tempo que Mauro explicava as minhas afiliações e conquistas académicas, catalogando-me aborrecidamente como uma investigadora sensacional e promissora. Ao observar o casal, começava a achar que tinha escolhido o parceiro errado. Cansada daquela descrição condescendente, despedi-me e deixei escapar um sorriso para Beatriz. Enquanto caminhava, pensava no motivo que levava mulheres intrigantes a refugiarem-se em homens insignificantes. Como se tivessem receio de uma revelação final e absoluta, amparavam-se numa concha que as encobre, que as regula, que as domina, cedendo aos homens o poder numa bandeja que se ergue tão alto, que se torna jamais acessível a elas.

Tentei, desde que ganhei consciência do meu isolamento profundo em casa, desfazer-me de tudo o que me definia, para que me vissem; tentei dar as minhas entranhas, moldar-me, converter-me, desfazer-me para que pertencesse. Rapidamente

passei de brincadeiras infantis para o engendramento de pequenas artimanhas, para que os meus pais me reconhecessem. Apesar de tudo, sei que a fotografia é ainda um atestado das minhas carências. O meu pai é arquitecto e, devido à sua profissão, dedica-se à concepção do mundo físico, de espaços seguros e harmoniosos, que nos acolhem e protegem. Por ter devotado toda a alma à construção da cidade, esqueceu-se dos alicerces necessários para se construir um lar. Despendi tanto tempo a cogitar na beleza da cidade para compreender o porquê da sua primazia na vida do meu pai, que acabei por me apaixonar por ela. A cidade é um lugar de possibilidades, de vida e de morte, de excentricidade e de silêncio. Caminhar e contemplar a vida urbana frenética lembra-me que vivo. Por isso é que carrego sempre a minha máquina fotográfica na bolsa, pronta a disparar e captar outro ponto que acaba de me esventrar.

Entre outras coisas, o casamento é um contrato. Mas o dos meus pais sempre me pareceu somente isso: um papel assinado entre dois bichos. Assim, não posso dizer que tenha ficado surpreendida quando se divorciaram. A partir desse momento, a ausência deles tornou-se a grande constante da minha vida. Eu era como um peixe em terra a quem pedem «agora aprende a respirar». E eu aprendi. Na infância, tentei transformar-me na estrela central das minhas ilusões. Mais tarde, a arte viria a ocupar esse lugar. Lembro-me de correr todos os museus do Porto; saltava de um para o outro sozinha, porque os meus amigos pareciam não compreender a minha obsessão pelo mundo artístico. O que eles não entendiam é que cada um procura por si onde pode e sabe. Ao crescer, compreendi as limitações das pessoas e comecei a antever a maioria como desinteressante. Com tanta dose de arte e de estudo, sentia-me entender a natureza humana que nem um Freud do século XXI, ainda que clara e visivelmente incapacitada para lidar com a

humanidade e comigo mesma. Anos depois de tanta batalha visceral, recusava-me a ceder o meu poder. Ele ainda existia de forma abstrata, escapando-me entre os dedos. Não sabia o que fazer com ele, o que me parecia tão absurdo quanto desperdiçá-lo. Por isso, tentava protegê-lo ao máximo, ansiando pelo dia em que falássemos a mesma língua.

Quando bati a porta do apartamento, a minha colega de casa chamou-me animadamente para ir à cozinha, onde ela se encontrava a enxaguar a louça de um jantar tardio, com um empenho nas lides domésticas que eu desconhecia. Sabia o que se avizinhava, mas não havia escapatória possível. Perguntou-me se tinha visto o discurso na televisão e eu respondi afirmativamente.

— Eu sei que é difícil para ti. Mas, apesar de tudo, tens de estar orgulhosa do que ela está a fazer por nós, neste país — disse Catarina com ternura, mas impondo-me o seu leque de sensações e reações claustrofóbicas.

Quando me mudei, ela já vivia neste apartamento. Lembro-me de que, quando nos conhecemos, ela estava a leccionar pelo primeiro ano. Assim que soube que encontrara emprego como professora primária imediatamente após a conclusão dos estudos, pensei que ou a sorte estava do seu lado ou, muito provavelmente, tinha uma rede de contactos valiosos prontos para ajudar. E estava certa. Depressa compreendi que Catarina dava aulas num colégio privado da cidade, onde uma amiga já leccionava também.

Quando abri a porta do apartamento pela primeira vez, empurrando caixotes com os pés e puxando as malas, de cabelo apanhado e calças de cintura subida, compreendi que as nossas diferenças seriam muitas ao antevê-la. Quando me recebeu, Catarina encarou-me com um sorriso artificial, de quem está em comunicação secreta com os céus, reclamando da sua sorte. Viver com ela exasperava-me, por vezes. Se eu sentia uma

inquietação existencial constante, Catarina vivia em paz neste mundo tramado. O dinheiro ainda não chegava para alugar o seu próprio espaço e arcar com todas as despesas sozinha, numa cidade cujo custo de vida superava os salários médios. Mas era acomodada e disciplinada. Jantava todas as sextas-feiras com o namorado, numa espécie de compromisso semanal. O resto do encontro variava conforme a fase do mês, mas era igualmente previsível. Nas primeiras sextas-feiras do mês, com o salário acabado de receber, alternavam entre uma ida ao cinema e um bar aborrecido da Baixa da cidade. Se o final do mês estivesse à porta, eu já sabia que a sala estaria interdita, porque o plano resumia-se a um serão de *Netflix*.

Durante algum tempo, questionei-me sobre os motivos que a levavam a ficar na Faria Guimarães comigo, em vez de se mudar com o Tiago, o seu namorado. Não sabia se seria acomodação ou receio de dar esse passo bem mais sério. Recentemente, cheguei à conclusão de que sou das poucas amigas que a Catarina tem e que viver comigo conecta-a à humanidade, de uma forma que apenas as amizades conseguem fazer, enquanto mareia pela sua relação amorosa. Apesar das nossas diferenças evidentes, desenvolvemos uma ligação que vim a valorizar também. A escassez de vida social e de amizades também me pesava, por vezes. Independentemente das diversas plataformas digitais que nos são acessíveis, todos estamos profundamente sós. O nosso propósito terreno não é travar a solidão. Acreditar nessa possibilidade seria a prova final da nossa loucura. Não andamos aqui para não nos sentirmos sós; apenas menos sós. Essa é a única possibilidade. Assim, com o passar do tempo, deixei-me encantar pela sua ternura e profunda inocência. Quando víamos séries juntas, já sabia quando lhe passar a caixa dos lenços, que mantínhamos na mesa de apoio. Sentada sempre na ponta do sofá, esticava-lhe a mão automaticamente e ela ria-se. Perdíamos horas a

comentar livros que eu escolhia para lermos em conjunto, ainda que várias vezes as minhas escolhas fossem demasiado sérias e um tanto depressivas. Na maioria dos dias, ela cozinhava para ambas, seguindo dietas que me eram desconhecidas. Lembro-me de ela quase sempre discursar durante meses sobre a dieta paleolítica, e tivemos ainda o período da clássica dieta *low carb*. Eu ouvia-a, fingindo uma quantidade de interesse que lhe fosse credível, magicando no facto de que nenhuma delas haveria de me matar. A alternativa, que era pôr as mãos à obra e cozinhar, cansava-me bem mais do que ouvir os seus infundáveis discursos sobre gastronomia saudável. Como dividíamos tarefas, eu punha a mesa e costumava escolher uma *playlist* para cantarmos bem alto. No entanto, quando o assunto recaía em Dulce Gaspar, não nos conseguíamos entender.

— Hoje, na sala de aula, conversámos sobre profissões e pedi-lhes que escrevessem uma composição sobre o que querem ser quando crescerem. A Maria, uma aluna minha, entregou-me isto — continuou a Catarina, quando não obteve resposta da minha parte. Peguei na folha que ela me entregava e perdi-me a encará-la. Maria dizia que, no futuro, gostaria de ser Dulce Gaspar para ajudar todas as crianças a serem felizes, livres e iguais.

— Não sei o que queres que te diga — respondi asperamente, enquanto lhe devolvia o texto. Catarina encarava-me com olhos que me queriam bem, mas que me pesavam. Dulce Gaspar mudara o movimento feminista em Portugal para sempre. Mais do que isso, ela inspirara os meus ideais. Mas o que Catarina não conseguia compreender é que essa parte não apagava o facto de Dulce Gaspar ser minha mãe. Ela estava presente na vida de muitos, mas estivera ausente na minha. Irritava-me que a minha amiga não conseguisse compreender que os feitos sociais e activistas da minha mãe não desculpavam uma

ausência que me marcou terrivelmente. Jornalista e a maior feminista em Portugal, a minha mãe tratou-me como um produto não desejado. Por causa da sua veia feminista fervorosa, nunca entendera por que motivo nasci. Talvez ela estivesse numa crise de existência cuja língua só se pode falar no feminino. Quem sabe, a decisão de não se reproduzir fosse mais aterradora do que fazê-lo, naquele momento. Talvez eu seja a sua grande cedência ao mundo.

Despedi-me de Catarina e fui para o meu quarto, pousando a máquina fotográfica na secretária de madeira. Fechei as janelas, que continuavam a permitir a chegada de um calor angustiante. Liguei a ventoinha velha e despi-me. Nua, fechei os olhos e deixei-me ficar. De manhã iria para uma biblioteca deserta, já que todos os estudantes ainda estavam a aproveitar os últimos cartuchos do Verão, espalhando-se nos areais do Norte ou esgotando os seus míseros trocos em viagens *low cost*. A voz dela voltou a soar na minha mente e cerrei os olhos com mais força, como se isso transportasse as melodias tristes da minha infância para longe. Foquei-me, então, nos meus cabelos escuros a esvoaçarem pelo quarto, com a violência deste ar que me balançava, acariciando os meus ombros. Os cabelos fulgurantes de Beatriz, que conhecera nessa noite, espreitaram na minha mente como se me dessem as boas-vindas a um lugar secreto e resguardado que eu procurava desesperadamente. De costas uma para a outra, as nossas nádegas roçavam-se e as suas ondas confundiam-se nos meus cabelos. Como se estivesse numa viagem psicadélica, imaginei Beatriz com várias mãos a apoderarem-se do meu corpo verdadeiramente só. O seu toque serpentino e rápido alastrava-se por toda a minha pele a descoberto. Envolveu o meu pescoço, apertou os meus mamilos duros e invadiu o interior das minhas coxas. O grande eixo do meu corpo tornou-se mestre num jogo de sensações, que me concedia tudo o que ansiava. Consumida por esta Medusa

perfeita, abandonei a minha passividade e virei-me de frente para Beatriz, elevando os meus braços para cobrir os seus olhos verdes, e beijámo-nos como se consumirmo-nos mutuamente fosse a única solução para escapar ao fim do mundo. Caminhei para a cama, pousando pé ante pé no chão quente, e deitei-me, encarando o tecto vazio. Comecei por afastar os lábios, entregando-me depois a um momento circular no meu clitóris, que se encontrava bem desperto. O corpo de Beatriz continuava no meu imaginário, fazendo-me aumentar a velocidade e pressão do toque íntimo. Adivinhando uma explosão brutal, tive de pegar na almofada ao meu lado e espetá-la na cara, para que Catarina não me ouvisse. Após um orgasmo épico, deixei o pescoço descair para o lado esquerdo, onde se situava um espelho de corpo inteiro, e encarei o meu reflexo, sem conseguir discernir os sentimentos por mim mesma. Não é que me deparasse com uma estranha. Eu via-me a mim, Lola. Mas surgia distorcida e bizarra. Olhava-me e perguntava-me se em algum momento a minha imagem se revelara límpida e nítida. Senti uma lágrima a correr, depois fechei os olhos para que o meu amanhã pudesse chegar.

2.

Depois do almoço, saí da biblioteca enfadada e olhei para as horas no telemóvel, apercebendo-me de que ainda teria de esperar vinte minutos por Simone. Os meus *Mary Janes* pretos apertavam-me os pés inchados pelo calor que se continuava a fazer sentir. Até no meio de tanto espaço verdejante, o refusto era verdadeiramente incomodativo. Não me conseguia lembrar de um Setembro tão quente. Parecia-me que o inferno estava à solta no país e haveríamos todos de arder. Tínhamos tido um Verão pacato, que resultara numa enchente de notícias sobre os destinos de férias favoritos dos portugueses após a pandemia, ou sobre o trânsito para a Costa da Caparica ou de alertas para a presença de caravelas-portuguesas nas praias de Lisboa e do Algarve. Notei um vazio noticiário, durante esses meses, que fazia parecer que o resto do mundo se tinha eclipsado. No entanto, o *Instagram* e os meios de comunicação internacionais certificavam-me de que tudo continuava no mesmo sítio: as alterações climáticas, as tensões políticas internacionais e as guerras. Mas, com esta onda de calor absurdo, todos tinham saído da toca e o país estava num alvoroço. Se parte do continente se debatia com as chamas, o nosso primeiro-ministro estava em apuros. Depois, claro, tínhamos o frenesim causado pelo discurso de Dulce Gaspar, que a grande velocidade se tinha apoderado das redes sociais e até foi referido em alguns *media* internacionais. Concentrava-me nesta ginástica mental com um empenho que não tinha encontrado para levar a cabo a minha investigação durante toda a manhã, reconhecendo simplesmente que se assumia como uma forma

de adiar a chamada de telemóvel que queria fazer. Apesar do escasso contacto que havia entre nós, costumava ligar-lhe a parabenizá-la pelas suas conquistas. Por vezes, tinha a impressão de que não lhe ligava enquanto sua filha, mas como uma feminista portuguesa que lhe agradecia a destemida e constante luta por uma sociedade mais justa. Tendo estado nos bastidores desse combate toda a minha vida, sabia que prosseguir com ele implicava coragem. Durante a minha infância e adolescência, era recorrente Dulce receber cartas de ódio. Esporadicamente, chegavam também ameaças de morte e até de violação. Porém, quando compreendia que não lhe enviava uma mensagem por receio de ser ignorada, sabia que poderia não lhe ligar como filha, mas esperava uma resposta enquanto tal. Decidi pegar no telefone e ligar a Dulce, para pôr termo a esta ansiedade que sentia germinar no meu estômago.

— Estou? — atendeu ela, num tom calmo. Apesar de estar nos seus cinquenta, continuava a soar tão jovem quanto eu.

— Belo discurso ontem. Gostei de te ouvir — avancei eu desconfortavelmente, após os cumprimentos iniciais. Reparei, entretanto, que tinha parado de caminhar para me sentar num dos bancos de madeira verde dos jardins, apoiando a minha mão sobre a coxa descoberta.

— Obrigada. Estamos muito confiantes. Achamos que o governo não terá outra hipótese. Vai ter de abrir o diálogo — disse, emanando um orgulho evidente.

Quando Dulce tinha a minha idade, fundou a associação feminista Por Nós, em Portugal. Na época, as organizações que lutavam publicamente pela igualdade de género eram poucas. Inspirando-se nessas que, na sua maioria, tinham surgido no final da década de 1970, sucedendo o 25 de Abril, Dulce vislumbrou uma associação verdadeiramente activista. Ao mesmo tempo, servindo-se do seu percurso como jornalista, que era ainda curto, criou uma coluna semanal sobre

desigualdade de género em Portugal, tendo sido apoiada pela sua editora, que acreditou no grande poder desses textos, mesmo quando os seus superiores hierárquicos quiseram silenciar essa voz. Já no final dos anos 90, Dulce criou uma revista semestral de cariz feminista, que chegaria a outros países de língua portuguesa, contando com artigos, textos literários e até entrevistas. Entretanto, publicou diversos livros, hoje traduzidos para várias línguas, tem participado com muita frequência em conferências, discursa em universidades, visita programas de rádio e de televisão e a sua equipa trabalha eximamente para a destacar nas redes sociais. A minha mãe é um fenómeno neste país. Na nossa casa, que é a actual morada do meu pai, esteve sempre pousada sobre o aparador de madeira uma fotografia dela e de Gloria Steinem, tirada em Nova Iorque, há cerca de vinte anos. Essa fotografia visita-me a alma de modo recorrente, como um verdadeiro assombro. Com a minha idade, Dulce entregava-se à luta feminista perante um país conservador, machista e religioso. Um pouco mais velha do que sou agora, encontrava-se em Nova Iorque ao lado de uma norte-americana que reivindicava igualdade há mais de duas décadas e que inspirara o seu próprio caminho. Em contrapartida, eu estava como uma louca no meio de uma ponte, sem saber se deveria seguir para a direita ou para a esquerda e sem conseguir antever o que me esperava em cada lado. Nem sequer percebia o que é que eu, Lola, gostaria de encontrar na margem.

— Sim, espero que sim — respondi, incomodada com a artificialidade desta conversa.

— Como estão as coisas por aí? Sei que não temos falado nem nos vemos muito, mas tenho andado muito ocupada. Tu também, suponho.

— Estou bem — menti descaradamente, descartando os meus ataques de ansiedade, as minhas frustrações e os medos

constantes, e o facto de que pagar as minhas contas sozinha se tornava cada vez mais difícil.

Fingimos despedirmo-nos de um modo um tanto desinteressado. Guardei o telemóvel na bolsa de pele e suspirei, conformada com mais um telefonema superficial. Continuava sem compreender por que motivo insistia nestas tentativas, que me fragmentavam. Sabia que não lhe ligava porque esperava um resultado diferente. Quando desligava as chamadas, terminava sempre num vazio estranho e tornava-se impossível negar que eu carecia de algo profundo. Entretanto, avistei Simone a passar os portões dos Jardins do Palácio de Cristal. Coloquei os óculos de sol e levantei-me, reconhecendo que a minha amiga tinha chegado no momento certo. Queria livrar-me destes pensamentos com a mesma velocidade que o bicho vermelho se livra da cruz.

Ao caminhar ao seu encontro, sorri para ela. Era impossível encará-la e não sentir as entranhas do meu ser a moverem-se. A Simone resplandecia. Quando saíamos à noite pelas Galerias de Paris, ouvíamos, mais vezes do que gostaríamos, homens a fazer a comparação execrável entre a minha amiga e as estrelas. Ríamo-nos desalmadamente com os dotes poéticos desses alcoólicos excitados. A Simone não era uma estrela; era a constelação inteira; era a merda do universo todo. Por causa do seu cabelo pintado de laranja e o seu rosto adornado com umas franjas longas, dizia-lhe muitas vezes que me fazia lembrar Pamela Courson, a eterna namorada de Jim Morrison. Em tom de brincadeira, ela ameaçava escurecer o cabelo sempre que eu tecia essa comparação. Afinal de contas, Simone considerava-se uma pessoa estável e bem resolvida; não a tempestade que associamos a Pam. E ela tinha essas qualidades, sem dúvida. Por causa do calor, abraçamo-nos num breve instante.

— Não esperava o teu convite esta manhã — disse-lhe.

— Foi mesmo inesperado — acrescentou Simone quase de imediato. — Já estou há três meses a enviar ilustrações para uma marca de roupa com quem costumo trabalhar e não me pagam. Já enviei *e-mail* e já liguei. Só não fui lá, porque a sede fica em Lisboa. Dão-me sempre uma desculpa e dizem que vão pagar em breve. Não faço mais trabalhos até receber. Isto de ser *freelancer*, por vezes, é uma merda. Precisava mesmo de espaiar hoje.

— Mas tens outros contactos, certo?

— Tenho. Depois de muito tempo e esforço, consegui uma boa rede de contactos que me pede trabalho regularmente. Mas isto acaba por ser uma dor de cabeça. Não só não tenho esse dinheiro, como ainda tenho de o perseguir. Foda-se, a sério. Mas já chega de lamentações. Decidi tirar o resto do dia para me distrair, por isso é que te liguei — disse Simone, alçando o seu braço no meu ombro.

Simone tinha celebrado recentemente trinta anos. Ainda recordo quando me disse que ia deixar um emprego estável na área da publicidade para seguir uma carreira como ilustradora *freelancer*. Acabara de regressar de uma viagem ao Japão, para a qual tinha juntado sobras do ordenado durante quase dois anos. Tínhamos ido jantar a um pequeno e agradável tasco do Porto para ela me contar todas as suas aventuras nipónicas, quando subitamente anunciou um brinde e com ele veio a novidade. Simone estava saturada de um salário medíocre, que a forçava a analisar todos os gastos mensais como se estivesse num exame de contabilidade. Como acontecia a muitos jovens portugueses, grupo no qual eu estava incluída, Simone via-se obrigada a dividir casa. Para ela, esse emprego em publicidade dava-lhe algumas certezas de que teria dinheiro para pagar as contas ao final do mês, mas não mais do que isso. Esse trabalho ajudava-a a sobreviver há anos. Mas, na verdade, ainda não começara a viver. O investimento que fizera nos seus estudos

estava longe de começar a render. Quando ponderava no seu futuro, não antevia grandes diferenças. Era-lhe impossível poupar para qualquer emergência que pudesse surgir. Após pagar as contas, os transportes e a habitação na segunda maior cidade do país, Simone sentia que todos os outros gastos, que a fariam feliz, eram supérfluos. No dia em que apanhara o avião para o Japão, sentira um peso enorme de consciência. Todo o dinheiro que lhe custara a acumular desapareceria num instante. Tinha posto planos de lado durante quase dois anos para viver estas duas semanas em território oriental. Mas, quando aterrou e pôs os olhos naquele mundo, percebeu que uma vida que a recriminava por viajar, expandir-se e crescer não era uma grande vida. Assim, voltou decidida a seguir carreira como ilustradora *freelancer*. A ilustração tinha sido mais um sonho sacrificado, mas estava cansada de obedecer às regras de uma vida cujo mote é matar sonhos e pagar contas. Partilhara essa sua ideia com outros amigos e familiares, que rapidamente a tentaram demover. Afinal, esse trabalho tampouco lhe concederia a estabilidade financeira que tanto procurava, teria muita concorrência e seria difícil começar a sua carteira de clientes. Mas Simone estava obstinada e seria impossível dissuadi-la. Falou-me desses comentários com algum desprezo, acusando-os de serem mentecaptos. Na altura, ri-me do termo utilizado e encorajei-a. Lembrei-me de uma pessoa que tivera a mesma coragem e audácia para lutar pelos seus sonhos e tinha corrido tudo bem. Cerca de dois anos e alguma angústia depois, Simone estava estabelecida na área dela. O seu estilo artístico muito próprio ajudou-a a demarcar-se de outros ilustradores com alguma celeridade.

Caminhávamos em direcção à Baixa, quando Simone sugeriu que fôssemos até à zona da Trindade para nos encontrarmos com uns amigos dela. Devido ao facto de saltitar de café em café na maioria dos dias para trabalhar, e por ser naturalmente

expansiva, acabara por conhecer outros *freelancers*, com quem partilhava mesas de trabalho, carregadores de portáteis e ideias. A perspectiva de socializar com um bando de desconhecidos sem me ter preparado mentalmente para essa empreitada era medonha. Estávamos a caminhar sob mais de quarenta graus, eu sentia dores angustiantes nos pés e não aguentava tanto inferno seguido. Lembrei-me de que o café deveria ser climatizado e essa informação quase me seduziu, quando me ocorreu que da Trindade à minha casa seria um tirinho. Não tinha ar condicionado, mas tinha uma ventoinha velha e um sofá, onde me deitaria a ler algum livro académico. Iria com Simone até à Trindade e depois inventaria uma desculpa irrefutável para me escapulir.

— Não sei se devo puxar este assunto, mas... — disse Simone, com receio, enquanto levantava a franja e passava um lenço na testa.

Quando ouvi o seu tom, compreendi de imediato ao que se referia e percebi que, desde que a cumprimentara, não pensara mais em Dulce Gaspar. Mas havia algo nesta entoação de consternação que me começava a exasperar. Estava a tornar-se recorrente e transversal a todas as pessoas que conheciam o meu passado. Não é que conversar sobre a minha mãe fosse um tabu, porém o tom com que exploravam o assunto denunciava uma preocupação excessiva com o meu bem-estar. Dava-me a sensação de que a forma como se expressavam não só me infantilizava como desnudava uma debilidade que eu julgava não ter transparecido. Durante anos, esforçara-me genuinamente para não espelhar as minhas dores e desgostos, por isso procurava falar da minha mãe com alguma artificialidade e distância. Agora, perguntava-me se alguma vez a minha audiência teria acreditado nas minhas falas simuladas ou se me estaria a trair a mim mesma com o decorrer do tempo. Enquanto andávamos, busquei o meu reflexo nas

montras, que se encontravam ao meu lado esquerdo, e fingi ajeitar o cabelo.

— Não vamos falar da Dulce, por favor. — Apesar da irritação que sentia percorrer as minhas vísceras, respondi-lhe como se pedisse misericórdia.

— Ligaste-lhe? — Simone insistiu no assunto, avisando que não me deixaria escapar com facilidade.

— Sim, liguei-lhe antes de chegares aos jardins.

— Deduzo que tenha corrido como de costume. Tens visto a tua mãe?

— Não, já não a vejo há uns meses. Desde Março, penso eu — respondi, franzindo a testa. Sabia que a tinha visto no dia 8 desse mês. — Mas já não vejo o meu pai há mais tempo. — Não sei por que motivo acrescentei esta informação.

— Já insisti demasiadas vezes para teres uma conversa séria com a tua mãe. Se não o vais fazer, acho que a psicoterapia seria uma boa opção para ti. Ajudar-te-ia a lidares com essa ausência. Já para não falar das tuas crises de ansiedade...

— Também já te disse que concordo que me faria bem, mas não tenho possibilidades para isso, neste momento. As consultas são bastante caras.

Era verdade que não me conseguia imaginar sentada numa poltrona e debitar perante um estranho os meus traumas de infância, que possivelmente serão embaraçosamente comuns e insignificantes quando comparados com outras vivências bem menos privilegiadas. Aliás, nem sei quem aguentaria escutar as minhas longas lamúrias sobre a ausência dos papás, quando às vezes nem eu tenho paciência para os meus próprios pensamentos. Mas reconhecia que precisava de ajuda. Soube-o a partir do momento em que fora levada de ambulância para o Hospital de São João e me sentira tão desorientada. Lembro-me das dores terríveis no peito e do facto de não conseguir estar dentro da minha cabeça. Nessa noite, perdi momentaneamente

aquilo que me tornava humana: a razão, a sanidade. A solidão também foi excruciante. Alguém chutara a minha bússola para longe. Não via ou compreendia o caminho que deveria seguir. Sentia que alimentava o meu corpo há anos, mas a minha alma estava esquecida, desnutrida, ressequida. Decidi, nesse momento, procurar a minha independência, mas chorei durante dias. Tinha crescido sozinha, mas a ideia de estar realmente só no mundo aterrorizava-me. Mais do que sozinha, não me sentia amada por ninguém. A única pessoa que sempre me quis bem, a minha avó Teresa, morreu quando eu era adolescente. Depois da vinda do hospital, comecei a ter pesadelos constantemente. Sonhava de modo recorrente que estava sozinha, nas ruas de alguma grande cidade que visitara com os meus pais em pequena. Depois, tentava correr para encontrar um esconderijo. Só que nunca havia refúgio para mim. Acordava em desespero e agarrava-me aos lençóis para cobrir o meu corpo. Para evitar estes pesadelos, comecei a forçar-me a estar acordada durante a maior parte da noite. Por causa disso, li quase duas centenas de livros nesse ano. Mas esta forma de lidar com os meus pesadelos quase me enlouqueceu naturalmente. Desde que me mudei para a Faria Guimarães, a minha vida melhorou e até já permite as ocasionais partilhas nas redes sociais. Tenho algumas crises de ansiedade, sofro de alguma misantropia e não sei muito bem o que fazer com a minha vida, mas comecei a dormir melhor. Reconheço que deveria ser melhor do que isto e, por esse motivo, gostaria de fazer psicoterapia, como me tinha sido aconselhado no São João e constantemente por Simone. Contudo, a minha mísera bolsa de investigação é suficiente para contas, comida e casa; não um acompanhamento psicológico tipo série de língua inglesa.

Quando nos aproximámos da Trindade, eu já não sabia o que me desgastava mais: a azáfama citadina, o meu corpo fatigado ou o calor mefistofélico. Dava-me ao mundo como morta por

hoje, pedia-lhe que não contasse mais comigo. Iria tomar um banho, estender o corpo, e que se lixassem os livros académicos, porque os fusíveis do meu cérebro tinham ardido por enquanto.

— Vamos pela direita. Estamos quase a chegar ao café — indicou Simone, enquanto levantava a mão na direcção correcta, interrompendo os meus pensamentos de fuga.

— Na verdade, acho que vou para casa. Não estava concentrada na tese esta manhã. Tenho um prazo de entrega apertado e tenho mesmo de adiantar trabalho — expliquei, engendrando uma expressão que reflectia um misto de dramatismo e seriedade. Simone reprovava-me com os seus olhos amendoados e aguardava a oportunidade para me desmascarar. Talvez soubesse que na área das Letras ninguém se rala muito a atribuir datas de entrega. — Sabes que, se tiver de trabalhar em cima do joelho, fico bastante ansiosa.

Quando me servi da minha ansiedade para escapar ao convívio social, Simone não resistiu a soltar uma gargalhada. Sentia a minha cabeça extremamente quente por causa do sol, que nos abraçava de cima. Antes de sair de casa, cruzara-me com Catarina no corredor, que me aconselhara a colocar protector solar e a usar um chapéu para me proteger. Cheguei a aplicar o creme nos meus braços, pernas e rosto branco, mas abominava usar chapéus em dias quentes, já que me deixavam ainda com mais calor. Não sabia quanto tempo levaria Simone a aceitar a minha partida, mas rezava para que fosse rápido.

— Lola, tu ficas ansiosa com muitas coisas, mas não com o teu trabalho — disse-me risonhamente, piscando o olho. — Eu sei o que estás a fazer. Liguei-te para passarmos tempo juntas e é isso que vai acontecer.

— Mas já passámos tempo juntas. Viemos dos jardins até à Trindade.

— Quem é que te explicou que percorrer um caminho

significa passar tempo com alguém? — perguntou Simone. Parecia-me que um raspanete se aproximava, mas falhava em compreender as palavras de Simone. Não era habitual passar tanto tempo com alguém como passava com ela. A excepção seria somente Catarina e isso era apenas justificado pelo facto de partilharmos casa.

— Na verdade, não estou a fim de conhecer um bando de *freelancers hipsters*. Se não nos apetece fazer o mesmo, por que motivo não nos despedimos? Podemos vermo-nos noutro dia. — Surpreendi-me com o meu alto nível de transparência. Devia ser efeito destes raios penosos: ou era honesta e zarpava rápido para onde fosse, ou morria debaixo do sol.

— Qualquer outro dia, aceitaria que te fosses embora. Mas não hoje. Hoje vens comigo. Quem sabe, os *freelancers hipsters* até te podem agradecer... — completou ela, para evidenciar o seu descontentamento face à minha generalização idiota. Também eu estava descontente com o meu comentário.

— O que é isto? Uma intervenção?

— Chama-lhe o que quiseses, mas hoje não tens alternativas.

Não me agradavam muito estas imposições. Não estava habituada a que me dessem ordens e me deixassem sem opções. Há anos que ditava os eixos da minha vida sem dar justificações a outrem. Apenas a falta de dinheiro e as crises de ansiedade interrompiam o fluxo da minha vida. E já se sabia como repudiava esses desmancha-prazeres. Além disso, começava a parecer que o convite de Simone continha segundas intenções, nomeadamente resgatar-me de qualquer tristeza que pudesse ter sido provocada pela abundância de notícias sobre Dulce. Mas já estava por tudo. Se Simone tivesse sugerido levar-me ao colo o resto do caminho, talvez tivesse cedido mais cedo.

Quando entrámos no café, fiquei maravilhada com a estética do lugar. As paredes amareladas pelo tempo dialogavam bem

com as mesas de madeira gasta e as largas cadeiras de pele. Havia candeeiros de pé por todo o lado, que emitiam uma luz quente. Parecia que tínhamos entrado num portal do tempo e sido largadas nos anos 70. Este espaço condizia bem com as nossas figuras, que começavam a ganhar vida com a frescura que circulava por causa do ar condicionado. Tive pena de não ter a *Olympus*. Simone sorriu e acenou para duas pessoas, que se encontravam num canto. Examinei num instante aquela mesa para compreender o que me aguardava e senti-me um pouco desconfortável. Como se adivinhasse, Simone tocou-me no braço e indicou-me que a seguisse.

Enquanto eu observava a mesa atulhada de portáteis abertos e blocos de notas espalhados, os dois colegas de Simone apresentaram-se. Sofia trabalhava como *designer*, enquanto Pedro exercia na área do *marketing*. Para completar este jogo de apresentações, expliquei calmamente que estava a fazer o doutoramento na Faculdade de Letras. Olharam-me como se necessitassem de mais informação, por isso acrescentei que estava a investigar a obra de Rosa Montero, uma escritora e jornalista espanhola.

— Mas para que serve um doutoramento em Letras? Para trabalhares numa universidade? — perguntou Sofia. Os seus lábios vermelhos harmonizavam com o visual minimalista.

Esta questão nunca deixaria de me aborrecer. Era bastante raro cruzar-me com alguém que compreendesse o propósito de um doutoramento na área da Literatura. Algumas pessoas não tinham pudor em afirmar que estudos de investigação no campo das ciências e engenharias têm fundamento, mas que o mesmo não se pode dizer da minha área, que não tem qualquer utilidade directa na sociedade. Outras, para justificar a minha escolha, associavam-na à minha paixão pelos livros, tratando-a como uma forma de capricho. No fundo, também acabavam por encarar os meus estudos como uma opção inútil. Não era só

a ignorância deles que me frustrava, era a minha também. Na verdade, também falhava em conseguir encontrar ou explicar o propósito geral da investigação em Letras. Tornaria o país mais rico? Tenho a certeza de que, no futuro próximo, não. Tornaria o país mais inteligente? Não me parece que a audiência dos programas da tarde dos canais televisivos nacionais se vá interessar pelas teses recentemente publicadas. Podia ainda não reconhecer o que o país ganhava com esta carrada de dissertações na minha área, mas compreender os mundos criados pelos escritores acalmava-me no meio de tanta turbulência diária. Era difícil identificar um caminho para mim, mas sabia que não me sentia em território estrangeiro quando navegava pelas palavras dos outros.

— Não sei muito bem o que vou fazer depois do doutoramento, mas ainda tenho bastante tempo para decidir. Só o devo acabar daqui a alguns anos... — revelei, optando por ignorar a primeira questão.

— Eu não tenho por hábito ler. Com tanta distração digital, acho que perdi a paciência necessária para me sentar a ler um livro. Só a ideia de estar sentado, ignorar o zumbido que me suga a toda a hora e ficar imerso num livro me parece estranhamente impossível — comentou Pedro.

Esta postura quanto à literatura era muito vulgar, por isso não me causou grande surpresa. Apreciava quando outros leitores, após uma asserção destas, abriam a boca para expelir uma nobre lista de razões para justificar a magia eterna dos livros. Na maioria das vezes, concordava com a enumeração, mas eu não era uma dessas pessoas. Eu não procurava arrecadar outras almas para este culto. Além disso, não me incomodava que outras pessoas não gostassem de ler.

— Pois, eu compreendo. Acho que é tudo uma questão de gosto, não te parece? Tu tens uma camisola dos Nickelback, que é uma banda que estou longe de apreciar...

— Também estou longe de os apreciar. É irónico — respondeu-me Pedro. Num instante, soltei uma gargalhada que não tinha visto chegar.

— Nem acredito que, vinte anos depois, ainda se corta na casaca dos Nickelback — respondeu Sofia, enquanto bebericava o seu café com gelo. Todos nos rimos e, subitamente, apercebi-me de que os meus músculos tinham relaxado.

Voltei a olhar à minha volta para apreciar o espaço que me era desconhecido até então e avistei um gato preto, que dormitava confortavelmente numa das cadeiras castanhas do café, como se amecalhasse toda a paz do mundo por baixo do seu focinho e das suas patas macias.

— Chama-se *Jim*, é o gato dos donos. Costuma estar sempre por aqui — disse Pedro, que tinha seguido o meu olhar. *Jim* era um nome bonito para gato, mas a forma como Pedro o pronunciara dava-me a impressão de que aquele animal nascera para ser *Jim*. A boca carnuda de Pedro, que espreitava por entre a sua barba escura, proferia todas as palavras devagar, como se tivessem sido cuidadosamente seleccionadas.

— Antes de vocês chegarem, eu e o Pedro estávamos a comentar as notícias sobre o nosso primeiro-ministro — explicou Sofia, após o empregado ter vindo à nossa mesa recolher o meu pedido e o de Simone.

— O que é que se passou? — perguntou a minha amiga, o que nos tomou de surpresa aos três. Todos os meios de comunicação estavam a esmiuçar esse assunto e parecia-nos impossível alguém escapar a esta algazarra. A não ser que esse alguém vivesse numa caverna, e não era certamente o caso de Simone. Aliás, apesar de Dulce acreditar que as suas palavras obrigariam o governo a dialogar, eu tinha receio de que, com este escândalo, o seu discurso não surtisse grande efeito, já que a atenção do Estado e dos portugueses acabaria por direccionar-se para este tumulto político.

— Só vês *Netflix* ou quê? — perguntou Sofia, com um sotaque nortenho cerrado, ao qual Simone respondeu «Achas? Também vejo *HBO*. Estou apenas a perguntar se há algum desenvolvimento novo», e todos nos rimos mais uma vez.

— Não há nada de novo, mas diz-se que, desta vez, ele não terá alternativa senão demitir-se. Estamos a falar de corrupção passiva e branqueamento de capitais, pelo menos — clarifiquei eu.

— É triste que este tipo de notícias já não nos surpreenda. Parece que a podridão acaba toda lá em cima — suspirou Sofia.

— Mas esse é outro problema: é que não acaba lá em cima. Está em todo o lado — disse Pedro. O empregado tinha pousado o meu café curto e um *cappuccino* para Simone sem que eu reparasse. Por momentos, ficámos os quatro calados, a contemplar as nossas bebidas.

— Estou farta de que a geração dos nossos pais continue a destruir este país. Aliás, o mundo. Às vezes, acho que quando for a nossa vez de chegar ao poder, tudo será diferente. Não vos parece? — perguntou Simone, revelando desilusão no seu discurso e no seu rosto.

— Não sei se será assim tão linear.

— Pedro, a verdade é que nunca uma geração lutou tanto pela sociedade e pelo ambiente como a nossa. Os mais novos são ainda mais fervorosos do que nós. Ao contrário do que dizem, nós somos conscientes dos problemas do mundo. Acho que a Simone pode ter razão — acrescentei.

— Sim, é certo que nos damos muito ao activismo. Mas as gerações anteriores também lutaram pelos seus ideais. Basta pensarmos no Maio de 68. Foram os jovens da época a saírem para as ruas. A questão é que as gerações não são homogêneas. Haverá sempre pessoas susceptíveis à corrupção, em todos os lugares do mundo, em todas as épocas.

— Pois, eu concordo com o Pedro. Na nossa geração também

existem pessoas que querem perpetuar o sistema. Talvez sejamos mais conscientes do que as gerações anteriores. Até porque temos mais conhecimentos, somos mais cultos. A informação está mais acessível agora. Mas a política é um jogo sujo, que apenas continuará a permitir entrada àqueles que o sabem jogar. Não estou certa de que seremos nós a quebrá-lo — continuou Sofia. — Além disso, será que o nosso activismo tem um verdadeiro impacto? Com a importância das redes sociais e com a ilusão de que todos temos uma voz nessas plataformas, as pessoas acham que para serem activistas basta escreverem umas histórias e umas publicações a defenderem as suas ideias. Será que a carrada de mensagens que se publica nas redes nos torna realmente activistas?

— Eu acho que as redes sociais não são apenas uma montra de falsos activistas. Penso que as plataformas como o *Twitter* ou o *Instagram* são uma força eminente que têm a capacidade de criar movimentos mesmo poderosos. Pedro, tu que trabalhas em *marketing* deves compreender a força das redes melhor do que eu. E, quanto às gerações não serem homogéneas, penso que haverá sempre privilegiados, que se querem continuar a servir do sistema para manter esses mesmos privilégios. Haverá sempre aqueles que querem favorecer o individual em detrimento do público. Talvez vocês estejam certos. Talvez, quando chegarmos ao poder, acabemos por continuar o jogo sujo, mas...

— Não posso acreditar nisso, desculpem — interrompeu-me Simone, gesticulando com os seus braços longos. — Como podemos continuar a viver, sabendo que depois de um corrupto vem outro e assim sucessivamente? Aliás, o problema ultrapassa a questão da corrupção. Preocupam-me as prioridades dos líderes do mundo. Não é possível prosseguirmos no caminho em que estamos.

— Mas nem tudo é mau — continuou Pedro. — Também

temos pessoas no país que são progressistas e que se empenham em lutar por uma sociedade mais igualitária. Olhem o caso da feminista Dulce Gaspar.

Devido ao tema pelo qual navegávamos, pressentia que alguém acabaria por referir o nome da minha mãe. Simone olhou-me de soslaio assim que Dulce Gaspar foi trazida para o centro da discussão. Encostei-me devagar às costas da cadeira, como se me retirasse momentaneamente da conversa, e aguardei que alguém desse continuação a esta troca de ideias. Esperava que Dulce Gaspar se desvanecesse da conversa com a mesma velocidade com que a invadira. Entretanto, reflectia sobre os argumentos trocados e pensava nas palavras pessimistas de Sofia. Perguntava-me se ela estaria certa quanto à possibilidade de existir um pseudoactivismo na minha geração. Por todo o mundo, contemplava jovens a apoderarem-se das manifestações a gritarem pela igualdade social, pela protecção dos valores democráticos, pelo ambiente, pela segurança. Mas não podia negar que, de modo geral, essas revoltas não tinham lugar em território português.

— Lá está. E que idade tem Dulce Gaspar? Eu não sei, mas deve estar nos seus cinquentas ou sessentas. É a isto que me refiro quando digo que os jovens se dão a um activismo de aparências. É ela que está sempre na frente da luta, ano após ano, não desistindo da sociedade portuguesa. É dela a voz que nos é familiar e é ela que tem um verdadeiro impacto social. Não esqueçamos que foi por causa da sua pressão incessante que, dentro de pouco tempo, a disparidade salarial entre homens e mulheres se tornará ilegal. Além disso, nós somos um dos povos mais pacíficos do mundo. Tendemos a ser acomodados. Deve ser maravilhoso ser político neste país. Quer dizer, está à vista. Diz-se que Luís Lopes terá de se demitir. Eu não acredito que isso vá acontecer, honestamente — comentou Sofia, como se adivinhasse as minhas dúvidas.

— Eu começo a perguntar-me se somos pacíficos ou passivos... — murmurei eu. Começava a sentir-me deprimida com esta conversa. Os meus olhos procuraram Jim e encontraram-no a dormir na mesma cadeira. A vida felina parecia-me bem mais simples. Era provável que a sua maior decepção estivesse relacionada com os petiscos que lhe ofereciam. Se calhar, num determinado dia preferia comer uma lata de atum e levava com uma de frango. Mas em nada se comparava com a angústia de se ser jovem num mundo marado.

Sofia reabriu o seu portátil, indicando-nos que o tempo de intervalo tinha terminado e havia trabalho a ser feito. Os meus olhos cruzaram os de Pedro, que me sorriu com ternura. Entretanto, Simone, que também se apercebera da deixa de Sofia, sugeriu que fôssemos andando.

Apesar de a nossa visita ao café ter sido curta, tinha dado para nos esquecermos das temperaturas altas e recuperarmos um pouco da fadiga. Mas, quando voltámos a colocar os pés na calçada portuguesa e sentimos um bafo terrível a invadir os nossos pulmões, lembrámo-nos de que o inferno continuava a controlar as terras lusitanas. Apercebi-me de que Simone me olhava de esguelha e se ria. Carregava um comentário jocoso por baixo da língua, que precisaria apenas de algum estímulo para se libertar.

— O que é? — perguntei-lhe, sorrindo desconfiadamente. Esta rapariga era um pouco imprevisível e isso deixava-me desconfortável. Por vezes, não conseguia antecipar as suas palavras ou os seus pensamentos.

— Acho que o Pedro simpatizou contigo — disse-me, impondo uma falsa seriedade no rosto. — Então, foi assim tão penoso passar este bocado com os *freelancers hipsters*? Perdeste anos de vida? Passaram-te alguma maleita? — troçou. Fiquei aliviada com estas questões finais, porque me davam carta

branca para ignorar as palavras sobre Pedro.

— Nada disso. Gostei muito de os conhecer. Obrigada por me teres arrastado para o café — disse-lhe, contemplando o trânsito portuense. Tínhamos chegado a um cruzamento, onde nos despediríamos. Eu subiria para a Faria Guimarães e Simone apanharia o metro para casa.

— Não tens nada que agradecer, Lola — respondeu Simone, pousando o seu olhar terno nos meus olhos esquivos. Colocou-me alguns cabelos, que me cobriam ligeiramente o rosto, atrás das orelhas. Sempre que o seu toque maternal recaía sobre mim, a minha carência libertava-se da sua carapaça e cumprimentava-me. Durante anos, tinha observado o amor em caminhos paralelos ao meu, por isso, quando me cruzava com ele, ficava desorientada. Por um lado, como se estivesse faminta dele, sentia um impulso para deslizar nessa rede, de braços abertos. Por outro, via-me forçada a recolher-me como um feto numa bolha, concebida por mim e apenas para mim. Dei-lhe um beijo rápido para me despedir. A minha toca aguardava-me. Essa ideia de estar prestes a entrar em terra sagrada de novo tranquilizava-me.

3.

Acabara de sair de uma reunião com o meu orientador de tese, quando senti o telemóvel a vibrar na minha mala castanha. Parei no meio do corredor, que por estarmos no final de Setembro estava cheio de gente, para o encontrar. Sentia falta dos meses de Verão, que deixara a faculdade ao abandono. Agora, levava empurrões à direita e à esquerda e escutavam-se berros horrendos, vindos da praxe. Quando descobri o telemóvel no meio da tralha que carregava diariamente na mala, era demasiado tarde. A Catarina tinha desligado. Enquanto reflectia na estranheza dessa chamada, já que raramente comunicávamos dessa forma, recebi uma mensagem dela, pedindo-me que lhe retribuísse o telefonema o mais depressa possível.

— Olá, Catarina. Está tudo bem? — perguntei-lhe depois de ela atender, preocupada com a singularidade da situação. Eram quase cinco da tarde, o que significava que ela estaria a sair do colégio.

— Sim — disse-me muito rápido. Detectei a pequena mentira, mas deixei-a falar — Queria saber se já saíste da faculdade e se vais directa para casa.

— Como é que sabes que estava na faculdade? Não me lembro de comentar contigo. — Dividia o meu tempo entre a universidade e as várias bibliotecas da cidade, por isso, não compreendia de onde vinha tanta certeza acerca da minha localização.

— Aquela tua colega de curso, que me apresentaste há uns anos, publicou uma foto do vosso lanche nas *stories* do

Instagram e identificou-te. Mas, então, já vais para casa?

— Como é que tu segues a Ana? — Não sei de veio onde a minha pergunta. Não tinha o mínimo interesse nas pessoas que Catarina decidia seguir. Na verdade, a minha mente reflectia sobre o facto de uma pessoa com quem eu não falava há um ou dois anos — a Ana — e que se sentara na minha mesa para lanchar por não haver outros lugares disponíveis, me ter identificado numa fotografia e simulado um momento social. Optei por pensar no quão triste toda a situação era para ignorar o facto de que a nossa presença na internet não está de todo nas nossas mãos.

— Já não me lembro — disse Catarina sem paciência. — Lola, podes responder à pergunta?

— Sim, vou agora apanhar o metro. Mas passou-se alguma coisa?

— Só queria ter a certeza de que ias jantar comigo — pairava nesta chamada uma carência e uma urgência que me eram familiares.

— Sim, eu vou jantar contigo.

— Estou no carro, na VCI. Vemo-nos em casa, então.

Catarina desligou a chamada sem se despedir. Quando me apercebi, tinha apressado o passo para a estação de metro mais próxima. Depois de um encontro académico muito decepcionante, no qual a lentidão da minha investigação e a falta de paixão pela mesma tinham sido criticadas, sentia-me um pouco ansiosa por não conseguir prever o que Catarina me contaria. Quando o meu orientador, um homem que estava perto dos seus sessentas, mencionara esses aspectos, apanhara-me de surpresa. Se ele achava que não me entregava realmente ao meu projecto académico, não sei como reagiria à forma como vivo as outras esferas da minha vida. Mas, na sua perspectiva, a minha devoção não era suficiente. Para piorar o meu estado de frustração, ainda me perguntara sobre Dulce.

Esta sua curiosidade era comum e, sempre que me falava dela, comentava-a como se referisse a sua maior fantasia sexual. Eu considerava naturalmente o seu tom asqueroso. «Alguns homens de meia-idade conseguem ser repugnantes», pensava, mas depois lembrava-me de que não era uma problemática restrita a essa idade.

— Entre outras coisas, lá anda ela a tentar acabar com a objectificação da mulher e com a masculinidade tóxica e predatória — disse-lhe, acenando com a cabeça e apresentando-lhe um sorriso amargo. O seu rosto envelhecido continuava com um ar idiota e olhava-me como se ainda aguardasse alguma informação excitante sobre Dulce Gaspar. Surpreendentemente, no passado, o Dr. Sousa Mendes tinha publicado alguns artigos sobre escritoras de língua espanhola, partindo de uma perspectiva feminista, que me pareceram bastante interessantes. Numa das nossas reuniões anteriores, ele admitira que era católico e visitava a igreja todos os domingos de manhã. Como dizia a minha avó Teresa, o hábito não faz o monge.

Ao entrar em casa, vi que Catarina ainda não tinha chegado. Era muito provável que ainda estivesse presa no trânsito. Porém, assim que pus os pés no meu quarto, onde tinha ido para abrir a janela e arejar a divisão, ouvi a porta do apartamento a abrir-se e o meu nome a ser chamado.

— Estou em casa! — gritei, enquanto me dirigia ao *hall* de entrada. Encontrei Catarina a pousar a sua mala de trabalho no chão e a prender o cabelo num rabo-de-cavalo, que eram os seus rituais de chegada a casa. Informou-me que ia tomar banho e que depois veríamos o que seria o jantar.

— Catarina! — A minha amiga olhava-me de cima como se não compreendesse por que motivo eu interrompia as tarefas que ela acabara de anunciar. — O que é que se passou?

— Nada, Lola — sorriu-me com uma expressão imbecilmente

ingénua e passou por mim em direcção ao seu quarto, tocando no meu braço ao de leve. Quase me poderia ter feito duvidar da minha saúde mental e questionar se a chamada tinha existido mesmo, mas não era a primeira vez que Catarina me preocupava para apenas me descartar mais tarde. As primeiras vezes, que tinham sido bastante esporádicas, ocorreram pouco depois de me mudar para o apartamento. Apesar de ela já me considerar uma amiga nessa altura, eu ainda a encarava com alguma resistência e estranheza. Para piorar, estas atitudes só me faziam pensar que a miúda tinha algum problema grave na cabeça e eu queria manter a distância de segurança. Mais tarde, quando a nossa relação evoluiu, tentava desvalorizar estas reacções, porque lhe queria dar espaço. Não me sentiria confortável a forçar-me na sua privacidade e intimidade. Passava-me pela cabeça que ela poderia ter mudado de opinião e manter privado o que espoletara o seu medo e insegurança. Mas, ultimamente, a frequência destes episódios estranhos tinha aumentado e a minha paciência começava a esgotar-se. A sensação de estar a entrar nos jogos psicológicos bizarros de alguém estava a aguçar uma ira que Catarina ainda não conhecia.

— Estou cansada destas merdas! — disse-lhe, enquanto caminhava para o quarto dela. — Mandas-me mensagem ou ligas-me como hoje, dando a entender que aconteceu algo sério. Quando é para conversarmos, fazes de conta que está tudo bem. Achas este comportamento normal? — Catarina não antecipara a minha reacção e estava parada no meio do quarto, de braços caídos, a olhar para mim.

— Não tens nada para me dizer? — perguntei-lhe, após alguns segundos de silêncio. O seu rosto apresentava-se-me inescrutável. — Tu sabes que podes conversar comigo, Catarina — acrescentei, respirando fundo e buscando a calma necessária para que esta conversa rumasse na direcção que eu queria.

— Lola — ouvi-a dizer pausadamente —, estás a exagerar. Eu só queria saber se íamos jantar juntas.

Os seus olhos fixavam a minha figura em silêncio absoluto. Saber que ela me olhava tornou-se-me difícil. Por todo o meu corpo, sentia fluir uma raiva vívida, tendo uma vontade de lhe ordenar que retirasse aqueles olhos de mim. Mas decidi sair do quarto dela e dirigir-me para o meu, no qual me fechei. Sentei-me na cadeira, estendi as pernas na secretária, que ficava por baixo da janela, e fiquei a contemplar os prédios do outro lado da rua. Podres, podres, podres. Tudo envelhecido, tudo a ruir, tudo sem lugar nestes tempos. Apesar de não fumar, gostava de poder acender um cigarro, como se o acto de entulhar os pulmões de fumo me concedesse satisfação plena. Queria a Catarina longe da minha mente para me poder acalmar, mas a sua imagem sonsa era como um caleidoscópio do diabo. Até me ter mudado para a Faria Guimarães, tinha sido ignorada, manipulada, desvalorizada, e agora Catarina buscava arrematar-me para o mesmo inferno do qual eu tinha escapado com muito esforço. Estava constantemente a falar sobre assuntos desinteressantes, criticava o que não tinha lugar na sua bolha de privilégio, expelia medo por todos os poros do seu corpo e contentava-se com uma relação idiota. Durante estes anos em que partilhámos casa, reprovou várias vezes os meus comportamentos anti-sociais e pediu-me que fosse mais compreensiva e receptiva a tudo na minha vida, invocando o paleio da força das energias positivas. Era como se apenas eu carregasse monstros. Afinal, todos nós os carregamos; uns apenas fingem melhor do que outros.

Coloquei as pernas para baixo. Estava a ficar bastante nervosa. Pousei as mãos nos joelhos e encarei o chão poeirento. «Bonito», pensei, por causa do meu batimento cardíaco acelerado e das náuseas que começavam a surgir. Com os olhos cerrados, procurei regular o ritmo da minha respiração.

Passados alguns minutos de inspiração e expiração, fixei o olhar na estante de livros. Aos poucos e poucos, tudo se evaporou da minha mente e fiquei entregue a um agradável vazio. Admirava as lombadas quebradas dos livros como se não fossem meus e os visse pela primeira vez. Mas eram meus. Eles eram meus. Estas lombadas rugosas estavam marcadas pelo meu tempo e pelas minhas mãos. Estes livros eram a minha história. Mais do que a narrativa impressa, estes volumes continham uma história velada, que mais ninguém conhecia. A minha experiência com eles, a forma como os agarrara à noite, os momentos em que os trouxera comigo para fora de casa quando me queria refugiar do que estava dentro das quatro paredes. Tinha-me forjado nestes volumes e, por isso, comunicávamos secretamente. Olhava os calhamaços de Lev Tolstói e matutava na tragédia que cercara a sua vida e a sua obra. Não tinha planeado sair esta noite, mas era sexta-feira e as ruas do Porto não tardariam a estar entregues à boémia. De tragédia, estava eu cansada.

Sabia que, mais tarde, provavelmente encontraria Simone no Le Chat Noir, o seu local de predileção para sair à noite. Por isso, abri o armário, vesti uma minissaia de camurça preta, uma camisola às riscas e calcei umas sandálias castanhas rasas. Atirei a *Olympus* e um dos livros que estava a ler para dentro da mala de pele. Far-me-iam companhia até a escuridão chegar. Antes de sair de casa, dirigi-me à casa de banho para retocar a pouca maquilhagem que tinha aplicado de manhã, mas cruzei-me com Catarina, que cantarolava uma canção qualquer do momento. Receber o ar que o seu movimento emanava foi suficiente para ignorar os cuidados de beleza e pôr-me porta fora num ápice.

Enquanto descia a longa rua, observava os transeuntes e os veículos, que circulavam demasiado rápido. Mulheres velhas passavam por mim, carregando sacos da mercearia e

preparadas para cozinhar o jantar, e pais apressavam os seus filhos, de pequenas mochilas às costas, para que chegassem a casa depois de um longo dia de trabalho. Com o desaparecer da vaga de calor, parecia-me que a normalidade tinha regressado à cidade. Não delirava com o Verão, apesar de oficialmente até já termos entrado no Outono, mas tinha de admitir que morria de amores por estes fins de tarde arrastados e suaves. Ainda que o bulício e os rostos preocupados e cansados continuassem a dominar a cidade, tudo me parecia mais lento e primitivo. Decidi mandar uma mensagem a Simone para confirmar se ela estaria no Le Chat Noir depois do jantar, porque a ideia de entrar sozinha num bar e não conhecer ninguém deixava-me bastante desconfortável. Cerca de dois minutos mais tarde, recebi uma mensagem de confirmação.

Decidi comer uma tosta numa esplanada qualquer que encontrei na Baixa, para poder absorver os movimentos lânguidos do Porto, enquanto me dedicava à leitura. Depois de me sentar nas cadeiras de ferro do café-restaurant, ouvi um som que tinha deixado de me ser familiar há muito tempo. Um homem, que deveria estar nos seus setentas, folheava um jornal. Sorri sozinha e ponderei no futuro dos jornais assim que esta geração desaparecesse do planeta. Acedia a todas as notícias através das redes sociais ou dos próprios *sites* dos meios de comunicação. Era verdade que a explosão dos *e-books* ou *audiobooks* me tinha passado ao lado, mas o meu consumo de notícias advinha essencialmente do digital. Ouvir este homem folhear o jornal era, sem dúvida, uma melodia estranhamente anacrónica, que encaixava de modo perfeito neste final de tarde. Voltei a olhar para o senhor, que usava uns óculos quadrados, e reparei que a manchete do jornal falava do tema do momento: Luís Lopes. Devido à dimensão do escândalo, o partido, que argumentava não saber dos alegados crimes, estava a isolar o primeiro-ministro.

— Menina, já viu isto? — perguntou-me o homem, ao encontrar-me fixada na primeira página. «O velho está a falar contigo», pensei para os meus botões. Ele estava mesmo decidido a atirar-me para um mundo que eu desconhecia: a vivência sossegada da reforma, o consumo de jornais de papel e a conversação com estranhos que se sentam na mesa ao lado.

— Sim, já vi — disse eu bastante baixo e pegando no meu livro, indicando-lhe que a conversa estava terminada.

«São todos da mesma laia. Têm todos o rabo preso, por isso não podem saltar muito», ouvi o homem dizer entredentes, enquanto abanava a cabeça. Soltei um pequeno riso e continuei fixada nas minhas páginas, apesar de não estar a ler. Queria voltar a olhar para o rosto do homem, mas fi-lo de esguelha para que ele não interpretasse o meu gesto como um sinal para iniciarmos um diálogo a sério. Começava a perguntar-me se ele estaria mesmo nos seus setentas ou se seria mais velho. Na verdade, pouco sabia da terceira idade. Tal como não conseguia distinguir uma criança de quatro ou seis anos, era-me impossível discernir a idade de qualquer ser humano a partir dos setenta. A única pessoa velha com a qual convivi foi a minha avó Teresa e lembro-me de que as linhas do seu rosto nunca mudaram enquanto ela esteve presente na minha vida. O tempo tinha sido gentil com ela, permitindo-lhe parar de envelhecer. Só me apercebi de que ela estava com o tempo contado, como todos nós, quando morreu.

Estava perdida nestes pensamentos, quando o homem se levantou. Deixou as moedas do seu café em cima da mesa e seguiu. Fiquei a observá-lo a percorrer a rua num passo bastante lento, até que entrou num prédio antigo. Este momento fez-me questionar o meu futuro e o futuro de Portugal, inevitavelmente ligados. Era a segunda vez, no intervalo de alguns dias, que a hipótese de haver melhor do que isto, melhor do que as marés por onde eu navegava,

dançava na minha mente. Porém, assoberbada com tanto problema, tornava-se difícil antever soluções e, por esse motivo, acabava por me entregar a uma preguiça existencial. Olhei a *Olympus* e o romance que tinha trazido, tentando decidir a qual das empreitadas me renderia nas próximas horas, e escolhi o livro. Fotografar significava abrir os olhos para este mundo e explorá-lo, mas, neste momento, queria apenas fechar a cortina deste espectáculo sádico e atirar-me a um mundo que não este.

Perto das nove da noite recebi uma mensagem de Simone a informar-me que já estava no Le Chat Noir e que eu poderia aparecer quando me apetecesse. Apesar de ser terrivelmente cedo para a noite portuguesa, já que a maioria das pessoas ainda estaria a jantar, ela dirigia-se sempre com antecedência para o bar, porque conhecia alguns dos funcionários e aproveitava para pôr a conversa em dia. Decidi pagar o meu humilde jantar e encontrar-me com ela lá. Não era grande fã da ideia de socializar por arrasto, mas poderia aproveitar para fotografar o espaço, que estaria desprovido da loucura da madrugada. E essa ideia agradava-me.

Quando lá cheguei, bati no vidro para que me viessem abrir a porta. Por causa do reflexo, conseguia apenas ver algum pessoal a varrer o espaço e outros atrás do balcão, mas não encontrei Simone. Eu olhava para o chão, enquanto aguardava que me abrissem a porta. Assim que ouvi o som do trinco, levantei os olhos e vi Pedro.

— *Hey, Stranger!* — disse-me, enquanto abria as mãos para me ceder a passagem.

— Olá — cumprimentei-o, enquanto tentava ocultar o espanto por voltar a encontrá-lo. — A Simone mandou-me mensagem a dizer que já estava aqui.

— Sim, está ali atrás — disse ele, apontando o dedo para o fundo do espaço. Rapidamente, vi a minha amiga sentada

numa mesa a acenar-me com uma mão e a segurar um cigarro com a outra. Os seus cabelos ruivos harmonizavam de modo perfeito com o vestido comprido amarelo-torrado que trazia. Como habitual, um sorriso encontrou forma de espreitar no meu rosto. Abraçámo-nos num instante e sentei-me.

— Parece que estás de castigo — disse-lhe, sorrindo.

— Já fui obrigada a sentar-me porque não estava a deixar ninguém trabalhar — explicou-me, enquanto se ria e dava uma passa no cigarro.

— Sim, não parava de andar por aí a falar alto e a fazer rir este pessoal todo — acrescentou Pedro, o que me levou a soltar uma gargalhada, porque conseguia imaginar Simone a fazer todas essas coisas.

— E tu? — perguntou-me ela. — Estou muito feliz que estejas aqui, mas fiquei surpreendida com a tua mensagem. Quando é para sairmos, temos de agendar com alguma antecedência, para que te possas preparar mentalmente para a diversão — disse Simone, e todos nos rimos de novo. Não me apetecia falar sobre o que acontecera com Catarina, por isso expliquei somente que tinha tido uma pequena desavença com a minha colega de casa. Simone, que estava a par da maioria dos acontecimentos entre mim e Catarina, não insistiu.

— Queres alguma coisa? — perguntou-me uma rapariga de cabelos escuros que entretanto se tinha deslocado até à nossa mesa.

— Não, estou bem, obrigada — respondi-lhe, com as mãos pousadas na mesa. A rapariga continuou estacada a olhar para mim e não tardou que me apercebesse de que Simone e Pedro também me encaravam.

— É por conta da casa — explicou ela.

— Nesse caso, pode ser o que ela está a beber — pedi entredentes, envergonhada com a minha evidente sovinice. A verdade é que estávamos no fim do mês e tinha de apertar o

cinto até receber o próximo montante da bolsa. Quando me lembrei de averiguar o que Simone tinha pedido, constatei que estava a beber um copo de uísque, que era uma bebida que eu abominava. Tinha acabado de fazer uma triste figura para nada.

A nossa mesa tornou-se bastante silenciosa de súbito, por isso tirei a *Olympus* da mala para dar início à minha vagueação pelo espaço nocturno.

— Uma máquina analógica? — perguntou Pedro.

— Sim, é uma *Olympus Mju II* — expliquei-lhe, girando a câmara para que ele pudesse ver melhor.

— Livros, máquinas analógicas... O teu mundo é um sítio bonito — disse, esticando-me o braço para que eu lhe emprestasse a máquina. Fiquei bastante quieta, porque não me sentia confortável a passar a *Olympus* para as mãos de ninguém. Pensando em retrospectiva, desde que a minha avó Teresa me oferecera a câmara mais ninguém tocara nela, a não ser eu. Esta relutância em colocar a *Olympus* nas mãos de outros era, sem dúvida, uma forma de preservar um pouco da avó que perdera. Contudo, dei por mim a alongar o braço aos poucos, entregando a máquina a Pedro. Pedi-lhe que tivesse cuidado. Enquanto ele observava a câmara, Simone levantou-se e indicou-me que iria até ao bar.

— Compraste-a em algum mercado de segunda mão? Ora aqui está algo que gostaria de explorar.

— Não, a minha avó ofereceu-me a máquina quando eu era miúda.

— A sério? — ouvi-o perguntar com espanto. — Fixe. Que tipo de fotografia tiras?

— Gosto de fotografar as cidades. E com as cidades vem a vida das pessoas. Tanto adoro fotografar a parte mais trivial da vida citadina como as suas dimensões mais estranhas.

— Parece interessante. De onde surgiu esse teu fascínio pela

fotografia?

— Às vezes, não tens a sensação de estar encurralado na rotina? Para mim, a fotografia é uma forma de quebrar essa rotina, essa vida mecanizada. Já não sei o que é passar por sítios sem os ver realmente. A fotografia mudou o meu olho para sempre.

— Achas que posso ver o teu trabalho? — Os seus grandes olhos castanhos olhavam-me com curiosidade.

— Disseste que gostarias de explorar mais a fotografia, certo? Anda comigo — disse eu a Pedro, levantando-me e esticando o braço para que me devolvesse a câmara. O Le Chat Noir tinha as paredes pintadas de um vermelho-escuro. Numa das laterais, estava pendurada uma tela de um gato preto majestoso, que dava a sensação de nos vigiar e comandar. Sempre que saía à noite neste local, era invadida por uma ambivalência. Se, por um lado, me parecia que aquele gato icónico protegia as almas dançantes e boémias, por outro, como um pequeno diabo, erguia-se naquela parede para nos avisar de que toda a protecção tem um custo. Pagávamos essa constante defesa com informação. Este gato preto era conhecedor de todas as nossas aventuras e desventuras lascivas que tinham lugar entre estas paredes. Havia também um pequeno palco que já não era utilizado, com um piano preto magnífico, que toda a gente respeitava, permanecendo intocável e sagrado. Além disso, existiam muitas bugigangas por todo o lado, como grandes espelhos dourados, sofás velhos e pinturas bizarras. Pedi a Pedro que vagueasse por aí e que se esquecesse da lente.

— Vá lá, não consigo fazer isso — disse-me, rindo-se.

— É um clichê, mas tens mesmo de te esquecer que estamos aqui. Além disso, eles estão a acabar de pôr tudo em ordem. Sou só eu — disse-lhe. O Pedro não era tímido, certamente. Um ligeiro empurrão era tudo o que ele precisava. Pôs as mãos no rosto, como se se preparasse para abandonar o papel que

representa diariamente e encarnasse o seu eu; coloquei a máquina a postos, pronta para disparar. De repente, as suas mãos, como se tivessem decidido ceder à gravidade, baixaram a um ritmo lento. Sentou-se num dos sofás amarelados com padrões florais, encarando a máquina com um olhar que expelia a ânsia de um homem que estivera preso numa gruta e encontrara finalmente a saída. Depois, levantou-se e começou a movimentar o corpo ao som da música, que ainda esperava pela hora tardia para explodir. Com receio de que algum instante singular me escapasse, eu disparava com mais velocidade e menos maturidade do que o habitual. Estava verdadeiramente aliviada por poder observar Pedro com toda a minúcia, sem qualquer tipo de urgência. A lente da câmara protegia-me e, por causa dela, tinha carta branca para me enamorar da sua figura como uma autêntica *voyeuse*. Bruno, um dos funcionários que trabalhava no bengaleiro, juntou-se a Pedro. Numa risada genuína, agarravam-se pelos braços e posavam para a câmara. Eu também me ria e apercebi-me de que nunca julgara poder sentir-me assim nesta noite, após o que acontecera com Catarina ao final da tarde.

— Se algum dia te decepcionares com as miúdas, liga-me — disse Bruno a Pedro, rindo-se, enquanto regressava para o seu posto de trabalho. O bar estaria prestes a abrir as portas.

— Depois tens de me mostrar o resultado — pediu Pedro.

— Gostaste da experiência?

— Por incrível que pareça, senti-me autêntico.

— Fingimos tanto tempo que até acabamos por nos esquecer de que estamos a fingir. Mas, quando somos reais e autênticos, sabemos sempre que o estamos a ser.

— Tu finges muito?

— Acho que todos fingimos — respondi, enquanto nos encostávamos a uma parede.

— Até podes ter razão. Mas, apesar de seres um pouco

estranha e retraída, há algo de muito verdadeiro em ti.

— É porque não me dou a uma vida de faz-de-conta — disse eu a Pedro, pregando os meus olhos ao chão.

Todos colocamos as máscaras necessárias para dar andamento à nossa vida. Por vezes, são o único combustível que temos. Eu dedicava-me aos estudos com o afínco que conseguia encontrar, ainda que não soubesse o que faria da porra da minha vida; ligava à minha mãe com aparente desinteresse, quando lhe queria implorar que me amasse para sempre; percorria as ruas desta cidade à procura de algo que não conseguia nomear. Apesar desta evidente incapacidade em compreender o que seria de mim, recusava-me a acatar aquilo de que não gostava. Poderia refugiar-me mais vezes do que gostaria, mas fingimento não era para mim. Sabia que não queria ficar sozinha, mas não tinha medo de que esse fosse o meu desígnio. E este era o grande trunfo para me salvaguardar de uma vida de faz-de-conta. Se a minha existência tivesse de se diluir em escuridão, assim seria.

— Há pouco, mostrei-te quem era. E quem és tu, Lola? — Uma música *soul* começou a fazer-se ouvir bem alto e as portadas abriram-se. Fiquei em silêncio por um bocado, deixando a melodia fluir.

— Não te consigo dizer quem sou em meia dúzia de palavras. Aliás, é impossível pormos a nossa essência em palavras. Fomos capazes de comunicar porque o fizemos através da arte.

— Mas não és tu que gostas de ler? As palavras não são suficientes?

— Eu corrijo: impossível colocar a nossa essência nas nossas palavras, nas minhas e nas tuas — disse-lhe, sorrindo de modo subtil. Entretanto, avistei Simone dentro do bar, tentando preparar uma bebida, ainda que claramente só estivesse a estorvar o normal funcionamento do lugar. Começava a reconhecer uma necessidade de me esquivar, que me era

bastante familiar. Porém, a ideia de regressar a casa e poder cruzar-me com Catarina não me agradava de todo. Queria prolongar esta distância a todo o custo. Rogava pragas à vida por não conseguir um canto para mim mesma, quando Pedro me convidou para dançar.

— Eu não danço — constatei, abanando o indicador.

— Não acredito nisso. A Simone disse-me que vocês costumam sair e dançar, de vez em quando. Quando estás numa de sair do casulo.

— Sair do casulo... — repeti a sua expressão, soltando uma breve gargalhada. — A Simone conta-te muitas coisas, estou a ver.

— Algumas coisas, é verdade. Mas, então, dançamos? — insistiu, enquanto simulava uma dança de forma tosca e cómica.

— Não está ninguém a dançar, Pedro.

— Só danças quando a pista está cheia?

— Óbvio! Só danço quando a pista está incrivelmente abarrotada. Quando o espaço é quase nulo e eu arranjo forma de caber nele. Assim, sou quase invisível. Perco-me na multidão. Ninguém me vê.

— E o que é que há de bom em ser-se invisível? — Foi-me impossível não lançar um sorriso ao ouvir a sua questão. As palavras de Pedro exprimiam o privilégio do amor e da protecção incessante. Quem cresce nessas condições falha em compreender o quão satisfatório e necessário é, por vezes, regressar às origens: à terra da invisibilidade. Como uma velha amiga, ela acolhe-nos melancólica e confortavelmente. Como o grande farol da nossa vida, ela assume-se como uma casa de infância e, quando estamos nessa casa, sabemos que encontramos a paz. Mas o significado de lar diferia para mim e para Pedro, sem dúvida. Sugerir que fôssemos resgatar Simone da sua breve ocupação enquanto *barwoman*, porque a paciência

dos seus amigos estaria prestes a esgotar.

Pouco depois da uma da manhã, de algum álcool financiado pela casa e de muita conversa fiada a três, o Le Chat Noir estava belo. Eu não conseguia compreender o porquê, mas, quando os clientes entravam por aquelas grandes portas, deixavam as suas inibições na calçada. As músicas retiravam-nos do grande milénio e de todos os seus problemas, empurrando-nos para terras sem tempo, terras de ninguém. Neste lugar, as pessoas não se sentavam para conversar, mas abraçavam a electricidade que invadia os seus corpos e dançavam até a música desaparecer. Como o grande escape do real e da rotina, o Le Chat Noir acolhia os desejos voluptuosos dos adultos que para aqui se dirigiam. Aliás, muitos dos recantos deste espaço traziam-me recordações sexuais minhas, que tinham ocorrido com homens dos quais nunca soube o nome. Agora, com o decorrer do tempo, nem os rostos restavam para lembrar. Mas, ainda que a nossa memória não seja de fiar, as sensações são imperecíveis. Essas, sim, são tudo o que fica e há-de ficar.

Com a chegada de alguns *hits* dos anos 70, Simone puxou-nos para a pista de dança, que já se encontrava nas condições que eu apreciava. Fechei os olhos, enquanto o meu corpo serpenteava ao som da música para me tentar libertar da ansiedade e da pressão provocadas por essa semana. À medida que o tempo passava, compreendia que apenas três actividades me permitiam dar a mão à vida: a fotografia, a leitura e a dança nestas boates nocturnas. De certo modo, todas se tratavam de empreitadas muito solitárias. Pelo menos, nos termos em que eu gostava de as concretizar. De resto, o meu cérebro persistia em bloquear qualquer tipo de ligação que tentasse estabelecer. Nem o sexo era agora capaz de me conceder esta possibilidade de ir com a corrente, já que nos últimos tempos tinha reparado que as minhas relações sexuais

se tornavam mais mecânicas e conscientes. «Não estás na biblioteca, Lola! Pára de raciocinar!», tinha-me ocorrido no meu último encontro sexual, com um rapaz que morava em Cedofeita. Porém, quando me tentava obrigar a não intelectualizar todo o processo, estava condenada a que isso acontecesse até ao último segundo. Mas agora a música dominava-me e haveria de aproveitar esta breve e merecida pausa na guerra que travava com o meu cérebro totalitário. Entretanto, Pedro tocou-me na ponta do nariz, trazendo de volta o meu olhar para a realidade, que me envolvia fervorosamente. Ele vestia camisola e calças pretas, mas, apesar da escuridão que envergava, eu descortinava apenas luz sem fim.

A vibração do meu telemóvel, guardado no bolso da saia, fez com que os meus olhos se distanciassem dos dele. Segundo o ecrã, a Catarina ligava-me. Fiquei estática, sem saber o que fazer. Era a segunda vez que recebia uma chamada dela no mesmo dia e não tinha a certeza se iria proceder como fizera durante a tarde. Contudo, a ideia de não lhe atender o telemóvel incomodava-me mais do que conversar com ela. Acenei a Pedro, informando-o de que me iria afastar para conseguir ouvir a chamada.

— Lola? — perguntou Catarina, assim que atendi.

— Sim, o que é que queres?

— Lola? Onde estás? — As minhas sobranceiras elevaram-se num ápice. Dava-me a sensação de que Catarina estava bêbeda.

— Estás bem? Onde é que tu estás? Eu estou no Le Chat Noir com uns amigos. — Após ceder essa informação à minha amiga, ouvi-a pedir que a fosse buscar. Apesar do barulho e da dificuldade que Catarina tinha em expressar-se, consegui reter essa parte. Mas foi-me impossível perceber onde é que ela se encontrava.

— Tenho de saber onde é que estás para te ir buscar. Faz um

esforço, por favor. Estás sozinha? — perguntei-lhe, tentando não transparecer o meu pânico. Entretanto, vi Pedro a afastar-se da pista de dança e a aproximar-se de mim. — Catarina, consegues enviar-me a tua localização pelo *Whatsapp*? Assim, consigo encontrar-te.

De repente, a chamada caiu. Encarava Pedro, com as minhas mãos estendidas. Manter-me calma em situações complicadas estava longe de ser uma qualidade minha.

— A Catarina ligou-me. Ela não está nada bem. Mas não me conseguiu dizer onde está! — expliquei a Pedro, quando ele se aproximou.

— Quem é a Catarina?

— É a minha colega de casa. É a minha amiga — levantei-lhe a voz por causa da impaciência e do pânico. Enquanto ele punha as mãos nos meus ombros e pedia que me acalmasse, recebi uma notificação do *Whatsapp*. Catarina tinha conseguido enviar-me a sua localização. — Segundo o mapa, ela está algures nas Galerias de Paris. Tenho de ir buscá-la. Avisas a Simone, por favor? — pedi-lhe, enquanto coçava a cabeça. Estava com receio de que a ansiedade, que se começava a alastrar pelo meu corpo, me bloqueasse e me impedisse de ajudar Catarina.

— Lola — disse-me Pedro calmamente, ainda com as mãos nos meus ombros —, tu não vais procurar a tua amiga sozinha. Eu vou contigo. No caminho, ligo à Simone para podermos sair já. E vamos conseguir encontrar a Catarina e ajudá-la. Estás a ouvir?

Acenei com a cabeça afirmativamente, e saber que não estava sozinha permitiu-me controlar o ritmo da minha respiração. Mesmo que me tornasse inútil por causa da minha ansiedade e me fosse impossível chegar a Catarina, alguém conseguiria alcançá-la. Saímos do Le Chat Noir e apressámos o passo. Ocorreu-me que a minha vontade era começar a correr

ao encontro da minha amiga, mas, por vergonha de parecer uma tresloucada, andei apenas o mais rápido que conseguia. Nesse momento, lembrei-me da conversa que tivera no início da noite com Pedro, sobre os fingimentos, e odiei-me. Mais uma vez, as máscaras que colocava venciam o mais íntimo de mim. Sobretudo agora, que uma amiga precisava de mim.

— Acho que é ali — apontou Pedro, enquanto segurava o meu telemóvel para visualizar o mapa. Quando entrámos no bar, deparámo-nos com um lugar pequeno e sufocante. Felizmente, estava quase vazio e, num instante, conseguimos vasculhar todos os cantos. Porém, Catarina não estava em lado nenhum. Enquanto ambos olhávamos para todo o lado à procura de uma solução e eu tentava ignorar os cenários assustadores que poderiam ter ocorrido, lembrei-me de que ainda não tinha ido à casa de banho feminina. Quando abri a porta, encontrei Catarina deitada no chão imundo, quase inconsciente. Fui chamar Pedro para que me viesse ajudar a levantá-la. Quando nos ajoelhámos, antes de tocar no corpo dela, Pedro perguntou-me:

— Espera, não deveríamos chamar o 112? — Primeiro, olhei para ele e depois pousei os olhos no corpo dela. Não consegui evitar e comecei a chorar.

— Será que alguém lhe fez alguma coisa? — perguntei a Pedro. Ele encolheu os ombros, porque nenhum de nós tinha como saber o que acontecera a Catarina, nessa noite. Entretanto, a minha amiga tocou-me na coxa.

— Leva-me para casa. Só quero ir para casa — pediu-me, ainda de olhos semicerrados.

— O Pedro tem razão. Devíamos levar-te ao hospital — expliquei-lhe, passando os meus dedos pelos seus cabelos, que estavam pegajosos.

— Casa, por favor — insistiu Catarina, economizando as palavras. Por um lado, e contra a vontade da minha amiga,

achava que deveria chamar uma ambulância. Precisávamos de ter a certeza de que ela estava bem e descartar qualquer hipótese de abuso. Sabia que, nesses casos, as primeiras horas eram essenciais. Por outro, sentia que deveria respeitar a sua decisão e levá-la para casa.

— Vamos levantá-la, chamar um *Uber* e ir para casa — anunciei a Pedro. Assim fizemos. Juntos, conseguimos erguer o corpo pesado e semiadormecido da minha amiga. Quando saímos do bar, com Catarina apoiada nos nossos ombros, o carro já aguardava na rua. O condutor ainda se tentou esquivar a transportar uma pessoa no estado em que Catarina se encontrava, com receio de que a sua viatura terminasse repleta de vômito. Mas eu disse-lhe de modo agressivo que ele não ia a lado nenhum. Menti e afirmei que era uma *blogger* e *YouTuber* conhecida e que iria publicar a sua matrícula e espalhar que se tinha recusado a transportar duas miúdas de madrugada, que se encontravam sozinhas. Nem sequer sabia se esta ridícula ameaça constituía um crime, visto ser uma leiga nessa área, mas o condutor revirou os olhos e deu-nos permissão para entrar. Voltava a colocar uma máscara para a sociedade, mas desta vez tinha servido um bom propósito. Nem todas as máscaras eram más. Algumas que eu usava eram até mais eficazes do que a minha realidade. Sem que tivesse pedido a Pedro, ele entrou no carro connosco. Uma tristeza tomou conta de mim. Se eu não tivesse saído de casa, Catarina teria jantado comigo e depois teria tido o seu encontro habitual com Tiago. Mas aqui estava ela: sentada num *Uber*, com a cabeça pousada nos meus ombros, de olhos fechados, trazendo consigo uma noite que eu desconhecia e me assustava. Não sabia o que lhe tinha acontecido, não sabia se ela se lembraria, não sabia se me contaria. Depois, contemplava Pedro e perguntava-me o que esperaria ele de nós, porque qualquer expectativa que ele tivesse sair-lhe-ia defraudada. O meu vazio iria engoli-lo com

uma velocidade que ele não previa. Apesar de ser ele quem envergava o negro, era a minha alma e os meus dias que estavam pincelados nesses tons.

— Vês? Tinhas razão... — disse-me Pedro, enquanto eu acariciava o rosto de Catarina.

— Em quê?

— As redes sociais têm o seu poder — respondeu, piscando-me o olho.

Pouco depois, chegámos à Faria Guimarães. O nosso prédio situava-se numa zona pedonal que se sobrepunha a um túnel, por isso tivemos de carregar Catarina rua acima. Os metros que percorremos deram-me a impressão de serem quilómetros. Depois de deitarmos Catarina na sua cama, conduzi Pedro até à porta do apartamento. Lá, perguntou-me se eu queria que ele ficasse comigo até de manhã. Indiquei-lhe que não havia necessidade e que eu dormiria com a minha amiga, para o caso de ela precisar de alguma coisa.

— Manda-me mensagem amanhã, por favor. Diz-me como ela está.

— Sim, eu mando — prevendo, no entanto, a grande possibilidade de me esquecer de lhe dar notícias. — Por falar nisso, chegaste a avisar a Simone?

— Sim, avisei quando estávamos no *Uber*. Ela deve falar contigo depois para saber o que se passou. Não dei muitos pormenores. Lola — ouvi-o dizer arrastadamente —, és uma boa amiga.

Despedi-me de Pedro com a promessa de lhe enviar a tal mensagem no dia seguinte. Tinha a cabeça encostada à porta de madeira e comecei a chorar. Estava exausta. Só queria que este dia terminasse. Depois de despir a Catarina, escolhi o seu pijama favorito e vesti-a. Queria que, quando ela acordasse na manhã seguinte, se sentisse minimamente familiarizada com a sua imagem. Antes de me deitar, coloquei as suas roupas num

saco, para que não se contaminassem mais em caso de termos de as entregar para uma análise. Esta hipótese apertava-me o peito. Estendi-me na cama, virada para ela, e cobri-me com os lençóis cor-de-rosa. Deixei a persiana aberta para que o seu quarto fosse invadido pela luminosidade das ruas e eu a pudesse observar, se precisasse. A pergunta «O que te aconteceu?» ecoou na minha cabeça de forma contínua, até que o sono venceu todos os meus medos e dúvidas.

4.

Na manhã seguinte, a tosse de Catarina despertou-me. Porém, quando os meus olhos finalmente se descolaram, apercebi-me de que ela já não estava na cama. Atirei os lençóis para trás, levantei-me depressa e encontrei-a sentada na tijoleira fria da casa de banho. Quando me senti encostada à porta entreaberta, levantou-se e puxou o autoclismo. Mantive-me em silêncio, porque, apesar da carrada de dúvidas, não estava a conseguir exprimir-me. O meu cérebro falhava em enviar a informação necessária para que as palavras se soltassem. Precisava que este silêncio fosse interrompido. Algumas palavras bastavam. Mas o meu cérebro venceu e manteve a minha boca cerrada.

— Podes dizer-me como é que cheguei ontem a casa? Lembro-me vagamente de te ter ligado, mas não sei bem como é que vim cá parar... — Estas palavras, impregnadas de medo, tinham saído a muito custo. Apesar disso, senti-me aliviada por este breve intervalo no silêncio que dominava a divisão. Ele haveria de regressar, mas por enquanto estávamos entregues às palavras.

— Eu fui-te buscar. Tu mandaste-me a tua localização e eu fui-te buscar... — Expliquei-lhe de forma muito calma, doseando a informação. Catarina estava atrapalhada e eu queria dar-lhe tempo para processar os dados sobre a noite anterior.

— Onde é que me foste buscar?

— Não te sei dizer o nome. Era um bar qualquer, nas Galerias de Paris. Eu nunca tinha estado lá. Era pequeno. —

Catarina acenou com a cabeça, como se esta informação fosse ao encontro daquela que estava retida na sua memória.

— Obrigada por me teres ido buscar. Obrigada por me teres ajudado depois do que te fiz ontem — disse-me, deixando escorrer as lágrimas.

Assim que me aproximei dela, os nossos braços abriram-se simultaneamente e cedemos a um longo abraço. Como na noite anterior, ela apoiou-se em mim e eu fiquei responsável por segurar o seu corpo. Ocorreu-me neste momento que um abraço, na maioria das vezes, não é um acto harmonioso e compensado. Parecia-me agora que tende a haver aquele que abraça e aquele que é abraçado, aquele que busca e aquele que cede. Nem estes escapavam aos jogos de poder. Enquanto tocava nos seus cabelos e pressionava as suas costas contra mim, Catarina anunciou que ia tomar um banho, o que me levou a procurar alguma distância. Fiquei muito quieta a encará-la. Perguntava-me se este não seria o momento para lhe expor as minhas dúvidas. Lembrei-me de que tinha guardado as suas roupas da noite anterior. Apesar das minhas dificuldades, tinha de arranjar forma de ser frontal e conversarmos sobre a possibilidade de ela ter sido abusada sexualmente.

— Lola, estás a fazer o teu tique nervoso — anunciou Catarina num tom desassossegado, e percebi que estava a apertar os meus lábios com os dedos. Baixei os braços lentamente, como se estivesse a ganhar tempo para juntar as palavras.

— Catarina, tu lembras-te do que aconteceu ontem? Eu sei que não sabes muito bem como vieste para casa. Mas recordas-te do que se passou antes disso?

— Sim, eu lembro-me da noite de ontem... — revelou Catarina. Pensei que, quando ouvisse estas palavras, seria

invadida por um alívio, mas a ansiedade continuava a ser mestre do meu corpo. Deixei-me respirar fundo, no entanto, porque era bom saber que ela se recordava do que acontecera na noite anterior.

— Eu quero perguntar-te algo, mas a verdade é que não sei como o fazer... — confessei.

— Estás a fazer o tique outra vez — disse Catarina, indicando-me que parasse. — Lola, depois de tomar banho, conto-te tudo. Não só o que se passou ontem, mas o que me tem levado a agir de forma estranha. Não te contar e não partilhar isto com alguém, está a destruir-me. Não aguento mais — desabafou, enquanto as lágrimas rolavam pelo seu rosto bronzeado —, mas, primeiro, preciso de tomar banho porque me estou a sentir imunda.

— Alguém abusou de ti ontem? — A questão saiu de rajada, como se alguém me tivesse dado um murro nas costas e as palavras se tivessem soltado. Mas, ao fazer a pergunta, encontrei algum alívio, pela primeira vez, desde a noite anterior. Catarina olhava-me como se não tivesse entendido as minhas palavras. — Quando te fui buscar ontem, estavas deitada na casa de banho, quase inconsciente. Estavas sozinha. Não sabia se estavas bêbeda ou drogada. Eu sei que tu não consomes drogas e raramente te vejo beber álcool. Guardei as tuas roupas num saco para o caso de alguém te ter feito alguma coisa. — Apesar de ter lançado toda a informação que tinha reprimido até então, continuava a seleccionar eufemismos para a palavra violação. Quer no meu discurso, quer nos meus pensamentos, procurava afastar esse termo. Só queria dar de caras com ele caso se tornasse real e concreto na vida de Catarina. Até esse momento, usaria expressões mansas como um escudo de guerra.

— Achas que fui violada? — perguntou-me num tom de surpresa por eu ter ponderado esse cenário, mas rapidamente

anuiu, compreendendo o porquê dos meus receios. — Ninguém me fez nada — esclareceu Catarina, tocando-me nos braços para me sossegar. — Quer dizer, deixaram-me sozinha naquele estado, o que é lamentável. Mas a noite de ontem foi apenas o resultado de muito álcool. Deixa-me tomar banho e conversamos, está bem?

— Queres que prepare o pequeno-almoço? — perguntei, após assentir com a cabeça.

— Não consigo sequer pensar em comida, mas prepara algo para ti.

Fechei a porta da casa de banho e dirigi-me à cozinha, num passo muito lento, para preparar um café. Todo o caos que a noite anterior trouxera também me deixara sem apetite. Deitei-me no sofá da sala para ver um pouco de *Netflix* enquanto aguardava por Catarina, mas a minha mente estava noutras andanças. Escutar as palavras dela tinha-me sossegado e, segundo o que me dissera na casa de banho, eu estaria prestes a ouvir a justificação dos seus comportamentos bizarros. Mas, depois desta revelação, a história que ainda desconhecia já não me causava tanta inquietação.

Já dormitava quando Catarina, com os seus cabelos húmidos, apagou a televisão e me tocou, fazendo sinal para me deslocar para o meu canto do sofá. Recolhi-me e o espaço que se abriu entre nós tornava o silêncio mais pesado. Encarei o ecrã negro da televisão e vi a nossa imagem reflectida, mas rapidamente desloquei os meus olhos para o chão, por não suportar o que via: duas almas fragmentadas e isoladas, cada uma à sua maneira.

— Já disse isto várias vezes, mas volto a dizer. Sabes que podes conversar comigo sobre tudo — assegurei-lhe, enquanto continuava a fixar o chão.

— Ainda que vás deixar de me ver da mesma maneira? — perguntou Catarina de forma crua. Lentamente, movi a minha

cabeça na direcção dela, como se lhe indicasse que a sua honestidade era bem-vinda.

— Como é que achas que te vejo?

Falávamos num tom bastante baixo, como se este diálogo se destinasse apenas aos nossos ouvidos. Nem as paredes da casa deveriam inteirar-se desta comunhão. E só emitíamos sons porque a telepatia nos era impossível.

— Terna, segura, correcta, normal. — A sua voz tornava-se mais frágil a cada adjetivo que utilizava.

— Mas não é assim que te vejo... — disse-lhe com calma, tentando abafar os nervos que começavam a agredir o meu estômago. — E, se já não é assim que te vejo, não precisas de ter medo de arruinar a minha ideia daquilo que és.

— Eu quero desesperadamente ser normal. Ter as coisas normais. Sentir as coisas normais. Às vezes, estou a almoçar com as minhas colegas do colégio e, enquanto elas conversam, fico a encará-las. Parece-me simples ser tão trivial. Mas, quando chega a minha vez, nada acontece da forma que eu previ. Até tenho receio de que elas se apercebam do que me vai na cabeça, que a vontade desesperada que tenho de encaixar como elas se revele no meu rosto — Catarina calou-se por uns instantes, porém entendi que era uma pausa necessária e não uma deixa para eu me expressar. Por isso, cedi-lhe todo o meu tempo e silêncio —, mas nada encaixa.

— O que é que não está a encaixar? O que é que te está a faltar para te sentires normal?

— Amor — disse Catarina de forma instantânea, provando-me que sabia o ingrediente que lhe faltava para a sua receita perfeita há muito tempo. A resposta apanhou-me desprevenida.

— Amor? — perguntei.

— Sempre pensei que estar numa relação significaria sentir-me amada. É isso que nos dizem, não é? Parece que faz sentido. Desde que me lembro, salto de namoro em namoro, porque nos

vendem a vida de solteira como um antro de solidão. Achava que apenas numa relação me poderia sentir completa e segura. Mas não sinto nada disso. Tudo o que sinto, neste namoro que dura há anos, é profunda solidão. Pior do que isso, sinto-me uma merda. Não sei como o dizer de outra maneira — explicou.

«Estamos a falar do Tiago», disse para mim mesma, perante a urgência de me localizar nesta conversa. Tomei algum tempo para reflectir na confissão de Catarina. Há muito tempo que me recusava a acatar esse paleio que trata as relações amorosas como um antídoto para a solidão. Como o doente que corre para a farmácia em busca do medicamento que cura a sua maleita, via toda a gente em busca de uma alma gémea, que deveria reparar as ausências e carências da alma. Para mim, isto não passava de um monte de balelas. Desconfiava de tudo o que me promettesse uma sensação de completude e me varresse a solidão do ser. Essa haveria de ser a maior treta de sempre. Ainda que a empreitada deles me parecesse de loucos e inútil, lá andavam eles como se fosse a grande missão da vida. Uma das que compravam esta lengalenga era Catarina. Mas, apesar de tudo, as suas revelações causavam-me alguma surpresa, já que, ao longo da nossa amizade, a sua relação amorosa sempre me parecera bastante estável. O rapaz parecia-me pacato e desinteressante. Interessava-se por futebol e automóveis, o que anulava qualquer possibilidade de uma conversa entre nós que durasse mais de cinco minutos. Mas Catarina nunca se pronunciara muito sobre a sua relação com Tiago. Quando me mudei para o apartamento, ela dissera-me que tinha um namorado e eu limitei-me a aceitar esse facto. Era simplesmente algo que existia e, na verdade, só tendia a lembrar-me do Tiago quando me deparava com ele em algumas sextas-feiras do mês.

— Desculpa, mas eu não percebo... Nunca falámos muito

sobre a vossa relação. Sempre deduzi que estivesse tudo bem — disse-lhe.

— Eu tinha vergonha. Quer dizer, eu tenho vergonha. Tenho vergonha de dizer que aceito estar numa relação assim. Mas tenho tanto medo de voltar ao zero, de voltar a estar só. Então, o medo acaba por vencer a vergonha...

— O que queres dizer com uma relação assim? — perguntei-lhe, com algum embaraço. Queria deixá-la confortável e delegar-lhe a decisão de partilhar ou não detalhes sobre a sua intimidade.

Nesse momento, aproximei-me de Catarina, que chorava, e peguei-lhe nas mãos. Começou por me contar que, por detrás da pacatez e da ternura que Tiago exibia, reinava a insegurança e o ciúme. Devido à infidelidade de algumas ex-namoradas, ele vivia obcecado com a ideia de ser traído novamente. Por causa desse medo, tentava controlar todos os movimentos reais e digitais de Catarina. Desde o início da relação, o telemóvel dela transformara-se num amuleto do azar. Perante a impossibilidade de o deixar para trás, esse dispositivo tornou-se no portal de toda a informação e de uma absoluta falta de sossego. Catarina via-se forçada a responder às suas mensagens e comentários de *Instagram* de forma pronta e harmoniosa, e atender todas as chamadas para evitar desaforos. Durante a semana, ou almoçavam juntos ou viam-se depois do trabalho. Se Catarina tivesse outros planos, era obrigada a enumerar todos os presentes. Após uma discussão, na qual Tiago tentaria menosprezar as pessoas envolvidas e fazer algum jogo psicológico, Catarina acabava por desistir da saída, na maioria das vezes. Recentemente, apercebera-se de que o seu círculo de amizades se tinha reduzido ao sexo feminino e que tinha cortado relações com dois grandes amigos da faculdade. Os únicos homens que continuavam na sua órbita faziam parte do grupo de Tiago. No início, as discussões eram quase diárias e os

berros dele deixavam-na à deriva, a lutar contra a ansiedade. Para evitar esses confrontos, Catarina vivia como uma autêntica militar. Obedecia às regras desta guerra para se safar de todos os ataques. Decidi interromper o seu discurso e disse que ia buscar água. Precisava de uma pausa para assimilar toda a informação recebida, por isso encobri as minhas necessidades nas dela. Antes de voltar para a sala, estendi os braços na bancada e respirei fundo.

— Uma das coisas que mais me custam é quando ele te ataca — disse Catarina, após eu me sentar, enquanto bebericava a água.

— Quando me ataca?

— Sim. Às vezes, parece-me que és a pessoa de quem ele tem mais ciúmes — explicou-me, olhando para o chão. A sua vergonha era palpável. — Uns dias, chama-te lésbica e diz que estás apaixonada por mim. Outros dias, és uma puta que anda com todos. Diz-me que eu vou ficar igual a ti por viver contigo. Desculpa estar a dizer-te estas coisas. Eu sei que são coisas horríveis de se ouvir... — acrescentou, enquanto limpava as lágrimas.

Apesar de a minha vivência ser solitária e a minha paciência para a humanidade ser pouca ou quase nula, eu não era propriamente egocêntrica. Por isso, não me ralava muito com o que os outros pensavam ou diziam de mim. Palavras como estas que Catarina acabava de pronunciar não me ofendiam ou tocavam em particular, porque, para mim, Tiago era um corpo sem alma. Era alguém que eu via mover-se à minha frente com alguma regularidade, mas que, na verdade, não existia realmente na minha vida. Incomodava-me, no entanto, a violência e o medo constante que ele instaurava na vida da minha amiga. Em vez de resolver e trabalhar nas suas próprias inseguranças e medos, ele empurrava Catarina para o mesmo jogo, para que a pudesse vencer. E estava a vencer.

— Não tens de me pedir desculpa, Catarina. Tu não tens de pedir desculpa por nada. Além disso, segundo o que me estás a contar, é normal que ele tenha muitos ciúmes meus, ainda que eu seja mulher. Quando o ciúme é patológico, quando é obsessivo ou doentio, as pessoas têm muito medo de perder o parceiro e tendem a odiar os seus amigos mais próximos. Nós vivemos juntas e, mais do que isso, somos amigas. É um elo que ele não consegue quebrar ou ter contigo. É por causa disto que tu nunca decidiste viver com ele? Sempre me perguntei o que te levaria a estar comigo.

— Sim. Por um lado, não consigo terminar a relação com ele. Mas, por outro, não sou capaz de dar mais do que aquilo que lhe dou. Tenho medo de como seria se vivêssemos juntos.

— E ele aceita de bom grado que tu fiques aqui?

— Mais ou menos. Quer dizer, eu não lhe digo a verdade — explicou-me, tapando os olhos com as mãos. — Eu minto-lhe. Eu digo-lhe que não vou viver com ele porque tu precisas de mim.

— Porque eu preciso de ti? — perguntei surpreendida. — Em que sentido?

— Desculpa, Lola. Desculpa! Percebes agora por que motivo eu nunca me conseguia abrir contigo? Eu minto tanto por causa dele. Tenho vergonha de mim. Vergonha! Asco! Adormeço a chorar na maioria das noites por destruir aquilo que tenho de bom na minha vida e para ficar com o quê...? Eu quis dizer-te tantas vezes. Mas não sabia como. A culpa não é só dele. Também é minha. Eu estou com ele — Catarina soluçava. Deixei um abraço, mas foi tudo o que consegui encontrar para lhe oferecer, naquele momento. — Eu digo-lhe que tu tens um transtorno de ansiedade muito grave e que não podes viver sozinha. Digo-lhe que tu não tens relação com os teus pais e que não tens muitos amigos para te poderem ajudar. Há dias em que ele entende. Nesses dias, ele acorda como se fosse

nobre e decidisse aceitar as falhas e necessidades dos outros. Eu noto como ele se sente emproado, orgulhoso dos seus pensamentos altruístas. Noutros dias, diz-me coisas desagradáveis. Diz-me que te deverias internar.

Depois de ouvir estas palavras, caímos no silêncio. Tive de respirar fundo de novo. Mais uma vez, as palavras de Tiago pouco me afectavam, porém fiquei despedaçada ao saber que Catarina se servia das minhas dores mais profundas para se pseudo libertar da demência de alguém. A nossa confiança tinha sido tristemente quebrada. Episódios que lhe confidenciara ou a que ela assistira tinham sido passados como um lote de informação para atestar a minha incapacidade para viver sozinha. Perguntava-me se ela lhe teria contado sobre a noite mais vazia e dura da minha vida, aquela em que o INEM me tirara de um autocarro e me levava para o Hospital de São João. Não sabia se me apetecia chorar ou gritar-lhe, dizendo-lhe que ela me pintava como incapaz e instável para viver sozinha, quando, na realidade, a única pessoa naquela casa que não suportava a solidão ao ponto de destruir as suas amizades era ela. Mas, quando me virei para Catarina, contemplei terror diluído num rosto. Os seus lábios pendiam entreabertos e tremiam. Os seus olhos vermelhos aguardavam a minha reacção como se antevissem algum tipo de sentença. Catarina estava enredada numa relação tóxica há anos e o seu trauma era evidente. Ela aguardava a sua punição de forma resignada, porque se habituara a ela no seu envolvimento com Tiago. O mais importante agora seria ajudá-la a libertar-se e, por isso, naquele momento, perdoei-a pela mágoa que me causara e, para que ela o soubesse, coloquei as suas mãos nas minhas outra vez.

— Além da violência psicológica, o Tiago alguma vez te bateu?

— Não — disse-me, abanando a sua cabeça —, ele nunca me

bateu. Nem de perto nem de longe. Mas — acrescentou, pensativamente —, ele faz-me outra coisa. Só que eu não sei se isso é normal ou não. Isto acontece desde o início da relação. Sempre me senti mal comigo mesma por causa disto. Mas, se calhar, até é normal nas relações. Não sei.

Quase levei os dedos aos lábios para os apertar, mas lembrei-me de que esse hábito incomodaria Catarina, por isso continuei a segurar as mãos dela e anuí com a cabeça para a encorajar.

— É no sexo — revelou com bastante pudor. — Ele pressiona-me bastante para termos relações sexuais e para fazer o que ele gosta, ainda que certas fantasias dele me deixem muito desconfortável. Porque sou namorada dele, ele insinua que eu lhe devo sexo. Quando eu lhe tentava explicar que não queria, aconteciam duas coisas: ou me magoava com certos comentários ou se remetia ao silêncio. Rejeitava-me, isolava-me. Então, deixei de recusar. Fazer sexo com ele tornou-se num acto que tenho de levar a cabo, mas eu nunca estou ali. Sinto-me suja. Toda essa pressão levou-me a repudiar o corpo dele e o meu. Lembras-te de termos visto um filme francês antigo, que tu escolheste, mas eu nem queria ver? Aquele com a Brigitte Bardot?

— Sim, lembro-me. O *Le Mépris*, do Jean-Luc Godard.

— Esse! O casamento deles está destruído. Ele tenta aproximar-se constantemente, mas todo o corpo dela reage com repulsa a essa aproximação. A certa altura, ela diz-lhe que o que sente por ele é desprezo. É assim que me sinto em relação ao Tiago.

— Eu recordo-me dessa cena — disse-lhe, por não encontrar as palavras certas para abordar o que ela acabava de me contar —, mas nada do que me estás a descrever é normal numa relação. Tu não deves sexo a ninguém. Essa é uma escolha que tu tens, não um dever ou uma obrigação. Porque é que não me contaste mais cedo...? — perguntei-lhe, ainda que ela já me

tivesse cedido a resposta uns minutos antes.

— Lola, sempre que deixei transparecer que queria conversar contigo e acabei por te deixar preocupada, juro que o queria fazer. Sei que ficaste muito magoada comigo e tens toda a razão. Geralmente, ligava-te ou mandava-te mensagem para vires para casa nos piores dias. Eu queria contar-te. Mas, quando te via, perdia a coragem para falar. Pior do que isso, não saberia por onde começar. Ele é um bom fingidor. Foi assim que me conquistou. Era calmo e estável. A vida com ele seria simples. Parece que fui castigada por procurar algo e não alguém. Depois, tu és feminista. Eu tinha medo de que tu me julgasses, de que não me entendesses. Então, deixava-me ficar calada e pensava que as coisas poderiam mudar e, quando tudo levasse outro rumo, ninguém teria sabido. Mas eu juro que não estava a brincar contigo, apesar de parecer.

— Não te vou mentir. Claro que me magoaste muito. No início, pensei que querias partilhar algo comigo e que te arrependias. Exactamente o que me estás a dizer. Mas, recentemente, estavas a fazê-lo com mais frequência e parecia que me estavas a tentar manipular, a tentar reter a minha atenção. Como se me quisesse testar. Chamavas-me e vias se eu aparecia. Como eu aparecia, estava tudo bem e, por isso, seguias com o teu dia. Mas ontem atingi o meu limite.

— Se calhar, tens razão. Comecei a ligar-te, porque precisava de ti. Mas talvez mais tarde tenha começado a fazê-lo não porque precisava de ti, mas porque queria saber se tu vinhas até mim. Esse movimento que te trazia para mim tornou-se mais importante do que conversar contigo. Sentia-me tão só. Tudo o que sinto são ausências. É um nada. Por isso, talvez te tenha usado. Mas não foi algo consciente...

— Esse movimento chama-se amor, Catarina — expliquei-lhe. — Tu sabes o que essa palavra significa. Não a desvirtues por causa de uma pessoa que a desconhece. Tu estás

familiarizada com o meu passado.

— Eu sei, Lola. Eu sei! — interrompeu-me Catarina, apertando as minhas mãos.

— Deixa-me terminar, por favor. Tenho de te dizer isto. Eu não consigo lidar com certos jogos. Não vou aceitá-los. Em determinados momentos da minha vida, não tive hipótese. Não tive escolha. Fui arrematada para o meio dos dramas e mentiras dos meus pais. Ainda hoje, tenho a sensação de que há algo que eu desconheço. Uma história que ninguém me conta, que justificaria a falta de amor que pairava naquela casa. Quando me começaste a deixar de fora e deixavas transparecer este prazer sádico em fazê-lo, foi-me muito difícil aguentar. Porque antes eu não tinha escolha, mas agora tenho. E eu escolho não entrar nos jogos de ninguém.

— Eu sei. Tens toda a razão... — disse Catarina, recolhendo um dos lenços da caixa que lhe tinha dado para a mão. — Aliás, eu gostava de ser tão forte como tu. Muitas vezes eu pensava «A Lola nunca se sujeitaria a isto». E mais vergonha sentia por tudo. Sabes? Quando ele ridiculariza as minhas amigas, custa-me especialmente. Mas eu não as defendo. Eu só quero que a discussão acabe rápido. Se eu não as defender, ele não sente a necessidade de atacá-las ainda mais. Para me abstrair de tudo, eu pensava nas coisas que tu lhe responderias. Porque tu terias coragem para o fazer.

— Catarina, tu julgas-me mais forte do que aquilo que sou. Todos temos os nossos calcanhares de Aquiles. O Tiago é o teu. Se calhar, eu não aguentaria essas merdas vindas de um homem. Quer dizer, digo eu. Não sei. Mas eu tenho outros. Olha a minha mãe... — expliquei-lhe. — Este talvez seja o maior clichê que alguma vez me ouviste dizer, mas acho que o mais importante é que estejamos a tentar dar o melhor de nós...

Após me calar, ficámos as duas muito sérias a olhar uma

para a outra e começámo-nos a rir. A minha tentativa de enveredar pela psicologia barata tinha resultado num momento cómico, de que ambas precisávamos.

— Imaginei este momento tantas vezes, mas nunca achei que seria tão fácil.

— Tu passas o tempo todo a idealizar e a imaginar todos os passos da tua vida: as conversas, a carreira, a relação, as amizades, o teu corpo. Enfim, tudo... — expliquei-lhe —, mas pensares e repensares os momentos não vai fazer com que eles aconteçam da forma que tu previste. Aliás, vais tornar-te escrava dessas tuas idealizações. Vais impedir que tudo flua de modo natural e que consigas acolher a espontaneidade da vida. E, afinal, o que é que te aconteceu ontem? Deixaste-me muito preocupada — perguntei-lhe, procurando ao máximo descartar o nome de Pedro. A última coisa para a qual tinha cabeça agora eram as perguntas de Catarina relativamente aos homens da minha vida. A verdade é que não havia nenhum presente e constante, e não haveria de existir no futuro próximo.

— Ontem foi a primeira vez que bateste a porta chateada comigo. Pior do que isso, foi a primeira vez que saíste de casa por não suportes estar comigo. Tu nem conseguias olhar para mim. «Vês? Sozinha. Como tu mereces», pensei, quando te ouvi sair. Todos os cenários me passaram pela cabeça. Que não me desculparias, que irias viver com a Simone, que me deixarias entregue a esta porcaria. Sozinha. E só me teria a mim para culpar. Não conseguia parar de chorar. Depois, entretanto, lembrei-me de que era o aniversário de uma das minhas colegas do colégio. Tinha dito que não ia. Se quisesse ir, teria de levar o Tiago e recuso-me que ele invada outra parte da minha vida. Aquela é só minha. Se ele conhecesse as pessoas do meu trabalho, iria marcá-los para sempre. Nunca mais conseguiria olhar para cada um sem que me ocorressem os adjectivos que ele usaria para os identificar. Enfim, decidi

aparecer. Não sem antes ir comprar um presente rápido, claro. O meu plano era apenas ir ao jantar para espairecer um pouco. Jantámos na Baixa e correu tudo bem. Foi uma sensação estranha. Sentia-me profundamente triste, mas ao mesmo tempo ria-me das piadas com vontade.

Catarina pausou o discurso para beber um pouco de água e eu ainda estava presa aos cenários egocêntricos que lhe tinham ocorrido na noite anterior. Em nenhum momento ela pensara nesta outra pessoa que estava perante ela, a sofrer as consequências das suas próprias acções. Felizmente para a nossa amizade, eu fazia malabarismo com o meu ego e não o afagava como se fosse um cão de raça peludo e fofo. Ainda me perguntavam por que motivo as minhas relações interpessoais eram tão poucas. Havia ego por todo o lado e pouco espaço para a minha existência plena. Por isso, as que eu tinha eram suficientes para que ansiasse pelo sossego e dissesse «Pronto. Já chega de humanidade».

— Quando o jantar terminou, expliquei que vinha para casa. Mas, como saio pouco com eles, todos insistiram para que fôssemos até às Galerias de Paris dançar um bocado. Então, lá fomos — disse-me, encolhendo os ombros. — Já tinha bebido bastante vinho ao jantar. Depois mais uns *shots*. Não estou habituada a beber muito, tu sabes. Quando me apercebi, estava muito tonta e bêbeda. Lembro-me de que algumas pessoas já tinham ido embora, quando fui para a casa de banho vomitar e, de repente, parecia que estava a perder a consciência. Tudo ficou escuro. Não me conseguia mexer. E foi quando te liguei. Será que estava a entrar em coma alcoólico? — perguntou-me, mas rapidamente continuou. — Enfim, quando saí do banho há pouco, recebi uma mensagem da Patrícia, uma das professoras de Matemática, a perguntar se eu tinha ido embora com alguém. Estava quase desmaiada na casa de banho e deixaram-me lá, porque acharam que eu tinha ido passar a noite com

algum homem... — concluiu Catarina, revirando os olhos.

— Pois, em coma acho que não estavas porque, apesar do teu estado, reagias e pediste-me que te trouxesse para casa. Mas, se calhar, deveria ter-te levado para o hospital para garantir que estavas bem.

— Não, ainda bem que não levaste. Detesto hospitais — assegurou-me, tocando-me na coxa. Ocorreu-me que, para não se lembrar da presença de Pedro, Catarina tinha de estar bastante mal. — Ontem, bebi para esquecer, sabes? Claro que nunca achei que ia acabar naquele estado, mas precisava de uma pausa. Queria sair da minha cabeça ou da minha vida por uma noite.

— Achas que te faz bem estares com uma pessoa que te leva a fazer isto? — perguntei-lhe, apoiando o rosto na mão direita.

— Claro que não. Já ultrapassei a fase da negação, Lola. Isto não vai melhorar e eu não aguento mais o vazio e a tristeza que sinto dentro de mim. Ele aniquilou todos os meus desejos pessoais e eu deixei. Não quero viver com ele, não quero casar com ele ou ser mãe dos filhos dele. Há melhor do que isto, não há? Diz-me que há. — As palavras de Catarina revelavam um cansaço existencial que me assustava.

— Claro que há — peguei no copo de Catarina para beber um pouco de água —, além disso, os primeiros tempos podem não ser fáceis, mas eu vou estar aqui para te ajudar.

Catarina puxou o meu corpo e envolveu-o num forte abraço, como se eu fosse a sua rede de salvação. De seguida, voltou a agradecer-me pela noite anterior e pela conversa que acabávamos de ter. Enquanto a observava a sair da sala, forçava-me a repelir quaisquer sentimentos de culpa por não ter visto além da máscara de Tiago ou deslindado o sofrimento que a minha amiga carregava e escondia. Como humana, eu tinha os poderes limitados à nossa insignificância. Catarina fora buscar o telemóvel à casa de banho onde o deixara e mostrou-

me o ecrã, apinhado de mensagens e chamadas perdidas de Tiago. As minhas sobrancelhas ergueram-se com aquela quantidade absurda de tentativas de contacto. Paz de espírito e isolamento eram os dois grandes motes da religião que eu professava. Seriam somente interrompidos conforme a minha vontade. E, se alguém tentasse falar mais alto do que eu, neste filme que é a minha vida, haveria de ser atirado bem depressa para longe, com balas de silêncio absoluto.

— Vou mandar-lhe mensagem para conversarmos hoje. Vou acabar com ele — disse Catarina, olhando-me como se aguardasse por aprovação. Eu anuí com a cabeça para lhe dar força. — Onde é que achas que o deveria fazer?

— Não sei, Catarina. Essa é uma decisão que tens de tomar. Mas convém que seja num local onde haja outras pessoas. Se quiseses, podes convidá-lo para vir cá a casa. Eu posso ficar no quarto.

— Não, não quero que seja em casa. Não o quero mais aqui. Acho que lhe vou dizer para irmos tomar um copo ao sítio onde costumamos ir. Ele não vai estranhar e lá todos nos conhecem. Vou mesmo fazer isto? — perguntou-me.

— Parece-me que sim — disse-lhe, sorrindo. — Conversares com ele no vosso sítio habitual é uma ótima ideia. Ele vai pensar duas vezes antes de te levantar a voz.

Fui invadida, de súbito, por um sono valente. Na noite anterior tinha dado poucas e más horas à cama. Agora que Catarina tinha decidido que iria tomar as rédeas e colocar um ponto final na sua relação tóxica, poderia fazer uma sesta digna de um anjo. Respondi-lhe que ia para o quarto descansar um pouco. Depois de me deitar por cima da coberta tricotada pela minha avó, enviei uma breve mensagem a Simone, a desculpar-me por ter desaparecido do Le Chat Noir sem lhe dar qualquer tipo de explicação e adiantei que Catarina tivera uns problemas, mas que tudo ficaria bem. De seguida, abri uma

nova conversação com Pedro e fiquei a observar a caixa vazia. Lembrava-me de que lhe prometera notícias na noite anterior. Deveria informá-lo de que Catarina estava bem. Ele estava muito preocupado e tinha sido incansável connosco, durante a noite inteira. Decidi, no entanto, fechar o *WhatsApp* e abri o *Tinder*. O processo sinistro de lançar indivíduos para a direita ou para a esquerda, baseado em fotografias e numa curta biografia preparada e geralmente bem fatela, seria suficiente para me pôr a dormir num instante.

5.

A noite estava de volta à cidade quando despertei da sesta, graças ao ruído de várias buzinas e do palratório das pessoas que percorriam a Faria Guimarães. Antes de me mudar para a Baixa, vivera sempre nas periferias abastadas da cidade, onde se obedecia ao marasmo e à artificialidade. Os moradores dessas zonas não sabiam o que fazer com tanto dinheiro ou com a alma. Eram desinteressantes. Cumprimentavam-se como se tentassem decifrar o saldo bancário dos vizinhos nos olhos e entregavam-se a comparações idiotas. Por isso, sempre antevira essas áreas onde residira em família e, mais tarde, com a minha mãe, como um cemitério para vivos. A neblina chegava a ser uma presença constante na casa onde cresci — aquela que o meu pai ainda habita. Quando consegui trocos suficientes para me mudar, sabia que o meu novo lar seria algures pela Baixa do Porto. Muitos dos residentes eram velhos, viviam com reformas muito baixas, falavam alto e eram autênticos. Eu precisava de alguns berros pelo passeio fora ou de uma janela para a outra para me trazer de volta para o mundo dos vivos e dos que sentem. Era necessário retomar um equilíbrio para conseguir viver. Também havia muitos jovens, geralmente da cena alternativa. «Sem problema», pensara eu. As paredes das casas envelhecidas eram finas, por isso significava que se tivesse de ouvir a música dos vizinhos, era provável que levasse com uma banda de *indie rock* e não com o Justin Bieber. Viva os *hipsters*! Nos tempos que correm, os habitantes da Baixa diversificaram e temos ainda de acrescentar as centenas de turistas que encham a camada de alojamentos locais. Anos

depois de me ter mudado, a Baixa já não me parece tão autêntica e, quando os condutores apressados me interrompem o sono, acordo com os pés de fora. Num outro dia apetecer-me-ia gritar da janela: «É sábado à noite, porra! 'Tás com pressa para ir para os copos?» Mas eu nunca gritaria. Nem me moveria, sequer. Contudo, hoje nem é um desses dias. Há uma leveza incomum na minha alma, que me dá espaço para aspirar o fluxo da cidade.

Peguei no telemóvel para verificar as horas e reparei que tinha uma nova mensagem no *Tinder*. Na minha actividade pré-sesta correspondera com um tatuador, ou *tattoo artist*, como ele determinara na sua biografia. Depois de responder à sua mensagem, saltei para fora da cama, para procurar Catarina, que não sabia se ainda estaria em casa. Encontrei-a na casa de banho a acabar de se maquilhar e informou-me que me deixara algumas sobras do jantar, no frigorífico.

— Vai correr tudo bem — disse-lhe, sentando-me no tampo da sanita, atrás dela.

— Tenho medo de perder a coragem — explicou-me pausadamente, enquanto aplicava rímel nos olhos.

— Se sentires que estás a perder a coragem, pensa na noite de ontem. — Apesar da seriedade que investi nestas palavras, o meu conselho soou-me um pouco imbecil.

Catarina anuiu com a cabeça, enquanto guardava a maquilhagem toda numa pequena bolsa, e começou a tagarelar sobre uma série que começara a ver, durante a tarde. Expressava-se a grande velocidade, como se procurasse distanciar-se do nosso assunto e da tarefa que a aguardava. Antes de sair, perguntou se eu tinha planos para essa noite ou se ficaria por casa. Revelei que ainda não sabia, mas que deveria aproveitar o último sábado de Setembro pelas ruas do Porto.

— Mas sabes que me podes ligar, se precisares. Mesmo que

eu saia, não vamos estar longe — adiantei-lhe. Catarina apertou-me as duas mãos, respirou fundo e tirou os auriculares sem fios da sua *Michael Kors*.

Quando ela bateu a porta, dirigi-me à cozinha para aquecer o jantar. Enquanto aguardava o apito irritante do micro-ondas, respondi às novas mensagens do tatuador e aproveitei para ver as notícias no telemóvel. Este tumulto à volta do ministro estava longe de terminar, já que a pressão para que ele se demitisse não vinha só do seu partido e dos partidos da oposição, como também do povo português. Lia vários artigos relacionados com este escândalo, soltando risos sarcásticos, quando recebi mais uma carrada de notificações do *Tinder*. Apesar de navegar confortavelmente pelos benefícios da digitalização e de tentar escapar à socialização ao máximo, as minhas relações com homens eram uma história diferente. Faltava-me paciência e personalidade para entrar em grandes cortejos virtuais. Alargar o paleio nas redes poderia vir a comprovar-se um desperdício do meu tempo, caso me viesse a encontrar com o tipo e não tivesse vontade de, como diz a Simone, dançar o tango. Assim, depois de me certificar de que a conversa presencial rolará de modo interessante e que aprenderei uma coisa ou duas, tenho tendência para lançar o convite. Afinal de contas, Bela Adormecida já tivemos uma...

O meu convite foi aceite quando terminei de arrumar a cozinha. Dentro de uma hora, encontrar-nos-íamos algures pelas Galerias de Paris. Tomei um banho rápido, escolhi um vestido *vintage* curto, calcei os meus *Mary Janes*, peguei no livro mais leve que estava na minha mesa-de-cabeceira e saí. Os ventos fortes, que a *app* da meteorologia do telemóvel me tinham anunciado, alastravam-se pelas ruas escuras do Porto, lembrando-me que estava grata pela partida do Verão. Enquanto descia em direcção à Baixa, começava a sentir-me agitada com a perspectiva de me encontrar com um

desconhecido. Já o fizera várias vezes, mas tinha chegado à conclusão de que esta sensação de desconforto inicial e vontade de cancelar os planos à última hora nunca desapareceria. Os primeiros momentos do encontro, já para não falar na espera quando era a primeira a pôr os pés no local combinado, eram de meter medo ao susto, já que a vergonha ainda falava mais alto do que as nossas vozes.

Para me afastar destes pensamentos que começavam a fazer disparar a minha ansiedade, pensei no estado da minha tese que, em boa verdade, estava longe de se assumir como o calmante natural de que eu tanto precisava. Lembrei-me das palavras do meu orientador, da reunião do dia anterior, e questioneei a legitimidade das mesmas. Quando ele comentara o ritmo lento da minha investigação e a minha falta de entrega a este projecto académico, senti alguma resistência em aceitar as suas palavras. Não havia, contudo, grande ponto em contestá-las. Era certo que eu não estava a trabalhar depressa e a dedicar-me inteiramente aos estudos, especialmente se se comparasse com o meu método de trabalho inicial. Não sabia quando ou porquê, mas, ao longo deste percurso, esquecera-me da minha finalidade ou propósito e, como consequência, a motivação esvaiu-se. Reconhecia que a vida académica e a hipótese de exercer como investigadora e professora universitária estavam longe de ser opções viáveis para mim. Entre outras coisas, havia muita alma por aqueles corredores a servir-se da sua intelectualidade extraordinária para compensar complexos de inferioridade, humilhando todos os plebeus que encontravam pelo caminho. Já tinha dado por mim em discussões demasiado longas e tediosas com colegas que tentavam impingir os seus pontos de vista. Durante esses momentos tenebrosos, nos quais bocejava umas quantas vezes, arrependia-me de não ter parado n'O Mundo da China e comprado uma data de estatuetas de plástico para que as

pudesse atribuir. Era provável que estivesse a pensar no ambiente.

Há cerca de dois anos, tinha-me também envolvido com um colega de outro doutoramento da Faculdade de Letras. Ele estudava Filosofia, parece-me. Passou vários meses a convidar-me para sair, porém, era um dos que costumavam estar nesses debates de café, argumentando como se fosse o sabedor do século. Recusei sempre que me convidou, excepto da última vez. Apanhara-me numa fase especialmente solitária e um pouco insegura, que me fez comprar por um momento as balelas machistas e achar que um homem me poderia resolver o problema. Na única vez em que fracassei, o universo riu-se na minha cara. Ele era impotente. Descobri quando estava nua ao seu lado e, após várias tentativas fracassadas, contou-me que há cerca de cinco anos que não conseguia ter relações sexuais, porque se pressionava demasiado. Lembrei-me de todas as vezes em que ele acusara colegas de serem ignorantes e transformara as suas opiniões em dogmas. Nunca comentei com ninguém da faculdade o que se passara, porque queria proteger a sua privacidade. No entanto, após o sucedido, notei que se tornara ainda mais altivo. Perante a impossibilidade de elevar aquilo que realmente queria, alteava o pescoço e esticava os ombros. Não me tornei menos só, mas aprendi duas lições nesse dia: manter distância dos grandes homens do intelecto e perceber que as amigas feministas sabem o que dizem.

Assim, visto que me identificava mais com os plebeus, excluía a hipótese de um futuro académico. No entanto, falhava em encontrar alternativas que me cativassem genuinamente. A minha devoção aos livros era a única coisa que tinha como certa, por isso continuava a fazer o doutoramento, na esperança de que, pelo caminho, alguma luz se acendesse no meu cérebro. Apesar de tudo, este plano começava a evidenciar lacunas. Como era bolseira, teria de apresentar novos

resultados e conclusões em breve e, na ausência de motivação, não sabia como levar a cabo essa empreitada.

Quando cheguei a um cruzamento perto das Galerias de Paris, onde tinha ficado de me encontrar com o tatuador, não vi ninguém. Como temia, era eu que tinha de esperar que ele chegasse, enquanto pedia à ansiedade que não me fizesse fugir para casa. Quando me preparava para pegar no livro, o meu telemóvel começou a tocar. Era Catarina.

— Onde estás? — perguntou, mal atendi a chamada.

— Estou na Baixa, e tu? Já acabou a conversa? — perguntei-lhe, enquanto encarava as minhas unhas, tentando perceber se as arruinaria ao roê-las.

— Sim, já acabou — Catarina parecia aliviada. — Achas que nos podemos encontrar?

— Na verdade, estou à espera de um tipo do *Tinder* — revelei-lhe, mas a linha ficou impregnada de silêncio do outro lado. Esperei alguns segundos para que Catarina se pronunciasse, mas ela permaneceu calada. — Mas que se lixe. Ele ainda não chegou.

— Tens a certeza? Estou a pedir-te porque não queria ficar sozinha agora. A casa vai estar vazia.

— Sim, não te preocupes. Eu mando mensagem a desmarcar. Onde nos encontramos?

Depois de Catarina me dar as indicações, lancei-me ao caminho rapidamente, para evitar que o tatuador chegasse. Enviei-lhe uma mensagem a informar que, apesar de ter esperado por ele no local combinado, uma amiga tivera uma emergência e teria de partir. Um clichê digno de filme, mas a mais pura verdade, embora o rapaz não fosse acreditar. Não havia muito que eu pudesse fazer quanto a isso...

Quando avistei Catarina, um gato preto passou por mim, caminhando emproado como um pequeno fidalgo. Se fosse supersticiosa ou religiosa, tinha-me benzido.

— Desculpa! — disse Catarina, ainda a alguns metros de distância, enquanto estendia os braços.

— Não te preocupes — disse-lhe, ao tomarmos o caminho para casa.

— Ficou chateado?

— Provavelmente. Viu a mensagem e não me respondeu — adiantei-lhe, encolhendo os ombros de forma despreocupada.

— Mas, então, como correu a conversa?

— Foi estranha e rápida. Acho que demorou pouco mais de uma hora. Disse-lhe quase tudo.

— Quase tudo?

— Sim. Falei-lhe da tristeza e do quão só me sentia. Expliquei-lhe que estar numa relação com ele estava a matar a relação que eu tinha comigo mesma. Custou, mas disse-lhe que, a partir do momento em que começáramos a namorar, tinha deixado de gostar de mim mesma.

Ficámos em silêncio por uns momentos, enquanto caminhávamos, até que Catarina retomou o seu discurso.

— Confessei que não suportava mais os ciúmes e as inseguranças dele. Também lhe disse que me tinha traumatizado com a gritaria constante. Acreditas que, há umas semanas, estava em casa dos meus pais a jantar e bastou-me ouvir o meu pai a levantar a voz para ficar em sentido? Enfim, expliquei-lhe que estava farta e que tínhamos de terminar a relação. Guardei para mim a parte sexual.

— Como é que o Tiago reagiu?

— Primeiro, tentou intimidar-me. Talvez tenha achado que ao fazê-lo me deixaria insegura da minha decisão. Não só me atirou algumas coisas à cara como me tentou mostrar que eu nunca sobreviveria sozinha, que não era ninguém sem ele. Depois, quando se apercebeu de que a minha decisão era para valer, começou a insinuar que a culpa era tua e que tinha a certeza de que me tinhas influenciado. Quando a conversa

estava a terminar, ele tinha as lágrimas nos olhos e a implorou-me para que não fizesse isto — disse-me Catarina.

— Estou muito orgulhosa de ti — confidenciei-lhe, enquanto estendia o meu braço esquerdo ao longo dos ombros dela.

— Obrigada — pronunciou, num tom bastante baixo e tímido —, mas ele não é o único bom fingidor, sabes? Aprendi que também sei fingir bem. Consegui fingir, ao longo de toda a conversa, que sabia o que estava a fazer, que sabia quem sou sem ele, que estava segura da minha decisão. Mas, por dentro, tremi e duvidei o tempo todo. Sei lá se fiz a escolha certa. Quem me diz que, quando acordar amanhã, não me vou arrepender...? Eu não sei quem sou, com ou sem o Tiago. Mas, pelo menos, quando estava com ele, tinha de pensar menos nessa pergunta. — Enquanto ouvia Catarina com atenção, notei que ela acabara de pronunciar o nome de Tiago pela primeira vez, desde que nos encontráramos.

— Eu acho que essa pergunta assusta toda a gente, se isso te ajuda. O mais importante é que tens amigos e não vais precisar de superar este momento ou encontrar as respostas para essa questão sozinha.

Enquanto Catarina me agradecia as palavras e a companhia e se desculpava novamente por ter arruinado o meu encontro, vislumbrei Pedro a fumar um cigarro à porta de um café. As minhas pernas deixaram de se mover na sua direcção e percorri as imediações com os olhos num ápice, para ver se tinha escapatória possível. Catarina, que continuara a caminhar, virou-se para trás e perguntou-me o que se passava. Apontei com discrição, em silêncio, para a direita com o braço e com a cabeça, fazendo-lhe sinal para atravessarmos a rua e seguirmos por uma viela, que também nos levaria em direcção a casa. Em vez de se mover, Catarina rendeu-se ao silêncio e abriu os braços, mostrando-me que não percebia o que me estava a dar na cabeça.

— Lola! — chamou Pedro. Acenei-lhe e retomei a caminhada resignadamente. À medida que nos aproximávamos, a minha amiga sussurrava-me inúmeras questões sobre o rapaz de calças de ganga pretas. Ela não sabia que era por causa deste rapaz que eu tinha regressado ao *Tinder*. Precisava de vadiar com um ou dois homens — e quem sabe uma mulher — para ver se o limpava do meu sistema. Ela desconhecia que era por causa de Pedro que eu andava a olhar de soslaio a minha *Olympus*, porque não sabia quando teria coragem para revelar as fotografias que tiráramos na noite anterior, no Le Chat Noir. Dava-me a sensação de que apoderar-me daquelas imagens seria dar mil passos na direcção de Pedro, quando tinha necessidade de me armar num engenhoso caranguejo e meter marcha-atrás. Rosnei-lhe apenas que era um tipo sem grande originalidade, já que envergava sempre a mesma vestimenta quando o via. Depois de nos cumprimentarmos, Catarina apresentou-se e eu rezava para que Pedro não se pronunciasse sobre a noite anterior.

— Parece que não te lembras, mas já nos conhecemos ontem. É bom ver que estás bem — ouvi-o dizer, enquanto me piscava o olho. Ainda que estas últimas palavras trouxessem consigo uma pequena repreensão, foram emitidas com gentileza. Para evitar vestir a carapuça, comecei a varrer com os olhos todos os lugares, à excepção dos olhares de Pedro e de Catarina.

— Como assim? — perguntou a minha amiga, alarmada.

— Não lhe disseste, Lola? — questionou Pedro. Invocara o meu nome para me trazer de volta a uma conversa que também me pertencia. — Desculpa, pensei que, apesar de não te lembrares de mim, a Lola te tinha contado sobre a noite anterior.

— Na verdade, não achei necessário referir — expliquei, fingindo-me relaxada —, tu estavas demasiado inquieta. Mas, pronto, nós estávamos com a Simone, quando tu me ligaste. O

Pedro foi comigo à tua procura e ajudou-me a levar-te a casa. Ele foi bastante prestável — proferi as últimas palavras arrastadamente e selecionei o adjectivo com bastante cuidado.

— Alguém ficou de me dar notícias, durante a tarde de hoje. Eu estava preocupado contigo. Mas as novidades nunca chegaram — disse Pedro a Catarina, sorrindo. A minha amiga respondeu que, apesar de não ser um gesto bonito, soava um tanto Lolesco. Pedro soltou uma gargalhada. Eu olhei-a de esguelha, mas não resisti a juntar-me a Pedro e ri-me também.

— Lolesco. Típico da Lola — especificou Pedro como se falasse para os seus botões. — Diz-me, Catarina, além de ignorar pessoas, que outros aspectos poderão ser classificados como Lolescos?

— Sabem que eu estou aqui, certo? — perguntei aos dois graciosamente, fazendo sinal com os dedos para que fechassem a boca.

— Que outros aspectos... — disse Catarina, olhando para o céu como se este lhe fosse dar as respostas. — Quando mete a pata na poça, faz de conta que não é nada com ela. Mas é tudo a fingir. Ela sabe muito bem o que faz — rimo-nos todos de novo com as palavras de Catarina. — Se me ajudaste ontem, estás convidado para ir jantar lá a casa, um dia destes. Eu adoro cozinhar e será a minha forma de te agradecer. A Lola pode dar-te mais detalhes, quando chegar o momento. Não te preocupes, vou certificar-me de que ela te transmite a mensagem.

Aquele convite inesperado atirara-me para uma terra de desconforto, deixando-me sem palavras. Comecei a apertar os meus lábios com os dedos, mas obriguei-me a parar. Precisava de articular uma ou duas palavras e corroborar este convite.

— Pois, tens de vir — consegui dizer, encolhendo os ombros.

— Com tanto entusiasmo da tua parte, já estou cheio de vontade — alegou sarcasticamente, enquanto se entretinha com

a sua bebida e erguia a sobrançelha direita. Olhei para Catarina, mas ela não se pronunciou. Tinha-me tornado, como era previsível, numa imbecil e estava visto que me cabia a mim resolver este pequeno dilema.

— Desculpa, não estava à espera deste convite — expressei-me honestamente, deixando transparecer um sorriso tímido —, mas a Catarina tem razão. Tens de vir a nossa casa jantar. Até porque, entretanto, comprei um vinil da tua banda preferida: Nickelback — disse-lhe, mantendo o meu sorriso.

— Compraste mesmo? — perguntou, rindo-se. Parecia-me que tinha conseguido cair nas boas graças de Pedro, mais uma vez.

— Não, claro que não — revelei-lhe —, mas se não te importares de ouvir uma banda menos fatela, és mais do que bem-vindo na nossa casa para um jantar.

— Estou aliviado! — tocou no peito, expressando-se jocosamente. — Então, acho que fico à espera de mais informações.

Catarina despediu-se de modo jovial, mas nós fizemo-lo nos nossos termos habituais: tímida e ansiosamente. Percorremos uns valentes metros em silêncio, até que a minha amiga se empoleirou no meu braço direito e disse:

— Explica-me, por favor: como é que ele te ajuda a percorrer as ruas do Porto, durante a madrugada, à minha procura, e tu nem te dignas a enviar-lhe uma mensagem simpática a informá-lo de que estou sã e salva? — Catarina exprimia-se num tom humorístico ainda que crítico, cerrando bastante os olhos para me mostrar que me deveria preparar para o derradeiro momento da defesa. — Sabes que é isso que uma pessoa decente faria, certo? Escrevias algo como «Olha, Pedro, a Catarina já está melhor... Obrigada pelo que fizeste por nós, ontem à noite».

— Mas eu não sou simpática nem decente — expliquei-lhe,

erguendo as sobrelanceiras e deixando escapar umas risadas.

— Lola, estou a falar a sério! — repreendeu-me, tentando encobrir o riso. — O que é que há de errado nessa pequena cabeça...? — Catarina bateu o martelo e encerrou o tribunal com esta pergunta retórica, e encontrou forma de regressar à conversa que estávamos a ter antes de encontrarmos Pedro.

Explicava-me que não se lembrava de estar solteira e que receava esse tempo a sós. Perguntava-me com quem faria actividades triviais como ir ao cinema ou jantar fora e revelava que teria alguma vergonha em admitir socialmente que estava sozinha. Falava-me da mágoa de ter as suas expectativas furadas. Afinal, estava perto dos trinta e a maioria das pessoas que a rodeava e que seguia nas redes sociais tinham conseguido o que ela tanto procurava: uma vida a dois ou, em muitos casos, já a três. Passou-me pela cabeça armar-me em humorista e perguntar-lhe se o *ménage à trois* estava assim tanto em voga. Se esse fosse o caso, talvez me alistasse a essa seita enfadonha. Porém, sabia muito bem que Catarina se referia à prole e optei por permanecer de bico calado. A verdade é que também não fazia muita questão de me incluir neste monólogo, que nos embalava até à Faria Guimarães. A última pergunta de Catarina ainda me martelava a cabeça. Ela tinha uma tendência natural para me enredar em sensações de estranheza e de vergonha. Quando estava perto dela, era lembrada várias vezes de que a minha alma estava esburacada e de que se registavam algumas anomalias no meu sistema. Estas questões que ela ia lançando eram como setas disparadas sem grande destino ou propósito, mas que acabavam por abrir a minha carne. Chamara-me, porque receava encontrar a casa vazia. Agora, arrastava-me eu pela Trindade acima, receando o vazio da casa. Era assim que tendíamos a funcionar. Enquanto eu a abria a um mundo no qual ela pudesse pertencer inteiramente, ela lembrava-me de que a minha estranheza e singularidade deveriam ser deixadas

à porta para que eu fosse bem-vinda. Talvez algo estivesse mesmo errado comigo. Para dar corda ao motor que me movia, tentava normalizar o vazio que sempre sentira. Era um acto de sobrevivência. Lembrava-me de que a arte me mostrava que este desalento é universal. Mas havia limites. Por vezes, dava por mim a observar o mundo como se fosse a primeira vez que nele pousava os pés. Parecia-me bizarro e dava-me vontade de partir. Por causa da merda da pergunta de Catarina, as minhas pernas começavam a tornar-se pesadas, lembrando-me de que existo. Na verdade, o que me incomodava não era a sua questão, mas a minha falta de respostas — e eu estava cansada de não ter soluções para nada. Não sabia o que fazer com o doutoramento, não sabia como aguentar os dias, não sabia como lidar com os meus pais e a mágoa que pairava na nossa relação, não sabia como travar a minha solidão e constante deslocamento, não sabia como tornar-me mestre da minha ansiedade, não sabia como iria escapar a Pedro. Ou como ficar com ele.

6.

Acendi a luz do candeeiro da mesa-de-cabeceira. De seguida, espreitei o telemóvel para ver as horas: eram quatro da manhã. Passei as mãos pela cabeça e tentava distanciar-me do pesadelo que me despertara. No entanto, apesar de estar no meu quarto e encarar o espelho pousado à minha esquerda, as imagens sinistras do sonho ainda assombravam a minha mente. Sentia-me amedrontada e acelerada. Detestava quando regressava de uma destas viagens ferozes e era incapaz de me libertar delas. Era como se, afinal, o sonho me tivesse escolhido a mim e, como uma camisa-de-forças, bloqueava-me e lembrava-me que não era eu quem estava ao comando.

Pus os pés descalços na madeira e abri a persiana pesada, devagar e com cuidado, para não acordar Catarina. Contemplei a escuridão silenciosa da Faria Guimarães. Não se via um rato. A cidade estava imperial e bela. Eram exactamente estas ruas que me tinham visitado, durante o meu sonho. Nelas, tentava escapar-me do que me perseguia. Não havia um rosto. Aliás, não me recordo sequer de corporeidade. Era como se fosse perseguida pelo próprio pavor. Parecia-me que, naquele sonho, eu tentava fugir do medo, procurando impedir que me apanhasse.

Depois de fazer um chá de camomila, sentei-me no chão do quarto, envolvida numa manta, e peguei no livro que tinha escolhido para ler e discutir com Catarina: *O Estrangeiro*, de Albert Camus. Parecia-me apropriado para o momento. Mas, antes de me atirar a ele, encarei vagamente o céu que me cumprimentava da janela, reflectindo no propósito da minha

vida. Por vezes, dava-me a sensação de que essa pergunta acabaria por me matar aos poucos. De todas as questões para as quais me faltava resposta, essa assumia-se como o marajá da minha noite. Decidi ignorar a imensidão do céu e passei os olhos pela *Olympus*, pousada na minha secretária há duas semanas. Ainda não revelara as fotografias da noite do Le Chat Noir, e desde então que a desterrara. Decidi saltitar entre a leitura, as anotações e os meus pensamentos soturnos, na expectativa de que a manhã chegasse e me afastasse deste estado solitário e depressivo.

Com o nascer do Sol, ganhei o impulso necessário para regressar à cozinha e preparar o pequeno-almoço. Enquanto me arrastava pelo corredor, ouvi o despertador de Catarina. Ao contrário de mim, aquela rapariga saltava da cama de imediato, entregando-se aos preparativos matinais bem-disposta, como se alguma celebração extraordinária a aguardasse durante o dia. Estava a tomar a minha taça de leite com cereais e analisava a concretização dessa actividade trivial, quando Catarina entrou na cozinha e pôs um travão nos meus pensamentos existencialistas.

— Não dormiste? — perguntou.

— Nota-se muito? — questionei, ainda de boca cheia, levando as mãos ao rosto como se estas conseguissem decifrar o meu aspecto. Aguardava-me um almoço com Simone. À parte disso, a minha agenda dava-me vontade de regressar à gruta e esconder o meu corpo do mundo. Hoje, teria de marcar presença numa data de seminários, dados por colegas de doutoramento, cujo objectivo era colocar-nos a par dos seus progressos de investigação. Se o meu próprio trabalho académico não me interessava muito neste momento, estava a marimbar-me para as descobertas dos outros. Além disso, a presença nestes seminários relembra-me que a minha própria data de apresentação deveria estar para breve.

— Não, é que fizeste algum barulho durante a noite. Deduzi que estivesse acordada... — explicou-me, enquanto preparava as suas papas de aveia.

— Ah, sim — murmurei. — Desculpa ter-te acordado. Não consegui dormir muito, de facto.

— Andas a ter daqueles pesadelos outra vez? — quando Catarina lançou a pergunta, olhou-me directamente.

— Sim, tive uma noite difícil.

Nos últimos tempos, a minha ansiedade andava a espreitar mais do que o habitual. Tinha a sensação de que a vida académica tinha algo que ver com esta alteração. Porém, o regresso destes terrores nocturnos assustava-me. Levavam-me de volta a um período em que o controlo me tinha escapado e a ideia de regressar a essas terras anárquicas aterrorizava-me. Na altura, recuperara as rédeas da minha mente ao mudar-me para a Faria Guimarães. Mas agora não sabia o que fazer.

— Olha, o que achas de marcarmos aquele jantar com o Pedro, este fim-de-semana? Não tenho dito nada, porque precisava de algum tempo para pôr as ideias em ordem em relação ao Tiago. Mas acho que chegou a hora — disse-me Catarina. A minha amiga parecia empenhada em abordar assuntos que eu preferia descartar.

— Pensei que te tinhas esquecido — não tivera intenção de pronunciar as palavras em voz alta, mas acabara de o fazer. — Não sei, faz como quiseres — disse-lhe, levantando-me.

— Manda-lhe mensagem a convidá-lo para sábado — pediu-me.

Antes de me lançar à rua, enchi um copo de bambu, que Catarina me oferecera há uns tempos, com café para a viagem. Mas lembrei-me de que tal quantidade de cafeína era capaz de me abrir todas as portas à ansiedade, por isso deixei-o na bancada da cozinha e avisei a minha amiga que o poderia levar para o colégio, se assim entendesse. Caso o sono apertasse

durante os seminários, faria uma breve sesta, fechada na casa de banho. Quem me tinha dado esta ideia fora uma colega do doutoramento, que andava a *Victan*, e não aguentava a sonolência que o medicamento provocava. No momento, parecera-me bizarro ela tomar um comprimido para ser capaz de abandonar a sua casa e se fazer ao dia, mas depois fechava-se numa casa de banho da faculdade a dormir por não resistir aos efeitos secundários da medicação. No entanto, o meu lema de vida não era julgar, mas sim erguer as antenas para aprender. Então, aqui estava eu, pronta a abraçar o conhecimento concedido por esta merda de mundo.

Enquanto descia as escadas do prédio, acedi à minha conta bancária. Se o saldo permitisse, iria chamar um *Uber* para a faculdade, em vez de apanhar o metro, como fazia todos os dias. Apesar de ainda não saber como me ver livre dos sintomas da ansiedade, estava familiarizada com certos métodos para contornar o problema. E hoje era um daqueles dias que requeriam perícia para me safar dos ataques. Por ter passado a primeira quinzena do mês de Outubro em regime anti-social e entregue meramente a livros, o meu tesouro permitia-me servir-me da *app* e escapar ao encarceramento numa carruagem abarrotada.

Entrei no carro e, depois de cumprimentar o condutor, meti os auriculares para me esgueirar a qualquer conversa. Recorri aos sons psicadélicos de uma banda norte-americana que descobrira recentemente, para tentar afugentar as náuseas, que começavam a apertar. Porém, num instante, compreendi que todos os meus feitos desde as quatro da manhã para me manter longe do perigo seriam infrutíferos. De mãos cerradas, contemplava o ritmo frenético da cidade e lembrei-me do quão morta e desamparada ela estivera durante a madrugada. A consciencialização de que eu não pertencia a nenhum dos mundos dava-me uma imensa vontade de chorar. Se esta

agitação que se desenrolava do outro lado da janela me fazia querer recolher desta cidade, a sua soturnidade e escuridão lembravam-me da minha solidão ancestral. Reflectia na estranheza da minha ansiedade. Até a cidade, o lugar enigmático onde adorava perder-me e que eternizava na minha fotografia se tornava num espaço demoníaco, que me angustiava e que eu receava. O mundo tornava-se num lugar feio e difícil para os que sofriam. Fiquei com lágrimas nos olhos, mas consegui impedir que caíssem. Haveria de acorrentá-las por vergonha e necessidade. Para evitar imaginar o dia em que eu e a vida estaríamos do mesmo lado, dei por mim a contar as ruas até à faculdade.

Assim que o carro parou, pousei os pés no chão com calma e despedi-me do condutor. O ar fresco de Outono envolveu-me e concentrei-me nessa sensação. Sempre gostei de dias frios, porque, quando me arrepiava, lembrava-me de que estava viva. Ajeitei a bolsa no ombro, fechei os botões do *cardigan* branco e dirigi-me para o anfiteatro. Ainda que estivesse a evitar o contacto visual com os presentes, consegui avistar alguns colegas e o meu orientador. Arranjei forma de lançar um sorriso e sentei-me sozinha numa das últimas filas. Guardei os auriculares e tirei o bloco de notas. De caneta pousada na boca, olhava para as páginas em branco. Não seriam, certamente, pano de fundo para uma data de apontamentos inteligentes e úteis para a minha investigação. Destinavam-se aos rabiscos abstractos de uma universitária aborrecida e sem rumo.

Pouco antes de o seminário terminar, recebi uma mensagem de Simone a relembrar-me do pequeno tasco onde almoçaríamos a diária. Naquele momento, apenas sentia náuseas e nada de apetite, no entanto só me queria ver livre daquele espaço mal arejado. Assim que os aplausos terminaram, levantei-me. Contudo, o meu orientador fez-me sinal para que aguardasse por ele. «Só me faltava esta», pensei.

— A Lola não me tem respondido aos *e-mails* — repreendeu-me, quando se aproximou de mim no corredor.

— Desculpe — comecei por dizer —, mas tenho estado a trabalhar na tese, não se preocupe.

— Quem tem de se preocupar é a menina — avançou com condescendência. Olhava-o impassivamente. Caso ele não se pronunciasse mais, daria a nossa conversa por terminada num ápice. Quando o meu olhar se deslocou para a caixa de escadas que me levaria até à saída, o Dr. Sousa Mendes informou-me que se tinha debatido a minha data de apresentação. No momento em que ele me indicara que tínhamos de conversar, receei escutar estas palavras. Revelou que o meu seminário ocorreria dentro de um mês, mas que me avisaria assim que a data fosse agendada. Enquanto tentava afastar-me do compasso temporal, ansiando que ele estagnasse até que eu conseguisse puxar a minha alavanca de vez, ele bloqueava-me de frente. Para mim, esta apresentação afigurava-se como uma grande prova. Teria de seguir este cronómetro que me era imposto, não obstante as lutas radicais da minha mente. Se fosse crente, poderia pedir e contar com o auxílio de um Deus para me manter sã e me ajudar a dar seguimento às actividades básicas que o meu cérebro se poderia recusar a levar a cabo. Mas eu tinha renunciado a qualquer divindade há muito tempo. Quando se bate de frente com a loucura e o descontrolo, torna-se difícil acreditar em algo que não seja deste mundo. E, sem me poder fiar em Deus, era a mim que estava entregue.

Depois de mentir e assegurar ao meu orientador que estava tudo a postos, fiz uma breve caminhada até ao restaurante onde almoçaria com Simone. Encontrei-a sentada ao lado de uma janela, a passar os seus longos dedos pelo visor do telemóvel. Os seus cabelos ruivos estavam presos dentro do sobretudo de fazenda, realçando a simetria do seu rosto. Ao sentar-me, reparei no maço de tabaco pousado na mesa, que

me indicava que Simone me aguardava há algum tempo e que se escapara para fumar, nesse entretanto. Pouco depois de nos cumprimentarmos, o empregado veio até à nossa mesa para nos expor as três diárias. Simone pediu o prato vegetariano e eu limitei-me a fazer eco do seu pedido.

— Ainda bem que viemos almoçar juntas hoje — disse-me.

— Então? — perguntei, reflectindo no quanto a adorava. Ela não se dava a conversas de circunstância para encobrir as aflições da alma. De forma honesta e sem pudor, falava do que tinha a falar e confiava em mim para colher toda a informação.

— Estive um pouco adoentada, na semana passada. Fiquei por casa a trabalhar em vez de me juntar à Sofia e ao Pedro, num café. Quase não vi ninguém durante toda a semana e já estava a sentir-me super sozinha. Estou contente por estarmos aqui hoje.

— Estás a descrever o meu paraíso, mas compreendo que para alguém como tu seja particularmente difícil lidar com tanto tempo a sós — expliquei-lhe, sorrindo.

— Eu sei que gostas da tua pequena caverna, mas eu não sou assim — afirmou, abrindo os braços. — E novidades? Já não nos vemos desde a noite do Le Chat Noir. Disseste-me que a Catarina acabou com o Tiago. Ela está a lidar bem com a situação?

— Sim, parece-me que sim. Na verdade, não temos falado muito sobre isso. Acho que não tenho sido grande amiga. Tenho tido outras coisas na cabeça... — murmurei, enquanto punha os meus olhos na janela e apertava os lábios com os dedos.

— Que outras coisas? — perguntou Simone, após uns momentos de silêncio. O nosso olhar encontrou-se. Ela pedia-me que partilhasse e eu implorava-lhe para que me deixasse estar. Neste jogo de petições, eu sabia que sairia perdedora. Simone não me permitiria escapar. E, de certo modo, sabia que

tinha proferido as últimas palavras para que ela me forçasse a desentalar os meus pensamentos. Partilhar não se assumia como a minha tarefa de eleição; mas sabia que o oposto tinha repercussões amargas para a minha saúde mental.

— É o doutoramento — disse finalmente, fixada na louça da mesa. Conseguia sentir Simone a aguardar que eu cedesse um pouco mais de informação, por isso prossegui a um ritmo lento.

— Era a única coisa que tinha como certa na vida. Mas algo não está bem. Não me sinto motivada.

— Mas deixaste de te sentir animada, de repente?

— Não sei — disse-lhe, encolhendo os ombros. — A vida é um conceito confuso para mim. Mas os meus estudos sempre fizeram sentido, no meio disso tudo — tentei respirar fundo, antes de continuar. — Ainda que continue a adorar literatura, tenho a sensação de que perdi o propósito que me leva a continuar o doutoramento.

— Mas, Lola, eu acho que tu nunca soubeste o que querias fazer com ele... — disse-me com cautela, enquanto barrava manteiga no pão.

— É verdade, mas a minha paixão pelos livros era suficiente para me manter no doutoramento e agora parece que deixou de ser. Não me preocupava muito com o que faria depois. Sempre achei que, daqui a uns anos, teria encontrado uma solução. Mas algo mudou.

— O teu doutoramento era a única coisa que tu controlavas — declarou Simone. O meu rosto embruteceu e os meus maxilares cerraram. Apoderei-me do tempo necessário para assimilar as palavras da minha amiga, que estava certa. Ela estava certa. Desde sempre os livros assemelharam-se a um trampolim, lançando-me de volta para a vida e contrariando um dos meus talentos: a queda. Pouco depois de me mudar para a Faria Guimarães, consegui uma bolsa que me permitira dar início à tese. Mais uma vez, a literatura dava-me a mão e

puxava-me para o meu melhor lado. Agarrei a oportunidade e dediquei-me aos meus estudos, que me concediam o isolamento e a paz de que tanto necessitava. A minha mente, nesse período, recuperara um pouco de silêncio. O meu doutoramento poderia não salvar a economia de um país, mas dava sentido à minha vida e empurrava-me para a frente. Não era muito, mas era alguma coisa. Agora, de súbito, esta ausência de rumo voltava a acenar-me em força. De manso, ela espreitava e sorria-me, dizendo-me que estava de regresso. Pensei que se tivesse esquecido de mim para sempre, mas relembra-me da nossa proximidade e de que tinha sido apenas uma questão de tempo até nos encontrarmos de novo.

Entretanto, o empregado regressara, deixando a minha quiche entre os meus punhos cerrados. A minha amiga espetou os seus talheres na comida de imediato, mas eu encarava a minha e perguntava-me como seria capaz de terminar aquele prato.

— Comecei a ter pesadelos outra vez — revelei a Simone, passando os dedos pelos talheres.

— Não consegues mesmo perceber o que te está a deixar assim?

— Não consigo entender os porquê. Apenas sei que me sinto instável e inquieta. Os meus truques para lidar com a ansiedade estão a falhar. — Antes de prosseguir, tentei respirar fundo, mas não fui capaz. — Estou a ficar assustada, Simone. Como sou bolseira, terei de apresentar resultados da minha investigação, em breve. O meu orientador falou-me também de um seminário que terei de dar, dentro de um mês. Eu vou para as bibliotecas, mas não estou a conseguir trabalhar. Não costumo levar os prazos muito a sério, mas estes são importantes e estão a afectar-me.

— Se não conseguires, não te vai acontecer nada. Olha, pronto, não conseguiste. O mais importante é entenderes o que

se passa na tua cabeça. Tens falado com a tua mãe ou com o teu pai?

— Troquei umas mensagens com o meu pai, recentemente. Está tudo bem com ele. Já não falo com a minha mãe desde o dia em que conheci o Pedro — após referir o nome dele, enfiei uma garfada na boca para me impedir de continuar a falar. Esta alusão tinha-me surpreendido a mim mesma e pedia a todos os anjos deste meu inferno para que Simone a deixasse passar.

— Eu sei que é difícil abrires-te, mas tu és cínica relativamente a tudo na tua vida por causa da tua mãe. O que estás a conseguir com isso, Lola?

— Viraste psicóloga, agora? — perguntei-lhe, erguendo a sobrancelha.

— Olha, se não tens dinheiro para ir a um psicólogo a sério, tenho de fazer o trabalho — respondeu-me, libertando uma risada. Juntei-me a ela e, pela primeira vez nesse dia, consegui respirar fundo.

— Por falar em dinheiro, esse é outro problema — acrescentei, enquanto pousava os talheres na beira do prato. — Estou a ter dificuldades em pagar as contas sozinha. Se esta ansiedade não me matar, será este país a fazê-lo. A minha bolsa é superior ao salário mínimo e, mesmo assim, vejo-me à rasca para pagar as despesas. Pouco viajo e não tenho grandes gastos. Leva-se uma vida de merda, Simone... — acabei por dizer. As minhas palavras não soavam a lamúrias. Eu estava apenas cansada da vida mecanizada e apertada que levava.

— Sabes que te entendo. Fiz das tripas coração para mudar de vida. Já não aguentava mais não ter dinheiro para nada.

— Fazer das tripas coração? — perguntei-lhe, rindo-me outra vez. Estar com Simone era a melhor terapia gratuita que poderia ter.

Servindo-se agora de um sotaque cerrado do Norte, a Simone

repetiu a expressão, o que provocou uma grande gargalhada. O tasco era pequeno, por isso a nossa risada alcançou todos os cantos do estabelecimento num instante.

— Comecei a nossa conversa perto do choro e agora aqui estou eu, a tentar controlar o riso — confessei-lhe, depois de beber um copo de água de uma vez.

— Queres regressar já ao estado depressivo? — perguntou-me, erguendo o seu copo como se a isso brindasse. — O que se passa entre ti e o Pedro?

— Não se passa nada entre nós — respondi-lhe, metendo outra garfada à boca. Parecia-me que tinha encontrado a forma de me alimentar hoje.

— Vá lá, Lola. Deixa-te dessas coisas. Estou cansada deste esforço de te arrancar factos honestos sobre a tua vida. Gabas muito a minha sinceridade, mas, quando chega a tua vez, a história é outra — disse-me, enquanto acenava ao empregado para lhe trazer outro fino. — É evidente que ele está interessado em ti. E tu?

— É complicado...

— Não é nada complicado. Tu é que complicas. Vês? Era disto que estava a falar há pouco. Enquanto não resolveres os problemas com a tua mãe e ultrapassares isso, nunca vais conseguir entregar-te a alguém. Estou mesmo a ver que o Pedro vai sair magoado no meio disto tudo.

— Em primeiro lugar, não compreendo o que a minha mãe tem que ver com os meus sentimentos pelo Pedro. Em segundo, ele é adulto. Se sair magoado, tenho a certeza de que ficará bem.

— Os teus sentimentos pelo Pedro... Foi isso que ouvi? — perguntou-me, num tom jocoso. — Claro que ambas as coisas estão relacionadas, Lola. Resolve as coisas com a Dulce. Além disso, o Pedro é adulto, mas tu também o és.

— Vamos lá pôr fim ao sermão, que não és Santo António e

eu não sou peixe — disse-lhe, lançando um sorriso amarelo.

— Quem é esse?

— Simone, o *Sermão de Santo António aos Peixes*? Do Padre António Vieira? — perguntei-lhe, incredulamente.

— Não vou à missa. Não sabia que tu ias... — respondeu-me com genuinidade, dando particular ênfase ao pronome pessoal. Não resisti a soltar outra gargalhada e perguntava-me o que teria Simone andado a fazer durante as aulas de Português do ensino secundário.

— Olha, por falar em Pedro, acho que ele vai jantar a minha casa no sábado. A Catarina convidou-o, numa noite em que nos cruzámos com ele. Queres vir? Acho que vai ser um pouco estranho se formos apenas os três. Aliás, ainda nem percebi esse convite por parte da Catarina. — Depois de convidar Simone, lembrei-me de que ainda nem tinha enviado uma mensagem ao Pedro quanto ao jantar.

— Acho que vai ser igualmente estranho se formos os quatro. Quem tem de jantar são vocês os dois... — disse-me de modo pragmático, enquanto fazia sinal para que nos trouxessem a conta.

Simone deixara-me sem grande resposta, mas eu reconhecia que ela estava certa, mais uma vez. A inércia e o cinismo, além de não me terem levado longe, tinham-me arrastado para perto de um estado de alma do qual tentava escapar agora. Quando reflectia sobre o meu passado, reconhecia que me tinha entregado à passividade. Por não acreditar nas intenções e nos sentimentos daqueles que me rodeavam, tinha-me remetido a um canto solitário e pacífico. Os livros e a fotografia davam-me um pequeno empurrão para a vida, mas, mais tarde ou mais cedo, chegava sempre o momento de recolhimento. A minha caverna, como lhe tinha chamado Simone, tinha-me protegido de me tornar num bicho ferido. A minha infância e adolescência já tinham feito que chegasse. Mas era-me evidente

que o meu tempo estava contado e agora não seriam os outros a destruir-me, mas eu a mim mesma. A ansiedade dizia-me que, apesar de não saber como, tinha de me atirar à vida. Caso contrário, a queda aguardava-me. Tinha medo de voltar a desmoronar. Lembrava-me daquele meu grande vazio. A passagem dos dias era dura. Mais duro ainda era saber que o mundo girava sem mim. Chegara-me até a faltar forças para me atirar para a banheira e me lavar de todo o desalento.

A ideia de regressar aos seminários, naquela tarde, aborrecia-me. Apetecia-me mandar tudo às urtigas. Porém, era a noite do Le Chat Noir que martelava na minha cabeça. O momento em que Pedro destapara o seu rosto como se se despiasse de todas as máscaras, para se fixar na minha lente ou em quem se encontrava por detrás dela, perturbava todas as ínfimas partes do meu corpo. Não sabia como, mas teria de fazer o mesmo. Queria fixá-lo com a mesma honestidade. Queria fixar-me à vida com exuberância e destemor. Queria pertencer ao mundo como se fosse meu também. Queria deixar de ser uma estrangeira dentro do meu próprio corpo. «Merda!», pensei. Mais uma vez, era um peixe em terra, mas agora era eu que me pedia «aprende a respirar». Será que conseguiria?

— Eu pago! — disse Simone. Por me estar a digladiar com os meus pensamentos, nem me tinha apercebido de que a conta tinha chegado à nossa mesa. Depois de eu lhe agradecer pela oferta do almoço, Simone levantou-se da mesa e perguntou-me se voltaria para a faculdade. A verdade é que não sabia o que fazer.

— Ainda não sei. Acho que vou perceber isso quando me meter ao caminho — confessei-lhe, à porta do tasco. Simone sorriu e abraçou-me com a ternura habitual, antes de partir.

Enquanto abria a minha mala para retirar os auriculares, observava a minha amiga a caminhar pela rua abaixo, confiante como uma guerreira. Decidi absorver alguma dessa

confiança e lancei-me ao caminho. Antes que mudasse de ideias, enviei uma mensagem ao Pedro a convidá-lo para jantar comigo, nessa mesma noite. Não poderia aguardar pela noite do dia seguinte ou de sábado, já que a minha mente e as minhas vontades me poderiam atraindoar nesse período de tempo. Quando me aproximava do metro, a minha *playlist* de *indie rock* silenciou-se para dar lugar a um telefonema do Pedro. «Mas que raio! Quem é que ainda liga a alguém, em pleno século XXI?» Ponderei em deixar a chamada cair, mas decidi atender.

— Desculpa estar a ligar-te, mas é mais fácil comunicarmos assim do que por mensagem — começou por dizer Pedro, que provavelmente detectou o meu desconforto quando atendi a chamada.

— Não tem mal — menti. Assim que parei de reflectir sobre uma data de formas mais confortáveis para dialogarmos, ocorreu-me que o tinha convidado para jantar e estaria prestes a saber a sua resposta. Geralmente, pouco me importaria se o convite seria aceite ou não. Mas, desta vez, para meu desgosto, importava-me e não era pouco.

— Esse é o tal jantar de que a tua amiga me falou?

— Não — disse-lhe. Tossi umas quantas vezes, enquanto pensava numa forma de lhe explicar que se tratava de um jantar a dois. — Estou a convidar-te para jantarmos em algum sítio.

— Ah — disparou ele, seguindo-se uma pequena risada. — Está bem, alinhó. Esta deve estar a ser uma chamada desafiante para ti...

Enquanto o escutava a rir-se, eu deixava escapar uns sorrisos mudos. Lembrei-me, no entanto, de que estávamos ao telemóvel e ele não teria como saber o que se passava do meu lado.

— Estou a sobreviver! — disse-lhe, provocadoramente. —

Envio-te os detalhes por mensagem. Até logo.

Depois de desligar a chamada, enviei a morada do restaurante ao Pedro e entrei no metro. As explorações dos outros não me retirariam mais tempo. Decidi visitar mais uma vez a Casa-Museu Marta Ortigão Sampaio, onde passaria a tarde, e assim que chegasse a casa pegaria na *Olympus* e deixá-la-ia no estúdio habitual para que me revelassem o rolo. Esta noite, ainda não poderia mostrar as fotografias tiradas no Le Chat Noir ao Pedro. Porém, poderia fazê-lo em breve. Esperava, no entanto, contar com a bênção daquele majestoso gato preto. Pedia que ele me abençoasse com as cartadas da sorte e que guardasse o *Joker* para si mesmo.

7.

Quando cheguei ao restaurante, situado na Baixa, avistei Pedro, que já se encontrava confortavelmente sentado numa das mesas. Como era quinta-feira, o restaurante estava quase vazio, o que nos dava uma privacidade impossível de encontrar nas noites movimentadas do fim-de-semana. Antes de me sentar, cumprimentei-o e coloquei o meu *blazer* de veludo nas costas da cadeira. Ele vestia uma camisola de gola alta preta, à Steve Jobs, e tinha o rosto apoiado nas mãos enquanto me encarava, sorrindo e dando-me tempo para me instalar. Os seus cabelos escuros volumosos estavam despenteados, concedendo-lhe uma aura um tanto caótica, que me agradava bastante. Depois de me sentar, devolvi-lhe um sorriso tímido. A minha timidez não advinha do desconforto que me era familiar nestas situações. Provinha, antes, da sensação de ser vista pelos olhos mais profundos da minha história.

— Não trouxeste as fotografias que tiraste naquela noite?

— Desculpa, mas ainda estão a revelar — expliquei. Tinha realmente pena de que não as conseguíssemos ver esta noite.

— Posso começar com uma confissão? — perguntou-me. Deixei espreitar um sorriso expectante e assenti com a cabeça. Tal como a Simone, Pedro não ia ceder o nosso tempo a conversas de circunstância. — O teu convite apanhou-me de surpresa.

— Já somos dois... — disse-lhe com calma, na esperança de ouvir a gargalhada de Pedro.

— Acredito — começou por dizer, enquanto satisfazia os meus desejos. — Lembras-te de me dizeres, na noite do Le Chat

Noir, que a rotina comanda a nossa vida? É verdade, acho que todos sentimos o mesmo, mas, desde que te conheci, tenho a sensação de que há um furo na minha.

A cadência dos nossos diálogos era geralmente lenta. Não apressávamos as respostas. Éramos pacientes. Sabíamos que desnudar a alma levava o seu tempo. Eu reconhecia que, da minha parte, era-me necessário mais do que tempo. Requeria destruir as minhas barreiras mais cruas. Assim, quando conversávamos, as ansiedades do mundo ficavam à porta, impedidas de entrar e de nos perturbar.

— Mas é estranho. Vimo-nos poucas vezes...

— Exacto. É estranho, não é?

Quando caímos no silêncio, apercebemo-nos de que duas cartas estavam pousadas na nossa mesa. Demos uma vista de olhos e fizemos sinal ao empregado para que recolhesse o nosso pedido. Como pressentindo a nossa urgência, ele deslocou-se à mesa de imediato. Não houvera grandes indecisões da nossa parte. Esta refeição não tinha sido mais do que um pretexto para a nossa comunhão e não estávamos dispostos a delegar o nosso tempo a algo mais do que isso.

— Como é que conhecestes a Simone? — perguntou-me Pedro, retirando o guardanapo de cima do prato.

— Conhecemo-nos por acaso. Eu tinha-me mudado há pouco tempo para a Faria Guimarães. Estava numa loja de vinhos da Baixa, perto da Rua do Almada, e a Simone também estava lá. Eu estava a vasculhar os álbuns na zona do *jazz* e ela começou a conversar comigo. Já sabes como a Simone é...

— A Simone é única... — suspirou Pedro, oferecendo-me mais um sorriso.

— Lembro-me de ficar um pouco desconfortável no início, mas rapidamente me senti à vontade com ela. Primeiro, conversámos sobre música. Ainda me recordo da forma expansiva com que ela se expressava. Ela gesticula muito com

os braços, como os italianos que vemos nos filmes, não é? — perguntei a Pedro, que aquiesceu com a cabeça. — Achei piada à autenticidade dela. Faltavam-me pessoas assim na minha vida. Depois, fomos combinando um café aqui, outro ali. Não houve um momento em que eu me apercebesse de que éramos amigas. Acho que a nossa amizade surgiu no instante em que ela me falou, naquela loja de vinis. Isso para mim é muito raro. Aliás, é único.

— Já vives há muito tempo na Faria Guimarães?

— Há pouco mais de três anos — respondi, sem saber se deveria entregar mais informação. Estava consciente de que conversar sobre a minha mudança significaria retroceder ao meu passado. Nesse momento, retirei o lenço do pescoço e pousei-o na cadeira. — E tu, és mesmo do Porto?

— Sou, vivo perto da tua faculdade. Vivo com a minha irmã mais nova.

— Ela está a estudar?

— A Rita trabalha e estuda. Gostaria que o meu salário fosse um pouco mais alto, para que ela se pudesse concentrar apenas no curso dela. Mas, para já, tem de ser assim...

— Ela não pode contar com a ajuda dos teus pais?

— Não — disse-me Pedro de forma lânguida, enquanto encolhia ligeiramente os seus ombros. — Os meus pais divorciaram-se quando eu era muito novo. O meu pai era alcoólico. Eu e a Rita não temos relação com ele. A minha mãe recebe o mínimo, por isso eu e a minha irmã tomámos a decisão de nos tornarmos independentes, assim que nos foi possível, para lhe darmos algum desafogo.

— Lamento pelo teu pai, mas tenho a certeza de que a tua mãe está muito orgulhosa de vocês.

— No início, foi difícil para ela. Eu sabia que ela queria fazer mais por nós. Sentia-se impotente por não conseguir e eu sentia-me impotente por não ser capaz de lhe mostrar que

estava tudo bem. Acho que, na nossa sociedade, os pais sentem uma pressão constante em ter de dar tudo aos filhos. Têm de os sustentar, é certo. Mas, a meu ver, isso não é tudo. A minha infância não foi fácil, mas poderia ter sido bem pior se não tivesse a mãe que tenho. Espera! — interrompeu Pedro, de súbito, soltando uma pequena risada. Eu estava tão presa às suas palavras, que a sua interrupção me surpreendeu. — Já estou a falar demasiado.

— Não, continua, por favor — disse, para assegurar a Pedro que as minhas antenas não recolhiam nada mais, neste momento, do que a sua história. Ele olhou-me, durante uns segundos, e prosseguiu.

— Bem, a minha mãe não esperou muito para se divorciar. Poderíamos ter passado um inferno com o meu pai, mas ela não arriscou. Ela ofereceu-lhe ajuda, antes e depois do divórcio. Ele nunca aceitou. Mas a sua prioridade foi proteger-nos sempre. Por isso, custava-me quando ela se martirizava tanto pela nossa situação financeira. Nunca houve falta de amor na nossa casa, apesar de tudo. Acho que agora ela entende que nos deu o mais importante. E, afinal de contas, eu tenho trabalho e, não tarda muito, a minha irmã também estará licenciada.

— A tua mãe parece uma mulher admirável.

— Obrigada. — A sua palavra de agradecimento veio em grande paz. — Sabes? Ela lia para mim e para a minha irmã quase todas as noites. Não foi o suficiente para me fazer apaixonar pela leitura, mas pronto — disse-me, soltando uma breve risada.

— Acho que há uma ponta de solidão profunda na alma de todos os leitores. Tu és um tipo cheio de sorte. A tua mãe não permitiu que tu soubesses o que isso é. Talvez por isso sejas imune à magia dos livros — disse eu, piscando-lhe o olho.

— Então, isso significa que és uma miúda cheia de azar? — perguntou-me Pedro, num tom desafiador.

— Longe disso! Só que a minha cabeça — respondi, tocando com as pontas dos dedos na têmpora esquerda — é um sítio um pouco confuso.

— Isso não passa despercebido — respondeu-me, o que nos levou a partilhar uma breve gargalhada.

Nesse momento, o empregado aproximou-se para nos servir o jantar. Fazendo jus à estética do restaurante, o bacalhau vinha servido numa travessa *vintage* verde-seco, daquelas com que esbarramos constantemente nas feiras de antiguidades. Apesar do bom aspecto, o meu apetite continuava por terras alheias. Servir-me-ia dos talheres para passear a comida pelo meu prato. Ainda que me fosse difícil alimentar o meu corpo, a conversa e a companhia eram combustão para a minha alma. Esta noite, isso parecia-me suficiente.

— Geralmente, brinda-se à saúde e ao sucesso. Brindemos nós à paz — sugeri a Pedro, erguendo o meu copo.

— Brindamos a que tipo de paz? — perguntou-me, depois de encostarmos os nossos copos e saborearmos o vinho do Douro.

— Toda a paz é importante. Mas que seja à paz neste país que está à beira do colapso e à paz de espírito.

— Viste as notícias hoje?

— Sim, a demissão do primeiro-ministro. Parece que a Sofia se enganou quando disse que achava que isso não ia acontecer. A nossa esperança naquela corja é mesmo reduzida — suspirei —, mas ainda bem que ela estava errada.

— Sabes o que vai acontecer agora?

— Acho que cabe ao presidente da República aceitar a demissão. Mas o que é que ele vai fazer perante esta situação? Não aceitar?

Enquanto Pedro saboreava a refeição, confessava que tinha esperança de que esta catástrofe política trouxesse ao país um novo caminho. Na sua perspectiva, o país precisava urgentemente de pôr um ponto final na corrupção. Lançou

várias críticas às políticas do governo e à nossa gente. Eu, que me entretinha com o garfo, escutara as palavras dele e sentia umas ganas dentro de mim que me arrepiavam a espinha. Dava-me a sensação de que eu e Portugal navegávamos em barcos distintos, ainda que lado a lado. Não havia lugar para logros. A tormenta ainda estava longe de acabar. No entanto, fervia em mim uma vontade de guerrear o que se avizinhava. Não travaria apenas a minha guerra interior. Travaria a do meu país também.

— E então, o que te dá paz de espírito? — perguntou-me Pedro. Eu estava tão absorta nos meus pensamentos, que precisei de uns segundos para me recordar do nosso brinde.

— O meu casulo — comecei por lhe dizer, deixando sair uma risada contida. — Mas há dias em que nem ele é suficiente — acrescentei, reduzindo ligeiramente o tom. Quando tentei dar seguimento a esta resposta, reparei que tinha a voz presa. Ocorreu-me que o meu próprio corpo tinha os seus truques para ludibriar a minha mente. Apesar de me querer exprimir e partilhar, ele lembrava-me que o caminho estava impedido. Mas toquei na garganta com os dedos e soltei a voz. — A arte, de forma geral. Não só os livros, mas a música, a fotografia, o cinema...

— A arte ajuda a encontrares-te?

— É isso mesmo. Sempre me senti bastante só. Quando era mais nova e tinha as tardes livres, não ia para as esplanadas com os meus colegas. Saltava de museu em museu ou enfiava-me no cinema, sozinha. Precisava de respostas. Tinha tantas perguntas. — Pausei o discurso por uns segundos para reunir mais palavras e, entretanto, pousei os talheres, indicando que a minha refeição estava terminada. — Era como se estivesse à procura de uma chave que me daria acesso a soluções.

— Mas não achas que te terias sentido menos sozinha se tivesses estado nesses cafés com os teus colegas?

— Não. Eu nunca me senti propriamente sozinha. Eu sou solitária — disse-lhe, tentando manter-me íntegra. — Há dias em que esses sentimentos me incomodam e me fazem sentir um bicho estranho. Outros dias, aceito-os como parte de mim — terminei, encolhendo os ombros.

— Será que, apesar de todas as tuas andanças solitárias, te escapou que todos nós nos sentimos bichos estranhos...? — perguntou Pedro, de cotovelos em cima da mesa e dedos entrelaçados. — Nós, seres humanos, estamos conscientes do nosso fim. Não há outro ser no planeta que esteja consciente da sua própria morte. Ainda assim, damos uma passada em frente todos os dias. Como poderíamos não ser todos um pouco estranhos?

— Quase parece que andaste a ler uns livros de Filosofia! — disse-lhe, erguendo a sobrançelha direita e bebendo mais um pouco de vinho.

— Nada disso — respondeu-me Pedro, com as mãos no peito como se em acto de contrição. — Não tenho de ler. Basta estar vivo para saber estas coisas — respondeu-me, e soltámos uma gargalhada, que terminou num suspiro mútuo.

— É pegar ou largar, não é? — perguntei-lhe. — A vida...

— No fundo, é. É assim que tento viver a minha, pelo menos. Nem sempre consigo. Mas tento... — disse Pedro, deixando os seus pensamentos inacabados a pairar na mesa.

Quando mencionara estas palavras, roçara com a cabeça no ombro direito. Primeiro, cedendo ao meu escape, ocorreu-me que gostaria de ter a *Olympus* comigo. Mas rapidamente me apercebi de que a máquina, pela primeira vez, não seria suficiente para eternizar este momento. Que se lixasse a *Olympus*! Era o meu corpo que teria de marcar e de ser marcado. Quando o vira a tocar no seu próprio ombro, invejara a sensação. Queria tê-la como minha. O meu olhar, que pousara inicialmente nos seus ombros, elevou-se para o seu

rosto, adornado pela barba escura. Pedro fixava-me também, numa impavidez artificial, que me indicava que também ele tentava reprimir o desejo. E eu já desejara pessoas antes, mas esta ânsia desesperada de cravar as mãos em alguém era-me desconhecida. Além de o meu coração estar prestes a detonar, deparava-me com um ardor entre as pernas que chegava a ser doloroso. Interrompendo este silêncio brutal e visceral, o empregado pousou a conta na mesa. Era como se, de súbito, me tivessem dado um grande abanão e me tivessem arrancado do nosso limbo. Estava um pouco atordoada e tive alguma dificuldade em encontrar a carteira. Dava-me a sensação de que desaprendera de me mexer, durante estes breves minutos. No fundo, o meu corpo dificultava-me todos os movimentos, excepto um: aquele que me levasse até Pedro. Dividimos a conta e levantámo-nos para vestir os casacos, ainda em silêncio. Preparei-me com calma, na tentativa de reaver o meu fôlego. Depois de enrolar o lenço no pescoço, vesti o *blazer* e, quando o fiz, apercebi-me de que o meu peito, ligeiramente descoberto pelo decote em barco, estava transpirado.

Enquanto Pedro fechava a porta do restaurante com zelo, para evitar que batesse com a força do vento, eu apertava o meu lenço contra o pescoço e abanava as pernas para me aquecer. Ele acendeu um cigarro e fizemo-nos ao caminho, sem acertarmos qualquer destino. Sabia que caminhávamos em direcção às Galerias de Paris, no entanto, ainda que não soubesse com que propósito. Apesar de o restaurante nos ter concedido privacidade, a vida nocturna portuense estava bem desperta, dominada pela camada estudantil. Conversávamos sobre música, com alguma paixão à mistura. Pedro poderia ser imune à beleza das letras, mas era um verdadeiro melómano. Comentava, no entanto, a frustração que sentia por nunca ter aprendido a tocar um instrumento. Mas, dizia ele com algum pragmatismo, achava que também não teria grande aptidão.

Quando lhe lembrei que tempo era algo que não nos faltava até ao dia em que desaparecia por completo, perguntou-me se o meu fascínio pelos livros algum dia me levaria até à escrita. Expliquei-lhe que era algo que pairava na minha mente, de vez em quando, bem como um futuro na fotografia. Contudo, acrescentei, parecia-me que para escrever era necessária uma maturidade de existência que eu não tinha ainda atingido.

Já nas Galerias de Paris, aproximámo-nos do Le Chat Noir, e a imagem daquele imponente gato preto veio-me à cabeça. De certa forma, dava-me a sensação de que caminhávamos para o nosso local de culto e de protecção como se ele nos fosse dar um mapa para a noite. Lembrei-me do que pedira ao felino, nessa mesma tarde, e tinha chegado o momento de recolher as minhas cartas. Apesar de as condições atmosféricas serem pouco agradáveis, centenas de estudantes enchiam a rua. Muitos eram fiéis à noite desta cidade. Assim como a arte me acalmava as inquietações da mente, a boémia era a chave para eles. À medida que andávamos, ouvia-se quase tanto a língua inglesa como a portuguesa. Eu observava a facilidade com que debitavam palavras e invejava-os. Ainda que continuássemos a tagarelar sobre as nossas bandas favoritas, eu reconhecia que a verdadeira comunicação, aquela pela qual ambos ansiávamos, estava reprimida.

— Anda! — disse Pedro, enquanto me puxava pela mão e entrávamos no Le Chat Noir. Assim que pusemos os pés lá dentro, ele cumprimentou Bruno. Lembrei-me de que era um dos rapazes que trabalhavam no bengaleiro e que também o tinha fotografado, na última noite em que aqui estivera. Depois de trocarmos umas palavras rápidas com ele, afastámo-nos, dirigindo-nos ao sofá de flores, onde fotografei Pedro. — Eu quero tirar uma fotografia tua, neste mesmo lugar. Com o telemóvel, nada de analógico — terminou, rindo-se.

— Foi para isso que viemos cá? Podias ter avisado, que me

tinhas poupado as pernas — disse-lhe, pincelando a verdade com um toque humorístico. — Nem penses, Pedro — finalizei, fazendo um sinal com o dedo, indicando que ele tinha perdido o juízo.

— Estou a ver que enviar *nudes* não é contigo — alegou ele, o que nos levou a partilhar uma risada sentida. — Sem brincadeiras, agora — continuou Pedro, encetando uma seriedade que me limpou o sorriso do rosto. — Eu não consigo tirar aquela noite da cabeça. E, em todas as fotografias que tiraste, eu estou lá, mas tu não. Estás do outro lado da câmara. Invisível, como tu gostas. Mas eu gostava de te ter deste lado, também. Tu és volátil, Lola. Estamos aqui hoje, mas não sei se estaremos amanhã. Não tenho grandes expectativas. Mas, pronto, gostaria de ter uma recordação tua, neste lugar... Tu ficas com as minhas fotografias e eu fico com a tua. — Ele expressava-se de modo pausado e honesto.

Quando ele cedeu ao silêncio finalmente, não encontrei grandes palavras para dizer. Pedro tinha razão em tudo o que dissera e eu sentia-me aliviada. Não só estávamos a comunicar com transparência, como estar consciente da sua perspectiva realista me sossegava. Carregar as expectativas dos outros era uma cruz que eu dispensava. Por isso, não ripostei e dei-lhe autorização para captar o meu retrato digital. Antes de encarar o telemóvel, peguei em todos os meus cabelos e lancei-os pelo ombro direito a baixo, cobrindo parte do meu peito. Assim que Pedro tirou a fotografia, perguntou-me se eu gostaria de ver o resultado, mas recusei. Não precisava de dar de caras comigo mesma; viver na minha mente já era desafiante que chegasse. Nesse momento, aproximei-me de Pedro e deixei que os seus olhos caíssem sobre os meus. Com os rostos quase encostados, coloquei os meus dedos nos seus lábios para impedir que me beijasse. Precisava, primeiro, de me obrigar a fixar aquele olhar escuro e apocalíptico. A guerra final estava à espreita e,

enquanto o olhava, perguntava-me que tipo de combatente seria eu. Assim que baixe os dedos, beijámo-nos quase de modo violento. Ele agarrava o meu rosto com ambas as mãos e eu invadi os seus cabelos desgrenhados com os meus dedos. De olhos cerrados, entregávamo-nos à comunhão pela qual tanto aguardáramos. De súbito, Pedro afastou-se de mim para me perguntar se poderíamos ir para minha casa. Era mais próxima, justificou ele. Apesar do desejo brutal que emanava dos nossos corpos, aquele casulo continuaria a ser apenas meu. Por isso, sugeri a casa dele. Respondeu-me que não havia problema, especialmente porque a irmã trabalhava à noite, num bar da Baixa. Referiu o nome do estabelecimento, mas nada fixei. Concentrava-me no esforço para estabilizar as minhas mãos e as minhas pernas, que tremiam.

Antes de sairmos do Le Chat Noir, olhei de esguelha para a pintura bizarra e apressei o passo para a rua. Caminhávamos energicamente entre as pessoas, quando Pedro esticou o seu braço pelos meus ombros e me puxou para si com uma força primitiva. Apesar de não emitirmos palavras, ríamo-nos com vivacidade. Eu afastava-me dele e ele voltava a agarrar-me. Puxávamo-nos mutuamente e as nossas pernas tocavam-se. Ocorreu-me que isto deveria ser felicidade ou algo muito semelhante. Não me era muito familiar. Entretanto, Pedro sugeriu chamar um *Uber*.

— Mas vamos afastar-nos daqui, porque os preços vão estar inflacionados — sugeri.

— É nisso que estás a pensar? — perguntou-me, com o telemóvel na mão, soltando uma gargalhada.

— Tenta ser bolseiro, neste país, e vais ver se também não te lembras destas coisas. Eu não vou a lado nenhum sem ti, tu não vais a lado nenhum sem mim. Podemos poupar uns trocos, por isso, anda — disse-lhe, rindo-me, puxando-o pela rua abaixo.

O nosso *Uber* não tardou a aparecer e saltámos para dentro

dele. O condutor cumprimentou-nos com um sotaque carioca. Enquanto Pedro conversava com ele, lembrei-me de que era a segunda vez que esta aplicação me levava ao meu destino, hoje. Nessa mesma manhã, enquanto a cidade se desenrolava perante os meus olhos, eu encarara-a com estranheza e receio. Os meus 27 anos não me permitiam a ingenuidade de que eu necessitava para acreditar num amanhã muito diferente, mas concediam-me alguma destreza para me distanciar desse futuro próximo, por uns momentos. Por isso, olhava agora as ruas da cidade, mal iluminadas, compassivamente. Pedro, enquanto escutava o condutor, tocou-me na coxa como se me pedisse que regressasse a esta viagem. E eu regresssei.

— Com filhos é complicado. Sempre que saía para trabalhar e me despedia deles, me perguntava se os veria de novo. Além disso, a minha filha mais nova tem autismo. A minha irmã já vivia em Portugal. Então, a gente se mudou.

— Chegou ao ponto em que é sair para não morrer? — perguntei ao condutor.

— É mesmo isso. A gente deixou o Brasil para não morrer — respondeu-me com pragmatismo. — Aqui a escola pública é muito boa. A minha filha tem o apoio que precisa. Estamos bem.

Após ouvir as suas palavras, pensei nas severas críticas que tecia ao meu país e disse a mim mesma que afinal nem tudo era mau. Porém, lembrei-me de todos aqueles que se serviam das nossas condições meteorológicas favoráveis, das nossas praias ou da nossa *joie de vivre* para vangloriar o nosso país e afirmar que nem se vive muito mal por terras lusitanas. Por isso, para evitar aliar-me a esse grupo, virei costas ao meu próprio pensamento. Talvez não fosse tão mau aqui, mas poderia ser bem melhor. Devíamos ao nosso país uma luta, que eu sabia não ser a última.

Quando nos aproximávamos do destino, o Pedro deu umas

dicas que facilitariam o percurso e, por conseguinte, chegámos num instante. Despedimo-nos calorosamente do condutor e desejámos-lhe uma boa noite de trabalho. Assim que entrámos no apartamento, que me deu logo a sensação de ser pequeno, mas arejado, despi o casaco de veludo e pousei-o num cabide que encontrei e sem que tal me fosse recomendado. Lancei-me sem grandes cerimónias à divisão principal, que acolhia uma data de móveis IKEA. Mas houve uma parede que se destacou de imediato e que eu admirava, enquanto Pedro me perguntava se não queria beber alguma coisa. Recusei, em tom absorto. Aquela parede continha longas prateleiras de madeira velha, que serviam de casa para uma carrada de vinis. Pareciam-me algumas centenas, pelo menos. Como na loja da Baixa onde conheci Simone, Pedro colocara pequenas etiquetas, que separavam a sua colecção por géneros. Eu passava os dedos pelos vinis, quando ele me perguntou o que queria ouvir. Pedi-lhe que me surpreendesse.

— Também deves ter uma boa colecção, não? — perguntou-me, abraçando-me por trás com um braço e recolhendo um vinil com o outro.

— Nem por isso. Gosto de andar pelas lojas de vinis, mas raramente compro. Tenho apenas os meus álbuns favoritos. A verdade é que já gasto dinheiro que chegue em livros. Compro a maioria em segunda mão. Mas, quando se trata de novidades, não há outro remédio que não seja comprá-los novos. E, como sabes, também são bastante caros... — respondi-lhe.

— Pois, é verdade. Mas a tua biblioteca deve ser incrível — disse-me, dirigindo-se para um gira-discos castanho com o vinil nas mãos.

— Sim, tenho umas centenas de livros. Mas a minha biblioteca não é tão organizada quanto a tua — informei-o, soltando uma risada. — Tenho uma estante, mas a maioria dos meus livros estão acumulados no chão, em grandes torres — ao

transmitir-lhe esta informação, fiz um gesto com a mão que indicava que as minhas pilhas de livros eram da altura da minha anca, aproximadamente.

Sempre adorara aquele som da agulha no início do disco. Anunciava-me que estava prestes a iniciar uma viagem sensorial e visceral. Desta vez, sabia que estava mesmo. Pedro escolheu um álbum de *soul*, que mais uma vez me remeteu para a nossa noite no Le Chat Noir, e deslocava-se de canto em canto para desligar algumas luzes, que nos revelavam demasiado. Quando terminou, virou-se para mim. Estávamos em lados opostos da sala visto que eu ainda não me tinha distanciado das prateleiras dos vinhos. O meu ritmo cardíaco voltava a anunciar-me que precisava do corpo dele. Esta noite tinha-me mostrado que desejar alguém poderia ser doloroso. Era uma urgência física. Era uma impossibilidade de existir sem esta comunhão dos nossos corpos. Era uma necessidade brutal de tê-lo dentro de mim. Por isso, aproveitando o seu olhar que me observava ávida e curiosamente, comecei por descalçar os meus sapatos *Dr. Martens*. Depois, obedecendo à calma a que estávamos habituados, desapertei o cinto e tirei as minhas calças de cintura subida. O Pedro continuava imóvel, como se adivinhasse que esse era o meu grande desejo. Os anos de leituras feministas tinham-me levado a descartar o sutiã do meu guarda-roupa há muito tempo, por isso, assim que despi a camisola de malha, a única coisa que sobrava eram as minhas cuecas pretas. Toquei nas minhas mamas, pequenas e redondas, e encontrei os meus mamilos erectos. Pedro começara a desapertar as suas calças e, nesse momento, caminhei até ele, dando pequenas passadas. Aproximei com lentidão o meu rosto do seu e, assim que roçaram, afastei-me. Tirei-lhe a camisola de gola alta. O seu corpo anunciava-me que os seus dias eram passados a viver e não a treinar. Beijei o seu peito com ternura e ele abraçava-me contra si. A forma como os nossos corpos se

tocavam concedia-me uma honestidade e transparência brutais. Eles falavam aquilo que nunca conseguiríamos pronunciar. Diziam amo-te em várias línguas, sem que esgotássemos as palavras. Era esse o sentimento que fluía nesta ligação perfeita dos nossos corpos. Enquanto Pedro baixava as calças e os *boxers*, eu tirei as cuecas. Completamente nus, olhávamo-nos como dois bichos estranhos que éramos. Não havia pudor. Não havia mentira. Era o que era. A vida e o amor gozados no momento, na antecipação de fugir à morte por uns instantes. Era como se tivéssemos esperado toda a nossa existência por este momento ancestral. Beijámo-nos de novo e a minha boca dizia-me que, a partir de agora, nos dias em que estivesse longe da dele, se sentiria estranhamente desorientada. Como fizéramos no bar, agarrámo-nos com violência. Após longos beijos, ele sentou-se no sofá e eu coloquei-me por cima dele. Ele beijou-me o pescoço e foi descendo em direcção ao meu peito e até às mamas. Enquanto me lambia e mordida os mamilos, a minha boca beijava o topo das suas orelhas. Peguei-lhe no rosto e beijei-o sofregamente, enquanto conduzia a sua mão até à minha vagina húmida, como se lhe dissesse que estava pronta. Ele pôs o preservativo, sem parar de me beijar. Antes de me penetrar, tocou-me no clitóris demoradamente, fazendo-me gemer.

Ao contrário do que me acontecera nas últimas relações casuais que tivera, o meu cérebro não foi o senhor do momento. A racionalização e a deslocação deram lugar a uma entrega absoluta. As mãos dele cravavam-se nas minhas ancas com alguma agressividade, tentando controlar os meus movimentos. Para evitar que o fizesse, realoquei-as para o meu pescoço. Pedi-lhe que esperasse por mim e ele assim o fez, sem me apressar. Ao mesmo tempo que estava ligada ao corpo de um outro alguém, sentia-me livre. As noções de tempo e de espaço esvaíram-se da minha mente, dando lugar ao único

vazio confortável que alguma vez conhecera. Pouco depois, viemo-nos ao mesmo tempo, suspirando o prazer final nos ouvidos um do outro.

Quando regresssei à terra da consciência plena, levantei-me para virar o vinil, que, entretanto, se tinha dado ao silêncio, e pedi a Pedro um pouco de água. Quando ele regressou da cozinha com um copo na mão, envergando já umas calças de fato de treino, o meu corpo embalava-se ao som da música.

— Pensei que só dançavas quando a pista está cheia — disse-me, entregando-me o copo para as mãos. Bebi a água toda de uma vez para me escapulir ao seu comentário. A verdade é que estar com Pedro se tornara estranhamente confortável para mim.

— Não tens frio? — perguntou-me, pegando na minha camisola de malha e passando-ma. — Acho que vou ligar o aquecedor.

— A nudez incomoda-te? — inquiri, soltando uma risada.

— Nada disso. Só não quero que fiques doente — justificou-se, com alguma honestidade. — Mas, para ser sincero, admira-me que estejas tão à vontade com a nudez.

— Acho que é algo natural. Não foi assim que viemos ao mundo? Não compreendo o pudor que existe em volta do corpo nu. Sempre achei engraçada essa necessidade de nos vestirmos mal o sexo acaba...

— Viemo-nos ao mesmo tempo — riu-se, ao mesmo tempo que me fazia sinal para que eu regressasse ao sofá.

— Pensei que isto era uma artimanha que os filmes nos vendiam — respondi-lhe, o que nos levou a partilhar uma breve risada. — Tiveste de aparecer na minha vida para me mostrar que não é.

Carreguei as minhas últimas palavras de honestidade. Não havia muitas garantias na nossa relação, mas teria vendido a alma ao Diabo para que ele acreditasse nisto. Ainda dava por

mim, muitas vezes, num estado de maravilha por me ter cruzado com Pedro. E, por isso, estava grata à entidade que dominava este mundo podre. Entrelaçámos os nossos dedos e, durante uns minutos, ficámos em silêncio. Entregámo-nos a carícias ternas e beijámo-nos.

— Em que estás a pensar?

— Em nada — apressei-me a responder.

— Por cada mentira, levas com uma — disse, atirando-me à cabeça uma almofada do sofá. Tapei o rosto para me proteger de futuros ataques e voltámo-nos a rir. Perguntei-lhe que idade é que ele tinha, mas Pedro ignorou-me e pediu-me para partilhar o que me ia na cabeça ou a segunda investida estava pronta para ser lançada.

— Eu falo. Vou destapar o rosto. Não me atires essa almofada — rendi-me, ainda perdida de riso.

— Prometo! Estás segura!

Assim que tirei as mãos do rosto, mandei-lhe a almofada, que ele me arremetera, à cabeça.

Ajeitei o cabelo e a camisola de malha, mas decidi aguardar que ambos recuperássemos o fôlego para me exprimir:

— É simples. Estava a pensar que gosto de ti.

— Vamos à varanda para eu fumar um cigarro? — perguntou-me, após um demorado suspiro.

Assenti com a cabeça e levantei-me para recolher o resto das minhas coisas do chão. Enquanto me vestia, Pedro estava fixado no telemóvel. Quando nos sentámos nas cadeiras da varanda, disse-me que a sua irmã iria dormir na casa do namorado, por isso estávamos à vontade. Era um 10.º andar. O céu estava escuro e a luminosidade das ruas da cidade não era suficiente para nos iluminar. Éramos dois vultos e uma ponta de cigarro.

— Então, tu gostas de mim — afirmou, piscando-me o olho.
— Eu também gosto de ti. Onde é que isso nos deixa? —

perguntou-me. A sua voz chegava até mim invulgarmente insegura.

— Não sei — disse-lhe devagar, abanando os ombros, ainda que provavelmente ele não conseguisse ver. — Acho que estaremos aqui para descobrir.

— Estou tramado com os teus problemas de compromisso — respondeu-me, com um toque de humor, enquanto dava uma passa no cigarro.

— Acho que é um pouco mais complicado do que isso — esclareci, rindo-me. — Mas também não saberia explicar muito bem.

— É pegar ou largar, lembrás-te?

— Lembro. Mas não é fácil aprender a pegar, quando tudo o que sempre soubemos foi largar... — respondi-lhe, apertando os lábios com as pontas dos dedos.

— Foi por isso que te mudaste para a Faria Guimarães? — perguntou-me, como se andasse às apalpadelas.

— Na verdade, mudar-me para lá foi um dos maiores passos que dei em frente.

— O que é que deixaste para trás?

— Sabes quem é a Dulce Gaspar? — perguntei-lhe, após me dar ao silêncio por uns momentos.

— Sim, claro. Acho que até já conversámos sobre ela...

— Ela é minha mãe — revelei-lhe, com os olhos postos na cidade. — O meu pai é arquitecto. Eles divorciaram-se quando eu tinha 12 anos. Durante todo esse período, nunca entendi por que motivo se casaram. Doze anos é muito tempo. Na minha casa, os silêncios eram constantes. Não só entre eles, mas entre os três. Nunca senti grande amor. A minha mãe passava muito tempo a viajar dentro e fora do país. O meu pai também passava pouco tempo em casa. A minha avó criou-me. Depois de se divorciarem, a minha mãe saiu de casa e levou-me com ela. Pensei que as coisas iriam melhorar. Conversávamos mais,

mas dizíamos muito pouco. Pergunto-me muitas vezes por que nasci. Sempre senti que ela guardava algum ressentimento quanto a mim. Acho que não queria ter filhos. Porque me teve, então? Não sei...

— Alguma vez conversaste com ela sobre isso?

— Não, sempre me faltou coragem. Bem, o tempo foi passando. Assim que me tornei maior de idade, arranjei um *part-time* numa livraria Bertrand de centro comercial. Queria depender menos dos meus pais. Aliás, não lhes queria dever nada. Já sentia que a minha existência era um fardo para eles. Isso já chegava. Mas, entretanto, comecei a ter episódios complicados e frequentes de ansiedade. Então, antes do doutoramento, saí de casa dela. Falo ocasionalmente com eles, mas nada de especial.

— Tendo em conta todo o trabalho dela, não achas que haverá uma explicação para tudo isso? Desculpa, não te quero aborrecer. Não estou a tentar desculpá-la...

— Há uma explicação para tudo, não é? — perguntei-lhe retoricamente. — É por causa da luta dela que nunca entendi o que é que eu estava aqui a fazer. Não queria ter filhos, não tinha — acrescentei de forma pragmática para segurar as lágrimas que se acumulavam nos meus olhos. — Para responder à tua pergunta, sempre me pareceu que ela carregava algo sozinha. Eu nunca soube o que é. Não sei se o meu pai sabe, sequer. Mas, se isso é verdade, poderia ter conversado comigo. Mas atribuir-me culpa por algo que nunca estive nas minhas mãos não me parece muito justo...

— Não deve ser fácil crescer numa casa sem grande amor — disse-me Pedro delicadamente.

— Tenho de o procurar dentro de mim. Não é o que se diz por aí? — perguntei-lhe, num tom jocoso.

— Acho que é mais ou menos isso — respondeu-me, rindo-se e abraçando-me.

Senti-me cansada. Lembrei-me de que estava a dever horas à cama por causa da noite anterior e disse a Pedro que tinha de ir embora. Ele perguntou-me se queria ficar, mas eu recusei. Queria voltar para minha casa. Já na entrada do apartamento, depois de vestir o *blazer*, adiantei-lhe que estava a pedir um *Uber* e que chegaria num tirinho. Beijámo-nos, quando abri a porta, e ele disse-me:

— Não desapareças.

Assenti com a cabeça e lancei-lhe um breve sorriso. Quando cheguei à rua, a aplicação ainda me indicava que teria de esperar uns minutos. Entretanto, recebi uma mensagem de Pedro a pedir que olhasse para cima. A visibilidade não era muita, mas acabei por distinguir um vulto a acenar-me de uma varanda bem alta. Ri-me sozinha no meio da rua e acenei-lhe de volta. Enquanto o fazia, pensava no facto de que nós éramos isto: dois seres, em patamares diferentes, que se olham e tentam desesperadamente reduzir a distância que se impõe. Aqui estava eu, em baixo, com os pés cravados à terra e ciente de que tudo isto rebentaria mais cedo ou mais tarde; e ele, ali em cima, afirmando-se consciente do nosso futuro, mas inevitavelmente iludido. Pedro tinha razão quando me recordava que a vida era pegar ou largar. E eu havia de chegar lá. Eu haveria de saber pegar. Mas, como dizia a minha avó Teresa, «Roma e Pavia não se fizeram num dia». Eu não era excepção.

Quando entrei no *Uber*, reconheci a voz do condutor. Era o mesmo que nos tinha trazido da Baixa para casa de Pedro. Conversámos um pouco sobre os percursos que fizera desde que nos deixara, até que lhe perguntei se era feliz deste lado do oceano.

— Essa é uma pergunta complicada de responder — começou por me dizer, rindo-se. — Me sinto seguro e isso dá muita paz à gente. A minha família está bem aqui. Mas felicidade é um

conceito complexo. O que é a felicidade para você?

— Pois, é difícil de explicar. Mas se tivesse de escolher um adjetivo seria fugaz.

— São instantes, é verdade. Aproveite a juventude. Quanto mais velhos somos, mais raros esses momentos se tornam. Tornamo-nos menos impressionáveis e menos excêntricos. Mas, de modo geral, acho que sou feliz aqui, sim.

— Ainda bem — respondi-lhe. — Acho que a ideia de felicidade é necessária para que continuemos a querer viver. Mas, na prática, acho que a dificuldade e a tristeza nos definem mais do que propriamente a felicidade. São elas que nos fazem e são elas que impulsionam a nossa mudança. Parece-me que a felicidade é aquela bolacha do pacote que a vida nos dá para nos calar um pouco.

— Uma visão um pouco pessimista, não lhe parece? — comentou, enquanto me olhava do retrovisor e soltava uma pequena risada. Anuí com a cabeça, dando a mão à palmatória, e também me deixei rir. Estávamos perto da Faria Guimarães, por isso coloquei a minha mala no colo. — Eu acho que a felicidade não é algo que nos acontece, que a vida nos dá. É algo pelo qual lutamos. Seria impossível sermos sempre felizes. Como você disse, é fugaz. Também não queria me sentir sempre feliz. Deixaria de ser especial. Mas a gente tem de fazer por esses pequenos momentos. Não é a vida que lhe dá a bolacha. É você que a vai buscar.

Como era habitual, tive de pedir ao condutor que parasse e explicar que a minha porta se encontrava numa zona pedonal, por isso faria o restante caminho a pé. Antes de me despedir, perguntei-lhe o seu nome. Rodrigo, respondeu. Enquanto caminhava para o prédio, dei a minha primeira gorjeta a um condutor da *Uber*, através da aplicação. Depois de bater a porta de casa, olhei para o relógio e vi que passava um pouco da uma da manhã. Estava tudo silencioso. Catarina já estava

naturalmente a dormir. Tomei um banho rápido e deitei-me. No dia seguinte, antes de ir para a universidade, teria de avisar que não haveria jantar com Pedro. Apesar do sono que carregava, o meu peito apertou-se. Estava com receio de adormecer e ser avassalada pelos meus terrores nocturnos, de novo. Lembrei-me de uma dica que a miúda do *Victan* me dera uma vez e instalei uma aplicação de meditação, que supostamente seria um auxílio para as noites difíceis. Aquela melodia, que me lembrava os *spas* que eu não visitava, bloqueou os meus gatilhos e impôs um cessar-fogo com uma brevidade que não previra.

8.

Estava a perder a conta às vezes em que me forçara a ficar concentrada nos livros. Sempre que alguém passarinhava pela biblioteca, lá me fugia a atenção, distanciando-me dos textos teóricos e dos livros de Rosa Montero. Quando regressara à faculdade para assistir aos seminários dos meus colegas, o meu orientador informara-me que a minha data não ocorreria dentro de um mês, como inicialmente previsto. Para piorar uma situação que já me angustiava, comunicou-me que afinal a minha apresentação teria lugar na primeira semana de Novembro, deixando-me pouco mais de uma quinzena para preparar a comunicação. Pelos vistos, hoje celebrava-se o Dia de Finados e parecia-me que eu estava em sintonia com a porra do calendário. No momento em que o meu orientador me cedera essa triste e indesejada informação, disse-me:

— Suponho que esta antecipação não seja um problema, certo? A Lola tem estado mesmo a trabalhar na tese... — A última frase foi proferida num tom peculiar, deixando-me indecisa se tinha sido uma pergunta ou uma afirmação insegura. De qualquer das formas, a minha resposta haveria de ser a mesma. Estava tudo a postos. Não valia a pena servir-me de grande honestidade. A apresentação teria de acontecer antes que o ano terminasse e eu preferia fazer esta via-crúcis sozinha. A última coisa de que necessitava era de uma carrada de *e-mails* do meu orientador a encher-me a caixa de entrada, preocupado com o desenvolvimento do meu trabalho.

Agora, a uns míseros dias da apresentação, deslizava os meus medíocres dispositivos, que não eram muito mais do que uma

reescrita fatela da apresentação do ano anterior. Saberá que, após o seminário, não me escaparia a uma grande conversa com o meu orientador, mas em tempo de guerra cada um luta com as armas que tem. Enquanto escrevinhava mais uma data de notas, recebi uma mensagem de Pedro a dizer-me que passaria pelo Palácio de Cristal, antes de ir para a Baixa trabalhar. Desde o nosso jantar, só nos encontráramos numa sexta à noite, para beber um copo. Mas o ambiente ficou estranho, quando recebi uma mensagem do tatuador com quem me correspondera há umas semanas no *Tinder*. Não tínhamos falado mais desde que desaparecera para encontrar-me com Catarina. Na verdade, nem me tinha lembrado de recorrer ao *Tinder*, neste entretanto. Ri-me da minha sorte. «Como se tu sozinha não bastasses para pôr isto tudo a arder!» No entanto, deveria admitir que havia uma parte de mim que admirava a pontaria do tipo para me enviar uma mensagem, num dos meus escassos momentos com Pedro. Dava-me um certo regozijo quando a minha vida não corria bem. Era-me familiar e isso lembrava-me que tudo continuava a girar como era suposto. Até ao momento em que a desgraça se tornava demasiada e perdia qualquer comicidade. A minha primeira reacção, depois de receber a mensagem, foi bloquear o telemóvel para lhe retirar a luz do visor. Depois passei os olhos pelo bar, enquanto me ocorria que, apesar de não dever explicações a Pedro, sentia ganas de lhe dizer que o *Tinder* me aborrecia de morte. Aliás, ultimamente, quase tudo me aborrecia de morte. Mas não ele. Não o Pedro. No entanto, decidi servir-me do humor para amenizar a tensão que aquela notificação do *Tinder* tinha deixado na nossa mesa:

— Não tenho usado o *Tinder* — disse-lhe, abrindo os braços como se reforçasse a minha honestidade. — Com esta história dos seminários, não tenho grande tempo em mãos.

Ele não achou grande graça ao comentário. O ambiente

acabou por se tornar mais leve com o decorrer da noite, mas cada um foi sozinho para sua casa. Apesar da geração em que estava inserida, comunicar por mensagens era somente um pretexto para combinar saídas. De resto, o meu tempo de antena para a conversação digital era reduzido. Assim, eu e Pedro não tínhamos tido grande contacto ao longo destes dias. Quando saí da biblioteca, ele já se encontrava sentado num dos bancos mais próximos, a fumar um cigarro. Como era habitual, trazia calças pretas e envergava o mesmo sobretudo da noite do nosso jantar. À medida que me aproximava, fechei os botões do meu casaco de fazenda e aconcheguei o meu cachecol de lã.

— Já tens tudo pronto? — perguntou-me, depois de nos cumprimentarmos com um abraço.

— Quase — respondi-lhe, abanando os ombros. — Já me acostumei à ideia de que vou fazer uma triste figura. Custa-me um bocado, porque sempre tive uma carreira académica decente. Não estou habituada a sentir-me assim.

— Está quase a passar. Não te preocupes.

Sabia que era alento que as palavras de Pedro me queriam dar, mas não podia deixar de pensar que este seminário estava longe de ser o meu grande problema. Assim que passasse e tivesse de me debater com as minhas perspectivas de futuro, ficaria com um bem maior em mãos. Para esse, não tinha ainda solução. Mas anuí com a cabeça, como se as suas palavras me tivessem apaziguado.

— Olha, vai passar uma cinebiografia sobre o Jimi Hendrix, em breve, no Cinema Trindade. O filme já tem alguns anos, mas acho que estão a fazer um ciclo sobre artistas. Queres ir?

— Podemos ir — disse-lhe com o ânimo que consegui encontrar. Nestes dias, andava vadio. Pedro falou-me um pouco sobre o dia que o esperava e disse que tinha de ir andando. Antes de nos levantarmos, dei-lhe um beijo meigo e sorri-lhe de forma vaga. Ele disse-me que não entendia metade dos meus

sorrisos mudos. Na verdade, nem eu. Por isso, não disse muito mais e comecei a afastar-me, em direcção à biblioteca.

Quando me sentei na mesa, agradei à rapariga a quem tinha pedido para me vigiar o computador. Apesar de nunca termos trocado grandes palavras, costumávamos cruzar-nos na biblioteca. Não era particularmente afável e, sempre que acatava este género de pedidos, o seu incómodo transparecia. Eu acabava por ter alguma relutância em dirigir-lhe a palavra, mas preferia isso a regressar da casa de banho e encontrar uma mesa vazia. Depois de actualizar a caixa de entrada do correio electrónico, verifiquei que tinha recebido um *e-mail* da Universidad Complutense de Madrid. Ainda que inicialmente o tivesse estranhado, assim que os meus olhos começaram a seguir as primeiras linhas da mensagem, recordei-me do que se tratava. Há uns meses, seguindo o conselho do meu orientador, tinha-me candidatado a uma outra bolsa, que me permitiria fazer parte da investigação em terras madrilenas. Segundo ele, a minha tese enriqueceria bastante com essa estada, já que teria acesso a uma biblioteca especializada em Literatura Espanhola e havia uma colega, nessa mesma universidade, que se dedicava à investigação da consciência feminina na contemporaneidade espanhola, nomeadamente na obra de Rosa Montero. Ele estava certo de que ter um trabalho de co-orientação seria bastante benéfico para os meus estudos.

Tinha submetido a minha candidatura no semestre passado, por descargo de consciência. Não colocara sequer a hipótese de conseguir a bolsa, já que as probabilidades de isso acontecer eram míseras. Afinal, estes processos contavam com candidaturas de investigadores de todo o mundo, tornando-nos numa canzoada que corre em busca de um único osso. Devido a essa falta de esperança, a minha própria candidatura caíra no esquecimento. Mas, no fim de contas, Cristo não tinha sido o único a ressuscitar. No momento em que tinha aceitado o Dia

dos Finados como meu, eis que estava prestes a marchar de novo para a terra dos vivos. Consequira a bolsa de investigação. Não sabia muito bem o que fazer com isto, mas era alguma coisa. Reli o *e-mail* mais do que uma vez, para me assegurar dessa informação. Segundo María Pérez, a responsável do gabinete de projectos e candidaturas, a bolsa teria início em Fevereiro do próximo ano e duraria seis meses. O valor, que me viria dar o desafoço de que tanto necessitava, seria pago em duas prestações. Indicava-me ainda que integraria automaticamente o grupo de investigação que se dedicava aos Estudos de Género na Universidad Complutense. Fiz uma pesquisa rápida para confirmar se a colega que o Dr. Sousa Mendes tinha mencionado se encontrava nesse grupo. Não só fazia parte como era a coordenadora.

Decidi arrumar a minha tralha e dar uma caminhada até à Faculdade de Letras. Precisava de requisitar alguns livros e este curto passeio ajudar-me-ia a arejar a mente. Esperava, no entanto, não me cruzar com o meu orientador. Queria estar segura da minha decisão quando o colocasse a par desta novidade, para que não fosse influenciada pelo seu parecer, que viria bem assertivo.

Ao entrar na biblioteca da faculdade, avistei o Vasco, um rapaz com quem tinha feito algumas cadeiras do mestrado, sentado numa poltrona de pele. Sabia que, tal como eu, ele tinha prosseguido os seus estudos, mas estávamos em departamentos distintos. Tinha sido uma das poucas pessoas que gostara genuinamente de conhecer ao longo do meu percurso académico e já não nos encontrávamos pelos corredores há algum tempo. Quando estava prestes a seguir caminho para a zona de estudo, ele levantou os olhos do telemóvel e acenou-me. A sua expressão manifestava um misto de alegria e surpresa por me ver.

— Há quanto tempo! — começou por me dizer, de modo

entusiástico, quando me sentei na poltrona ao seu lado. — Tão bonita! Não sei se já te disseram, mas se cortasses o cabelo ficavas mesmo com um ar de Joan Didion — comentou, enquanto abria e fechava os seus dedos na zona da clavícula, em jeito de corte.

— Obrigada — agradecei-lhe. O seu comentário tinha disparado o meu riso. — Nunca me tinham comparado à Didion.

— Querida, mas há muita gente a ler essa musa em Portugal? — perguntou-me, erguendo a sobancelha. Eu ri-me de novo.

— Já não te via há algum tempo. Continuas por cá? Já me tinha ocorrido que talvez tivesses acabado o doutoramento. — A verdade é que não me tinha ocorrido nada disso. Não pensara nele, desde a última vez que o vira. Porém, nunca sabia muito bem como agir nestas circunstâncias.

— Não, nada disso. Quem me dera! — expeliu com alguma exasperação à mistura. Era por estas e por outras que ia com a cara dele.

— Sei que estás no Departamento de Estudos Anglo-Americanos, mas não sei qual é o tema da tua tese...

— Muito resumidamente, estou a estudar questões de identidade *queer* através da leitura de várias *memoirs* LGBTQIA +, publicadas nos Estados Unidos.

— Parece-me muito interessante — respondi-lhe com honestidade. — Quando não leio com propósitos académicos que, como sabes, nos roubam muito tempo, adoro ler livros de memórias. Já li algumas biografias LGBT, mas aceito sempre recomendações. Além disso, gostava de ler a tua tese, quando estiver terminada.

— Claro, filha, eu posso enviar-te uma lista. Ainda vai levar algum tempo para acabar a tese, especialmente agora. Mas eu aviso-te, quando isso acontecer — assegurou-me, abrindo os seus braços como se pedisse auxílio aos deuses da academia.

— Porque dizes isso?

— Vou mudar-me para a Alemanha, daqui a uns meses. O meu namorado é professor de Alemão, numa escola de línguas, mas não tem muitos alunos e o instituto não garante que abra uma turma, no próximo ano. Então, ele não quer arriscar. Quer voltar e eu vou com ele. Afinal, posso fazer a minha investigação em qualquer parte do mundo, certo? Só que acho que vou ter de encontrar um *part-time* qualquer e não vou ter tanto tempo disponível. Mas, pronto, em Berlim, temos o Berghain. Não há problema!

— Pois — murmurei com um sorriso no rosto, após alguns segundos em silêncio. — Talvez me vá embora também. Para Madrid — decidi acrescentar. De certa forma, agradava-me partilhar esta novidade, pela primeira vez, com o Vasco. Por não sermos próximos, a sua opinião seria imparcial e deixar-me-ia espaço para as minhas próprias reflexões.

— Vais desistir do doutoramento?

— Não. Quer dizer, não sei. Até hoje, isso era uma hipótese. Não tenho andado muito motivada — confessei-lhe, apoiando o queixo no meu punho cerrado. — Mas acabei de receber um *e-mail* da Universidad Complutense de Madrid a informar-me de que consegui uma bolsa para a qual me tinha candidatado, há uns meses. Basicamente, poderia continuar a minha investigação lá e teria a possibilidade de ter uma co-orientação.

— Lola — disse-me, pousando a mão na minha coxa, como se estivesse prestes a constatar um facto óbvio —, ainda não conheci ninguém que acorde motivado todos os dias para se fechar numa biblioteca e escrever uma tese. Há dias em que me apetece mandar tudo à merda.

— Sim, mas provavelmente tens alguma ideia daquilo que queres fazer com o doutoramento. Eu não posso dizer o mesmo. Estudar uma das minhas autoras favoritas mantinha-me aqui. De repente, sinto que já não é suficiente. Acho que o esforço

não compensa. Agora, não sei o que devo fazer. Por um lado, quero ir. Acho que esta oportunidade é aquilo de que preciso. Por outro, não sei se devo aceitar uma bolsa e mudar-me para um país, numa fase em que não sei se quero continuar com os meus estudos. Faz sentido?

— Claro que faz. Quanto tempo dura a bolsa?

— Seis meses.

— Por amor de Deus! — exclamou, colocando a mão no peito. — Seis meses? Pensei que seria um ano ou mais. Isso vai passar a correr. Além disso, estás indecisa se queres continuar? Tudo bem, mas tenho a certeza de que não vais deixar o ano lectivo a meio. Se o vais acabar, podes acabá-lo em Madrid. E pode ser que a tua estadia lá até te volte a dar motivação...

Dei-me ao silêncio, durante alguns momentos. As palavras do Vasco tinham assentado na minha alma que nem uma luva. Depois de quase me ter dado como vencida, neste Dia de Finados, eis que me cai um Messias na sopa e me diz exactamente aquilo que precisava de ouvir. Depois destes meses de ansiedade e desalento, eu tinha de me pôr na alheta. Não sabia o que faria no futuro. Eu tinha 27 anos e não fazia a mínima ideia do que me esperava nos restantes anos da minha vida. Mas o Porto não me estava a dar respostas. E eu recusava-me a fazer outro passeio de ambulância. Era um pouco confusa e muito angustiada, mas não me faltava inteligência. Lembrei-me dos edifícios amarelados da capital espanhola e do ambiente quente e sensorial que dominava as terras madrilenas. Se calhar, o que precisava era de me fundir nessas ruelas atrevidas e arrojadas.

— Obrigada, Vasco — disse-lhe, com a minha calma habitual. — Bem, vou requisitar uns livros. Quando puderes, envia-me a tal lista de recomendações. Se não nos virmos mais, boa sorte para a tua aventura na Alemanha.

Ele agradeceu-me e retribuiu os votos, acrescentando que a

boémia espanhola me cairia bem. Assim que me levantei, fiz-me sinal para cortar o cabelo e balbuciou o nome de Joan Didion, mais uma vez. Ao voltar a passar na entrada da biblioteca, segurando agora os calhamaços teóricos de que precisaria para o meu seminário, verifiquei que Vasco já tinha partido. Tinha gostado de o reencontrar.

Passava pouco das cinco da tarde quando arrumei os livros e abandonei a sala de estudo. Decidi parar no estúdio para recolher as fotografias reveladas da noite no Le Chat Noir. Tinha recebido uma mensagem a informar-me de que o material estava pronto há vários dias, no entanto, devido à acumulação de trabalhos, saía da biblioteca bastante tarde, apanhando a porta sempre fechada. Desta vez foi diferente.

Quando entrei em casa, chamei por Catarina, mas não obtive resposta. Isto tinha-se tornado habitual. Há duas ou três semanas que apenas nos cruzávamos de manhã para tomar o pequeno-almoço. De resto, ela costumava chegar a casa depois do jantar e pouco conversávamos. Sentei-me na cama e abri o envelope berrante do estúdio. Primeiro, encontrei umas fotografias que tirara, durante o mês de Agosto, nas ruas de Matosinhos. Simone lembrara-se de que tinha desejos de comer um bom peixe e insistira em irmos a um pequeno tasco, nessa zona. Recordo-me de ter reclamado com ela, porque haveria muita azáfama e teríamos de esperar por uma mesa. Não havia necessidade. Poderíamos comer o peixe numa área mais calma. Enfim, foi em Matosinhos que acabámos. O meu trabalho retratava as esplanadas, apinhadas de gente transpirada, que observava o peixe a ser grelhado nas bermas do passeio. Havia algumas gaivotas à mistura, o que me faria sempre recordar as proximidades do mar. Também tinha fotografado Simone, enquanto aguardávamos por uma mesa. Encostada a um poste de electricidade, segurava uma cerveja numa mão e um cigarro na outra. O analógico tinha concedido um contraste perfeito

entre a sua blusa branca e os seus cabelos alaranjados. Comecei a rir-me sozinha, neste meu quarto, quando me lembrei das palavras dela, antes de lhe ter tirado esta fotografia:

— Tanto tempo à espera por uma mesa! — expelira num tom rezingão.

— A sério? — perguntei-lhe, fazendo o meu melhor para reprimir uma gargalhada. — Eu não te disse isso antes de irmos?

— Sim, mas eu queria comer peixe aqui. Agora, já estou a perder a vontade. Com tanta fome, já comia qualquer coisa. O peixe não me vai saber da mesma forma — respondeu, mantendo o tom rabugento.

— Simone, tu és como as crianças. Ficas impossível quando o teu estômago está a dar horas — constatei, libertando finalmente o meu riso. Sugeri-lhe aproveitarmos este momento de espera para eu lhe tirar algumas fotografias e este tinha sido o resultado.

Depois destas, seguiram-se as imagens que tirara à família que encontrara na Rua do Almada, no final desse mesmo mês. Este menino emanava um fulgor que ainda me afectava de modo profundo. Num gesto irreflectido, toquei o rosto da criança. Nunca passava os dedos pelas minhas fotografias. A própria ideia causava-me arrepios, porém, não resisti. Olhei para ele e pensei em mim, quando tinha a sua idade. Não era tão feliz. Não tinha esta segurança. E os meus pais não me elevavam deste modo. Mas, pela primeira vez, expliquei à pequena Lola que ficaria tudo bem. Eu estaria aqui para me amparar e para pôr fim ao ponto morto. Já chegava disso e até de marcha-atrás. A minha vida mover-se-ia para a frente. Tinha tirado a fotografia seguinte no pico da minha ansiedade, naquela noite, no cruzamento do Túnel de Ceuta. Não dediquei muito tempo a analisá-la. Custava-me regressar a esses momentos. Tudo o que me ficava era uma vontade exasperada

de não mais lá voltar. Por fim, deparei-me com as fotografias de Pedro. Passei-as com alguma velocidade e depois retornei à primeira, aquela que julgava que seria a minha favorita. E não me tinha enganado. Durante algum tempo, duvidei de mim mesma. Pensei que talvez tivesse imaginado aquela ânsia de viver que me marcou terrivelmente. Quem sabe, tê-la-ia projectado nele. Mas não. Aqueles eram os grandes olhos, que não me mentiam. O sofá amarelado e floral dialogava de modo perfeito com as paredes vermelhas do lugar. As cores desta imagem eram muito bonitas. Tive vontade de mostrar as fotografias a Pedro, de imediato. Precisava que ele soubesse como eu o via. Mas, de repente, lembrei-me de Madrid e fiquei aliviada por ter alguns dias para reflectir sobre este assunto.

A vibração do telemóvel interrompeu os meus pensamentos. Era Dulce. As minhas mãos tornaram-se frias e, por uns momentos, fiquei quieta. Depois pousei o envelope com as fotografias atrás de mim e atendi a chamada. A minha mãe estava bem-disposta, ainda que detectasse cansaço na sua voz.

— Como estão as coisas? — perguntou-me, após os nossos cumprimentos iniciais.

— Está tudo igual — respondi-lhe com gentileza. A minha vida contava com algumas alterações. Mentira-lhe, como de costume, porque estávamos afastadas há muito. Na verdade, a única coisa que se mantinha igual era a nossa relação.

— O doutoramento está a correr bem?

— Está a correr normal — disse-lhe, levando as unhas à boca. Geralmente ela não me fazia perguntas tão específicas. O outro lado da linha permaneceu em silêncio, por isso senti-me compelida a continuar a falar. — Estás pelo Porto?

— Sim, vou ficar cá em cima até ao Natal. Na verdade, é por isso que te estou a ligar. Queria saber se vamos passar o Natal juntas, este ano.

— Acho que sim — respondi-lhe.

Desde o divórcio dos meus pais, eu passava todas as consoadas com a minha mãe. Quando era pequena, as nossas relações familiares eram limitadas. Apesar da irreverência da minha avó Teresa, a minha família alargada era bastante convencional. A minha mãe acabou por se afastar dela, deixando apenas a porta aberta à minha avó. O meu pai, por outro lado, era filho único e os meus avós morreram antes de eu nascer. Ele tinha alguns familiares, no centro do país, mas raramente se encontravam. Quando o casamento deles chegou ao fim, ele começou a viajar, durante o período das festas. No primeiro ano, assumi que precisasse de o fazer para se reencontrar. Porém, essa tornou-se na sua nova tradição e, sem que tivesse de me dizer, percebi que os natais seriam passados na companhia da minha mãe. A minha avó Teresa juntou-se a nós, todos os anos desde o divórcio. Desde que morrera, eu e a Dulce jantávamos sozinhas, naquela que fora a nossa casa. Era o único dia do ano em que lá entrava. Para mim, era uma noite agridoce.

— Ótimo... — disse-me, como se suspirasse e ganhasse forças para continuar a conversa. — Tendo em conta que vou passar mais tempo pelo Porto, poderíamos almoçar, um dia destes. Recentemente, uma amiga disse-me que estive na Casa de Chá da Boa Nova. Podíamos ir lá — a minha mãe fez uma pausa. O seu convite tinha-me deixado à nora. Os meus lábios penderam e, quando me preparava para lhe responder, ela continuou. — Fomos lá uma vez, quando eras muito pequena. Não sei se te recordas. Lembro-me de o teu pai te mostrar o espaço e te falar do Siza, muito fascinado.

Não me recordava desse momento. Pior do que não me recordar, eu estranhava-o. Não me soava a algo que tivesse acontecido. Aliás, o facto de a minha mãe me estar a convidar para um almoço e se estar a atirar a memórias passadas parecia-me bizarro. Ocorreu-me, por momentos, que ela

estivesse doente. Era isto que acontecia nos filmes. À presença de uma doença repentina e fatal, as pessoas tentavam reparar os laços outrora quebrados.

— Não posso, desculpa — comecei por lhe dizer, ignorando as suas palavras finais. — Vou ter de apresentar um seminário, esta semana. Como estou há algum tempo a trabalhar para isto, não tenho adiantado a tese, particularmente. Vemo-nos no Natal, pode ser?

Se Dulce ressentiu as minhas palavras, não o evidenciou. Disse-me, de forma afável, que entendia e que não havia problema. Noutro momento, teria aceitado este convite. Mas aguardavam-me algumas conversas difíceis, nas próximas semanas, e dispensava acrescentar outra à lista. Não éramos o tipo de pessoas que cediam o seu tempo a conversas inócuas apenas para continuar com um telemóvel ao ouvido e escutar a voz emitida do outro lado. Não éramos, de facto. Mas, mesmo que essa fosse a nossa natureza, não saberíamos como fazê-lo juntas. Por isso, pouco depois da minha recusa, despedimo-nos. Sempre que desligava as chamadas, tinha a sensação de que ficara tudo por dizer. Desta vez, quando pousara o telemóvel em cima do envelope das fotografias, sentira que comunicáramos mais do que o costume. Não saberia bem dizer porquê. Esta minha impressão não se devia às palavras ou ao convite de Dulce. Tinha sido o seu tom. Um tom que me desvelava somente uma coisa: saudade.

Sentada no metro, com um livro pousado nas pernas, observava as luzes do Porto, que interrompiam a escuridão daquela noite de Novembro. Ao contrário do que acontecia noutros lugares, as nossas linhas não eram subterrâneas. Assim, servirmo-nos deste transporte não nos dava bilhete de entrada nas entranhas da cidade. Éramos mantidos à superfície. O nosso metro nunca me agradara. Apesar de adorar o matagal urbano, apreciava a sensação de descer as escadas que nos encaminham para os metros subterrâneos, em breves e apertados saltos. Dava-me a impressão de adentrar o lado oculto das cidades. As estações quentes e fétidas eram as minhas favoritas. Davam-me um certo asco. Nem me sentava, enquanto aguardava pelo próximo metro. Por vezes, quando ouvia o estrondo daqueles comboios a chegar, fechava os olhos para acolher aquela brisa dissimulada. Aliás, quanto mais antigo e menos arejado fosse o metro, melhor. Dava-me vontade de lá sair rapidamente. Era um jogo de limbos. Alegrava-me visitar o pequeno inferno, dar um breve passeio e arremessar-me de volta para a vida. Mas o nosso metro era gentil e moderno. Forçava-nos a caminhar por entre a beleza da cidade. Não era engenheira e estava certa de que haveria alguma explicação para esta nossa estrutura. Porém, fazia-me falta uma pausa. Quando não conseguimos escapar à beleza, ela torna-se aborrecida.

No entanto, aqui seguia eu. Tinha convidado Simone para um jantar, no mesmo tasco ao qual tínhamos ido quando ela regressara do Japão. Fora lá que a minha amiga me contara sobre as suas aventuras nipónicas e me confidenciara que

estava prestes a mudar de vida. Eu não me dava a simbolismos, mas agradava-me a ideia de lhe falar sobre a minha ida para Madrid, nesse mesmo sítio.

Aceitara a bolsa há cerca de uma semana, na manhã do meu seminário. Além de Vasco, ainda não contara a ninguém. Quis fazê-lo sozinha. Quis fazê-lo por mim. Informaria as pessoas que me rodeavam, mas seria somente isso: uma informação. Parecia-me até que ter tomado essa decisão antes da minha apresentação me tinha concedido alguma sorte. É verdade que, desde que recebera o *e-mail* da Universidad Complutense, tinha sido visitada por uma energia e uma motivação que já não me eram familiares, há algum tempo. Espreitaram em todas as madrugadas, até à data do meu seminário, permitindo-me fazer algumas alterações e sentir-me mais bem preparada para o que me aguardava. Mas aceitar a bolsa naquela manhã tinha sido um acto quase religioso. Por isso, a minha apresentação esteve longe de ser o desastre que sempre imaginara. Quando as palmas se fizeram ouvir, olhei para o meu orientador. Ele sorria-me com um ar de quem tinha sido expectavelmente decepcionado, mas não tanto quanto previra. Era uma das poucas vezes em que estávamos de acordo.

Nesse dia, experienciara a excentricidade de quem dá uma bofetada a um inimigo. Eu não os tinha. Para isso, ainda era preciso algum investimento na humanidade. Mas a sensação deveria ser semelhante. Como celebração, percorri as minhas livrarias favoritas do Porto e comprei alguns livros, que acumulara numa lista de próximas leituras. «Que mãos-largas! Uma autêntica rebelde», pensei para os meus botões, com uma dose pesada de sarcasmo.

Quando caminhava para o restaurante, vi uma *sex shop*. Passava por esta rua com alguma frequência, mas nunca me chamara a atenção. Das duas uma: ou tinha aberto há pouco tempo ou eu andava com a cabeça nas nuvens. Qualquer uma

das hipóteses me parecia plausível. Tirei uma fotografia e enviei a Catarina. Há semanas que ela andava esquiva. Pensando bem, desde que acabara a sua relação com Tiago, víamo-nos e conversávamos pouco. Nos dias que antecederam o meu seminário, ela estivera mais caseira. Mas o único momento em que eu saía do quarto e me afastava da minha investigação era na hora do jantar, deixando-nos pouco tempo para falar.

— Conheceste alguém? — cheguei a perguntar-lhe, enquanto devorava um prato de esparguete integral.

— Não — respondeu-me, denunciando um tom de surpresa na voz. — Estás a perguntar isso porquê?

— Porque nunca estás em casa — acrescentei, tentando manter-me séria. A inibição antiquada de Catarina tinha uma certa piada. — Espero que saibas que não há problema se esse for o caso.

— Lola, pára de falar com a boca cheia — disse-me com alguma superioridade.

— Estou em casa! — respondi-lhe, enquanto me ria e tapava a boca com a mão direita.

— E? — perguntou-me, revirando os olhos. — Claro que não conheci ninguém. Como é que se conhece alguém sem ser pelo *Tinder*, hoje em dia? Impossível. Agora, toda a gente se conhece nessas aplicações.

— Nem sempre — disse-lhe, lembrando-me de Pedro. Sabia, no entanto, que Catarina tinha uma certa razão. Conhecer pessoas organicamente tornava-se cada vez mais raro, na nossa geração. Estas aplicações eram perfeitas para nós. Permitiam-nos seleccionar possíveis parceiros a partir do nosso sofá. Era mais uma experiência de consumismo *millennial*, que afinava a nossa preguiça existencial. Deslizávamos pelo catálogo e, baseando-nos numa questão puramente estética e frívola, seleccionávamos pessoas. Esta actividade concedia-nos um resguardo magnífico, já que diminuía as chances de rejeição.

Nunca saberíamos quem nos recusara. Apenas dávamos de caras com aqueles que nos desejavam. Apesar de ser um bom estratagema para um bando de jovens atarefados e com a inteligência emocional de um sapo, atribuía-nos a falsa sensação de que a vida é encantadora. Mas está longe de o ser. Afinal, em nada se parece com a experiência que temos nessas aplicações. Na vida real, estamos impedidos de fazer *swipe left* aos problemas. Teremos de os enfrentar, caladinhos e com astúcia. No entanto, como não haveríamos de ter dois parafusos a menos? Com tanto simulacro nas nossas vidas, torna-se difícil distinguir a realidade das ficções criadas por nós. Somos obrigados de modo sucessivo a compartimentar as nossas vivências. E fazemo-lo, tentando seguir os lemas do momento: sê inteiro, *carpe diem*. Como podemos ser inteiros se toda a nossa vida está fragmentada?

— Porque é que não crias uma conta? — perguntei, após não ter obtido resposta por parte de Catarina. O conceito do *Tinder* era bizarro, mas não lhe poderia negar utilidade e, apesar da minha questão, tinha quase a certeza de que a minha amiga tinha conhecido efectivamente alguém.

— O *Tinder* não é para mim. Não tenho nada contra as raparigas que estão lá, mas não é para mim — respondeu-me. Mais caricaturesco do que este nosso processo de nos fazermos à vida amorosa era o preconceito de Catarina em se juntar ao álbum fotográfico do *Tinder*.

— Como é que são «as raparigas que estão lá»? — lancei-lhe a pergunta, olhando-a de esguelha e com um sorriso sarcástico.

— Não te queria ofender, Lola — apressou-se a dizer, pousando a sua mão no meu braço. Naturalmente, não me tinha ofendido. O meu único objectivo era tentar desconstruir estas suas ideias.

A conversa morrera pouco depois. Catarina andava arisca e não se alongava muito. Por isso, em modos de provocação,

enviara-lhe esta fotografia da *sex shop*, escrevendo-lhe «Recomenda-se uma visita para a vida a dois ou mais; imperativo para solteiras». Recebi um *emoji* como resposta. Era um pequeno macaco, que encobria o seu rosto com as mãos. Tinha a certeza de que os macacos se divertiam mais do que ela. Soltei uma pequena risada, acenando a cabeça. A nossa próxima leitura não seria um Camus. Iria arremessar-lhe um livro feminista. No entanto, ocorreu-se-me num instante que a próxima leitura poderia não estar para breve.

Quando me aproximava do restaurante, avistei Simone, que caminhava na direcção oposta. Aguardei por ela à porta, enquanto esfregava as mãos para as aquecer. Este pequeno tasco agradava-me. Assim que entrámos, pedi uma mesa num dos cantos, para ficarmos mais à vontade. Simone sugeriu que o meu convite trazia água no bico e declarou que vinha de barriga vazia. Por isso, pediu ao servente umas entradas apetitosas e um vinho da casa.

— Tenho a sensação de que temos algo para celebrar. Se não for o caso, bebemos para esquecer — disse-me, num tom que lhe era muito próprio. O servente não tardou a deixar pão, rissóis e camarões na mesa. Ao contrário da nossa última refeição, senti bastante apetite para atacar estes pratos.

Antes de começar a falar da minha ida para Madrid, sorri-lhe. Não só me preparava para a conversa que se avizinhava, mas também lhe indicava que a partilha estava prestes a começar. Simone piscou-me o olho, lembrando-me que estava a postos. Comecei por lhe falar da bolsa e das especificidades da mesma, para terminar com o facto de que a minha decisão estava tomada e que tinha aceitado o lugar, há alguns dias.

— Lembras-te do que me disseste da última vez que viemos aqui? — perguntou Simone, após uns segundos de silêncio. — Disseste-me para seguir o meu sonho. Recordaste-me que conhecias alguém que tinha seguido aquilo que realmente

queria e que tinha acabado tudo bem. Agora digo-te o mesmo, Lola — assegurou-me, enquanto elevava o copo de vinho. — Tu vais ficar bem.

— Como os muçulmanos olham para Meca, eu olho agora para Madrid. O meu tempo no Porto esgotou. Pelo menos, por enquanto. Saí de casa da minha mãe e mudei-me para a Faria Guimarães em busca de paz, mas não foi suficiente. Eu queria autenticidade. De certa forma, ainda sinto que estou a viver uma projecção de mim mesma. A minha vida e aquilo que faço todos os dias ainda me parecem duas coisas distintas. Em Madrid, vou procurar um psicoterapeuta. Com a bolsa, acho que o conseguirei fazer. Tenho de perceber melhor a minha cabeça. Tenho de aprender a gerir a minha ansiedade. Não pode continuar a desordem que é.

— Brindemos a isso, amiga — sugeriu Simone, e voltou a levantar o copo. O seu sorriso infundia-me de esperança e fazia-me acreditar num amanhã melhor. — Espero que saibas que te vou visitar a Madrid, *guapa*.

— Estou a contar com isso! — disparei, soltando uma breve risada. Apesar da minha vontade de partir, receava a ideia de me mudar para um lugar onde estaria completamente só. Por isso, saber que teria uma visita de Simone dava-me algum alento.

— Já agora, estarias disposta a experimentar cogumelos mágicos em terras madrilenas? — perguntou-me, expelindo um riso particularmente cómico.

— Cogumelos mágicos? Não sei por que motivo ainda me surpreendes com essas tiradas. De onde te saíste com essa?

— Uma amiga minha experimentou. Vamos experimentar também!

— Estás à vontade, mas não contes comigo para isso — adiantei-lhe, enquanto lhe recusava a proposta com o indicador. Ambas nos ríamos enquanto bebericávamos o nosso

vinho.

— Porquê? Está a parecer-me que precisas de sair da tua cabeça, por uns instantes. É ou não é verdade?

— Não interessa o quão caótica é. É a minha cabeça. Não preciso de sair dela por um segundo. Apenas de a perceber um pouco melhor.

— Então, vê lá se fazes uns amigos lá. Quero companhia — disse-me espirituosamente. Assenti com a cabeça, garantindo-lhe que arranjaría comitiva para a sua viagem psicadélica. — Nem acredito que te vais, Lolita — acabou por me dizer, colocando a sua mão sobre a minha. Esbocei um pequeno sorriso e fiquei-me por aí. Não tinha grandes palavras dentro de mim. Sabia somente que teria muitas saudades de Simone.

— Já contaste ao Pedro? — perguntou-me, depois de nos servirmos e passarmos alguns momentos em silêncio.

— Não, ainda não — respondi, enquanto continuava fixada no meu prato. Este era outro assunto em que conservava a minha mudez. A minha personalidade não me permitia engendrar conversas que, não obstante, se avizinhavam. Lançava-me a elas e esperava que corressem pelo melhor. Pedro não era uma excepção. Assim, não tinha muito para dizer a Simone. Estava prestes a partir. Era tudo o que sabia. Ela conhecia-me, por isso assentiu com a cabeça e encolheu os seus lábios. — Já chega de falar sobre mim. Há novidades?

— Lembras-te de te ter dito, há alguns meses, que uma marca de roupa não me pagava? Pois, só me pagaram esta semana. Estamos a meados de Novembro. Se tivesse de morrer à fome, bem que teria morrido — contou-me, revirando os olhos. — Brindemos aos caloteiros que ainda pagam! — disse, enfatizando a última parte e elevando o copo.

Depois de os nossos copos tilintarem outra vez e deitarmos abaixo mais um tanto de vinho tinto, Simone falou-me de um rapaz que tinha conhecido no *Bumble*. Lembrei-me da conversa

que tivera com Catarina. Estávamos mesmo condenados a uma miríade de aplicações deste género. Uma das especificidades desta *app* é que o primeiro passo estava nas mãos do sexo feminino. As mulheres, após a correspondência, dominavam as regras do jogo. Isto significava que teriam de iniciar a conversação. Ainda que só me servisse destas aplicações como um soporífero capaz de me render positivamente nos dias seguintes, nunca achara grande piada ao *Bumble*. A meu ver, se éramos obrigadas a enviar uma mensagem dentro de um curto espaço de horas a um tipo qualquer, éramos deixadas sem qualquer tipo de poder ou agência. De regras e expectativas, estava eu cansada.

Segundo Simone, o rapaz era enfermeiro no Centro Hospitalar do Porto. Estranhei esta informação, já que a minha amiga tinha uma propensão evidente para arquitectos ou músicos. Assegurava-me sempre que era uma coincidência. Mas ambas sabíamos que, nestes assuntos, não existem grandes coincidências. Porém, tudo tinha terminado com a mesma velocidade com que começara.

— É estranho — começou por me dizer —, conheci o Gabriel no mesmo dia em que peguei num livro que me ofereceste, num dos meus últimos aniversários. Já sabes que não leio tanto quanto gostaria...

— Qual deles? — perguntei-lhe. Ela teria de ser mais específica, visto que esse tinha sido o meu presente desde que nos conhecêramos.

— *Os Monólogos da Vagina*, da Eve Ensler — especificou, gesticulando com os braços. — É interessante como nos podemos afirmar feministas e, ainda assim, estamos sempre a descobrir comportamentos nossos que obedecem ao patriarcado. Estão tão enraizados, que nem nos apercebemos deles.

— É verdade — suspirei. Era uma questão com a qual me

debatia também. Porém, a meu ver, ser feminista requeria um processo de desconstrução do pensamento e de aprendizagens. Por esse motivo, eu achava que ser-se feminista era uma convicção em constante desenvolvimento. Era um progresso da nossa própria identidade. Assim, esta descoberta a que Simone se referia parecia-me natural. Iríamos inevitavelmente questionar os nossos comportamentos e revê-los, segundo os nossos próprios ideais. No entanto, sempre que caía em alguma esparrela machista, também acabava por me martirizar um pouco. — Mas do que estás a falar, em particular?

— Nós não controlamos o nosso corpo. Parece surreal que ainda lutemos para que ele seja nosso e só a nós diga respeito. Mas é a verdade. Apesar de eu estar consciente disto e de me considerar uma pessoa bastante liberal, este livro despertou-me para o facto de que eu própria não estava a reclamar esse poder sobre o meu próprio corpo. Não inteiramente, pelo menos. O meu tempo passado com este Gabriel foi uma espécie de exercício. Tudo começou com este livro e com uma conversa que tive com ele. Numa noite, depois do sexo, estávamos a falar sobre o momento em que perdemos a virgindade. Eu contei-lhe que tinha 17 anos e que me tinha envolvido com um baterista, de 24. Gostávamos um do outro. Perdi a virgindade com ele, porque assim quis. Depois de alguns meses de namoro, terminei a relação e parti para outra. Lembro-me de que ele chorou, quando lhe liguei do meu *Nokia* 5210 e lhe contei que não nos iríamos ver mais. Nunca pensei duas vezes, nesse momento. Nunca contemplei sequer o que aconteceu como um abuso. Até que este Gabriel chegou. Num tom bastante julgador, começou por apontar a minha ingenuidade e criticar o facto de que eu tinha ido na ladainha de um rapaz mais velho. Acabou a conversa como se fosse o juiz da terra dele, a acusar o baterista de abuso. Afinal, eu era menor.

— O que lhe respondeste? — perguntei, denunciando a

minha curiosidade e antevendo uma fatia de machismo para sobremesa.

— Primeiro, fiquei chocada. Não permitia isto a ninguém, especialmente a uma pessoa que tinha conhecido há umas semanas. Depois, respondi-lhe, com um humor dos diabos, que ele não tinha nada que ver com as minhas opções. Nunca me senti abusada e não tinha sido certamente uma jovem ingénua, manipulada por um baterista diabólico. Estava prestes a fazer 18 anos. Eu estava consciente do que queria e fiz. Nunca repensara a minha escolha. Aos olhos da lei, poderá ser um crime. Mas, para mim, foi uma relação consensual. E, de repente, chega-me um homem qualquer, que tenta condenar as minhas próprias decisões...? Fiquei irritada e pedi-lhe para se ir embora.

— Voltaste a vê-lo?

— Calma, deixa-me acabar a história — disse-me, com serenidade e humor na voz. — Passados uns dias, enviou-me uma mensagem a desculpar-se. Explicou-me que não sabia o que lhe tinha dado e convidou-me para jantar. Por alguma razão, senti-me compelida a ir.

— Simone, conselho para a próxima? Não precisas de ter sentimentos de culpa em despachar um tipo desses.

— Não foi um sentimento de culpa que me levou a estar com ele. Acho que me conheces bem — disse, erguendo a sobranalha direita. — Era como se algo me dissesse que eu estava numa viagem de aprendizagem. Como te disse, o Gabriel foi um exercício. Posso continuar? — perguntou-me, ao que assenti com a cabeça. — Quando nos vimos, decidimos beber um copo. No final da noite, disse-lhe que ia para casa. Ele começou a insistir para que eu fosse com ele. Recusei. Começou a agarrar-me a anca e a sugerir que voltássemos a minha casa. Fui assertiva e disse-lhe que isso não iria acontecer. Pronto, começou a insultar-me. Insultou-me, porque não queria dormir

com ele. Dei por mim a pensar: há uns dias, acusava o baterista de me ter abusado e de eu ter sido coagida a dormir com ele, quando não foi o caso. Agora, ele intimidava-me a fazê-lo. Irónico, não é?

— Ai, Gabriel — suspirei eu —, mas tens toda a razão. Todos querem mandar nos nossos corpos. A vagina é nossa, mas nós somos as últimas a ter algo a dizer.

— Exactamente. Mas, quando cheguei a casa, pus-me a reflectir no que acabara de me acontecer e no próprio livro. Eu considero-me uma pessoa liberal. Mas a verdade é que nunca vi a minha vagina, Lola. É minha. É parte do meu corpo. Tenho 30 anos e nunca a vi. Não é por uma questão de pudor. É por esquecimento. Nunca me ocorreu. Não sei qual é o pior, honestamente. Tu já viste a tua?

— Na verdade só podes ver a vulva. Mas, sim, já vi — disse-lhe, grata por ter escolhido uma mesa num dos cantos do restaurante. Eu poderia não ter qualquer tipo de pudor em examinar o meu corpo, mas dispensava que esta conversa fosse ouvida pelos demais. Simone, apesar do que acabara de me contar, falava sem constrangimento e não regulava o volume. — Na minha adolescência, comecei a analisar o meu corpo. Queria conhecer todas as partes que me compõem. Se era incapaz de entender o que ia dentro de mim, podia, pelo menos, conhecer o meu corpo como ninguém. Aliás, tenho um rolo por revelar de fotografias minhas. Não as tirei com um propósito sexual. Acho que foi um acto de amor-próprio. Quando tiver o meu quarto escuro, irei revelá-las.

— Sou a única desnaturada, então? — perguntou-me, soltando uma gargalhada.

— Claro que não. Se fosses, não precisaríamos de um livro chamado *Os Monólogos da Vagina*. Além disso, quando foi a última vez que alguém te incentivou a apreciares o teu corpo? É tudo uma questão cultural, Simone. Estás a desconstruir o

que aprendeste. Nós não somos ensinadas a explorar a nossa sexualidade e os nossos corpos.

Simone assentiu com a cabeça e disse-me que a experiência com Gabriel tinha sido dada como terminada. Com bastante humor à mistura, explicou-me que, à conta do enfermeiro, tinha tido uma aula de anatomia a solo. «Não se perdeu tudo!», assegurou-me.

Enquanto atacávamos a sobremesa, Simone convidou-me para viajar com ela na passagem de ano. Sugeriu algumas capitais europeias, que nos dessem a possibilidade de voar com alguma companhia acessível. Além de eu não ter dinheiro para o fazer, dispensava essa celebração. Desde que me lembrava, fazia questão de passar essa noite em casa. Não me agradava a azáfama e a inflação dos preços. Acima de tudo, detestava as resoluções optimistas e promissoras que advinham com a passagem do ano. Conhecia quem pedisse um desejo por cada passa que deitava abaixo. Estamos a falar de doze passas. «Somos mesmo pobres a pedir», pensava eu. Não podemos acreditar num amanhã melhor, quando continuamos a ser umas valentes pestes.

Pouco depois da sobremesa, decidimos regressar a casa. Apesar de ter proposto irmos até às Galerias de Paris para conversarmos mais um pouco, ela explicou-me que tinha uma reunião com um novo cliente na manhã seguinte, e que precisava de descansar.

Quando entrei em casa, as luzes estavam acesas. Passava pouco depois das onze da noite, mas, por volta dessa hora, era habitual encontrar Catarina fechada no seu quarto a preparar a pasta para o dia seguinte. Enquanto pousava a mala de pele no chão e desenrolava o meu cachecol na entrada, ouvi uma voz masculina. A minha amiga tinha companhia, por isso baixei-me para recolher os meus pertences do chão e preparei-me para me enclausurar no quarto.

— Olá — ouvi Tiago dizer. Levantei-me, em choque. Tinha o cachecol numa mão e a mala na outra. Os meus braços estavam estendidos e a minha mente bloqueada. Eu não sabia o que pensar ou dizer. Entretanto, consegui escutar os passos de Catarina, que se aproximava da entrada. Ela estava pálida e estarrecida, como eu. Era evidente que contava com uma chegada mais tardia.

— Pensei que chegavas mais tarde — disse-me, com uma voz trémula.

— Já percebi isso — respondi-lhe. Falei tão baixo, que mais parecia que lhe sussurrava. Não tinha muito para dizer. As lágrimas acumulavam-se nos meus olhos. Indiquei simplesmente que ia para o meu quarto e lá me fechei. Acertara na *mouche*. Catarina tinha alguém. Mas não era alguém novo. Era o de sempre. Por uns momentos, fiquei verdadeiramente aliviada com a minha partida para Madrid. Não conseguiria continuar a conviver com Tiago na minha própria casa. A Faria Guimarães estava condenada para mim. De uma maneira ou de outra, a minha estada aqui tinha mesmo chegado ao fim. E, sentada na cama, comecei a chorar e a sorrir, ao mesmo tempo. Chorava pela prisão da minha amiga e sorria pela minha liberdade, que estava mais perto do que nunca.

Estava a lavar a louça do meu jantar, quando Catarina me avisou, da porta da cozinha, que não iria dormir em casa. Duas semanas tinham passado desde o episódio em que me cruzara com Tiago e estávamos incomunicáveis, desde então. Quando ela jantava por casa, fazíamos-lo separadamente. A única exceção eram estes curtos recados que me continuava a transmitir. Fazia-o para que eu não me preocupasse com ela noite adentro. Catarina concedia-me essa informação como se se tratasse de um tranquilizante. Estaria supostamente segura, afastada dos perigos das ruas pouco iluminadas da cidade. No entanto, saber que ela estava com Tiago não me descansava. Eu sabia-o. Ela sabia-o. Por ambas sabermos a verdade uma da outra, permanecíamos em silêncio há dias. No início, tinha-me mantido calada, porque esperava que ela viesse até mim. Além disso, queria libertar-me da decepção e ira que me avassalavam. Não conseguia compreender como é que ela, depois de conquistar a liberdade, escolhia regressar à sua prisão. Aqui estava eu, a remar à força toda para escapar à tempestade e atracar numa margem. Sem grandes certezas e afundada em medo, eu remava por mim. Não percebia por que motivo ela não fazia o mesmo. Era-me muito difícil não julgar a sua decisão, quando eu estava longe de a compreender. Sentia-me triste comigo mesma, quando me perdia nestes pensamentos. Não me era habitual apontar o dedo; afinal, eu estava longe de ser modelo para alguém.

Catarina, provavelmente, antevendo o dilema que me ia na cabeça e por cobardia, manteve-me à margem. O silêncio foi-se

acumulando, até que escutarmos a voz uma da outra se tornou estranho. Para agravar tudo, ainda não lhe contara da minha partida para Madrid. Avisara o nosso senhorio de que iria terminar o meu contrato em breve, para que ele tivesse tempo de encontrar outro inquilino, mas não informara Catarina. Andava a evitar essa conversa, porque, de alguma forma, sabia que com a minha ida ela refugiar-se-ia ainda mais em Tiago.

Quando terminei de arrumar, vesti o meu sobretudo vermelho e calcei umas botas de cordões, com um salto quadrado. Olhei para o relógio de pulso e percebi que tinha de me apressar. Nesse mesmo momento, recebi uma mensagem de Pedro a dizer que estava a chegar ao Cinema Trindade. Como dizia a minha avó Teresa, «a descer todos os santos ajudam». Com uma passada larga e algum suor à mistura, chegaria ao local combinado num instante. Tínhamos perdido o filme sobre Jimi Hendrix, na semana anterior. Acabámos por passar essa noite em casa de Pedro, alternando entre sexo e umas visitas à varanda para fumar, conversar e ver as estrelas. Não sabia quando poria Catarina a par da minha partida para Madrid, mas teria de contar a Pedro esta mesma noite. Quanto mais tempo passava, mais me arriscava a que Simone lhe falasse da minha mudança, ao acaso. Por isso, convidara-o para irmos ao Cinema Trindade assistir ao filme *Sid & Nancy*, que se inseria no tal ciclo de artistas de que Pedro me tinha falado.

Quando nos lançámos à calçada, depois de vermos a cinebiografia sobre a relação destrutiva entre o baixista dos Sex Pistols e Nancy Spungen, precisámos de alguns momentos para nos recompormos. Estava uma noite seca e fria, e as baixas temperaturas, aliadas ao facto de ser uma noite de semana, tornavam-nos nuns dos poucos transeuntes das ruas da Baixa.

— *I ain't gonna be a punk no more* — comentou Pedro, enquanto acendia um cigarro. Quando repetiu esta fala do filme, olhara-me de esguelha e concedera-me um sorriso

introspectivo.

— Devo admitir que o filme me deprimiu um pouco — respondi-lhe, suspirando. — Fiquei a pensar no gato. Quem é que cuidou dele?

Pedro continuou entregue ao seu cigarro e não me cedeu qualquer resposta. De qualquer das formas, ele não teria uma para me dar. Não sabíamos o que acontecera ao gatinho listrado. Tinha de me desembaraçar deste estado de melancolia em que o filme me deixara e de me lançar à conversa que realmente importava. Caminhávamos em voltas pela Baixa e pareceu-me o momento perfeito para abordar a minha partida. A cidade era grande. As nossas palavras fluíam pelas ruas estreitas e envelhecidas. A tristeza não ficaria aferrolhada dentro de quatro paredes. Seria livre e esvoaçaria por aí. Ficaríamos mais leves. Por fim, não faltavam escapes, caso fossem necessários.

— Preciso de te contar uma coisa — comecei por lhe dizer, enquanto olhava para o chão. Pedro, mais uma vez, não emitiu qualquer resposta, mas apagou o cigarro e encarava-me de cima, como se aguardasse por mais informações. Pensei em dizer-lhe que estava a pensar em partir, no entanto não quis dar início ao nosso diálogo com uma mentira. — Vou mudar-me para Madrid.

Assim que lhe falei da minha mudança, ele pegou noutra cigarro. Passados minutos, chegámos ao final de uma rua e ele permanecia calado. Afastava o cabelo dos olhos e fumava aquele cigarro, mas não me dizia nada. O silêncio começava a incomodar-me e abri a boca algumas vezes para o quebrar. Mas não o fiz.

— Vais mudar-te de vez? — perguntou-me ele, finalmente.

— Para já, são apenas seis meses. Candidatei-me a uma bolsa de investigação na Universidad Complutense, antes do Verão. Nunca pensei que a conseguiria, mas consegui.

— Já tomaste a decisão?

— Sim, já aceitei a bolsa.

Pedro, nesse momento, sentou-se num banco de madeira. Tinha a cabeça apoiada nas mãos e entretinha-se a admirar o ar quente que expirava.

— Disseste-me que era pegar, lembras-te? É isso que estou a fazer — disse-lhe baixinho. — Eu não posso ficar aqui. No Porto, estou sempre num limbo de existência. É assim que me vou aguentando. Como se vivesse num mundo paralelo qualquer. Não posso continuar assim. Tenho tanto medo, neste momento. Tenho de me afastar do que esta cidade representa para mim.

— E, por causa desses medos, vais fugir?

— Não estou a fugir, Pedro. Estou a partir. — Interrompi o discurso para inspirar com calma e, após alguns momentos, continuei. — Eu mudei-me para a Faria Guimarães. Conheci pessoas que adoro, mas não me tenho a mim. Não posso continuar assim. Ando a tentar controlar a ansiedade, mas é ela que claramente está no controlo. Estou a tentar pôr uma trela em algo que sei que, do dia para a noite, me vai atrelar a mim e me vai arrastar por aí. Tenho de sair daqui. Ao longo destes meses, perguntei-me se haveria uma saída para mim e ela apareceu. Não posso ser a pessoa que desperdiça uma oportunidade destas.

— Eu percebo isso, Lola. Além de tudo o que me estás a dizer, estou certo de que será óptimo para os teus estudos — ouvi-o dizer tristemente. — Mas e nós, onde é que a tua partida nos deixa?

— Nunca haverá nós enquanto eu me sentir assim. Eu quero viver e estar com alguém sem reservas. Mas, neste momento, isso é impossível. Não sou capaz de construir o que quer que seja. Estarei sempre distante. Serei sempre imprevisível. A maioria das pessoas tem medo de ficar sozinha. Sabes qual é o

meu receio mais profundo? Voltar a ouvir uma chamada de emergência como a que ouvi no autocarro. Não quero continuar a ser uma marioneta das minhas próprias ansiedades. Eu vivo nauseada.

— Quando é que vais embora?

— Em Janeiro. A bolsa começa em Fevereiro, mas terei de ir mais cedo para tratar de tudo.

— Eu não quero ser dramático — confessou-me, embaraçado. — Sabia que isto não seria fácil. Mas este cenário nunca me ocorreu. Nunca achei que poderias desaparecer da minha vida com a velocidade a que entraste. Eu gostava de ser aquele tipo de pessoas que, sabendo que tem o tempo contado, consegue aproveitá-lo ao máximo. Sempre admirei essa gente, sabes? Aqueles que ouvem que têm uma doença terminal e vão correr o mundo, esquecendo-se de que têm uma corda ao pescoço. Eu, provavelmente, ficaria em casa a chorar o meu destino e assim morreria. Tenho coragem para muitas coisas, mas não para isso. Gostaria de conseguir estar contigo até Janeiro. Vivemos como dois loucos até partires. Levar-te ao aeroporto, ao amanhecer, e despedir-me de ti lá. Gostaria de saber que aproveitei todos estes segundos contigo e que vivemos o amor à exaustão, mas eu não sou essa pessoa. Eu não sei estar contigo, sabendo que te vais. Prefiro saltar fora enquanto posso, ainda que saiba que já vou demasiado tarde.

— Não te parece que nos estamos a desperdiçar se não aproveitarmos este mês ao máximo?

— Não me podes pedir isso. Não fui eu que decidi partir.

— Por que motivo me fazes sentir culpada de tomar esta decisão?

— Por que motivo me fazes sentir culpado por não conseguir estar contigo? — perguntou-me retoricamente, abrindo os braços.

— Estou a ver — disse, suspirando. — Acho que chegamos a

um impasse, a uma cedência que nenhum de nós consegue levar avante. Gostaria de estar contigo até ao último dia, mas aceito o que me estás a dizer. A bolsa só dura seis meses. Não vamos encarar a minha partida como uma despedida final. Eu não sei o que pode acontecer nesse período. Posso regressar.

— Não quero reter essa possibilidade na minha cabeça. Vais para Madrid para te descobrires. Tudo pode acontecer. Eu não te posso deixar ir e agarrar-me à antecipação do teu regresso. Além disso, em nenhum momento da nossa conversa tu sugeriste que querias tentar a nossa relação à distância ou manter-me por perto. Queres aprender a viver sem reservas. É natural que, para isso, tenhas de partir sem reservas. Eu percebo. Por isso, não me venhas com esse discurso, por favor. Não nos comecemos a enganar agora — disse-me, voltando a colocar um cigarro na boca. Ele tinha toda a razão. Era nessas condições que eu achava que queria partir. — Dizes que a maioria das pessoas tem medo de ficar sozinha. Sabes qual é o meu medo? Ser deixado para trás. É o que é — disse-me de forma prática e emitindo um longo suspiro. — Apesar de o meu estar a ser concretizado, espero que, pelo menos, te safes do teu.

— Eu não te estou a deixar para trás. Estou apenas a seguir em frente. É só um caminho diferente, por enquanto. Houve honestidade entre nós, Pedro. Vimo-nos um ao outro. Se houver alguma possibilidade de caminharmos na mesma direcção, tenho de sair daqui. Ou isso nunca acontecerá.

Pedro assentiu laconicamente e levantou-se. Depois de me informar que ia chamar um *Uber*, desejou-me sorte. Olhávamos com tristeza profunda. Tinham passado apenas dois meses desde que nos conhecêramos num café da Baixa, mas nós tínhamos neutralizado o poder do tempo. Lembrei-me de que tinha trazido o envelope das fotografias para lhe mostrar, mas ele recusou, como eu fizera no Le Chat Noir.

— Neste momento, não consigo regressar àquela noite. Quem sabe, um dia... — disse, cedendo-me um sorriso que prevejo ter sido difícil de encontrar.

Voltei a fechar a mala de pele. Ambos guardaríamos um retrato um do outro, que só nós conhecíamos. Era um segredo dentro do nosso próprio segredo. Um dia, poderíamos vir a ter a chance de nos vislumbrarmos a nós mesmos, a partir das mãos do outro. Perguntava-me quando é que esse dia chegaria. Estávamos em silêncio, mas continuávamos a encarar-nos. Eu detestava despedidas e esta era-me particularmente difícil. Precisava de beijá-lo uma última vez, mas não sabia se o poderia fazer. Queria que o nosso adeus fosse ditado por ele. Como se adivinhasse as minhas ânsias, Pedro agarrou-me e beijámo-nos. Esse fora um beijo final, que limpava a tristeza das nossas almas, por uns minutos. Assim que nos distanciámos, Pedro virou-me as costas e partiu. Fiquei a vê-lo descer a rua, encoberto no seu longo sobretudo preto. De braços cruzados, as suas pernas apressavam-se em direcção à perpendicular mais próxima.

Assim que ele desapareceu, a rua ficou deserta. Apesar da minha tristeza, os meus olhos permaneciam secos. De certa forma, a escuridão da cidade parecia-me terna, acolhendo-me e dizendo-me que este momento valeria a pena. Dei meia-volta e comecei a caminhar em direcção a casa. Ainda que o percurso não fosse longo, tinha receio de o fazer sozinha. Porém, a vontade de me mover, nesta noite fria, superou o meu medo. Prendi as chaves de casa entre os dedos e lancei-me pela rua acima.

Assim que cheguei a casa, a luz que espreitava pelas frinchas do quarto de Catarina dizia-me que ela ainda estava acordada. Pousei a minha tralha no quarto, atirei o sobretudo e o cachecol para a cadeira mais próxima e fechei-me na casa de banho. Abri a minha gaveta com alguma brusquidão e peguei

numa tesoura. Ao encarar o meu reflexo no espelho, dei por mim a debater-me com um sentimento singular e inédito: era respeito. Durante 27 anos, tinha-me deparado com uma miríade de sensações. Asco, estranheza, tristeza e até volúpia. Mas esta era nova e eu apreciava-a. Percorria um caminho, estando ainda distante da minha meta. Continuava sem saber como chegaria até lá, mas respeitava-me.

Sorrindo, segurei as pontas dos cabelos de forma firme e, num instante, elas caíram no tapete da casa de banho. Os meus dedos roçavam a minha clavícula e brincavam com um novo comprimento. Não me dava a clichês e sempre achara uma certa piada a quem adquiria um novo penteado para simbolizar uma transformação ou um percurso pessoal. Soava-me a lengalenga de livros de auto-ajuda. Mas aqui estava eu, com um novo corte, prestes a dar um salto num novo ano, ansiando deixar um velho eu para trás. Enquanto enfiava os dedos com vivacidade pelas raízes dos meus cabelos, sacudia-os e desgrenhava-os.

Peguei no telemóvel para enviar uma *selfie* ao Vasco. Apesar da geração a que pertencia, era uma das primeiras que tirava. O auto-retrato digital é explorado à exaustão, mas dava-me a impressão de que, em vez de nos traduzir, aumentava a cegueira em relação a nós mesmos. É uma forma de gratificação instantânea. A nossa imagem é consumida de forma tão excessiva, que me parecia perder qualquer sentido. Deixava de nos concretizar. Tornava-se em algo abstracto e distante de nós mesmos, acentuando a nossa sensação de fragmentação. É um ciclo vicioso e viciante, que servia para preencher buracos permanentes. Era um jogo no qual o inventor se tornava subalterno da sua própria invenção. Depois de enviar a foto, disse-lhe: «Cortei. Agora, envia-me a tal lista de recomendações!»

11.

— Bom Natal! Vemo-nos em Janeiro! — disse-me o Dr. Sousa Mendes, quando bati à porta do seu gabinete.

Carregava alguns livros que ele me emprestara pelos corredores da Faculdade de Letras, que já se encontravam um pouco solitários, dado que a maioria dos estudantes, que não eram do Porto, tinham partido para as suas terras. Neste encontro, deixara todos os pormenores relativos à minha estadia na universidade madrilena acertados. A colega do Dr. Sousa Mendes dar-me-ia a co-orientação da qual necessitava e parecera-me bastante cordial. Ao seleccionar uma *playlist* de *rock* clássico, antes de entrar no metro, verifiquei que o meu senhorio tinha tentado ligar-me. Decidi retribuir-lhe a chamada quando chegasse a casa.

Assim que abri a porta do apartamento, encontrei Catarina no *hall* de entrada com uma mala. As aulas do ensino básico tinham terminado há poucos dias e eu assumia que, à imagem dos anos anteriores, ela se preparava para partir para Viana do Castelo.

— Não sabia que te ias embora hoje — comecei por dizer, acanhadamente.

— Também não sabia que te ias — respondeu-me com os olhos postos na sua mala. Fiquei à nora por uns segundos, mas não era preciso ser matemática para somar dois mais dois. Era provável que, à minha falta de resposta, o senhorio tivesse ligado para Catarina.

— Falaste com o Sr. Antunes?

— Vais mesmo para Madrid? — perguntou-me. Assim que eu

assenti a um ritmo lento, ela prosseguiu. — Ele disse-me que encontrou um novo inquilino para o teu quarto, mas teria de entrar no início de Janeiro. Perguntou se não te importavas de mudar os teus planos e se, em vez de deixares o apartamento a meio do mês, poderias deixar o quarto vago no final de Dezembro. Ou seja, daqui a uns dias.

Voltei a assentir com a cabeça para confirmar que tinha recolhido a informação. No entanto, mantive-me em silêncio, já que estava um pouco agoniada com o que acabara de escutar. Alugara um hostel madrileno a partir de meados de Janeiro, no qual ficaria até encontrar um quarto na cidade, e não tinha intenções de alterar a minha reserva. Permanecer o mês inteiro no hostel significaria gastos alargados que eu não poderia comportar. Estava de mãos atadas, porque também não conhecia ninguém em Madrid que me pudesse ceder um sofá para pernoitar.

— Quando é que estavas a pensar contar-me que te ias embora? — perguntou Catarina, lembrando-me da sua presença. Agora, olhando-me nos olhos, a sua voz denotava uma decepção profunda e, pela primeira vez em mais de um mês, estávamos a conversar.

— Daqui a uns dias, quando regressasses de Viana do Castelo. Achei que esta distância nos faria bem — menti-lhe. Contar-lhe-ia assim que ela regressasse, porque estava a ficar sem opções. Tinha-me acobardado ao longo deste mês, porém, o tempo estava a esgotar-se. Catarina perguntou-me o que faria em Madrid e eu expliquei-lhe todos os detalhes sobre a bolsa, que tinha conseguido em Novembro.

— Eu não sei o que te dizer — respondeu, abanando a cabeça. — Não percebo como é que só estou a descobrir isto agora. Convém lembrar que apenas descobri porque o Sr. Antunes me ligou. Nem o soube por ti.

— Não percebes? — perguntei-lhe com calma. — Nós não

falamos há mais de um mês. Nós não falamos desde a noite em que vi o Tiago. Não me parece que tenhas muita moral para me apontar o dedo. Também só descobri que tinhas voltado para o Tiago, porque partiste do pressuposto de que eu chegaria mais tarde de um jantar. Caso contrário, tenho a sensação de que hoje ainda não saberia.

— É diferente... — respondeu-me, com os olhos humedecidos.

— Ai é? Não me parece que seja, Catarina.

— Eu não te disse por vergonha. Tu nunca irias compreender. Eu não queria ser julgada por ti. Estava enganada? Não foi precisamente a tua reacção? Qual é a tua desculpa? — As suas perguntas chegavam-me num tom inquisitório.

— Porque eu sabia que, no momento em que te dissesse, tu irias aproximar-te ainda mais do Tiago — respondi-lhe, contemplando a luz natural que se apoderava da sala. Sempre soubera que esta conversa com Catarina seria a mais custosa, por isso o aperto no peito e a secura da minha garganta não me surpreendiam. — E tens razão, é-me difícil compreender. Quer dizer, eu provavelmente percebo porquê. Mas não entendo como cedeste tão facilmente. Eu ter-te-ia ajudado.

Catarina soltou uma risada sarcástica, antes de me perguntar:

— Terias? Foi isso que me disseste, quando te contei tudo. Garantiste-me que estarias lá para mim, mas a verdade é que nunca estiveste. Deixaste-me ao abandono. Eu dei aquele passo, porque acreditei que me ajudarias. Eu sabia que não o conseguiria fazer sozinha. O Tiago continuou lá. Enviou-me mensagens todas as noites. Prometeu-me que tudo seria diferente. Ele continuou lá, ao contrário de ti.

— Eu estava a passar por uma fase horrível — gritei-lhe. As lágrimas começaram a escorrer-me pelo rosto. — Eu não estava a conseguir lidar com a minha ansiedade. Os meus pesadelos

tinham regressado. Ponderei deixar o doutoramento. É verdade, eu não estive lá para ti, porque não consegui. Mas tu és adulta e não podes depender do meu apoio para tomar as melhores decisões por ti. E, com certeza, não me podes culpar pelas tuas escolhas — terminei, limpando as minhas lágrimas com alguma brusquidão.

— Abandonaste-me uma vez. O que é uma segunda? — perguntou-me, com a mala na mão. Catarina colocou-se de frente para mim, como se pedisse que me desviasse da porta para ela passar.

— Não te arrependes de teres voltado para o Tiago? — lancei a questão, mantendo-me firme, em frente à porta do apartamento. Os olhos de Catarina diminuíram. Ela fitava-me com atenção, mas não pronunciou qualquer palavra. — A nossa amizade vai terminar assim?

— Deixa-me passar, Lola. — Foram as últimas palavras que escutei. Respirei fundo e não só me desviei da sua frente, como lhe abri a porta. Assim que ela saiu, fechei-me dentro de casa a sete chaves.

A tristeza era o meu grande desafio. Era-me pesaroso estar simplesmente triste. Na maioria das vezes, substituí a tristeza pela ansiedade ou combinava ambas. Tornava-se um pouco mais fácil gerir ambas as emoções, na minha cabeça. Por causa disso, o meu coração disparava e as náuseas faziam-se sentir ao mesmo tempo que as lágrimas me venciam. Depois deste confronto frustrante, teria mesmo de deixar o apartamento até ao final do mês. Catarina costumava regressar após a passagem de ano, o que significava que, desta forma, não nos cruzaríamos mais. Lembrei-me de que tinha uma outra opção, além de pernoitar em Madrid. Poderia fazê-lo no Porto, por isso enviei um áudio a Simone a perguntar se poderia ficar na sua casa, durante as primeiras semanas de Janeiro. Porém, depois de alguns minutos, a minha amiga explicou-me que, depois de

eu ter recusado o seu convite, tinha marcado uma viagem para Itália, que se prolongaria até ao final da primeira semana de Janeiro. «Estou tramada!», pensei. Este era o resultado de ter uma mísera quantidade de relações interpessoais. Apesar de não saber a quem mais recorrer, enviei uma mensagem ao meu senhorio a dizer-lhe que poderia alugar o meu quarto a partir de janeiro. Não sabia para onde iria, mas ficar também não era uma opção.

Lembrei-me de que, a um dia da ceia de Natal, tinha ainda uma tarefa por cumprir: comprar um presente para Dulce. Levei as mãos à cara com alguma brusquidão, acabando por me magoar um pouco, e suspirei. Não via a hora de apanhar o avião para a capital espanhola.

Arremessei um guarda-chuva pequeno para dentro da minha mala, já que as nuvens anunciavam um dilúvio, e voltei a lançar-me à rua. Sem destino, descia a Faria Guimarães, fazendo uma breve pesquisa pela internet sobre potenciais presentes de Natal. Escolher uma prenda para Dulce era tarefa árdua. Todos os anos, ela explicava-me que esta troca não era nada mais do que um jogo capitalista, por isso não havia necessidade de desperdiçar o meu tempo ou dinheiro. Mas, ano após ano, ambas cedíamos à parada capitalista. Não sei por que motivo ela o fazia; no entanto, apesar de abominar a fase da escolha, eu apreciava o momento da troca. Gostava de a observar a desembulhar um presente escolhido por mim. Nesses momentos, Freud estaria a dar umas cambalhotas na tumba de tanto se rir. Em anos anteriores oferecera-lhe livros, na maioria das vezes. Porém, não era incomum ela dizer-me que já tinha aquele título, o que me entristecia e me fazia sentir um pastiche foleiro. Não sei como ainda tinha esperanças de a surpreender com algo inédito. Ocorreu-me, ao chegar à Trindade, que nunca mais faláramos, desde a nossa conversa telefónica singular, e indagava-me se Dulce estaria, de facto,

doente. Atirei esse pensamento para longe e escrevi no Google, com pretensões de dar uma gargalhada, «Presentes para familiares que mal conhecemos». Fiquei surpreendida com os resultados da minha pesquisa. A rede sugeria-me *puzzles*, máquinas de fazer panquecas ou um mel assaz especial. Nenhuma ideia me parecia adequada para a minha mãe.

De repente, saiu de uma vidraça partida uma pomba a toda a velocidade, voando a poucos centímetros do meu rosto. Apanhei um susto de morte e, por isso, levei a mão ao peito e gritei: «Caralho!» Depois de recuperar o fôlego, observei o edifício velho e saquei a *Olympus* da minha bolsa. Com a máquina a postos, fotografei aquela vidraça em pedaços e, nesse momento, soube que presente oferecer a Dulce. A minha avó tinha-me oferecido esta máquina, quando eu era adolescente, para me conectar ao mundo e me afastar da solidão, esta minha velha e tramada amiga. Dulce podia ser uma incógnita para mim, mas eu reconhecia essa mesma solidão nos seus olhos. Faria por ela o que a sua mãe havia feito por mim, há anos. Por isso, encaminhei-me para a Rua da Boavista, onde havia um centro comercial fantasmagórico, que eu julgava ser da década de 1960 ou 1970. Na cave, encontrava-se o Sr. Raul, um velho que vendia uma data de antiguidades, como máquinas de escrever, máquinas fotográficas, calculadoras e até balanças, a preços destinados a carteiras remediadas. Não havia ganância naquela cave; apenas amor ao passado. Quando eu era pequena, a minha mãe raramente me fotografara. As imagens, guardadas nos nossos curtos álbuns de família, foram tiradas pelo meu pai, na sua grande maioria. Hoje em dia, nem sabia do paradeiro dessas lembranças. Mas este seria o meu presente para Dulce. A fotografia, assim como os livros, tinha salvado a minha vida, e não era demasiado tarde para a minha mãe.

12.

Quando me preparava para apanhar um *Uber* para casa da Dulce, recebi uma chamada do meu pai. Enquanto descia as escadas, atendi o telefonema, mas procurei não me descuidar para evitar uma viagem ao hospital e uma temporada de muletas.

— Feliz Natal, Lola — desejou o meu pai, após nos cumprimentarmos.

— Obrigada. Também espero que tenhas umas festas felizes. Onde estás, este ano?

— Nova Iorque — respondeu. — Decidi voltar. Uma boa cidade para um arquitecto.

— Tenho a certeza que sim...

— Já estiveste aqui, mas não te recordas.

— Dizes-me sempre isso, quando falamos de Nova Iorque. Era uma criança. Claro que não me lembro... — expliquei-lhe, com secura. Viajara bastante com os meus pais, na infância. Porém, com o divórcio deles, as minhas voltas pelo planeta reduziram-se de modo drástico. Agora, que tinha olhos para ver e cabeça para relembrar, faltava-me dinheiro na carteira.

— Vais passar a consoada a casa da tua mãe?

— Já sabes que sim — respondi, enquanto atirava a mochila para dentro do *Uber* e acenava ao condutor. Todos os anos, ela insistia para que eu passasse esta noite na sua casa. Dizia-me que ficava tarde para eu regressar sozinha. Por causa dos cálices de Porto e do vinho tinto, também não lhe era possível pegar no carro e trazer-me. Sabendo *a priori* que seria uma perda de tempo, explicava-lhe que, quando saía à noite,

apanhava boleias a horas mais tardias. No entanto, acabava sempre por pernoitar no meu antigo quarto.

— Tens falado com a mãe? — perguntei-lhe. Sabia que as probabilidades eram poucas, mas continuava a estranhar o telefonema de Dulce.

— Falei há poucos meses, mas foram negócios. Ela queria remodelar o escritório de Lisboa e contactou o meu ateliê. Porquê?

Não adiantei muito mais. Acabei por explicar resumidamente que ia partir para Madrid, dentro de algumas semanas, para fazer um período de investigação. O meu pai lembrou-me que tinha um apartamento, dedicado a alojamento local, que me poderia ceder durante a minha estadia. Comecei a apertar os lábios com as pontas dos dedos e quedei-me em silêncio. Tinha-me esquecido do investimento imobiliário que o meu pai fazia, Europa fora. Desde os meus 18 anos que não aceitava um tostão dos meus pais. Recusara depender deles a nível económico e sabia que essa fragilidade tinha agravado a minha ansiedade. Ocorreu-me que teria bastante conforto, neste seu apartamento, e que seria capaz de poupar a maioria da minha bolsa. No entanto, apesar de todas as dificuldades, estava orgulhosa de tudo o que conquistara sozinha e não fraquejaria agora. Agradei-lhe de modo educado, mas recusei. Lá me arranjava, como de costume. Despedimo-nos e retribuímos votos de festas felizes, mais uma vez. Quando desliguei a chamada, verifiquei que o meu pai tinha efectuado uma chamada internacional, em vez de me ligar por uma *app*. Quase me benzi, porque estava certa de que tinha gastado a maioria do meu saldo.

Quando cheguei a casa de Dulce, passei os olhos pelo meu antigo bairro e apressei-me a tocar à campainha. A hora de jantar aproximava-se, por isso a rua estava deserta. Soprava para as mãos, para as aquecer e me afastar da ansiedade que

me apoquentava o estômago. O portão abriu-se, após alguns segundos, sem que ela me viesse receber. Assim que bati à porta, o cheiro a bacalhau cozido empatou-me os movimentos, por uns segundos. Lembrei-me da minha avó, no seu avental de xadrez azul-marinho, e de como, nesta noite, ela se estabelecia como uma ponte entre mim e Dulce. Era a minha avó Teresa que declarava as tréguas e assumia o comando na cozinha. Há anos que essa ponte deixara de existir. Ficara apenas esta essência portuguesa para me lembrar dessas festividades passadas.

De repente, Dulce lá apareceu, no arco que separava a cozinha da entrada principal. Limpava as mãos a um pano de linho e pediu-me que pousasse a mochila no meu antigo quarto e que depois me dirigisse à cozinha. Ao regressar dos meus estranhos aposentos, espreeitei para a mesa da sala, que se encontrava posta e preparada para a nossa refeição. Eu fazia sempre questão de chegar após o pôr-do-sol, para garantir que encurtava a minha visita, o que significava que Dulce tratava de todos os preparativos sozinha. Quando me dirigi à cozinha, ela retirou os olhos da travessa que decorava cuidadosamente para olhar para mim. Contemplava-me como se não me tivesse visto uns minutos antes, à porta. Apesar de se aproximar dos seus sessentas, o seu rosto não reflectia muito a passagem do tempo. Tinha algumas rugas a marcarem-lhe a tez, mas eu achava que lhe concediam personalidade, acima de tudo. Não tardou a sorrir-me, quando me observou com atenção. Julgo que lhe ocorrera o mesmo que a mim. Agora, que eu tinha cortado o cabelo pelos ombros, tinha ficado bastante parecida com ela. Era a primeira vez que eu fazia um corte deste género e que abdicava de um longo comprimento, por isso rever-me na minha mãe apanhara-me de surpresa. Ainda que ambas pensássemos o mesmo, nada dissemos. Enquanto elogiava a mesa e lhe dizia que o bacalhau tinha bom aspecto, comecei a

tirar as camadas de roupa que envergava, ficando de manga curta. Ao contrário do meu apartamento, que era gélido e húmido por não ter aquecimento central, a casa da minha mãe possuía condições bastante diferentes.

Depois de pousarmos todos os pratos na mesa de jantar, servimos dois cálices de Porto para brindarmos. Enquanto eu bebericava e me preparava para sentar, passeava os olhos pela sala. Apreciava especialmente umas traves de madeira velha, que decoravam o tecto branco e acentuavam o toque rústico da casa. Se a moradia onde tínhamos habitado com o meu pai apresentava um *design* minimalista, abusando de materiais como o vidro e o ferro, a minha mãe optara por um ambiente mais artístico, acolhedor e *vintage*. Havia muito vermelho, laranja e amarelo-torrado pela casa, havia arcos e grandes portas de madeira. Ela tinha ainda optado por incluir duas lareiras na casa: uma na sala e outra na biblioteca. No entanto, esta casa lembrava-me umas velas que costumava comprar na Loja dos Trezentos para o meu quarto, há muitos anos. Mal as acendia, apagavam-se. Dinheiro desperdiçado. Ainda que esta casa emanasse calor e tranquilidade, nunca fora capaz de me sentir assim quando habitara aqui. Este espaço concedera-nos uma oportunidade para tornarmos esses sentimentos realidade, mas desperdiçámo-la.

— Tens estado pelo Porto, como me tinhas dito? — perguntei-lhe, interrompendo a melodia de *jazz* que entoava pela sala.

— Sim, tenho estado. Tive apenas de ir a Bragança dar uma palestra, mas de resto foram sobretudo reuniões por aqui — respondeu-me, enquanto me passava o galheteiro para eu temperar o bacalhau e as batatas.

— A Bragança?

— Foi a primeira vez que lá estive, com o propósito de falar. A administração do instituto convidou-me para discursar. Eu

aceitei, como é evidente. — Dulce fez uma pausa para beber um gole de vinho e depois prosseguiu. — Depois da palestra, algumas alunas quiseram conversar comigo, em particular. Contaram-me que várias estudantes tinham apresentado queixa de assédio sexual contra um professor e achavam que o meu convite era o resultado de uma espécie de redenção por parte da administração. Quando me convidaram, deixaram esse pormenor de fora. Enfim, o auditório estava cheio. Os estudantes aderiram em massa.

— Não estava a par dessa situação...

— Não me parece que tenha saído nos meios de comunicação. As alunas que apresentaram queixa não querem grande alarido e a administração *idem* aspas. Se estivéssemos em Lisboa ou Porto, talvez tivesse chegado aos noticiários, de qualquer das formas. Mas é Bragança. Quando regresssei, escrevi um *e-mail* aos administradores e informei-os de que acompanharei o caso através das vítimas e que esperava que o instituto não as abandonasse, nesta situação.

— Como é que ainda continuamos a ouvir que já somos todos iguais e que o feminismo já não é necessário? — perguntei de modo retórico, enquanto girava o meu copo de vinho tinto.

— Isso é a prova de que ainda há privilégio. Quem faz esse género de afirmações parte de uma experiência privilegiada. Isso só prova que continua a existir desigualdade e que, ao contrário do que eles dizem, o feminismo é realmente necessário.

Uma canção da Billie Holiday tocou sem que regressássemos ao diálogo. Enquanto eu me entretinha com o bacalhau e com as minhas reflexões sobre o que Dulce acabara contar, ela comia com alguma inquietação. Ainda que os nossos silêncios fossem recorrentes, deixavam-nos sempre desconfortáveis. Tarantino estava certo. Era preciso ter uma relação especial

para se experienciar o oposto.

— Vais continuar pelo Norte ou vais descer, em breve?

— Já vou para Lisboa, depois de amanhã. A equipa vai aproveitar estes dias para organizar o novo escritório, para que esteja tudo pronto, depois das festividades. Estive cá em cima, porque fizemos umas remodelações na associação. Mas, com esta crise política, o meu lugar é em Lisboa — explicou-me. O ateliê do meu pai sempre fizera as obras de remodelação. — O que foi?

— Nada — respondi num ápice. Sabia que, por uns breves segundos, eu tinha sorrido e isso não lhe passara despercebido. Uma das qualidades que a minha mãe tinha era a entrega profunda à sua equipa. Se se avizinhavam tarefas aborrecidas de organização e teriam de passar uns valentes dias a arrastar mesas e armários, ela não se escapuliria. Seria, na verdade, a primeira a entrar e a deitar mãos à obra, e a última a abandonar o escritório. — O que é que achas que vai acontecer ao país, agora que o presidente da República convocou eleições antecipadas?

— Vai mudar tudo — disse-me, confiantemente.

— Como assim? Eu sinto-me derrotada, de certa forma. Acho que a minha geração está cada vez mais desmotivada. É sempre a mesma coisa. Corrupção, corrupção e mais corrupção.

— És a primeira a saber, mas agora que a assembleia foi dissolvida e que teremos eleições antecipadas, vou apoiar publicamente a Beatriz Costa Gomes, do Por!. Farei parte da campanha com ela — anunciou-me de modo quase magnético. Esta seria a primeira vez, em toda a minha vida, que Dulce apoiaria a candidatura de um político. Sempre tivera as suas preferências, mas nunca as comentara de forma aberta.

— A Beatriz Costa Gomes? Mas ela acabou de fundar o partido. Achas que terá alguma hipótese de vencer estas eleições?

Com pouco mais de 40 anos e oriunda do Porto, Costa Gomes tinha-se formado em Estudos Portugueses. Trabalhara como jornalista durante quase uma década e, devido a esse percurso nos meios de comunicação, cruzara-se com Dulce em algumas entrevistas. Fundara, no ano anterior, um partido que defendia ideias progressistas nas áreas do género, orientação sexual e migração, e que abraçava preocupações ambientais. Além disso, Costa Gomes assumira uma postura pró-europeia que, num período em que o projecto europeu vacilava, me parecia extremamente importante.

— Sozinha não. Mas ela não estará sozinha. Eu farei tudo o que puder para a ajudar a vencer estas eleições. A minha luta tem sido longa e o meu nome ainda conta para alguma coisa, neste país — assegurou-me com uma tal convicção, que cheguei mesmo a imaginar Beatriz Costa Gomes a passarinhoar em São Bento.

— Pois, mas não te podes esquecer de que Portugal é um país bastante conservador no que toca às eleições. Se não é um partido, é outro... — mencionei, como se estivesse a dar uma novidade a Dulce. — E, infelizmente, ainda temos uma sociedade muito machista. Um partido novo liderado por uma mulher e apoiado por outra...?

— Disseste que a tua geração está descrente. Diz-me: acreditas nos ideais do partido? Revê-te neles?

— Claro que acredito nos princípios do Por!. Além de acreditar no partido, acredito nela. Saber que temos uma Costa Gomes no panorama político português é uma lufada de ar fresco, mas não me concede grande esperança. Afinal de contas, um país como o nosso nunca elegeria alguém como ela.

— Então, atreve-te a ter esperança — aconselhou-me. — Vocês estão desconectados da política porque não há transparência. Entre outras coisas, é isso que vocês procuram num candidato. Escândalos políticos como estes agoniavam-vos e

afastam-vos. O caso do Luís Lopes foi a gota de água. Será a tua geração a elegê-la, Lola. Este partido seria uma viragem na história do nosso país. Espero que eleitores da minha geração confiem na Costa Gomes e acreditem nos ideais progressistas e liberais que ela defende, mas é sobretudo um partido para e por vocês. E vocês são o nosso futuro.

Bebia um gole de vinho tinto, enquanto encarava Dulce. Por uns momentos, confrontei-me com um inchaço emocional ao perceber que eu era a primeira pessoa a saber que o nosso país ia mudar e a quem Dulce tinha confiado esta sua decisão de apoiar publicamente Costa Gomes. Mas, num instante, escutei uma gargalhada de Freud ao ouvido e senti-me pequena. O país não ia mudar porque Dulce assim dizia, e de migalhas emocionais estava eu farta. Ela dava-me tão pouco, que o facto de me confidenciar algo engrandecia-me. Além disso, este era o nosso ritual natalício. Por não sabermos escolher um tópico de conversação e nos recusarmos a enveredar por áreas desinteressantes como um novo Big Brother, atacávamos sempre com o feminismo. Sabia que não tardaria a que Dulce recorresse ao segundo domínio do saber e me perguntasse pelo estado da minha vida académica.

— Lembra-me de te emprestar um livro, mais tarde. Estou certa de que o acharás interessante — disse-me. «Tiro ao lado! Está para breve... Anda lá, não me lixes!», pensei, ao assentir com lentidão e alguma seriedade.

— Então, e o teu doutoramento?

— Corre bem — respondi, largando uma pequena risada. «Quem sabe, sabe...», atirei para os meus botões.

— Conheci um colega teu, recentemente. Não me consigo recordar do nome. Também está a fazer um doutoramento na Faculdade de Letras. Contactava-me há alguns meses, mas é difícil arranjar tempo, quando estou em Lisboa. Agora que estive pelo Norte, aproveitei para me encontrar com ele e

debatermos a sua investigação.

— Qual é o tema da tese dele?

— Identidade *queer*. Está a analisar várias *memoirs* LGBTQIA + norte-americanas. Não há assim tantos investigadores portugueses a enveredar por esta temática, por isso fiz questão de me encontrar com ele.

— Já sei quem é. Chama-se Vasco Oliveira — disse-lhe, ao que ela assentiu com segurança. — Por falar em Vasco, consegui uma bolsa numa universidade madrilena para o próximo semestre — terminei, com um bocejo. Finalmente, as minhas revelações tinham chegado ao fim. Teria sido mais fácil zarpar sem dar justificações a ninguém. Tinha-me poupado algumas dores de cabeça, por certo.

— Por que motivo tenho a sensação de que sou a última a saber? — perguntou-me, enquanto nos servia mais um pouco de vinho.

— Porque és — respondi-lhe, com pragmatismo, enquanto saboreava as minhas batatas. — O pai ofereceu-me estadia num apartamento que está a alugar em Madrid. Mas eu recusei — admiti, depois de Dulce tirar os olhos do seu prato para se inteirar da minha decisão. Não se mostrou surpreendida.

— Tens a certeza? Estou certa de que seria uma grande ajuda para ti.

— Sabes bem que tenho.

— Talvez ele se esteja a tentar redimir de algo... — acrescentou, com alguma proximidade, recordando-me que era sangue o que nos unia.

— Vocês têm de se redimir de alguma coisa? — perguntei-lhe, de forma expectante.

— Todos os pais acham que têm de se redimir por algo que fizeram. Todos nós errámos em algum momento.

— Isso é um eufemismo. Se não fosse a avó a agir como minha mãe, não sei como teria sido — disse, impondo uma

falsa compostura. Dulce manteve-se em silêncio, o que me deu tempo para assimilar que, apesar de ela ter falado no plural, eu acabara de dar carta-branca aos erros do meu pai. Sabia que não era justo atribuir toda a culpa à minha mãe, mas, ainda que eu não soubesse explicar porquê, a sua ausência e distância emocional tinham-me marcado mais.

— Espero que saibas que a tua avó fez mais por ti do que por mim. Talvez também se estivesse a redimir de algo — acrescentou, após alguns momentos, com tranquilidade.

— A avó não tinha nada de que se redimir — respondi-lhe. Sentia o meu rosto cáldo, que provavelmente seria um misto do tinto e da revolta. A minha mãe nunca se pronunciara sobre a avó Teresa nestes termos. Aliás, esta era uma das primeiras conversas que tínhamos sobre as nossas relações familiares.

— Pareces mesmo o teu pai. Achas sempre que sabes tudo — atirou-me com algum desprezo, enquanto agarrava os talheres tremulamente. Mantivemo-nos caladas por momentos. Pensei na minha conversa com Pedro, na varanda dele, e de como lhe dissera que sempre me faltou a coragem para perguntar à minha mãe o que nos destruía. Olhei para a lareira e questioneimei-me se tinha chegado o momento para compreender o que levava a minha mãe a lutar por uma sociedade inteira e a deixar pelo caminho uma filha.

— Desculpa — disse-me, aproximando a sua mão da minha. Decidiu ficar-se pela proximidade, pousando-a na mesa de madeira. Estivemos perto. O seu pedido lançou-me para uma fragilidade profundamente infantil. Assenti, aceitando as suas desculpas e perguntando-me se a minha mãe se desculpava pelas suas palavras ou pelo nosso passado.

— Tenho um pequeno problema, no entanto — disse-lhe, depois de recuperar a calma. — O meu senhorio pediu-me que deixasse o quarto este mês, mas eu só aluguei um hostel a partir de meados de Janeiro — decidi partilhar. Por muito

independente que fosse, estava de mãos e pés atados.

— Já sabes que podes ficar aqui, no entretanto — assegurou-me. — Estarás sozinha. Acho que isso te deixará mais confortável. Não te poderei ajudar a fazer mudanças, porque estarei a fazer o mesmo na associação. Aquela tua amiga ruiva — pausou o discurso para se lembrar do nome e, assim que se recordou, prosseguiu —, a Simone, poderá ajudar-te no processo, não?

— Ela estará a viajar — respondi. Como Dulce acabara de dizer, eu estava sozinha.

— Eu deixo-te as chaves do carro da avó e podes usá-lo, se isso te ajudar — disse-me, o que me surpreendeu. Era a primeira vez que Dulce me dava autorização para conduzir aquela relíquia. A minha avó já não estava cá e, ainda que de forma indirecta, continuava a dar-me o empurrão de que eu necessitava. Decidi agradecer verbalmente e desprendi um pequeno sorriso.

Depois de passarmos pouco mais de meia hora em frente à lareira, a conversar sobre o livro que ela me recomendara ao longo do jantar, Dulce levantou-se e disse-me que ia à casa de banho. Sabia que, na realidade, se tinha posto de pé para ir buscar o meu presente. Eu tinha quase 30 anos e, apesar de haver uma certa neblina a obscurecer a minha vida, estas artimanhas eram-me óbvias. Quando eu era criança, os meus pais entregavam-me os presentes sem qualquer magia. Recordo-me de que a minha mãe, que se agarrava ao copo de vinho como se de um ventilador se tratasse em período de asfixia, nem se levantava da mesa. Quando o meu pai me estendia o braço, dava-me vontade de arremessar o embrulho para longe e me agarrar ao seu corpo. Ficava-me sempre pelo embrulho, no entanto. Agora, que a vida adulta escarrara no encantamento da infância, a Dulce dizia que ia à casa de banho para pegar o meu presente. Ambas sabíamos que não era a

bexiga que apertava, mas os sentimentos de culpa. Assim que regressou, entregou-me uma pequena caixa. Antes de desenrolar o laço, abanei-a ligeiramente, como se isso me fosse revelar o seu interior. Lá dentro, encontrei as primeiras edições das obras de Rosa Montero, que eu estava a analisar para a minha tese, autografadas. Respirar deixou de ser um processo automatizado e tive de me lembrar de como o fazia, em todos os outros momentos da minha vida.

— Como é que conseguiste isto? Estiveste com a Rosa Montero? — perguntei-lhe, em êxtase. Depois da *Olympus*, este era o melhor presente que alguma vez recebera. Saber que me tinha sido oferecido por Dulce era uma sensação agri-doce. Os exemplares que serviam de base à minha investigação estavam quase ilegíveis devido à carrada de apontamentos e marcações que eu tinha feito. Estes seriam guardados na minha estante, de forma imaculada. Ninguém lhes tocaria.

— Não, mas tenho os meus contactos. Ainda bem que gostaste — respondeu, evidenciando uma clara satisfação por ter acertado no presente.

— Obrigada — pronunciei, de forma emocionada, enquanto abraçava os três volumes.

Para cortar este momento, peguei no presente que lhe comprara e entreguei-lho, quase como se lhe atirasse uma batata quente. Dulce, assim que o agarrou, imitou os meus trejeitos e abanou a pequena caixa com cuidado. Não resisti a soltar uma curta risada e ela juntou-se a mim. Quando a minha mãe abriu a caixinha e viu uma *Olympus*, o seu rosto congelou. Ela sempre fora uma mulher carismática, que apagava as suas luzes, quando entrava pela nossa porta adentro. Estava habituada a vê-la a dar cambalhotas na Lua, ignorando as minhas súplicas, vindas da Terra. No entanto, neste momento, não era pelo satélite que a minha mãe vagueava. Ela não me tinha abandonado. Continuava nesta sala. Era choque, o que eu

contemplava.

— Lembras-te de quando a avó me ofereceu a *Olympus*? — decidi perguntar, para interromper este silêncio brutal. Além de furar a mudez, eu também sentia necessidade de justificar este presente. — Ela disse-me que a fotografia seria uma forma de me conectar ao mundo e de me forçar a abrir os olhos. Pensei em fazer o mesmo por ti — finalizei baixinho, enquanto me defrontava com um aperto no peito.

De cabeça baixa, ela assentia em silêncio, dando-me a saber que percebera as minhas intenções. À medida que ia assentindo, o movimento tornava-se mais rápido e claustrofóbico. De repente, tinha a minha mãe, sentada numas almofadas adquiridas numa das suas viagens à Índia, de frente para mim, a cair em prantos. O que decorria perante os meus olhos era desesperante. Eram dezenas de fantasmas a digladiarem-se num só corpo. Desde que recebera a *Olympus*, a minha mãe não erguera a cabeça para olhar para mim. Tinha-a agora entre as mãos, para esconder as lágrimas. Aproximei-me dela com zelo e comecei a abrir os braços, com lentidão e desconforto, prevendo uma eventual rejeição. Mas essa recusa nunca chegou e, quando dei por mim, estava a abraçar a minha mãe. A minha mãe, que existia mesmo. Um corpo de carne, sangue e ossos como o meu. De súbito, senti os seus braços a envolverem o meu corpo e as minhas lágrimas escorreram pelo meu rosto, também. Era a primeira vez que nos abraçávamos com compromisso. Mantivemo-nos grudadas uma à outra por vários minutos e não seria eu a separar-nos. Quando ela se cansasse deste abraço, que se afastasse.

— Desculpa — disse-me ao ouvido, deixando algumas das suas lágrimas na ponta da minha orelha.

— Não tens de me pedir desculpa — expliquei. — Eu não tinha intenções de te deixar assim. Se soubesse, tinha oferecido uma máquina de fazer panquecas.

— Não estou a pedir desculpa por este episódio de choro — confessou, libertando um sorriso por causa do meu comentário e recuperando alguma distância. — Estou a pedir desculpa pelos erros de uma vida.

— Merda, pensei que só vinha para um Natal dos nossos! — exclamei, fazendo um esforço para segurar mais lágrimas. Esperara uma vida toda por estas palavras e pelo amor que elas me trariam. — Mas como é que eu te posso perdoar se não percebo os teus erros? Eu sempre senti que tu ressentias a minha existência.

Os meus lábios tremiam, quando a minha mãe pousou a sua mão sobre a minha com segurança e me disse:

— Eu ainda não estou preparada para esta conversa. Sei que vou estar e quero que tu venhas a perceber a nossa história. A tua história. Quando souberes, caber-te-á a ti decidir se me podes perdoar. Mas que fique claro: eu falhei contigo. Eu estou consciente do que te fiz, mas terás de esperar que eu esteja pronta para te contar. Para já, ficas com o meu pedido de desculpas.

Os meus olhos estavam cravados no soalho escuro e o meu cérebro dedicava-se a lançar dezenas de questões. De repente, a minha mãe apertou-me a mão com mais força, como se me chamasse de volta para o nosso diálogo, e, nesse momento, ocorreu-me que as respostas poderiam continuar a escapar-me, mas, pela primeira vez, tinha a certeza de que havia uma razão por detrás do nosso fracasso familiar.

— Terei de esperar — respondi abnegadamente. — Não há muito que possa fazer se tu não estás pronta para conversar. Mas eu gostaria apenas de saber se a culpa do nosso passado é minha...

Os lábios da minha mãe encolheram-se, como se comprimisse um outro dilúvio, e negou-me com a cabeça. Respirei fundo algumas vezes e, depois de uns minutos de silêncio, levantei-me

e dirigi-me ao meu quarto para recolher a minha *Olympus*. Quando cheguei à sala, pedi à minha mãe que se mantivesse quieta. Seria a primeira fotografia que lhe tirava na minha vida adulta. Os seus olhos ainda estavam vermelhos e a sua franja curta estava ligeiramente despenteada. De joelho no chão e com a máquina a postos, eternizámos o primeiro passo da nossa redenção.

Roçando o braço pelas paredes do prédio, carregava o último caixote pelo lanço final de escadas, com a segurança que conseguia encontrar. Tentei espreitar por cima da caixa, para garantir que a porta estava aberta, mas a sua dimensão não me permitiu. Os meus vizinhos do primeiro andar quase colidiram comigo à saída e, após um frio pedido de desculpas, cederam-me passagem. Caminhei uns bons metros, sob a chuva de Dezembro, em direcção ao lugar onde tinha estacionado o carro da minha avó, um *Mercedes Benz 280* cinzento. Antes de rodar a chave, limpei o suor que me escorria pelas têmporas e preendi o cabelo. Retirei algumas caixas mais pequenas, que já tinha colocado na mala, e arrumei-as no banco de trás, para ganhar algum espaço. Reuni a minha força e baixei-me para voltar a pegar no caixote. Quando me inclinei para dentro da mala e comecei a empurrar uns sacos de forma a conseguir encaixá-lo, uma carrinha branca, que subia a Faria Guimarães, buzinou-me. Como se isso não bastasse, abriram o vidro e proferiram um comentário asqueroso. Ainda com a cabeça enfiada na mala, fechei os olhos e exalei. Levantei-me, de súbito, e ergui o meu dedo médio no meio da rua. No passeio, uma senhora fitava-me, em choque, e eu retribuí-lhe com um olhar demorado e derrotado. O assédio não chocara a mirone, mas a minha defesa caíra-lhe como chumbo no colo. Era expectável que eu escutasse a buzina e permanecesse em silêncio. Era esperado que esta demonstração de poder e controlo do meu corpo fosse recebida com um comportamento exemplar. Os olhos da senhora diziam-me «Os homens são

assim. Tu és uma boa menina e boas meninas não se comportam dessa maneira».

Bati a porta da mala e sentei-me na beira do passeio. A água da chuva acumulava-se na berma da estrada e, por causa disso, as minhas sapatilhas de pano estavam encharcadas. A ceia de Natal continuava impregnada na minha cabeça. Pouco depois da confissão de Dulce, despedimo-nos e cada uma seguiu para o seu quarto. O nascer do Sol deu lugar à morte de qualquer laço que começáramos a construir na noite anterior. Dulce regressara ao silêncio, abandonando-me novamente. Em vez de partir para Lisboa no dia seguinte, como me dissera, acabou por se lançar à estrada nessa mesma noite. A minha presença tornara-se-lhe insuportável. Coloquei os dedos sobre os olhos para me impedir de chorar, mas era incapaz de controlar o meu ritmo de respiração, que começava a levar a melhor sobre mim. Sabia que tinha de subir ao apartamento para deixar as chaves. Estava prestes a dizer adeus ao meu casulo, a uma amizade que se esvaíra dentro daquelas quatro paredes e à esperança que depositara nesta minha mudança. Quase quatro anos depois, nas mesmas calças de cintura subida, compreendia que, apesar dos meus esforços, continuava de coração despedido e a acenar ao vazio. As minhas mãos começaram a tremer, quando me apercebi de que esta partida para Madrid poderia não trazer qualquer mudança, deixando-me condenada ao nada. Ano após ano, confrontava-me apenas com um denominador comum: continuava sozinha. A solidão, apesar de tudo, parecia-me a única certeza da minha vida. Sentia-me profundamente só. De repente, um toque nas minhas costas trouxe-me de novo à cidade. Virei-me para trás. Era Pedro.

— Então? — perguntou, estendendo-me a mão para me ajudar a levantar. Ele nunca trazia guarda-chuva. Levantei-me sem qualquer apoio, deixando a sua mão pendurada. — O que estavas a fazer aí? — insistiu.

— O que estás a fazer aqui?

— Vim ver-te. Está a chover torrencialmente, Lola. O que estavas a fazer aí sentada? — voltou a perguntar, colocando o seu casaco sobre a cabeça. Falava-me alto, para superar o estrondo da esgravanada.

— Acabei de colocar o último caixote na mala — respondi-lhe, erguendo também a minha voz e apontando para o carro da minha avó.

Pedro abriu as mãos e os olhos:

— Nada disto faz sentido, sabes disso?

— Já te explico. Queres subir? — perguntei-lhe.

Ele assentiu com a cabeça e começou a correr em direcção à porta do prédio, para se resguardar da chuva. Depois de fechar o carro à chave, também dei uma corrida ao seu encontro. Ele observava-me com inquietação e, pela primeira vez, lamentei que nos víssemos com tanta transparência. Subimos as escadas em silêncio, o que me permitiu contemplar as pingas grossas que caíam no chão comum. Assim que entrámos no apartamento, dirigi-me à casa de banho para enxugar o cabelo.

— Encontrei o meu quarto — disse a Pedro, quando me deparei com ele, sentado no colchão branco.

— Não foi difícil. É o único que está vazio.

— Pensei que não me querias ver mais até à minha partida.

— E não queria. Não podia. Mas hoje precisava de te ver.

— Tiveste sorte. Estava prestes a subir para deixar as chaves.

— Podias estar prestes a muita coisa, mas a subir para deixares as chaves não me pareceu uma delas. De quem é aquele carro? É teu?

— Não, era da minha avó. Estou a usá-lo para as mudanças. Porque precisavas de me ver?

— Tinha saudades tuas. É suficiente?

— Acho que sim.

— Tiveste saudades minhas?

— Eu tenho sempre saudades tuas — disse-lhe. As minhas lágrimas ameaçavam libertar-se e eu não estava certa de que as conseguiria controlar, uma vez mais.

— Estás com medo? — A sua pergunta chegou-me num tom tão terno e preocupado, que me desarmou. De pé, no meio deste quarto, já desprovido de mim e da minha história, comecei a chorar todas as lágrimas que andava a policiar desde o dia de Natal. Pedro levantou-se e envolveu-me num abraço afectuoso. Acariciava-me as costas e pressionava-me contra o seu corpo.

— Cortaste o cabelo — segredou-me ao ouvido, após uns minutos. — Fica-te bem.

— Obrigada — respondi, afastando-me dele e sentando-me na cama. Tinha o estômago apertado e ocorreu-me que poderia vomitar a qualquer instante.

— Desculpa — disse-me, ao sentar-se ao meu lado. Ele atirava o cabelo molhado para trás, com os seus dedos longos.

— Pelo quê?

— Pela minha reacção do outro dia — começou por me dizer devagar. — Quando me disseste que te ias embora, senti-me traído. Conhecemo-nos de forma aleatória, sabes? Num dia como qualquer outro, tu entras por um café adentro e sentas-te na minha mesa. Ali estavas tu. É tão raro o que nós temos. É verdade... Assim que me falaste de Madrid, só pensava que estavas a deitar tudo a perder. Senti-me tão envergonhado, ao longo destes dias. A tua partida não é sobre mim. É sobre ti. A minha reacção foi ditada pelos meus medos e acho que foi muito egoísta.

— Eu compreendo a forma como reagiste — expliquei-lhe, encolhendo os ombros. — Não sei. Haveria muitas reacções possíveis. Essa foi apenas uma delas...

— Estás com medo de quê?

— Não sei — respondi, voltando a encolher os ombros. —

Tenho andado em baixo. Não me sinto optimista. Quando consegui a bolsa, fui invadida por uma grande excentricidade. Que ridículo! — comentei, soltando uma pequena risada. — O que é que eu achava? Que passaria seis meses em Madrid e que tudo seria diferente?

— Tu não foste excêntrica, Lola. Tu estavas confiante e segura de ti mesma. — Não vás por aí...

Comecei a arrastar o meu corpo até à cabeceira de madeira e lá me encostei. Fiz sinal a Pedro para se sentar ao meu lado, e ele não demorou a obedecer-me.

— Sempre acabaste por vir aqui.

— Sim, agora que não há nada de ti aqui...

— Ainda há uma secretária, um guarda-vestidos e uma cama. Já estavam aqui, quando me mudei. Ali estavam várias pilhas de livros no chão — expliquei, indicando um canto do quarto. — Aqui, estava uma estante com mais livros. Ali, um espelho. Naquele cantinho, ficava um aquecedor ou uma ventoinha, conforme a estação do ano.

— Achas que poderemos manter o contacto enquanto estiveres em Madrid? Gostava de me sentir à vontade para te ligar, de vez em quando.

— Eu gostava muito que isso acontecesse. Acho que quando te contei da minha partida, também não tinha reflectido muito sobre aquilo que eu queria de nós. Sabia simplesmente que me ia embora. Não te posso prometer muito mais, mas gostaria que mantivéssemos o contacto.

— Espero que a forma insegura como reagi não afecte o que realmente somos. Não há barreiras entre nós. Podes contar sempre comigo. Podes conversar comigo sobre tudo o que quiseses.

— Sobre tudo? — perguntei-lhe, lançando um sorriso maroto. — Até sobre algum *guapo* ou *guapa* que possa conhecer?

— Se achares importante partilhar esses encontros, sim... Acho que esta é uma boa oportunidade para aprender a lidar com o meu medo de abandono — respondeu-me, soltando uma gargalhada e piscando-me o olho. — Sabes, eu acho que o amor deve ser livre. É um grande desafio para mim, mas é assim que o vejo.

— É uma forma interessante de se olhar para o amor, mas como é que ele poderá ser livre se os amantes não o são? Nós, seres humanos, somos tudo menos livres. Como poderíamos sentir ou experienciar amor livremente?

— A Simone disse-me que passaste o Natal com a tua mãe. Como é que correu? — perguntou-me, com as suas mãos apoiadas nas pernas.

— Sabes aquela sensação que tens quando passas por uma escola que frequentaste quando eras pequenino e, de repente, olhas para o edifício e parece que nunca andaste lá? Há quem diga que parece que foi noutra vida, mas eu tenho sempre a sensação de que essa parte de mim nunca existiu. É estranho. É assim que me sinto, quando vou àquela casa. Parece que nunca vivi ali. Só que, ao mesmo tempo, também parece que nunca saí de lá...

— Não sei porque é que tu e a Simone não passam o Natal juntas. Pelo que sei, a família dela também é difícil.

— Nunca nos ocorreu. Acho que é uma tradição masoquista que temos — comentei, soltando uma risada. — Vamos a casa todos os anos para ver se alguém ganhou juízo.

— Pois, depois ela tem de dar um salto a Itália para se recompor — comentou Pedro, num tom cómico.

— Na verdade, eu não acho que a família dela seja problemática. Mas são muitos e há algumas desavenças, nessa noite. Sabes como é...

Mantivemo-nos em silêncio por momentos, encostados à cabeceira da cama, até que ele anunciou que ia embora.

Quando estávamos juntos, tinha tendência a esquecer-me de que este momento haveria de chegar, mas ele chegava sempre e os instantes que precediam a sua partida eram particularmente solitários. Limitei-me a assentir com a cabeça de forma lenta e resignada, e levantei-me.

— Não sabes como vai ser em Madrid — disse-me, depois de abrir a porta do apartamento. — Mas o como não é importante agora. O porquê é. Lembra-te do que te leva a ir e do que te impede de ficar. O resto simplesmente acontecerá...

— Não te esqueças de que um dia teremos de nos ver, para que eu te possa mostrar o teu retrato.

— Já fiz questão de guardar o teu no *iCloud* — explicou-me, provocando uma gargalhada mútua.

Abraçámo-nos com ternura e senti muitas ganas de o beijar. Mas, assim que o nosso abraço chegou ao fim, ele distanciou-se de mim. Antes de me virar as costas, Pedro sorriu-me. Permaneci na área comum do prédio até ouvir a porta fechar-se no rés-do-chão. Continuava a parecer-me que a nossa verdadeira despedida tinha ocorrido nas ruas do Porto. Este encontro tinha sido uma espécie de interlúdio, de que eu precisara ferozmente e que me reconfortara o ser.

Quando regresssei ao quarto, peguei na mochila e dirigi-me à minha secretária. Da pequena gaveta, tirei várias fotografias que ponderara deixar para trás. Tratava-se de uma série doméstica que fizera, há dois anos. Este tinha sido anunciado como um dos fins-de-semana mais quentes desse ano e, por isso, decidi retratar a nossa sobrevivência. Nas fotografias, abundavam persianas entreabertas e os nossos corpos — o meu e o de Catarina. Numa das imagens, ela, que envergava uns calções curtos e um *bralette*, tinha uma mão pousada na bancada da cozinha e regalava-se com um copo de água. A última desta série era uma fotografia nossa. Estávamos sentadas na minha cama, de pernas estendidas. O pôr-do-sol, o

momento que nos permitia abrir as persianas e as janelas para que fôssemos invadidas pela mínima brisa, concedera uma cor mágica a esta imagem. Eu estava de cuecas e com um *top* de malha fina, que desvelava os meus mamilos. Catarina olhava para a lente fotográfica, mas eu, de cabeça encostada à cabeceira, contemplava o tecto. Coloquei o envelope na mochila, mas decidi deixar essa última imagem na cama de Catarina. Por trás, escrevi:

Desculpa. Liga-me. Não importa quando. Daqui a um dia, uma semana, um ano. Liga-me apenas. Adoro-te.

Entrei no carro à pressa, já que continuava a chover em bátegas. Quando dei à chave, respirei fundo e tentei recordar o caminho que me levaria até à casa de Dulce, onde passaria os meus últimos dias em Portugal. Depois de me fazer à estrada, o locutor de uma rádio comercial, que nos acompanhava nesta noite chuvosa, anunciou uma balada dos Eurythmics. A mística voz de Annie Lennox fez-me desviar da Via de Cintura Interna e procurar as ruas mais estreitas e antigas do Porto. Apesar dos dias que ainda me restavam na cidade, tratei este percurso a solo como uma autêntica despedida. Atentava nos transeuntes que corriam para escapar à chuva, nas luzes néon que alumiam os nomes dos restaurantes e até nos mendigos que dormiam, nas entradas dos prédios velhos. Tinha sido miserável aqui e estas ruas tinham-me abandonado, em muitos momentos. Mas o Porto foi o pano de fundo para a minha vida e a grande inspiração para a minha fotografia. Era simultaneamente o meu alento e a memória das minhas derrotas e solidão. Esta cidade conhecia-me como ninguém e todos os seus cantos me eram familiares. Mais uma vez, andava às voltas pelas ruas do Porto. Desta vez, não o fazia numa ambulância. Era eu quem carregava no pedal e girava o

volante. Ainda que conduzisse sem destino conhecido, era eu quem me fazia chegar à meta. Estava pronta para partir e, como Pedro me dissera, o como não era importante. Eu afirmara, vezes sem conta, que me mudava para Madrid porque conseguira uma bolsa de investigação. Sabia, no entanto, que a minha mudança era muito mais do que uma estada académica. A minha mudança era, acima de tudo, uma procura ancestral. Por causa disso, o porquê era mais importante. Era tudo.

SEGUNDA PARTE

14.

As conversas que se ouviam pela sala de convívio do hostel madrileno atrapalhavam o ofício destas minhas antenas. Sentada numa poltrona, relia a mesma frase de *Orlando*, de Virginia Woolf, há alguns minutos, mas tudo o que conseguia reter era uma fusão das línguas espanhola e inglesa. Como habitual, aqueles que se serviam do castelhano para comunicar expressavam-se alto, obrigando os falantes de inglês a aumentar o volume.

Desloquei os olhos do meu livro para observar o estado meteorológico deste final de tarde de Janeiro. O Sol preparava-se para se despedir de nós e, desde que me mudara, a chuva andava esquiva. Decidi, por isso, arremessar a Woolf para dentro da minha bolsa e lançar-me à rua. Não só precisava de um pouco de silêncio, que, neste momento, estava mais perto de conseguir nas ruas de Madrid, como necessitava de escolher a zona onde viveria durante os próximos meses. Esta algazarra de estadias em hostel começava a deixar-me ansiosa, e dormir em caixas embutidas na parede dava-me a sensação de dormir num caixão semiaberto. O *design* era engraçado, mas quando a lotação do quarto estava completa, pela noite adentro, parecíamos um bando de trabalhadores forçados.

Segundo o *Google*, cada canto da capital espanhola ceder-me-ia um tipo de experiência distinta. De acordo com o que apurara nas redes, os habitantes de Madrid compartimentavam-se com base em gostos musicais, orientação sexual, filosofias de vida e fundos de maneio. Dividiam-se em categorias como se fossem produtos de mercearia. Muitos *websites* serviam-se ainda

das diferentes áreas de Nova Iorque para estabelecer comparações com os bairros madrilenos, lembrando-me, mais uma vez, o quão americanizada é a nossa experiência.

Havia, no entanto, limites para o que as novas tecnologias me poderiam conceder. A minha passada ainda era mestre nas minhas descobertas, por isso fiz-me ao caminho pelas ruas estreitas e pinceladas em tons quentes da Chueca. Passei por imensos espaços nocturnos e a bandeira LGBT embalava-se com o vento em várias varandas. Este bairro parecia-me, sem dúvida, um espaço de liberdade, de amor e de noite até à exaustão. Mas todo este amarelo e laranja impregnado nos edifícios baixos me transportava para as cores da casa de Dulce. Sabia que estes eram os tons que dominavam a arquitectura do centro da cidade, mas sufocavam-me especialmente na Chueca. Ao mesmo tempo que fiz essa associação, dei por mim a chegar à porta do Museo del Romanticismo. A publicidade, à entrada, anunciava a presença de algumas obras de Francisco de Goya no interior do museu. Lembrei-me dos rostos monstruosos e do grotesco em alguns trabalhos do pintor espanhol, e decidi interpretar estas lembranças e associações como um mote de saída. Estava certa de que recorreria à Chueca para dar corda aos movimentos do meu corpo e beber uns copos, mas não alugaria nada aqui. Antes de partir em direcção ao próximo bairro, saquei a *Olympus* da bolsa de pele e liguei-a para tirar algumas fotografias. Porém, senti que a inspiração tinha desertado e decidi poupar o rolo.

Calcorreava rumo a Malasaña, quando comecei a cogitar no meu primeiro encontro com a colega do meu orientador, a Dr.^a Alba Castro. Tivéramos uma reunião particularmente longa, na semana anterior. Nos seus cinquentas, a coordenadora dos Estudos de Género era uma mulher baixa, mas carismática. Dava-me a sensação de que estava destinada a lidar com mulheres com carisma na minha vida. Não sabia muito bem

porquê. Talvez devesse apontar esta questão e colocá-la ao meu futuro psicoterapeuta.

Nesse encontro, partilhámos o nosso fascínio pelas obras de Rosa Montero e descrevi com alguma minúcia as questões da minha tese de doutoramento. Dei particular ênfase aos tópicos que tinha ainda por explorar e a Dr.^a Alba comentou os ensaios que eu lhe tinha enviado por *e-mail*, antes de deixar Portugal. Ela elogiara o meu pensamento extremamente crítico e as perspectivas inovadoras que o meu estudo traria. Estar com ela fora o primeiro momento em que exercitara o meu espanhol em conversação, num longo período de tempo. Por isso, vi-me forçada a passar os seus comentários elogiosos por um filtro tradutor. À medida que ela se fazia ouvir num castelhano lindíssimo, eu traduzia cada termo de forma mecânica. Esse acto maquinal distraía-me da realidade de aceitar esses elogios e tomá-los como meus.

Depois de conversarmos sobre a minha tese de doutoramento, falou-me sobre o grupo de investigação feminista que eu também integraria, informando-me de que havia outros investigadores jovens como eu. Gozei de uma breve sensação de alívio, nesse momento. Era certo que a vida académica se fazia de forma bastante solitária e, ainda que apreciasse esse casulo existencial no Porto, começava a temê-lo num lugar em que estava realmente sozinha.

As gargalhadas das ruas de Malasaña começaram a afastar-me da minha ansiedade e obrigaram-me a abrir os olhos para o bairro. Ainda que o negrume da noite se tivesse imposto, eu apreciava os edifícios coloridos, com a ajuda dos candeeiros da cidade. Tropeçava em lojas *vintage* e ia colocando as mãos nas montras de livrarias em segunda mão, para conseguir espreitar para os seus interiores repletos de histórias. Sem que me apercebesse, a cadência da minha passada tinha aumentado. Desviava-me dos caixotes do lixo, que abundavam nos passeios,

e observava os bares intrigantes, que despertavam a noite do bairro. Eram sombrios, sensuais e alguns chegavam até a roçar o ordinário. Eram convidativos. O *rock* e o *punk* que de lá ecoavam e se misturavam pelas ruas madrilenas deixavam-me animada.

Sentei-me numa praça para pegar no meu telemóvel e me certificar de que a universidade se encontrava por perto. Sorri, quando o *Google* obedeceu às minhas ânsias e me confirmou a proximidade do edifício. Antes de me levantar, apertei os botões do *blazer* de veludo e aconcheguei o meu lenço ao pescoço.

— Sabes onde fica a galeria La Fiambrera? — perguntou-me um casal de *hipsters*, em inglês.

— Não, também não sou daqui — expliquei-lhes, na mesma língua.

Sorrimos e tomámos direcções opostas. Depois de umas passadas, voltei a rir-me para os meus botões. Apesar dos mapas virtuais que nos podem guiar, ainda havia jovens dispostos a interagir com estranhos para descobrirem o caminho para o seu destino. Memorizei o nome da galeria para pesquisar mais tarde, porém, o *grafitti* incrustado nos edifícios de Malasaña convidava-me a vaguear e a abraçar a arte a céu aberto. Alguns trabalhos celebravam a geometria, outros faziam alusão ao humano, mas alguns dos meus favoritos retratavam animais de forma crua e vívida. Lembrei-me do furão encurralado e solitário, naquela casa da capital portuguesa, e senti uma espécie de vingança retardada. Havia liberdade, energia e vivacidade, nestas paredes. Olhava-as com tempo e algum desespero, como se ansiasse que estas figuras ganhassem corporeidade e se deslocassem destes murais para o mundo real. E, quem sabe, num acto de piedade, me tocassem e me passassem essas sensações, como se fossem um vírus.

Caminhava com as mãos na mala, a tocar na *Olympus* quase

de forma involuntária. À medida que esbarrava na arte, surgia-me alguma hipótese de criação, junto destes trabalhos. Vinha-me à cabeça criar uma espécie de palimpsesto. Não hoje; mas no futuro. E foi quando me deparei com uns olhos perturbadores, na Calle de la Palma. Dezenas deles, bem abertos, cravados numa parede azul-turquesa, diziam-me: *Big Brother is watching you*. Sozinha no passeio, retirei a mão da bolsa e deixei os braços caírem. As vozes dos que vagueavam na noite madrilenas eram como um relato de fundo, sem qualquer sentido. Enquanto contemplava estes olhos, perguntava-me quem era este meu *Big Brother*, porque ele estivera sempre lá. De certo modo, sempre me sentira observada, dominada, contida, engaiolada, triste. Seria o meu passado, seriam os meus pais, seria a porra do mundo? Ou seria eu? Estas dezenas de olhos confrontavam-me destemidamente e, ainda que eu me sentisse a perder uma batalha contra a merda de uma parede, respirei fundo e dei umas passadas para trás. Saquei da *Olympus* e fotografei o mural, do meio da rua. Um dia, regressaria a esta parede e tornar-me-ia no *Big Brother*. Seria eu a observar e a comandar estas dezenas de olhos. Não hoje, mas no futuro.

Pouco depois de virar a esquina, lia-se numa parede: *Siempre nos quedará Malasaña*. Lembrei-me naturalmente de um dos meus filmes favoritos e não tive dúvidas. Este bairro seria a minha casa. À semelhança da Baixa do Porto, os *hipsters* eram os reis do sítio. Ainda que isso significasse deparar-me com camisas de padrão tropical nos dias tórridos, combinadas com um par de óculos *retro*, eu agarrar-me-ia à esperança e à vivacidade que esta zona emanava sem reservas.

— *Habemus barrio!* — escrevi a Simone.

Vesti o meu sobretudo de veludo preto e, antes de sair, abri a janela para arejar o estúdio. Alugar este espaço, em Malasaña, tinha-me corroído. Para mim, este capitalismo agressivo era um chulo abominável e nós, uma carrada de putas, exploradas até ao tutano. E, ainda que o panorama actual fosse frustrante, não previa grandes mudanças. Assinar um contrato de um estúdio de 20 m² por 800 euros tinha sido o derradeiro prego no meu caixão. Pensara que com a minha bolsa de investigação poderia encontrar um desafogo económico que o meu país tinha negado à geração jovem, há muito tempo. No entanto, os nossos vizinhos falavam um idioma diferente, mas a língua, pelos vistos, era a mesma.

Cheguei a ver outras opções em áreas da cidade diferentes, mas os valores não diferiam muito. Ocorreu-me, inclusive, conversar com o meu pai sobre o apartamento que ele tinha na capital espanhola. No entanto, relembrei-me num ápice que preferia ser escrava do sistema capitalista do que ficar em dívida para com o meu pai, o que era comicamente lamentável. Por fim, quando encontrei este estúdio, decidi perguntar se seria possível baixarem um pouco a renda. Afinal de contas, o senhorio até era português e os fundos monetários de uma estudante são escassos e, além de pagar um tecto, têm de pagar pão e água. De olhos postos no telemóvel, o senhorio, que não sentiu compaixão por uma conterrânea aflita, disse-me:

— Se não puder pagar este valor, não me falta quem possa. Se eu anunciar este apartamento no *Airbnb*, faço muito mais dinheiro. Quer o apartamento ou não?

— Eu fico com ele — respondi a custo. Respirei fundo para abafar as minhas ganas e a revolta. Era triste, mas viver nas cidades tinha-se tornado num luxo que a maioria das pessoas não conseguia comportar. Apesar de insistir na vida cidadina, o capitalismo continuava a tentar arremessar-me para os subúrbios. Os remediados deveriam seguir para os arredores, deixando a cidade para os endinheirados ou para os turistas. Ou, então, para os casais, porque arcar com os custos de vida a solo, nesta sociedade de exploradores, era tramado.

Apesar de a minha primeira experiência com um compatriota ter sido decepcionante, quando chegou o momento de escolher um psicoterapeuta, optei por uma portuguesa. As barreiras no consultório começariam por ser muitas. Estava certa de que a linguagem me falharia, de vez em quando. Mas expressar-me na língua portuguesa seria menos um obstáculo a ter em conta. Explanar as minhas dores e colocar as minhas questões em português conceder-me-ia uma segurança de que necessitava. Falar na minha língua era regressar a um lugar meu, à minha história. Exactamente onde precisaria de ir, dentro daquelas quatro paredes.

Quando cheguei ao número 37, toquei à campainha do consultório da Dr.^a Mariana Brandão. A porta abriu-se, segundos depois. De punhos cerrados, comecei por me meter num elevador antigo e claustrofóbico. No entanto, antes de carregar no 3.^o andar, abri as portas de ferro e lancei-me às escadas do prédio, que contornavam o próprio elevador. Assim que entrei no consultório, apresentei-me a uma secretária, que me solicitou alguns dados básicos para criar uma ficha de paciente e me pediu que aguardasse numa cadeira.

Ia colocar o telemóvel em silêncio, quando recebi uma mensagem de Simone a desejar-me boa sorte e a lembrar-me de que estava orgulhosa deste meu passo. Entretanto, peguei num panfleto, pousado numa mesa de apoio, que destacava os

benefícios da psicoterapia. Ainda estava a começar a ler os primeiros pontos, que diziam respeito à ansiedade, quando a Dr.^a Mariana Brandão abriu a porta do seu consultório e, de bloco de notas na mão, me chamou pelo meu nome:

— Lola? Vamos entrar?

O consultório tinha as paredes pintadas num tom creme, que tornava o espaço agradável e aconchegante. Numa grande parede encontravam-se vários móveis baixos de madeira, que emitiam uma aura dos anos 70, repletos de livros e dossiês. Por cima, havia somente um quadro abstracto. A minha poltrona de pele castanha deixava-me de frente para uma grande janela que me concedia acesso ao exterior. Mas, antes do exterior, estava a psicóloga sentada numa poltrona de pele preta, a sorrir-me. Compreendendo que a minha atenção se dividia entre a decoração do escritório e os ruídos citadinos, disse-me:

— Bem-vinda. Lola é um diminutivo de Dolores?

— Não. O meu nome é mesmo Lola.

— Ah! É incomum — comentou, inclinando a cabeça. — Esta primeira consulta será um pouco diferente das próximas. Gostaria que me falasse um pouco de si.

Falar sobre mim, pensei, desviando o olhar para as minhas pernas. Arrastara-me até este consultório por causa de uma crise de identidade e da minha ansiedade insurgente e indisciplinada e, nos primeiros segundos, a psicoterapeuta tinha-me colocado a questão que mais temia. Eu não tinha grande resposta. Apertei as mãos no colo e notei que tinha começado a transpirar. Aparentemente, a primeira pergunta que se colocava numa entrevista de trabalho não diferia muito daquela que se fazia numa primeira consulta de psicoterapia. Pareceu-me interessante. Também já me tinham caído na sopa alguns tipos do *Tinder* que davam início ao engate dessa maneira. Eram bloqueados de imediato. Se quisesse abrir a minha alma e falar das minhas maleitas, escolhia um

psicoterapeuta. E, afinal, nem isso. Agora, que aqui estava, também não me parecia lá grande questão. Chegaria mesmo a descrevê-la como insultuosa. Um autêntico gozo para com os perdidos. Não percebia quem é que precisaria de vir a um psicoterapeuta se tivesse uma resposta clara. Por onde começaria? Como acabaria? Enquanto divagava, lembrei-me de que as minhas palavras ainda eram aguardadas pela Dr.^a Mariana Brandão e que as consultas eram demasiado caras para permanecer em silêncio por muito mais tempo.

— Já percebi que esta pergunta a incomodou — disse ela, cedendo-me um breve e praticado sorriso. — Vamos tentar outra abordagem. O que a trouxe aqui hoje? Esta é a primeira vez que faz psicoterapia?

— Sim — disse. A velocidade com que respondi surpreendeu-me. — É a minha primeira vez. O que me traz aqui? — perguntei-lhe, coçando a cabeça. Eu tinha ouvido a questão, mas precisava de ganhar tempo para formular a resposta na minha mente. Ela assentiu com a cabeça, mas não emitiu qualquer som.

— A minha ansiedade — comecei por dizer baixo, encolhendo os ombros. — Existir é difícil para mim. Não estou a dizer que tenho pensamentos suicidas. Não é isso — apressei-me a corrigir.

— Então, não tem pensamentos suicidas?

Pela primeira vez, olhámo-nos nos olhos e decidi descartar a sua pergunta. Optei por retomar o meu discurso:

— Não consigo existir de forma plena. Nunca me sinto inteiramente em lado algum. Não sei explicar muito bem — disse e reparei que tinha começado a fazer o meu tique nervoso. Parei de apertar os lábios e baixei as mãos. Quando voltei a encará-la, apercebi-me de que ela aguardava por mais informação.

— Acho que gostaria de me conhecer melhor — assegurei,

após uns minutos de silêncio. — Às vezes, tenho medo de mim. É como se eu não estivesse no comando de mim mesma.

— E tem receio dessa falta de controlo? — perguntou-me, escrevinhando no bloco de notas. Ao inclinar o rosto, contemplei as orelhas da psicóloga, que espreitavam por baixo do penteado. Eram perfeitas e carnudas como as de um bebé.

— Sim — decidi responder, mantendo o meu volume reduzido.

— Lembra-se de quando é que a sua ansiedade começou?

— Acho que sempre fui uma pessoa ansiosa, por isso não posso dizer que tudo tenha começado a partir de uma certa altura. Claro que, quando era pequena, não sabia que o que sentia se chamava ansiedade. Aliás, só o soube há uns anos. Mas, agora que estou ciente, reconheço que sempre fui ansiosa.

— Quando é que descobriu que o que sentia se chamava ansiedade?

Depois de respirar fundo, falei-lhe do ataque de pânico que tivera no autocarro nocturno do Porto, e que me levara até uma maca do Hospital de São João. Tinha sido o psiquiatra de serviço a conversar comigo e a nomear o meu problema. Esse momento fora a primeira e única vez que falara com um profissional da área, até hoje.

— Apesar de me considerar uma pessoa instruída, conceitos como ansiedade ou ataques de pânico eram desconhecidos para mim — expliquei-lhe. — Actualmente, a sociedade portuguesa está mais familiarizada com os assuntos de saúde mental. Mas, há uns anos, o tabu era grande. Quando aquele médico nomeou o que eu tinha, percebi que ele estava certo. Não só sobre mim, mas sobre a minha geração...

— A Lola disse que se considera uma pessoa instruída. Pode dizer-me o que faz?

— Estou a fazer um doutoramento em Literatura Espanhola. É por isso que estou em Madrid, neste momento. Estou a

investigar a obra da Rosa Montero, a partir de uma perspectiva feminista.

A Dr.^a Mariana voltou a tirar mais apontamentos. Estes silêncios, que se sucediam entre a minha resposta e a sua próxima pergunta, deixavam-me insegura. Era um vazio hostil.

— Pode dizer-me quando ocorreu esse episódio no Porto?

— Há cerca de três anos. Quase quatro.

— A Lola sabe que sofre de ansiedade há quase quatro anos — constatou em tom neutro. — Há algum motivo que a tenha levado a esperar todo este tempo para procurar ajuda?

— Falta de dinheiro — respondi. Estava certa de que uma pessoa que cobrava uma fortuna por consulta não estava familiarizada com essa realidade.

— Então, a Lola já é independente... — disse, deixando-me na dúvida se havia sido uma questão ou uma mera afirmação.

— Sim, sou independente há quase quatro anos — decidi confirmar. — Já tinha um *part-time*, numa livraria, antes de sair de casa da minha mãe. Mas só me tornei realmente autónoma após esse episódio.

— Lola, o nosso tempo está a acabar por hoje — anunciou-me com um sorriso. — Como lhe disse, esta consulta inicial tem um cariz diferente. No final deste primeiro encontro, costumo apresentar aos pacientes as minhas primeiras conclusões. Quanto à Lola, acho que podemos dar seguimento à sua terapia de duas formas: o nosso foco pode ser a sua ansiedade e tratar exclusivamente esse transtorno, ou podemos explorar a sua vida, numa perspectiva mais global, e dar-lhe as ferramentas de que tanto precisa para entender o seu lugar no mundo, e também aprenderá, entre outras coisas, a lidar com a sua ansiedade. A segunda opção é mais longa, mas mais frutífera no seu caso, a meu ver.

— Acho que a segunda opção me parece melhor, de facto.

Antes de sair do consultório, agendámos a consulta seguinte,

que ocorreria no mesmo horário, uma semana depois. A psicóloga explicou-me que era importante que os nossos encontros fossem regulares e sempre à mesma hora. A terapia deveria ser um compromisso para mim, lembrou-me.

Ao caminhar pelas avenidas largas de Chamberí, tive uma súbita vontade de ver o mar. Enquanto vivera no Porto, nunca me ocorrera procurá-lo. Agora, que estava no meio desta fauna urbana, afastada da potência da água, é que me lembrava do nosso mar. Saíra do consultório, num temperamento morno, quase como se estivesse a recuperar lentamente de uma anestesia ligeira. Sentia-me esvaziada e lenta. Dirigia-me ao metro com uma desmotivação existencial que me apanhou de surpresa. Sempre achara que, quando acabasse a primeira consulta, me sentiria aliviada e esperançosa, mas fora deixada neste processo de banho-maria. O futuro prometia-me algo, mas não o suficiente para me mover. A distância até casa era curta, mas, face à ausência do mar, quis recorrer ao metro madrileno. Queria sentir aquele arranque feroz, que nos repuxa o corpo para trás e nos força a agarrar nos ferros, que evitámos tanto tempo por acolherem uma carrada de vírus e bactérias.

A descer as escadas para o metro, recebi uma chamada de Simone. Fiquei a contemplar o visor do telemóvel por uns segundos, mas decidi não atender. Este final de consulta já tinha furado expectativas que chegassem. Durante o percurso de metro, ainda ponderei alterar o destino e visitar umas livrarias, mas optei por manter o plano. Casa seria. Mas que casa? Madrid ainda não era a minha casa. Aquele cubículo estava longe de ser o meu lar. Era um espaço claustrofóbico, demasiado pequeno para mim e para a minha bagagem emocional. Pela primeira vez, desde que me mudara, perguntei-me se tinha cometido um erro. A minha vida no Porto estava a sufocar-me, mas aqui não respirava melhor. Ainda procurei relativizar os meus pensamentos e preocupações, mas hoje não

havia grande vantagem em fazê-lo. Estava na hora de dar este dia como perdido.

Assim que entrei em casa, fechei as janelas e coloquei o sobretudo na cruzeta. De braços apoiados no suporte de cabides, contemplei o silêncio do meu estúdio e pensei no dia de todos os outros humanos. Achava intrigante como a nossa vida pode empenar, deixando-nos momentaneamente entregues à inércia e ao vazio; e, ao mesmo tempo, as outras pessoas tinham carta-branca para prosseguirem e serem normais. Funcionávamos à vez. Sentíamos-nos alegres e tristes à vez. Ainda bem, pensei. Se as mesmas emoções nos apanhassem a todos simultaneamente, era o fim da humanidade. Caso o desalento nos visitasse ao mesmo tempo, haveria um suicídio colectivo. Não haveria quem nos animasse e nos puxasse para um café da Baixa de uma cidade, que nos levaria a inesperadas maravilhas.

Sentada na cama, percorria as últimas notícias do meu país e não tardei muito a encontrar uma entrevista de Beatriz Costa Gomes e de Dulce Gaspar. A campanha eleitoral ainda não tinha começado em Portugal, mas a dupla já estava a trabalhar na propaganda. Antes de ler a entrevista, dei por mim a fazer *zoom* na fotografia dela. Não nos tínhamos visto mais desde o Natal, embora ela me tivesse ligado duas ou três vezes, desde então. Pela primeira vez, não atendi nem retribuí as chamadas. Toda a orfandade é fodida. Mas sentirmo-nos órfãos quando ambos os pais estão vivos, é amargo. A única vantagem é que sempre temos a possibilidade de deixarmos de ser órfãos, do dia para a noite. Ainda que eu estivesse num lastimoso estado de espírito, reconhecia que essa única vantagem fazia uma grande diferença. Aquela que os órfãos de verdade gostariam de ter como sua.

A meio da entrevista, na qual Beatriz Costa Gomes combatia a emergência da extrema-direita no nosso país, decidi ligar a

Simone.

— Finalmente! — disse-me, enquanto comia uma torrada na sua cozinha. Tinha a franja molhada, o que me indicava que o Inverno nortenho prosseguia como habitual.

— Desculpa, mas só cheguei agora a casa...

— Estou a ver que não correu muito bem — comentou, ainda de boca cheia.

— Na verdade, até correu. Mas pensei que me sentiria diferente... Gostei da psicóloga, no entanto. Acho que isso é importante.

— Isso já é alguma coisa. Anima-te, Lola! Mostra-me aí os teus aposentos — sugeriu, num tom jocoso, o que me levou a soltar uma gargalhada. Não precisei de me mover da cama para lhe conseguir mostrar o espaço todo.

— Acho que vamos ter de dormir em concha, quando vieres visitar-me.

— Estava a ver que nunca mais tínhamos uma desculpa para isso — respondeu-me, piscando o olho.

— O que há de novo?

— Muita coisa — acrescentou, num instante. Eu adorava este dinamismo da vida de Simone, que tanto contrastava com o marasmo do meu dia-a-dia. — Bem, uma grande marca de cosmética contactou-me para fazer umas ilustrações feministas para o mercado português. É uma nova campanha. Eles querem divulgar o trabalho de ilustração nas lojas físicas e no *online*.

— Isso é bom, não é? Qual é a marca?

— Na verdade, não te posso dizer, porque tive de assinar um termo de confidencialidade nas reuniões. É uma ótima oferta, mas estou a pensar recusar.

— Porquê?

— Há um ou dois anos, determinadas empresas causaram controvérsia em Portugal por ainda não tomarem medidas relativamente à igualdade de género. O movimento *#metoo*

passou-lhes ao lado. Não sei se te recordas...

— Sim, lembro-me perfeitamente. Na altura, até fiquei admirada por se debater algo desse género em Portugal.

— Pronto, esta marca constava nessa lista. Não passa de mais uma a servir-se destas ideologias e lutas sociais como pura manobra de *marketing*. Estavam a pedir-me para desenvolver ilustrações feministas, porque vende. Claro que esse é o objectivo final de qualquer empresa, numa sociedade capitalista. Mas, então, que vendam de outra forma. Não usem o empoderamento feminino de forma gratuita e oca. Estamos a falar de bastante dinheiro e sei que alguém pegará naquele projecto. Mas não sei se serei eu...

— Pois — murmurei com um sorriso. A Simone sabia que eu nunca a incentivaria a aceitar, mas ansiava que eu legitimasse a sua indecisão. — As marcas injectam milhões em publicidade de cariz feminista, mas aposto que a maioria ainda atribui salários mais altos aos seus funcionários do que às funcionárias...

— Não te vou mentir. O dinheiro seduziu-me — confessou a Simone, ignorando o meu último comentário.

— O sistema é apetecível.

— É mesmo — concordou. — Na balança, estão os meus ideais de um lado e o *cachet* da campanha do outro. Custou tanto a iniciar-me na área da ilustração. Tu sabes que eu abdiquei de muita coisa. Aceitar este trabalho lançar-me-ia definitivamente e eu conseguiria assegurar a minha estabilidade financeira.

— Eu sei, Simone. Se recusares a campanha, alguém a fará por ti. Tens razão quando dizes isso. O sistema ainda rola, porque continua a haver quem o faça rolar. Acho que se resume a perceberes se consegues ser uma dessas pessoas...

— Quando falas assim, sinto que estou na equipa do monstro do capitalismo.

— Desculpa. Não é isso que estou a tentar dizer — corrigi após um riso breve. — Não estás. Uma pessoa que esteja não se teria questionado. O sistema é confortável. Combatê-lo é o oposto. Recusares este trabalho é remares contra a maré, sabendo que alguém entrará noutro barquito e rumará a favor da dela. A vida é difícil que chegue, por isso, em algum momento da nossa vida, cedemos porque é conveniente ou mais fácil.

— Queria ter a resiliência da tua mãe — comentou ela, suspirando e afastando a franja. — É que os princípios não me enchem a barriga, não é? Ou tampouco posso dizer ao meu senhorio para me perdoar a renda e aceitar os meus ideais como moeda de troca... Mas, pronto, também não vou passar fome se não aceitar este trabalho.

— Tenho a certeza de que não vais passar fome — disse-lhe espirituosamente.

— Que se foda! Vou recusar o trabalho — respondeu, com alguma resignação.

— Menos uma viagem, um passo mais perto de um mundo melhor!

— Isso! Espero estar a tomar a decisão certa.

— Decisão certa? O que é isso? Certo e errado são conceitos sobrevalorizados e que causam ansiedade e tensão desnecessários. Hoje, optas por um caminho. Isso significa que nunca saberás o que resultaria do outro. É impossível saber qual é a melhor decisão, a longo prazo. O mais importante é perceberes com que decisão dormirás melhor esta noite...

— O sistema fode-nos todos os dias. Para não entrar na hipocrisia dele, fodo as minhas próprias oportunidades. Estamos sempre fodidas. Mas, pronto, acho que durmo melhor sabendo que virei as costas ao jogo podre. Quando desisti do meu emprego e me aventurei na ilustração, prometi que viveria nos meus termos. Estes são os meus termos — finalizou com

mais segurança.

— E eu estou muito orgulhosa de ti. E, na verdade, acredito que as mudanças no mundo surgem destes pequenos golpes no sistema.

— Obrigada — disse Simone de forma calorosa. — Vamos esquecer este drama. Conheci um inglês. É baterista numa banda de *jazz* aqui. Mudou-se para cá, há uns anos. Apaixonou-se por Fernando Pessoa e decidiu ir viver para Lisboa; mas depois foi pelo Porto que se enamorou de verdade. Gostei da história. Pareceu-me poética e impulsiva. Pensei logo: vamos dar-nos bem!

— Espero que sim — respondi-lhe em estado de graça. — Parece que, após um desvio até à enfermagem, regressaste aos músicos.

— Um dia, talvez um enfermeiro me fosse mais útil. As maleitas do corpo não vão perdoar. Mas, nos dias que correm, prefiro um tipo que me desperte a alma — disse-me, libertando uma breve risada. — Vi o Pedro, nas Galerias de Paris, no fim-de-semana passado. Já não o via há algum tempo. Ele disse-me que o director do departamento mudou e que este prefere que eles trabalhem no escritório, para fomentar o espírito de equipa.

A referência a Pedro apanhou-me desprevenida. Assenti com a cabeça laconicamente e contemplei o meu estúdio. Entretanto, tinha escurecido lá fora e eu ficara entregue a uma fraca iluminação. O meu desalento, que tinha desaparecido por uns momentos, regressou em força. Não tardou muito a despedir-me de Simone e, assim que desliguei a videochamada, deitei-me na cama. Apesar das buzinas e risadas que me chegavam do exterior, sentia-me profundamente só e deslocada. Ainda ponderei sair desta pequena gruta e passarinhar pela cidade, mas as minhas pernas recordavam-me do meu estado de ansiedade, pedindo-me que ficasse entregue

a este marasmo existencial. Não me restou alternativa, por isso acendi uma luz e peguei na Woolf. Tive de reler a mesma página algumas vezes. Reflectia sobre a instabilidade da sua saúde mental e no rio Ouse, que acabou por acolhê-la; mas, entretanto, consegui engrenar na leitura de *Orlando* de tal forma que parecia que um comboio, maquinal e muito desejado, chegara para me levar para um lugar distante.

16.

— A Lola tem de se libertar dessa culpa — aconselhou a Dr.^a Mariana Brandão.

— Mas eu sou uma privilegiada. Há quem tenha vidas muito mais difíceis do que a minha. Ocorrem-me tantos cenários piores do que o meu. Ainda assim, sinto-me incapaz e impotente. Pareço uma inútil e isso deixa-me revoltada comigo mesma.

— Então, apenas as pessoas que não têm qualquer privilégio na vida é que têm legitimidade para sofrer? — perguntou, calmamente, a psicóloga.

— Não estou a dizer isso. Todos sofremos. Porém, acho que eu deveria estar mais apta para lidar com o meu sofrimento. Há vidas mais difíceis do que a minha.

— Esta é a nossa terceira consulta, certo? Já sabemos que a Lola não está apta para lidar com o seu sofrimento e é nisso que estamos a trabalhar aqui. Está a revoltar-se, porque desacredita a sua dor. Mas a sua dor é tão legítima como todas as outras. Tem de a levar a sério. Tem de respeitar as suas lutas, os medos e as ansiedades. O cinismo terá de ficar à porta, porque lembre-se de que o sofrimento humano não é quantitativo. Há episódios tristes, que podem acontecer na vida daqueles que amamos, que poderão ter mais impacto na nossa do que propriamente na deles. Este é um pequeno exemplo para lhe explicar não só que a dor não é sentida de forma linear, mas também que toda ela é legítima.

— Pronto — disse-lhe arrastadamente. — Partindo do princípio de que sou livre para sofrer, por que motivo não

consigo encontrar sentido na vida? Não consigo obter uma resposta para essa pergunta. Talvez seja apaixonada por literatura, porque se trata de uma viagem obsessiva para tentar compreender melhor a natureza humana e o sentido da vida. No entanto, quantas mais obras existencialistas leio, mais deprimida me sinto.

— É isso que lhe causa ansiedade?

— Não só mas também...

— Temos vindo a conversar sobre a ausência de amor, que dominou a relação com os seus pais. Acha que a falta de sentido e de amor estão interligadas para si?

— Não estou a entender — respondi, para me tentar esgueirar à resposta. Compreendera as palavras da Dr.^a Mariana Brandão sem dificuldade. Afinal, estava habituada a analisar textos herméticos com uma certa destreza. No entanto, a ligação que a minha psicóloga acabara de estabelecer nunca me ocorrera e deixara-me à nora.

— Acha que o amor dos seus pais poderia ter atribuído algum sentido à sua vida?

— Acho que agora nunca saberei — expliquei, encolhendo os ombros, o que não deixava de ser verdade.

— Antes de aprofundarmos a relação com os seus pais, gostaria de a deixar com uma ou outra questão para a ajudar a reflectir: O sentido da vida não será vivê-la? Não acha que as batalhas que a vida nos dá são o sentido da nossa existência? A Lola é uma académica e terá sempre uma certa predisposição para analisar o que a envolve, mas, por outro lado, também é fotógrafa. Agarre-se mais à espontaneidade e à liberdade que a máquina fotográfica lhe concede. A Lola disse-me que a sua mãe lhe confidenciou, na ceia de Natal, que há uma razão por detrás dos comportamentos dela. Não gostaria de saber que razão é essa?

Fiquei em silêncio alguns minutos. Comecei por assimilar as

palavras da psicóloga relativamente à existência humana e, pela primeira vez, dei por mim a atentar neste paradoxo que dominara a minha vida. A minha veia académica sempre se opusera ao meu amor visceral pela fotografia. Ambos me definiam. Eram dois lados de uma só moeda. Acima de tudo, assumiam-se como um reflexo do conflito mais profundo do meu ser: deixar esvoaçar a minha alma ou cortar-lhe as asas.

— Acho que a minha ansiedade piorou.

— É natural que se sinta assim, após as primeiras consultas. Estamos a escavar. Estamos a conversar sobre uma miríade de possibilidades, que nunca ponderou. Estamos a dialogar sobre o que não está na superfície. Estava a pensar no que lhe disse sobre a sua mãe?

— Não propriamente — respondi, colocando a cabeça entre as mãos. — Mas, quanto a isso, tenho medo. Não sei se quero abrir a caixa de Pandora.

— Qual seria o pior cenário na sua cabeça, ao conversar com a sua mãe?

— Não sei — respondi, encostando-me à poltrona de novo. — O que me assusta não são as palavras dela. O que me assusta não é a história. O que aconteceu, aconteceu há quase três décadas. Acho que tenho medo de não conseguir lidar. Tenho medo do que essas palavras ou essa história farão ao meu futuro.

— Estou a ver — murmurou a Dr.^a Mariana, enquanto escrevia algumas notas no seu caderno. — Então, ainda bem que a Lola está na terapia e não tem de lidar com esse futuro sozinha.

Antes de se remeter ao silêncio, a psicóloga sorriu-me. Estas últimas palavras transportaram-me para aquelas que eu disse à Catarina, quando a encorajei a acabar com o Tiago. Empurrei-a para uma batalha longa e pavorosa, e abandonei-a. Dei-lhe uma palmadinha no rabo, como se lhe dissesse «levanta-te e aprende

a caminhar» e depois, em vez de lhe dar a mão, deixei-a cambalear sozinha. Até que ela caiu. Agora, estava feito; mas não deixava de ser uma grande merda.

Não tardou muito até a Dr.^a Mariana dar a consulta por terminada. Paguei à saída e desci os três lanços de escadas, que nem um autômato. Assim que o meu pé tocou a calçada, despertei desse transe e saquei do telemóvel para verificar a localização de uma livraria que ainda não visitara. Sabia o que me aguardava, quando chegasse a casa. Caminhava, consciente do que faria após fechar a porta do meu cubículo. Por isso, fiz-me ao caminho, com os olhos no destino, enquanto batalhava intensamente contra o derramar das lágrimas.

Por mim, passavam turistas, enamorados pela capital espanhola, que fotografavam mecanicamente todos os cantos, sem reflectir sobre o que viam. Era um movimento automático. Era capturar o tudo e o nada. Como se a viagem lhes escapasse por entre os dedos, atiravam todas as avenidas e edifícios para dentro de um álbum no telemóvel. Porém, nunca perderiam um minuto das suas vidas a ver ou rever aquelas imagens com atenção. Afinal, não havia mesmo nada para ver. Era um excesso de vazio. Era o absurdo. E eu, que era capaz de reconhecer os cantos das cidades, deixando-os cravarem-se na minha alma, deixara de premir o botão.

Assim que entrei na livraria, avistei o funcionário que arrumava alguns livros, nas prateleiras dedicadas aos policiais. No caminho, passara por algumas lojas de *fast fashion* que, devido à época de saldos, se assemelhavam a um arraial; e este espaço sagrado, dedicado à alma e ao ser, estava deserto. Era triste que o mundo assim funcionasse, mas senti alívio por esta livraria, repleta de tijolos nas paredes e tapetes *kilim* no chão, compactuar com as minhas ânsias solitárias. Chamava-se *Desperate Literature*. Quem atribuíra o nome a este lugar também se terá encontrado neste desalento sem fim. Talvez

todos os seres humanos acabassem, num momento ou noutro, neste desespero profundo. Pelo menos, os bibliófilos tinham várias casas, espalhadas pelo mundo, nas quais poderiam poisar momentaneamente e reencontrar-se.

Ajoelhei-me no chão, de frente para um conjunto de prateleiras dedicadas à literatura no feminino. Folheava os livros e inspirava o seu odor, como se isso me fosse lavar a dor da alma. Ocorreu-me que, por causa da ansiedade, ainda só me deslocara à universidade duas ou três vezes. Essa lembrança entristeceu-me ainda mais. Peguei num livro chamado *All About Love*, da bell hooks, e levantei-me. Antes de me dirigir à caixa, deparei-me com um telefone antigo, pregado à parede. Observei-o durante uns segundos, como se se tratasse de um alienígena. Tentava decodificar o seu propósito. Talvez fosse meramente decorativo, mas decidi pegar no auscultador; e foi então que ouvi:

*Listener up there! what have you to confide to me?
Look in my face while I snuff the sidle of evening,
(Talk honestly, no one else hears you, and I stay only a minute
longer.)
Do I contradict myself?
Very well then I contradict myself,
(I am large, I contain multitudes.)*[\[1\]](#)

Eram as palavras de Walt Whitman. Fechei os olhos e respirei fundo. Pela primeira vez desde que aterrara em Madrid, sorri. Durante vinte e sete anos, percorrera os meus caminhos de forma invisível e oscilante. Lembrei-me do paleio de Catarina sobre as energias positivas e o poder do universo, e soltei uma gargalhada. Não acreditava nessas teorias, mas este poema, narrado vagarosamente ao meu ouvido, afagara-me a alma e revelara-me um pouco mais. Ou, então, o mundo revelara-se a mim, noutros tons. Eram duas possibilidades que me davam

esperança.

Assim que me lancei no caminho para casa, procurei a narração completa de *Leaves of Grass* no meu telemóvel, mas, devido à dimensão do poema, a gravação tinha algumas horas. Decidi, por isso, desgastar as minhas solas pela capital espanhola. Caminharia até me esgotar ou a narração terminar. A ideia do que faria quando chegasse a casa voltou a espreitar na minha cabeça e pareceu-me menos fatídica e dramática. Estava pronta. As palavras da psicóloga, que me lembravam de que eu não estava só neste caminho, também ecoaram na minha mente.

Quando bati a porta do meu cubículo, fechei-a à chave. Faltava pouco mais de um minuto para a narração terminar, por isso sentei-me na cama, ainda de sobretudo posto, e escutei:

*Failing to fetch me at first keep encouraged,
Missing me one place search another
I stop somewhere waiting for you.*[\[2\]](#)

Respirei fundo, mais uma vez. Como se houvesse um duplo de mim, imaginei uma outra Lola algures, esperando-me. Eu sabia que conseguiria encontrá-la. Nos próximos dias, hibernaria. Era a última chance que dava a este meu marasmo existencial. Ficaria dentro destas quatro paredes até ao último suspiro desesperado. Secaria esta minha solidão ancestral. Da próxima vez que colocasse os pés num passeio madrileno, seria para renascer. Não sabia quanto tempo aqui ficaria. Não sabia se seriam dias ou meses. Trabalharia a partir de casa. Nunca me ocorreu que, após os confinamentos pandémicos, ponderaria isolar-me mais uma vez. Mas era desta que largava a minha cruz.

Encarando o tecto branco da minha apertada gruta, serpenteava as minhas pernas ao som de *The Doors*. Nunca me tinha drogado. Conhecia apenas os efeitos secundários da droga através de conversas com Simone, de filmes loucos ou de pesquisas na internet. Como sempre, uma académica de gema. Aspirava o mundo através das palavras e dos feitos dos outros. Se calhar, seria interessante entregar-me à voz obscura de Jim Morrison. Se calhar, não. Tinham passado seis dias desde que me enclausurara neste estúdio, em Malasaña. O poder do tempo era ruim. O mundo era fodido. Continuara sem mim.

Durante este período, contemplara a dinâmica madrilena a partir da minha única janela. Geralmente, encontrava-me a ler um livro, que pousava por momentos, para espreitar a vida. Algumas situações faziam-me rir sozinha. A cena mais espirituosa desta minha hibernação acontecera numa das noites passadas. Vira um rapaz a empurrar um carrinho de supermercado, pelo passeio fora, transportando um tipo com uma bandana e uma chupeta. Deviam ser seguidores da receita da felicidade de Jim Morrison. Nesse instante, atirara o livro para a mesa e levantara-me da cadeira para estar certa do que via. Outras situações levavam-me simplesmente às lágrimas. Ocorria-me que era melhor zarpar desta pequena caverna depressa, antes que me visse com outro distúrbio do foro mental.

Mas fui permanecendo, na companhia dos livros, da música e da máquina fotográfica. Decidira fazer uma série de fotografias domésticas. Todos os dias, de camisa de dormir de cor pérola,

desnudava a alma e fotografava-me ao espelho. Recusara quaisquer freios, na esperança de conseguir auto-retratos puros.

No dia inicial, fotografei-me em absoluto aborrecimento. Até fui assolada por náuseas de tão enfiada me sentir. Passei esse dia deitada na cama, a fixar o tecto. Reflecti um pouco sobre as minhas consultas com a Dr.^a Mariana. Segundo a psicóloga, para fazermos progresso na terapia, eu teria de conversar com Dulce sobre o nosso passado. Isso significaria viajar a Portugal por uns dias. Apesar das minhas reflexões, a jornada fora sobretudo um desperdício de existência.

Ao segundo dia, fotografei-me em prantos. Falhava em entender por que motivo todos os transeuntes que eu observava, à excepção dos rapazes com o carrinho de supermercado, eram tão funcionais. Falhava em entender por que motivo eu não era um dos transeuntes do passeio de baixo. Acima de tudo, não sabia como iria conseguir pôr pés num avião em breve, sabendo que estaria prestes a abrir as portas a um passado estranho.

Ao terceiro dia, brinquei com a luz e fotografei o livro da bell hooks e alguns vinis, em cima da mesa. Chamar-lhe-ia também auto-retrato, porque o era. Passei grande parte do tempo a embalar o corpo ao som das minhas bandas favoritas, na companhia de um ou outro copo de vinho. Nessa noite, abri a janela do estúdio para colher os ares do mundo.

No dia seguinte, foi a vez de fotografar o meu rosto coberto pela mão esquerda. Sentia-me esvaziada de existência. Lembrei-me das palavras da psicoterapeuta, que me diziam que o nosso trunfo, quando confrontados com a ausência, era recordarmo-nos de que o copo vazio estava sempre a tempo de se transformar num copo cheio. Deitei-me na cama a observar as diferentes gradações de cor que o avançar do tempo produzia no tecto do meu quarto. Tentei ver um episódio de uma série sueca, mas não consegui chegar ao final. Era

fastidioso.

Ontem, fotografei uma aniversariante que cortou os cabos de ligação com o mundo. Recebi uma chamada da minha mãe, de Simone e até de Pedro. Não atendi nenhuma. As mensagens não eram muitas, mas também me recusei a abri-las. Procurei apenas por uma de Catarina, mas nada. Fiz 28 anos e parecia-me que ainda estava em fase de gestação. A minha existência até aqui fora pouco mais do que uma simulação, um exercício, um teste para a derradeira vivência.

Por recusar as chamadas no meu aniversário, Simone já me ligara duas ou três vezes hoje. Sabia que eventualmente teria de lhe retribuir o telefonema, antes que ela entrasse num avião rumo a Madrid. Também ainda não tinha tirado o auto-retrato do sexto dia. Durante este tempo de solidão e isolamento que se seguiu à minha visita à livraria, acordei sempre com esperança de que o momento para abandonar a clausura chegaria, nessa mesma tarde ou à noite. No entanto, quando a tarde se anunciava, eu deixava-me estar. À noite, *idem aspas*. O momento de partir e de me guiar por uma nova bússola poderia estar para breve, mas ainda não tinha chegado. Ainda não me sentia preparada. Para me precaver, cheguei a escrever, no primeiro dia, um *e-mail* à minha co-orientadora a informá-la de que tinha gripe e que, por esse motivo, investigaria a partir de casa. Só contava interromper esta hibernação para ir à terapia.

Acabei por conseguir cumprir o meu exercício fotográfico e tirei o auto-retrato nesse final de tarde. Em vez da camisa de noite, vesti uma camisola de gola alta vermelha e privilegiei o rosto. De um lado, estava coberto pela *Olympus*. Do outro, as minhas linhas eram claras.

Ao sétimo dia, despertei a meio da manhã, com dois livros próximos do meu rosto. Afastei-os e permaneci na cama por mais uma hora, deslizando pelas mais recentes publicações das redes sociais.

Assim que me levantei, abri as cortinas e comecei a preparar um café, com pouco ânimo. Ao contrário de todas as outras manhãs, decidi fazer uma torrada. Por causa da ansiedade e do desalento que me assolavam, andava a comer pouco. Porém, assim que abri a porta de um armário para pegar num prato, pareceu-me ver uma barata. Num ápice, fechei a porta e dei um salto para trás. Estes insectos causavam-me um asco profundo. «Isto não pode estar a acontecer», pensei, com o coração acelerado. A minha casa era minúscula. Onde havia uma, havia várias, ouvira dizer. O café já estava pronto, mas eu permanecia imóvel. Não conseguia abrir as portas do armário, por medo do que poderia encontrar. Sentei-me na cama e, enquanto sentia a minha visão periférica desaparecer, o meu coração explodia no peito. Respirar era difícil, já que a única coisa em que pensava era que ia morrer sozinha e ficar coberta de baratas. Durante uns momentos, imaginei uma notícia absurda sobre a jovem que perecera sozinha, num estúdio madrileno minúsculo, e de que ninguém se lembrara. Seria o epítome ridículo de uma geração. Viraria um *meme* nas páginas de humor negro.

Tinha de afugentar esses pensamentos, por isso deixei o café na chávena, vesti umas calças de ganga e uma camisola de lã e atirei uns livros e a *Olympus* para dentro da mala. Saí de casa sem lavar os dentes. Há uma semana que estava encerrada neste estúdio, a viver com um bando de baratas como uma família feliz. Por isso, pareceu-me mais seguro abandonar a habitação sem mais explorações.

Mal coloquei o pé na calçada, ocorreu-me que estava fora de casa. Eu era uma das pessoas do passeio de baixo. Há dias que ansiava sentir-me pronta para abandonar o casulo e, de repente, a vida forçara-me a sair como se me recordasse de que, para determinadas coisas, podemos nunca sentir-nos prontos; mas isso não quer dizer que não estejamos. As baratas

tinham-me lançado de volta à vida. Apesar de não saber como seria regressar a casa, lembrei-me do meu compromisso: quando voltasse ao mundo, eu faria parte dele. Ao sétimo dia, Deus descansara porque o seu trabalho de criação estava terminado. Ao sétimo dia, eu não descansava, mas começava um novo trajecto. De certa forma, também eu tinha terminado o meu trabalho de criação. Decidi deixar-me de filosofias e de estabelecer analogias religiosas, e liguei ao meu senhorio para que contratasse um serviço de desinfestação.

Enquanto a equipa tratava de purificar a minha habitação, eu aguardava numa esplanada próxima. Madrid fazia-se a um ritmo lento e pessoal, nesta manhã. Era uma manhã de Inverno, mas o sol amornava o corpo dos transeuntes e conjugava-se na perfeição com os tons dos edifícios. Pela primeira vez, sentia-me bem-vinda. Pensei em enviar uma mensagem a Pedro mas, antes disso, ocorreu-me que seria bom escutar a voz dele. Por isso, liguei-lhe, ao mesmo tempo que bebia o meu *café con leche*. Talvez estivesse a trabalhar no escritório, mas decidi arriscar.

— *Hey, stranger!* — disse-me, quando atendeu a chamada. O seu tom revelava-me um misto de receio e surpresa.

— Não estou a incomodar?

— Não — respondeu ainda um pouco contido. — Estou a fazer uma pausa. Estou no passeio a fumar um cigarro.

— Ouvi dizer que agora trabalhas das nove às cinco, num escritório...

— Pois é — acabou por dizer, soltando uma risada. — Está tudo um pouco diferente por aqui. Como estão as coisas por aí?

— Desculpa não ter atendido a tua chamada no meu aniversário. Digamos que fiz um período de hibernação — expliquei-lhe graciosamente.

— Fez-te bem?

— Sim, fez-me bem. Sou como a fénix. Renasci das próprias

cinzas.

— É agora que vai começar a verdadeira viagem?

— Sim, é agora — assegurei. — A sério, desculpa não te ter dito nada desde que cheguei a Madrid. Precisei de me afastar um pouco.

— Não tens de me pedir desculpa. Eu quis dar-te espaço, por isso é que também não te liguei. Eu estou por aqui, tu sabes...

— Eu sei — ao proferir estas duas palavras, sorri. Eu sabia que ambos estávamos por aqui, a rondarmo-nos. Vivíamos as nossas vidas, reconhecendo a proximidade um do outro. — Por falar em viagem, devo ir a Portugal em breve. Gostava de te ver.

— Juro que não recorri a mezinhas! — disse-me. Enquanto soltávamos uma gargalhada, ele tossiu um pouco.

— Vou falar com a minha mãe. Decidi que está na hora...

— Acho que fazes muito bem. Estou orgulhoso de ti. E não te preocupes! Eu arranjo sempre tempo para uma ida ao Le Chat Noir contigo.

— Tens ido lá?

— Não... Ia sentir a tua falta. Ainda mais do que o habitual.

Após as palavras de Pedro, ficámos em silêncio por uns segundos. Eu brincava com a colher na chávena vazia, sem saber o que lhe responder. Entretanto, avistei os dois senhores da empresa de desinfestação a abandonar o meu prédio.

— Pedro, vou ter de desligar. Tive um problema com baratas e preciso de ir falar com a equipa que esteve no meu apartamento. Saíram agora.

— Tiveste um problema com baratas? — perguntou-me às gargalhadas. — O quê?

— A minha sorte... Depois explico — respondi-lhe, enquanto caminhava em direcção aos dois homens.

— Não sei se te ajuda, mas sabias que encontrar baratas é aparentemente bom sinal? Significa renascer, resistência. Algo

desse gênero. Antes que gozes comigo, a minha irmã interessasse por estas coisas... Então, vou apanhando alguma informação.

— Hum — balbuciei curiosamente.

Não esperava estes saberes vindos de Pedro. E, sobretudo, não esperava que eu e o universo estivéssemos a falar a mesma língua de forma tão óbvia. No entanto, não tardei a lembrar-me de que estas simbologias não passavam de um monte de balelas. Mas já tinha sorrido. O Pedro disse-me que tinha de regressar ao trabalho, por isso, despedimo-nos. Quando me aproximei da equipa, informaram-me de que apenas poderia regressar a casa após a hora de jantar, devido à agressividade dos produtos que utilizavam.

— Elas vão morrer? — perguntei em castelhano. Tive tanta pena das baratas. Não as queria matar. Achava cruel. Mas também não poderíamos continuar a conviver.

— Claro que vão morrer! Não foi para isso que cá viemos? Estes veganos... — resmungou o homem mais velho, ao denotar o meu sentimento de culpa, enquanto se dirigia para a carrinha.

Estava aliviada por ter trazido a *Olympus* comigo. Entregar-me-ia à cidade. Percorreria os bairros madrilenos, sem destino ou pretexto. As minhas antenas estariam erguidas. O botão da minha máquina seria premido de forma livre e espontânea. Lembrei-me das palavras da psicóloga relativamente ao sentido da nossa existência. Estávamos aqui para experienciar, conectar e viver. Queria embalar-me ao ritmo da vida. Observava porque observava. Caminhava porque caminhava. Existia porque existia. Estas primeiras passadas que dera, sem ter um lugar para onde ir ou uma tarefa a cumprir, deram-me uma sensação de novidade. Era como se voltasse a aprender a andar. E por instantes senti que já não era peixe fora de água.

As horas surpreenderam-me. Já passava um pouco das seis da tarde, mas o Sol ainda não se tinha posto. Trabalhava afincadamente na edição do meu ensaio desde o almoço. A Paula, que detectara a minha pausa, aproveitara para alongar os braços. Nesta sala, dedicada aos investigadores mais jovens do grupo de Estudos de Género, trabalhávamos contra o relógio. Desde que o meu período de hibernação chegara ao fim, comecei a recorrer às instalações universitárias para trabalhar na minha tese de doutoramento, e foi então que conheci a Paula e a Celia. Durante os breves intervalos, fiquei a saber que a primeira era madrilena e que conseguia ser bastante assertiva, o que não era incomum entre os académicos. A Celia vinha de uma cidade portuária do Equador e voara para este lado do Atlântico para fazer o seu doutoramento sobre as representações de raça e género na *La Fiesta de los Reyes*.

Era com alguma urgência que nos preparávamos para um seminário sobre feminismo, que iria decorrer brevemente em Madrid. Porém, depois de a Paula se espreguiçar, informou-nos que tinha dado o dia como terminado. Fechou os seus livros teóricos, entre os quais eu detectava Simone de Beauvoir e Judith Butler, e convidou-nos para jantar. Reconheci um desconforto familiar e uma vontade de me escapulir, mas antes de dar ouvidos às minhas reacções clássicas e à própria resposta de Celia, aceitei o convite.

— Vá lá! Eu levo-vos a um restaurante local — disse Paula, perante a indecisão da nossa colega, que acabou por ceder com

um sorriso.

Combinámos encontrar-nos por volta das nove da noite, no metro Tirso de Molina. Assim foi. Com um novo rolo na *Olympus* e num vestido *vintage* arrojado, subi as escadas da estação pouco depois da hora combinada. Tão depressa avistei a Celia, que aguardava perto de uma cervejaria, como ouvi a Paula gritar o meu nome do fundo das escadas.

A madrilenha conduziu-nos até uma taberna velha e ruidosa. Havia pipos por todo o lado e o mobiliário escuro denunciava largos anos de existência. As ventoinhas no tecto rodavam e, apesar de estarmos no último dia de Fevereiro, sabia-nos bem. Ainda que fosse uma noite de semana, o restaurante estava cheio. Não havia uma faixa etária predominante, o que me agradou. Dava-me a sensação de ser um lugar para todos. E entre todos estava eu.

— O que vão desejar? — perguntou-nos a empregada com um bloco de notas na mão. Era despachada e sorridente. Para começar, pedimos *huevos rotos*, *tortilla* e uma garrafa de *rioja*.

— Acabas de chegar a Madrid, não é? — questionou a Celia.

— Sim, cheguei há pouco — expliquei, descartando os dois primeiros meses na capital espanhola. — Tu vens de Esmeraldas, certo?

— Sim, conheces? Mas já estou por Espanha há algum tempo...

— Não, nunca tinha ouvido falar.

— É uma terra rodeada de refinarias de petróleo, com muita indústria. Para os turistas, não é muito mais do que um ponto de passagem para chegar às Galápagos.

— E tu, conheces Portugal? — perguntei.

— É um país bonito. Gostei particularmente do Alentejo. Fiz uma *road trip* com os meus parceiros. Ex-parceiros — apressou-se a corrigir, enquanto bebia um trago de *rioja*, que entretanto aterrara na nossa mesa.

— Parceiros...? — repeti num tom mais safado do que previra.

— É verdade. Era uma relação a três. Pareciam felizes — intrometeu-se a Paula. Ainda não a conhecia suficientemente bem para compreender o significado do riso que se seguiu.

— Sim, era uma relação a três. Durou quase um ano. O poliamor faz um pouco de confusão à Paula — disse Celia, provocadoramente.

— Não é que me faça confusão... — defendeu-se a espanhola, abrindo os braços. — Mas não dava para mim — finalizou. A sua conclusão levou-nos a partilhar uma risada breve.

— Não me quero meter na tua vida — comecei por dizer —, mas qual é a sensação de amar duas pessoas ao mesmo tempo?

Celia, que voltara a pegar no copo de vinho, esboçou-me um sorriso, sem me adiantar quaisquer palavras. Senti-me um pouco à nora e perguntei-lhe se a minha pergunta a tinha deixado desconfortável.

— Não, não deixou. É só que as pessoas tendem a perguntar sobre a dinâmica da relação. É isso que geralmente causa confusão ou desperta o interesse. Querem saber se não havia ciúmes, como era o sexo, como nos entendíamos... Mas nunca me tinham perguntado sobre a sensação de amar duas pessoas simultaneamente e de como se vive esse amor.

— A verdade é que tenho muita curiosidade. Nem sei se sei amar uma pessoa, quanto mais duas — expliquei, saboreando o meu vinho. Ambas se riram da minha resposta.

— Estamos habituados a sacrificar. Fazemos escolhas diariamente. Estar numa relação assim permite-te uma grande liberdade. Eu já namorava com o Xavier. Entretanto, conhecemos a Mila. Não tive de perdê-lo para poder estar com ela. A Mila trabalha numa galeria de arte, em Madrid. Ela trouxe tanta magia à minha vida e à do Xavier. Quando nos

envolvemos todos, decidimos que não queríamos uma relação aberta. Ou seja, não estávamos com outras pessoas... Éramos apenas os três. Os dias mais felizes da minha vida foram passados com eles. Quando tudo está bem, um amor a três faz-te sentir invencível. É um círculo perfeito.

— Então, o que aconteceu?

— Amar duas pessoas não é difícil — começou por me explicar com um sorriso —, mas gerir a vida a três não foi fácil. Pelo menos, no nosso caso, não foi. Estas relações são um tabu. Não há um manual para nenhuma relação amorosa, mas, quando tens um problema ou um impasse, falas com os teus amigos. Há sempre um conselho à tua espera. Provavelmente, alguém já terá passado por aquilo que estás a passar. Caso contrário, vêes um filme ou lêes um livro. Encontras-te.

— Pois, lá isso é verdade — concordei, petiscando os *huevos rotos*.

— No nosso caso, nós não sabíamos como agir em determinadas circunstâncias. Quando discutíamos, eu acabava por escolher um lado, por exemplo. Deveria abster-me? Deveria entrar na discussão? É complicado... Então, o Xavier acabou por se sentir à parte. Ficou isolado. Depois aconteceu o que acontece em todas as relações que estão condenadas ao seu fim: desconexão, desconforto, reclusão.

— Nunca tinhas falado tão abertamente sobre isto — constatou Paula.

— Não sei. Neste momento, senti-me confortável para me abrir. Além disso, estou carente. Tenho de *follar*! — terminou, prolongando a última palavra.

— Brindemos a isso! — berrou a Paula.

Erguemos os nossos copos e entregámo-nos a uma gargalhada. Quando recuperámos o fôlego, Paula exprimiu um som jocoso, como se brincasse com a vulnerabilidade da amiga, e deu-lhe um abraço. De súbito, lembrei-me de Simone. Ainda

que elas fossem tão diferentes de nós, havia uma ternura na amizade destas duas mulheres que me transportava para a minha amiga. Mas, apesar da recordação, senti-me muito feliz por estar nesta mesa, nesta cidade, neste momento. Observava o movimento da taberna, escutando o tilintar de copos e o castelhano falado com garra, e sentia-me em paz com o mundo.

— Estava a pensar no que disseste sobre fazer sacrifícios — mencionou Paula, encarando as tapas. — É nisso que discordo. A nossa geração não gosta de se sacrificar. Não quer escolher. Além de não querer escolher, não sei se o sabe fazer. Vivemos no tempo do imediato e do excesso, que nos concede uma falsa sensação de que é possível termos tudo. E não é. Eu acho que o amor requer sacrifício. Por isso, respeito a tua relação. É tão legítima como qualquer outra. Mas eu não conseguiria, porque não é assim que vejo o amor ou a vida.

— Mas talvez não vejas assim o amor ou a vida porque te incutiram que não é assim que se vê o amor ou a vida — expliquei.

— Sim, é verdade. Talvez a monogamia seja um mecanismo cultural. Mas não estou interessada em desconstruí-lo — disse Paula graciosamente.

— Sabem? A mesma pessoa pode estar em relações monogâmicas ou poligâmicas, ao longo da vida. Acho que depende do que a palavra *amor* significa para uma pessoa, num determinado momento da sua vida. Eu namorava com o Xavier. Depois, comecei a namorar com o Xavier e com a Mila. Talvez a minha próxima relação seja monogâmica — constatou Celia. Apesar de partilhar as suas palavras connosco, era consigo mesma que ela falava. — Para mim, foi natural. Por que motivo haveria apenas uma forma de se viver o amor? As relações monogâmicas são simplesmente a forma convencional. Quando duas pessoas começam uma relação, não se questionam. Por que motivo tenho de me questionar? Temos de abolir o que é

convencional. Enquanto isso existir, haverá gente com a corda na garganta. Enquanto isso existir, não haverá lugar para todos — terminou a equatoriana, com um sorriso no rosto e um copo de vinho na mão.

— Eu só quero que sejas feliz. Se isso significar teres dois, três, quatro parceiros, força. A mim chega-me um — afirmou Paula. Rimo-nos, uma vez mais.

— As pessoas sabiam que estavas numa relação poliamorosa? Pergunto, porque estamos no meio académico e sei como as coisas são... — disse eu.

— Não. Pouca gente sabia. Uma negra numa relação poliamorosa? Como disseste, estamos no meio académico. Ainda que estejamos num departamento mais liberal, não deixa de ser a academia. Por isso, nunca assumi...

— Ela só me contou quando a relação já tinha acabado.

— Não é surreal investigarmos e escrevermos sobre a igualdade e a liberdade e depois termos barreiras, nesse mesmo espaço de diálogo? Os nossos departamentos deveriam ser um lugar de progresso, mas não são. Continuamos a ter de colocar as mesmas máscaras que colocamos cá fora. Ainda mais, se queremos ser levadas a sério.

— Para mim, as barreiras ainda estão em todo o lado — explicou Celia. — Mas eu acredito que, através da minha investigação académica, posso compreender de onde venho e preparar o caminho para onde vou. Além disso, a minha luta não está enclausurada nesta torre de marfim que é a academia. Eu também sou activista fora da universidade.

— Pois, concordo com a Celia. Eu já estou a dar algumas aulas e a sensação de ser a mentora de alguém preenche-me muito.

Depois de as ouvir, libertei um sorriso honesto e peguei no copo de vinho. Já íamos no final da segunda garrafa e, apesar de estar sentada, reconhecia um peso brutal nas pernas. Esta

noite, não era a ansiedade que me bloqueava os membros inferiores; era o álcool e a minha libertação final. Era a puta da vida ao expoente. Era o reconhecimento de que queria estar neste mundo. Era a minha descoberta. Era um maldito ámen, gritado do fundo das minhas vísceras profundas e iradas.

— Obrigada! — soltei eu.

— Pelo quê? — perguntou a Paula, rindo-se. Tínhamos chegado ao momento em que o riso era gratuito e desinibido.

— Ouvir-vos falar da vida académica fez-me perceber que não é para mim — desabafei com alguma excentricidade. — Eu não consigo ver o que vocês vêem e já chega de estar em negação. Eu pensava da mesma forma até há alguns meses. De repente, isso desapareceu e andava a martirizar-me, desde então. Para onde foi a minha paixão? Onde estás tu, *carajo*? Andava a procurar uma maneira de voltar a rever-me nesse mundo, mas eu mudei. Não quero continuar enclausurada nessa torre de marfim — terminei, perdida de riso.

— *Joder!* Outro brinde — disse Paula, levantando-se e estendendo o copo ao centro da mesa. Depois de brindarmos, voltámo-nos a sentar.

— Então, o que vais fazer agora? — perguntou a Paula.

— Não sei — respondi com honestidade, o que espoletou uma gargalhada geral. — Eu amo fotografia. É isso que me faz feliz. Não sei mesmo o que vou fazer a partir do Verão, quando a minha bolsa terminar. Até lá, terei de continuar com a investigação, para não ter de devolver o dinheiro que já recebi. Bem, acho que me restam estes meses para descobrir.

A nossa conversa fluiu por mais umas horas. Elas contaram-me alguns mexericos cujos protagonistas eram os professores e investigadores do nosso departamento. Falei-lhes da minha fotografia e partilhámos histórias do nosso passado. Durante toda a vida, esforçara-me para cravar os meus pés ao chão e sentir-me presente, no meu espaço e no meu tempo. Mas

abstrair-me do passado ou das ansiedades do futuro sempre me fora difícil. No entanto, eu absorvia inteira e euforicamente esta noite. Contemplava o meu presente de forma pacífica e não me reconhecia como estrangeira. «Lola, Lola, Lola», ecoei a um ritmo lento na minha mente. Era o meu nome. Era eu.

Perto da uma da manhã, Paula informou-nos que ia chamar um *Uber* para a casa de um amigo. Apesar de Celia acenar à empregada da taberna, que se encontrava por detrás do balcão, era para mim que olhava. Quando ela sorria, as suas maçãs do rosto tornavam-se mais salientes e arrecadavam uma forma perfeita. Esbocei um sorriso tímido e peguei na carteira, temendo o momento de me voltar a erguer. Depois de pagarmos a conta, saímos da taberna e a cidade já era uma chama prestes a dissipar-se. Quando peguei no meu telemóvel, Celia perguntou-me se poderíamos prolongar a noite e procurar um bar. Os meus olhos pousaram nas suas mãos esguias e apeteceu-me tocar nelas. O vermelho das suas unhas excitava-me. A ideia de deambular por uma data de bares com esta equatoriana seduzia-me muito, por isso decidi recusar o convite. Tive um receio profundo de que esta noite não se repetisse e se transformasse apenas na minha breve história de felicidade. Preferi salvaguardar as minhas chances e avisei-a de que ia chamar um *Uber*. A aplicação notificou-me que partilhar a viagem era bastante mais acessível. Sentia-me enjoada por causa do álcool e temi que o caminho até casa se alongasse demasiado, mas arrisquei.

Quando o carro chegou, despedi-me de Celia com um abraço forte, o que me surpreendeu mais a mim do que a ela. Ela era tão bonita. Os seus olhos castanhos, grandes e redondos, olhavam-me com carinho. Enquanto me abria a porta do *Uber*, ela ria-se e expressava-se com um sotaque forte, que deduzi ser da província dela. Não consegui entender o que me dizia, mas obedeci aos seus gestos e meti-me no carro. Depois de

cumprimentar o motorista e o rapaz que já se encontrava no lado esquerdo do assento, encostei a cabeça ao vidro. Queria contemplar a cidade, mas o movimento agravou a minha náusea. Levei a mão à boca e ri-me. Ao sentir o olhar reprovador do motorista através do retrovisor, tentei comportar-me.

— Já apanhei uma valente borracheira naquela taberna também — disse-me o meu companheiro de viagem.

— Foi a primeira vez que estive ali. É incrível, mas o *rioja* está a dar sinais de si — respondi, erguendo a cabeça aos poucos.

— De onde és?

— E eu a pensar que já passava por espanhola...

— Ainda não... Mas não te martirizes. Eu sou intérprete. Tenho um ouvido implacável.

— Interessante — respondi genuinamente. — Sou portuguesa.

— Também já apanhei umas valentes borracheiras em Portugal — acrescentou. Soltei uma gargalhada inesperada e supliquei-lhe que não me voltasse a fazer rir. Estava a um triz de pedir ao motorista para me deixar sair. Precisava de vomitar.

— Sou o Ángel — disse-me.

— Desculpa, mas não te posso cumprimentar, neste momento — respondi-lhe, quando pressenti que me estendia a mão. Tinha a cabeça encostada e seguia de olhos fechados, implorando que o meu destino estivesse próximo.

Nesse preciso instante, o motorista fez uma travagem abrupta e não aguentei mais. Abri os olhos e, ao perceber que estávamos parados num semáforo, saí do carro. Agarrei-me a um caixote do lixo e libertei-me do incómodo. Depois de vomitar, inspirei e expirei com grande alívio. Foi quando me apercebi de que o Ángel estava no passeio, rindo-se de mim.

Olhei à minha volta e reparei que o motorista nos tinha abandonado. Estávamos algures em Madrid. Quando os meus olhos voltaram a recair neste rapaz, apercebi-me de que era a primeira vez que o olhava com atenção. Ángel, que envergava uma camisa de ganga, tinha uma grande falha entre os dentes, cedendo-lhe um ar boémio.

— És algum tarado? — perguntei-lhe espirituosamente. — Sais do *Uber*, atrás de mim. Devo ficar assustada?

— Tu é que me assustaste. Quase ias caindo, quando saíste do carro.

— Sou a Lola — disse, estendendo-lhe a mão.

— Agora é que não há cumprimentos.

— É justo... — constatei e soltámos uma gargalhada.

A noite madrilenas estava mansa e essa constatação enteneceu-me. Deu-me uma vontade desesperada de escutar um *soul* calmo e caminhar pelas ruas de Madrid. Voltei a encarar Ángel, que, entretanto, se tinha encostado a um edifício de tijolo. Ele não me inspirava muita confiança. Mas parecia-me que este ar que ele emanava era minuciosamente ensaiado para se distanciar e elevar. Cativava-me, sem dúvida.

— O que estás a fazer? — perguntou-me, quando me viu a abrir a mala e a tirar a *Olympus*.

— Gostava de te fotografar. Sou fotógrafa — afirmei com segurança. Pela primeira vez, senti a veracidade destas minhas palavras. Tomei este sonho como meu.

— Ai, sim? — questionou ele retoricamente. — Vamos a isso.

Já tinha fotografado centenas de rostos, ao longo da minha vida. Quando espreitava por detrás da lente, tinha tendência a descodificá-los e a compartimentá-los. Quando me preparava para premir o botão, as pessoas sabiam que estavam a ser observadas. Durante esses breves segundos, eu escavava as suas entranhas em silêncio. Eu sabia-o. Elas sabiam-no. E cada um reagia de forma distinta a esse conhecimento. Ángel era um

narcisista. Não detetava inquietação na sua postura. Não havia pressa para que ele regressasse à sua zona de conforto. Esta era a sua zona de conforto. O seu olhar suplicava-me que o retratasse e que o esventrasse. Pedia-me que fizesse dele o homem do momento e soberano da minha arte. Afastei-me da lente, por instantes, e ele reagiu como se alguém o tivesse impedido de atingir um orgasmo.

— Sabes onde estamos? — perguntei, após guardar a máquina fotográfica. — Ah, estou perto de casa — apressei-me a dizer, quando reconheci o café onde tinha aguardado pela equipa da desinfestação na minha casa.

— Eu também estou perto — disse Ángel, suavemente.

Aproximara-se de mim, nesse entretanto. Passava os seus dedos pelos meus cabelos curtos a um ritmo lento. Os nossos rostos roçavam um no outro. Era tudo o que sentia. Um corpo que tocava no meu. A alma de Ángel não era deste mundo. O seu toque dizia-me «serve-te do meu corpo, mas não me busques».

Fiz-lhe um gesto para que me seguisse e caminhássemos na mesma direcção. Enquanto dava as primeiras passadas ao lado de Ángel, aspirava a madrugada madrilena com calma, desconhecendo o que esta pessoa haveria ainda de me trazer.

A Dr.^a Mariana acabara de anotar as minhas últimas palavras e aguardava que eu me prolongasse. Esperei uns minutos, na ânsia de que o nosso silêncio fosse quebrado por ela, apesar de saber *a priori* que, neste jogo infame ditado por psicólogos, eu sairia perdedora. Reconhecia as suas intenções. Ela queria compreender para que direcção eu atirava o meu barco. Ficar a flutuar nas águas não era uma opção. Decidi morder o isco e insisti:

— Mas não acha que tenho feito progressos? Não acha que se eu viajar até Portugal para conversar com a minha mãe será contraproducente? Posso voltar à estaca zero.

— Não há regressão na terapia. Não da forma que a Lola está a insinuar, pelo menos. Conversar com a sua mãe não a fará regressar à estaca zero. O que conseguiu até agora está conseguido. Se as descobertas lhe trouxerem dor, estaremos aqui para conversar sobre isso. A Lola teme regredir. Mas, na verdade, é a sua progressão que está em causa. Não me disse que a sua mãe lhe tem tentado ligar frequentemente?

— Sim. Todas as semanas, desde que me mudei.

— Parece-me que ela estará pronta para conversar consigo. Acha que é possível haver verdadeiro progresso se permanecermos na ignorância?

— Hum — murmurei. Regressei ao silêncio. Este assunto estava terminado. A Dr.^a Mariana tinha razão. Sabia-o, desde o início. Insistira em fechar as portas ao passado, num acto caprichoso. Não planeava fazê-lo. Não esperava que a minha psicóloga me recomendasse levar essa ideia a cabo. Mas a

minha preguiça existencial, por vezes, ainda levava a melhor de mim.

— Hoje, a Lola está especialmente pensativa — comentou. — Deve-se tudo a esta indecisão?

— Não — respondi com cautela. Tinha começado a apertar os lábios, no entanto, e a consciencialização desse acto levou-me a pousar as mãos nas coxas. — Conheci uma pessoa. Chama-se Ángel.

Abri a mala. Tinha a garganta seca e, por isso, bebi um pouco de água.

— Cruzámo-nos num *Uber*, numa madrugada — optei por dizer, como se de um facto relevante se tratasse. — Acabámos por passar a noite juntos.

— Divertiu-se? — perguntou-me graciosamente.

— Bastante. Convidei-o para vir a minha casa. Só quando me despedi dele é que me ocorreu que era a primeira vez que o tinha feito. Acho que o meu espaço deixou de ser o meu casulo. É apenas a minha casa.

— O que a levou a convidá-lo?

— Não teve nada que ver com ele. Ele é apenas um tipo peculiar e engraçado. Convidei-o, porque deixei de temer o mundo. Não tenho de proteger o meu espaço, de me salvaguardar de possíveis invasões. Apeteceu-me estar com ele e isso bastou. Não pensei muito mais.

— E dizia há pouco que temia regredir... — constatou a Dr.^a Mariana firmemente. — A Lola comentou que ele é um tipo peculiar. Porquê?

— Depois do sexo, conversámos um pouco sobre a vida. Não percebo por que motivo as minhas conversas após as relações sexuais acabam na filosofia e no existencialismo — comentei, o que levou a psicóloga a sorrir e a fazer umas anotações no seu bloco de notas. — Adiante, ri-me com algumas das suas asserções. Disse-me que, aos trinta, ainda se encontrava a

recuperar do seu grande trauma: nascer. No seguimento dessa galhofa existencial, explicou-me que, para se sentir vivo, costuma frequentar festas de sexo. Não só em Madrid. A certo momento, fez-me o convite.

— O que é que a Lola respondeu?

— Disse-lhe que não participaria. Bacanais não fazem o meu género — comentei, dando uma breve risada. — Mas confessei-lhe que gostaria de ir com ele e fazer uma série de fotografias. Acho que seria interessante permanecer na porta e fotografar as pessoas à entrada e à saída. Quero ver o que é que estas festas trazem ao de cima: o antes e o depois de uma entrega sem inibições e limites. Naturalmente, a nossa sexualidade reflecte o nosso íntimo mais profundo, inclusive as partes que tentamos asfixiar, no dia-a-dia. Por isso, seria um exercício intrigante, sem dúvida.

— A Lola acha que os participantes permitiriam que os fotografasse? Tendo em conta as circunstâncias, suponho que a privacidade ou até o anonimato sejam bastante importantes para eles.

— O Ángel disse-me o mesmo. Avisou-me que nem toda a gente aceitará ser fotografado. Bem, vou em busca daqueles que aceitarem. Além disso, um retrato é muito mais do que um rosto. Aliás, um retrato não significa necessariamente a existência de um rosto. Desculpe, não sei por que motivo estou a partilhar este próximo trabalho consigo. Mas, desde que decidi que vou abandonar o doutoramento, sinto que a minha mente se transformou num trampolim de ideias. Há uma grande liberdade.

— O tema das nossas conversas está nas suas mãos. Além disso, parece-me que, mais do que partilhar a sua próxima série fotográfica comigo, a Lola estava a assumir o fim da sua clausura. É natural que se sinta livre. Quando tomamos as rédeas da nossa vida e somos proactivos nas nossas decisões,

confrontamo-nos com fortes sensações de independência e de liberdade.

Depois disto, a psicóloga olhou para o relógio e indicou-me que a consulta tinha chegado ao fim. Eu assenti com a cabeça e prometi-lhe que visitaria Portugal, em breve.

Assim que saí do edifício, peguei no telemóvel e verifiquei que tinha várias mensagens de Paula e Celia. Era o dia 8 de Março. Elas aguardavam-me numa estação de metro, para nos juntarmos à manifestação feminista. Em anos anteriores, participara em actividades organizadas pela Por Nós, em Portugal. Havia dois dias, ao longo do ano, em que sabia que veria a minha mãe, e este era um deles. Mas, neste ano, as minhas parceiras de luta eram outras. A Celia, dois dias antes, tinha-me confidenciado que começava a questionar a sua presença, nesta marcha. Segundo ela, nesta manifestação ainda se gritava feminismo branco. Apesar disso, este ano ainda se juntaria a nós. Gritaríamos por um movimento interseccional ainda mais alto, finalizou ela. Eu disse-lhe que concordava com a sua opinião e prometi-lhe que não haveria silêncio.

Enquanto percorria o caminho que me levaria até elas, ocorreu-me que, para uma pessoa que descartava cruzeiros às costas e expectativas alheias, andava a fazer bastantes promessas. E não eram promessas atiradas ao vento. Eram quase promessas religiosas. Hoje, cumpriria a que fizera Celia. Hoje e todos os dias. Nunca mais haveria silêncio. Em breve, cumpriria a que fizera à Dr.^a Mariana. Abriria as portas ao passado e abraçaria o que ele me traria. Afinal, descobrira a ponta do fio de Ariadne, neste labirinto que era a minha vida. Quando avistei as minhas amigas, enviei uma mensagem a Simone para a informar de que visitaria Portugal em breve, e perdi-me naquela imagem imponente do gato preto. Deixara de o temer.

Chegada à estação, guardei o telemóvel e fui recebida por

um abraço caloroso de Celia, que me anunciou que a Mila também se juntaria eventualmente a nós. Eu sorri-lhe e disse que não tinha percebido que elas ainda mantinham contacto. Ela devolveu-me o sorriso e explicou-me que lhe tinha enviado uma mensagem depois do nosso jantar, na taberna. Paula, que sabia que eu fazia terapia, disponibilizara-se para trazer o meu cartaz e passou-mo para prosseguirmos a caminhada até à marcha. Mas, antes de seguirmos para as ruas centrais de Madrid, entreguei a *Olympus* a um transeunte e pedi-lhe que nos fotografasse. Assim que nos imiscuíssemos entre milhares de pessoas, eu estaria sempre do outro lado da máquina, premindo o botão. Precisava, por isso, de nos eternizar. Mais tarde, depois de revelar esta imagem, aperceber-me-ia de que, quando aquele estranho nos tirara a fotografia, eu não olhava para a lente. Era nelas que o meu olhar pousava. Era a primeira vez que via os meus olhos felizes e presentes. Deixara de estranhar Madrid. Deixara de me estranhar a mim mesma.

TERCEIRA PARTE

A tripulação da cabine anunciou que estaríamos prestes a iniciar a aterragem no Porto. Fechei o romance de uma autora equatoriana que Celia me emprestara, e debrucei-me sobre a pequena janela do avião para observar a minha cidade. Abandonara-a há cerca de três meses, mas a sensação era de que tinha partido há anos. A distância entre a pessoa que eu era, quando zarpara do Porto, e a que era hoje ao regressar, adivinhava-se muito maior do que aquela que me afastava do chão.

A nossa vista, a partir de um avião, era imponente. De repente, a cidade deixava de nos engolfar e de nos dominar. Não éramos engolidos pelo seu ritmo frenético e passávamos a contemplá-la de cima, à distância. Este acto era poderoso e transformador. Ocorreu-me que era uma belíssima metáfora para a forma como a Dr.^a Mariana me ensinara a lidar com a ansiedade. Agora, eu não me tentava esconder dos pensamentos obsessivos e angustiantes. Aceitava-os, mas encarava-os com uma distância que me permitia deslindar o logro por detrás deles. Transformavam-se em mero fumo que, eventualmente, desaparecia. Deixara de ser eu a evaporar; o que evaporava agora eram essas imagens catastróficas e depressivas. Toquei no vidro e cogitei no fim-de-semana que me aguardava. Ligara à minha mãe, uns dias antes, e combináramos um encontro. Dissera-lhe que precisávamos de conversar e ela entendeu as minhas palavras. Respondeu-me que o momento tinha chegado. Após desligar a chamada, percebi que, apesar de ter de compreender o meu passado, o

futuro é que me justificava.

A Simone foi a primeira pessoa que vi, quando as portas se abriram e me deram acesso às zonas comuns do aeroporto. Ruiva, de casaco de fazenda azul-marinho sobre um vestido comprido alaranjado. Ela nunca se perderia na porra da multidão. Nos primeiros segundos, ainda nos virámos para direcções opostas, mas, quando me apercebi do desencontro, fiz marcha-atrás e corri para o mesmo lado que ela. Éramos duas mulheres adultas, mas corríamos uma para a outra como as crianças que correm para os seus pais, no final de um dia de infantário. Os pequenos davam corda às pernas, porque era o momento de regressarem para os braços do amor, os braços que os amavam. Fazíamos o mesmo. Abraçávamo-nos e ríamos simultaneamente. O seu cabelo tinha crescido bastante e tive de o afastar para que se mantivesse fora da minha boca.

— Pensei que não me vinhas buscar! — disse-lhe. A Simone, antes de embarcar, pedira-me que apanhasse o metro para casa dela.

— Queria fazer-te uma surpresa, mas quando te disse isso, achei logo que ias perceber que te estava a mentir. Claro que te vinha buscar!

— Como vês, tens a minha confiança cega!

Tinha apanhado o último voo. Por causa disso, Simone sugeriu que chamássemos um *Uber* para chegarmos mais depressa. Enquanto ela me perguntava sobre os meus planos para os próximos dias, apercebi-me de todos os *outdoors* políticos que decoravam a cidade. Ali estava a Beatriz Costa Gomes.

— Até me tinha esquecido de que as eleições se estão a aproximar... — comentei. Lembrei-me de que este deveria ser um período atribulado para a minha mãe, já que se encontrava fortemente ligada à candidatura do Por!. No entanto, quando lhe pedi que conversássemos este fim-de-semana, ela nem tinha

mentado as eleições. Ela tornara-me na sua prioridade. Sabê-lo não me deixava enfatuada como outrora, mas ficava contente por estarmos na mesma página.

— É verdade. Tem sido um circo... — disse-me. O seminário dedicado ao feminismo ocorrera no início desta semana, o que me impedira de seguir as notícias portuguesas com atenção.

— Todas as campanhas são um circo... — constatei.

— Sim, mas quando os jovens se juntaram em massa à Beatriz Costa Gomes e começaram a inundar as redes sociais de publicações a favor dela, os partidos do costume perceberam que tinham de ter cuidado com o Por!.

— Viste aquela imagem que se tornou viral no *Instagram* e que dizia que Portugal estava a seguir o exemplo das políticas da Islândia ou Nova Zelândia? Em inglês, sabes? — especifiquei. A Simone assentiu com a cabeça, indicando-me que também tinha visto. — Pessoal de vários países partilhou isso.

— É bom sermos elogiados por algo além do futebol — comentou. O seu tom de desprezo levou-me a soltar uma breve risada. — Mas, lá está, a candidatura dela só trouxe a misoginia deste país ao de cima. Não imaginas a quantidade de notícias e comentários machistas que circulam todos os dias...

— E depois esses são os primeiros a dizer que não somos um país de machistas... Achas que ela tem hipótese?

— Sei lá, Lola... A Beatriz Costa Gomes está em todo o lado. Os jovens fazem muito barulho. Vão para a rua, falam nas redes sociais. Penso que, este ano, aqueles que ficavam em casa no dia das eleições têm uma razão para irem votar. Mas, no momento do voto, os outros também saem da toca. E não nos esqueçamos dos fachos. Vais votar?

— Sim, mas voto em Madrid. Acho que ainda nem me atrevi a acreditar que ela pode ganhar.

— Eu atrevo-me todos os dias — concluiu Simone com um

sorriso. — E é muito bonito.

Depois de chegarmos ao apartamento da minha amiga, tomei um banho. Após uma viagem de avião, não conseguia dispensá-lo. Não sabia porquê, mas sentia-me sempre imunda depois das cambalhotas aéreas que me transportavam de um sítio para outro.

— Não sei como consegues dormir de cabelo molhado — disse-me Simone, quando me deitei ao seu lado.

— Pareces a minha avó Teresa. Então, sempre chegaste a recusar aquele grande trabalho de ilustração?

— Eu disse-te que ia recusar — respondeu-me, soltando um riso suspeito. — Estou a ver que não acreditaste muito em mim...

— Acho que nem tu acreditaste muito nas tuas palavras — confessei-lhe, o que nos fez partilhar uma gargalhada.

— É verdade... — constatou, suspirando. — De certa forma, este pandemónio que se tem instaurado à volta da Beatriz Costa Gomes inspirou-me para não ceder. Que se lixem todos... Vender-me para ter o quê? De que é que eu preciso que ainda não tenho? De uma sociedade melhor. Bem, quais são os teus planos para este fim-de-semana? Ainda não me disseste...

— Hum... — murmurei, agarrando a mão de Simone. Fiquei uns segundos em silêncio a matutar nos meus planos para os próximos dias. — Acho que se avizinham dias de purificação da alma. Ainda continuas a sair com o inglês?

— Sim, chama-se Ethan. Estamos a ir com calma — disse-me. — Divertimo-nos muito. Assisto aos concertos dele e depois percorremos os bares do Porto. Dançamos muito. Rimo-nos muito. Fazemos muito sexo. É bom estar com ele. Já não tenho paciência para drama.

— Estou contente por ti — respondi. Nesse momento, o nosso olhar terno cruzou-se e abraçámo-nos. Era um daqueles instantes da vida em que a nossa solidão cessava para dar lugar

a uma simbiose singular. Era um abraço sôfrego e vivo.

Simone levantou-se para desligar a luz do quarto e eu liguei a lanterna do telemóvel para lhe indicar o caminho de volta. Depois de desejarmos boa-noite, fechei os olhos. Amanhã, procuraria Catarina. Enviara-lhe uma mensagem antes de embarcar, mas não tive resposta. Perguntava-me, por vezes, se eu merecia este silêncio. Perguntava-me se o que lhe fizera fora tão grave para me cortar da sua vida. Ocorreu-me que este fim-de-semana me poderia despedaçar a alma e agarrei a fronha da almofada com força. Porém, num acto consciente, decidi libertar-me dessa tensão.

Passava pouco das quatro da tarde quando saí do metro da Faria Guimarães. A caminho do meu antigo apartamento, perdi-me uns segundos a contemplar o estúdio de fotografia onde costumava revelar os meus rolos e lembrei-me do artefacto que não poderia ficar esquecido esta noite, quando me encontrasse com Pedro. O movimento da rua era pouco, mas os carros continuavam a entrar no túnel a uma velocidade excessiva. Durante tanto tempo assumira esta rua como o meu destino final. Quando saía porta fora de manhã, ansiava pelo momento em que voltasse a colocar os pés em território sagrado e protegido. Esta tinha sido a zona de paz que me salvaguardava de um campo de guerra. Quantas crises de ansiedade e ataques de pânico tivera nesta selva urbana, sendo que a única imagem sã e apaziguadora que me saltitava na mente era reentrar por estas portas. Esta rua e este apartamento não tinham sido o meu paraíso, mas sim o meu refúgio. E, em período de combate e fuga, não é o paraíso que procuramos. Não podemos sonhar com o que não acreditamos existir.

Quando toquei à campainha, ocorreu-me que o meu antigo apartamento estaria marcado pela presença de outra pessoa. Sabia que alguém se tinha mudado assim que deixara o meu quarto. Concluí que este espaço não passava mesmo da representação de uma vida que outrora fora minha. A Catarina ainda não tinha respondido ou aberto a porta. Era sábado. As chances de ela não estar em casa eram altas, mas voltei a tocar.

— Quem é? — perguntou, uns segundos após a minha última

tentativa.

— Sou eu — respondi com voz trémula, mas urgente.

— Lola?

— Sim! — respondi.

— O que estás aqui a fazer?

A sua questão surpreendeu-me. Pensara que a passagem me seria cedida de imediato, no entanto teria de me justificar para uma caixa de metal, pregada ao prédio.

— Temos de falar. Abre a porta.

— Espera cinco minutos. Eu desço — pediu-me, como se tentasse solucionar um problema.

Afastei-me da porta do prédio, já que dispensava deparar-me com os meus ex-vizinhos, e olhei para o céu que cobria o Porto. Não estava certa de que as condições meteorológicas favoreceriam uma longa conversa pelas ruas da cidade. Porém, depois desta amarga recepção, já não estava sequer certa de que me aguardasse uma longa conversa.

— Olá — disse Catarina, tocando-me nas costas.

— Olá — respondi. — Tudo bem?

— Sim. Tu? — O olhar dela era frio.

— Acho que precisamos de conversar. Enviei-te uma mensagem ontem, antes de embarcar, mas não me respondeste. Decidi aparecer — finalizei, abrindo as mãos.

— Falemos, então — afirmou, acenando com a cabeça para descermos a Faria Guimarães.

— Como tens estado?

— Não. Não vamos fazer isto. Não te vou dizer como estou e perguntar-te como vai a vida em Madrid. Queres falar, fala. Por mim, nem estaria aqui.

— Eu sei que te magoei, mas não consigo entender o teu rancor — confessei-lhe, evitando sentir-me ferida com a frieza das suas palavras.

— Não é rancor...

— É orgulho, então? Explica-me, por favor. Não deixei o apartamento nos melhores termos contigo. É verdade. Mas deixei-te uma nota. Pedi que me ligasses. Disse que te adorava. Nunca o fizeste. Não me ligaste no meu aniversário. Não me respondeste às mensagens. Desapareceste.

— Dói, não dói? — questionou Catarina, num tom ligeiramente infantil.

— A sério? Estás a tentar pagar-me na mesma moeda?

— Não, não é isso — disse, tentando remediar o seu comentário infeliz. — Mas tu desapareceste, Lola. Vamos sentar-nos no jardim — pediu, apontando para o Marquês. Continuava sem entender por que motivo conversávamos cá fora. Estava frio, mas alinhei. Caminhámos em silêncio até ao banco mais próximo.

— Falemos honestamente — pedi-lhe, quando nos sentámos. — Eu magoei-te.

— Sim, magoaste-me — confirmou-me, enquanto contemplava os carros que contornavam o jardim. — Mas não foi por causa disso que desapareci. Eu não acho que a nossa amizade faça sentido. Não acho que seja possível continuarmos amigas. Se fosses mais honesta contigo mesma, reconhecerias isso.

— De que estás a falar?

— Lola, achas que nós seríamos amigas se nos tivéssemos conhecido noutras circunstâncias? Nós tornámo-nos amigas por uma questão de sobrevivência. Vivíamos juntas. Tu sentias-te só. Eu sentia-me só. Foi mais fácil assim, mas nós nunca falámos a mesma língua.

Apesar de evitar imaginar o rumo de conversas futuras, fantaseiei com este momento algumas vezes. Ao fazê-lo, não só me preparava para possíveis dores como evitava reflectir sobre o encontro com a minha mãe, que me causava profunda agonia. Em todas as hipóteses que me passaram pela cabeça,

em nenhuma a Catarina fora tão articulada e sensata. Estava atónita com as suas conclusões.

— Estou a pensar — acrescentei para justificar o meu silêncio. — É verdade que somos muito diferentes, mas...

Regressámos ao silêncio. Não tinha argumentos para contrariar as asserções dela. Pela falta deles, senti lágrimas nos olhos.

— A situação com o Tiago foi a gota de água. No início, estava magoada contigo. Acabei a minha relação com ele e não me apoiaste. Depois, apercebi-me de que tinhas novos planos para a tua vida e não me disseste. Mais do que magoada, senti-me traída e deixada para trás. No entanto, com o decorrer do tempo, não ficou nada de nós. Tu estás na tua vida e eu estou na minha. E como elas são diferentes, Lola...

— Então, na tua opinião não podemos ser amigas de pessoas que são diferentes de nós?

— Podemos, claro. Mas não no nosso caso... Queres ver porquê? — perguntou-me. Encolhi os ombros, pedindo-lhe que continuasse. — Antes de saíres, o Sr. Antunes disse que tinha encontrado um novo inquilino para o teu quarto. Mas, quando te mudaste, o Tiago sugeriu vir viver comigo. Dividiríamos a renda. Ficaríamos com o teu quarto vago. Então, conversámos com o Sr. Antunes. Estou a viver com o Tiago desde que saíste.

Os meus olhos esbugalharam-se, dizendo mais do que mil palavras. Também não esperava esta. Agora, estarmos a conversar no Marquês fazia sentido.

— Vês? — continuou. — É impossível. Tu és o tipo de pessoa que tem de compreender as decisões dos outros. Podes não concordar, mas tens de as compreender. E eu sou o tipo de pessoa que não consegue ver nos olhos de uma amiga constante reprovação. A tua reacção prova o meu ponto. Sinto-me sempre inferior e julgada. Tu não consegues aceitar as minhas decisões. Queres explicar-me que estão erradas. Queres mudar-me.

— É assim tão difícil estares sozinha? É melhor estares com uma pessoa que te faz sentir uma merda? Estas foram as tuas palavras, quando me contaste o que se passava na vossa relação! — afirmei, exaltada.

— Nem toda a gente quer ser independente, Lola. Nem toda a gente quer estar sozinha. Eu não quero! Se é assim tão bom ser livre, por que motivo eu não sabia o que fazer comigo mesma e com essa liberdade? Tu tens as tuas amigas liberais. Eu não sou uma delas. Não quero ser. Mas sempre que te vejo, sempre que estou contigo, sinto-me defeituosa. Sinto que não sou suficiente. Sinto-me julgada. Sinto-me inferior a ti e a esta vida moderna que se prega por todo o lado. Quero uma família. Quero ser normal.

— Durante toda a nossa amizade, julgaste-me por eu não ser normal — confessei-lhe com voz trémula.

Depois da raiva, a dor acenava-me. As lágrimas tinham encontrado o seu caminho de volta para os meus olhos. A nossa amizade estava a acabar. Não fazia sentido negá-lo. Na minha vida, nunca colocara pontos finais em amizades ou relações amorosas. As ligações esvaíam-se e esse era o meu mote de saída. Lá desaparecia eu, sem grande paleio ou justificações.

— Era uma ferramenta de defesa, não entendes? Eram as minhas inseguranças. Eu julguei-te e tu julgaste-me. Eu não quero continuar a ser tua amiga. Desculpa — disse-me, de lágrimas nos olhos. — Nada é perfeito. A minha relação não o é, mas melhorou desde que terminámos.

— Por favor, queres enganar-te, força. Mas não me venhas com esses discursos.

— Acabaste de ouvir o que te disse? Não menosprezes as minhas escolhas. É a minha vida. Tiras-lhe qualquer sentido, quando fazes isso.

— Não percebes que a minha voz te incomoda tanto, porque tens uma voz dentro de ti que te diz o mesmo? Não entendes

que tirar-me da tua vida não a vai eliminar? Tens razão quando dizes que não seríamos amigas se nos tivéssemos conhecido noutras circunstâncias. Bem sabemos que nos custou a criar uma amizade, mesmo vivendo juntas. Podemos terminar aqui. Tens razão. Não vale a pena negar. Agora, ainda que eu desapareça da tua vida, esse teu complexo de inferioridade vai permanecer. Principalmente, depois de teres dado um passo em frente, em busca da tua liberdade. Eu não sou o problema.

— Eu ainda consigo viver com as minhas escolhas.

— Para que fique claro, eu nunca te julguei por queres uma família. Nunca te julguei por sonhares com uma vida mais convencional. Esses teus sonhos são tão legítimos como os meus. Custa-me que não acredites em ti. Custa-me que não procures uma pessoa melhor para ti. É isso que me custa. Não percebo por que motivo não assumes um risco na vida. Se queres ter filhos, tem filhos. Ficarei felicíssima por ti. Mas fá-lo com alguém que te ame a sério e que não te queira enjaular. Tu estás a armadilhar-te — expliquei-lhe. Ambas chorávamos. Decidi pegar na sua mão e afagá-la um pouco.

— Por que motivo continuas a falar? Não continues, por favor.

— Desculpa por toda a mágoa que te causei — decidi dizer-lhe, desistindo de tentar alertá-la. Talvez ela tivesse razão, quando se referia à minha incapacidade para amar alguém cujas decisões eu não compreendia. No entanto, por outro lado, eu não sabia que amiga seria se permanecesse em silêncio.

— Isto é tão triste — respondeu-me dolorosamente. Os seus cabelos longos, que lhe tocavam no rosto, estavam húmidos devido às lágrimas. — Desculpa por toda a mágoa que te causei também. É melhor ir-me embora. Não há muito mais a dizer, Lola.

— Está bem. Adeus — disse-lhe, limpando as lágrimas dos olhos e da cara.

Na esperança de um abraço final, levantei-me. Catarina limitou-se a repetir a minha última palavra e partiu. Apesar de toda a tristeza, esta conversa tinha sido valiosa e honesta. Era inegável que me sentia aliviada, dando razão a todos aqueles que elogiavam a importância da comunicação e da transparência nas relações. Afinal, sempre tirávamos algum proveito, quando os adultos se comportavam enquanto tal. Fiquei a vê-la caminhar em direcção ao apartamento. Enquanto se afastava, prendia o cabelo e continuava a tocar no rosto como se procurasse limpar a dor que a nossa conversa lhe causara. Perguntei-me o que ela diria a Tiago, assim que chegasse a casa, mas decidi afastar-me desses pensamentos. Tinha fechado o capítulo da Faria Guimarães. Não me restava nada daquele lugar.

Peguei no telemóvel para verificar as horas e percebi que tinha de ir andando. Quando abri a porta do apartamento de Simone, ocorreu-me que tinha feito a viagem em modo automático. Não me lembrava dos rostos que vira ou dos passos que dera até aqui. Encontrei-a sentada à mesa de jantar, atrás do portátil.

— Estás a trabalhar?

— Sim, estou a terminar um trabalho — respondeu-me, apontando para o ecrã. — Vais jantar com o Pedro?

— Vou — disse-lhe cabisbaixa.

Ela levantou-se da mesa para se dirigir aos armários da cozinha e pegou num copo com pé. Abriu a garrafa de vinho branco que se encontrava ao lado do seu portátil e serviu-me.

— Assim fazes-me companhia. Como correu a conversa?

— Foi muito triste — respondi-lhe, servindo-me das palavras de Catarina. Contei a Simone o que sucedera e falei-lhe de como encarara a nossa amizade de uma forma tão unilateral. Durante os anos em que fomos amigas, sentira-me julgada e incompreendida. E, enquanto eu passava o tempo a sofrer as

consequências desses sentimentos, ela sentira-se igual. — Pronto, e disse-me algo que não me sai da cabeça. Atirou-me à cara que não consigo amar alguém cujas escolhas eu não compreenda, que sou intolerante. Mas o que deveria ter feito a respeito do Tiago? Eu sei que a relação não é minha, mas deveria ter dito ámen? Deveria ter ficado calada?

— Não, não estarias a ser amiga dela — respondeu Simone, bebendo um gole do vinho. — Mas, independentemente disso, ela também tem alguma razão no que te disse. Talvez por lutares tanto por ti mesma, não percebas por que motivo ela não o faz. Não consegues aceitar que ela não tem intenções de mudar o rumo da vida dela. Apesar de tudo, ela tem o direito à escolha dela. Não a podes obrigar a deixar o namorado. No entanto, como te disse, ficar em silêncio não me parece grande solução. É uma situação difícil. Era mais fácil para ela se tu aceitasses e se permanecesses calada, não é?

Encolhi os ombros, aceitando a minha impotência.

— Não quero mais falar sobre isto, já estou cansada deste drama. Oxalá que ela se visse como eu a vejo. Oxalá que não fôssemos tão cruéis connosco próprios...

Como aprendera no consultório do 3.º andar, havia limites para o meu poder e, em última instância, todos tínhamos livre-arbítrio. Não podia forçar ninguém a correr em busca da felicidade. Aliás, sabia que nem toda a gente queria ser feliz. Apesar dos erros cometidos, fizera o meu melhor com as melhores intenções. E, com esse pensamento, comecei a preparar-me para a noite que me prometia um hiato, neste fim-de-semana de mágoa.

Quando cheguei à rua de Pedro, inclinei a cabeça para contemplar aquela que julgava ser a sua varanda. Lembrei-me de quando aqui estivera e de quando o vira a acenar-me, daquele 10.º andar. Saber que me aproximava dele dava autonomia ao meu corpo. Reparara que os meus dedos se moviam de forma involuntária e as minhas pernas agiam como se fossem iniciantes, nesta actividade que era caminhar. Estavam descoordenadas. Não era receio, o que comprometia os movimentos do meu corpo. Era o meu desejo de ver Pedro, uma vez mais.

Preparava-me para lhe enviar uma mensagem para o avisar de que chegara, quando o avistei do outro lado da porta de vidro. De camisola de lã azul-marinho, saía do elevador e caminhava para mim. Começámo-nos a rir pateticamente, o que reflectia a urgência de nos tocarmos. Ele apressou-se a remover a barreira de vidro que ainda nos separava. Assim que a porta se abriu, nem lhe dei a possibilidade de me cumprimentar. Abracei-o de forma feroz. «Que se fodam as palavras», pensei. Enquanto me agarrava a ele, o meu corpo balançava e a minha cabeça perguntava-me por que motivo insistia em que continuássemos separados. Eu estava eléctrica. Pensei que poderia chorar, se o abraçasse por muito mais tempo, por isso decidi afastar-me. Não sem antes lhe beijar o pescoço.

— É assim que cumprimentas as pessoas agora? — perguntou-me.

— Não, só aquelas com quem tenho histórias por acabar —

respondi-lhe contemplativamente. O Pedro tocou-me no cabelo e sorriu-me. — Como é que sabias que já estava aqui?

— Estava na varanda. Queria ver-te chegar — disse-me, enquanto se encaminhava para o elevador.

— Eu olhei, mas não te vi.

— Estavas a olhar para a varanda errada. Eu reparei — explicou-me, o que nos levou a uma gargalhada.

Depois de carregar no botão do elevador, que nos transportaria ao 10.º andar, aproximámo-nos um do outro. Com o meu peito a tocar no seu, demos as mãos. Respirávamos ao ouvido um do outro. O Pedro beijava a ponta do meu nariz com ternura e eu apertava os seus dedos com mais veemência.

— Tive tantas saudades tuas. O que me foste fazer... — acabou por me dizer, enquanto colocava os seus dedos entre os meus cabelos.

Mantive-me em silêncio até ao destino. Assim que Pedro abriu a porta do apartamento, comecei a tirar o cachecol. As luzes amareladas estavam brandas e um vinil de jazz ecoava pela divisão. Ele disse-me para me pôr à vontade, enquanto ia ver se o nosso jantar estava pronto. Depois de pousar o sobretudo, seguiu-o e apoiei-me no balcão que separava a sala da cozinha. Com uma luva em cada mão, ele retirava uma lasanha do forno, com destreza, e falava-me da receita. Nessa manhã, quando conversáramos sobre os nossos planos, ele convidara-me para vir jantar a sua casa. O Le Chat Noir poderia ser um espaço quase religioso para nós, mas não nos concedia a possibilidade de professarmos a religião de que tanto precisávamos esta noite. A comunhão pela qual estávamos desesperados. Não necessitávamos de ver outros rostos, apenas os nossos. Não queríamos dançar, perdidos na multidão. Dançaríamos, nesta sala, os dois. Apenas os dois. O Le Chat Noir tinha servido o seu propósito.

— Cheira muito bem. Não sabia que gostavas de cozinhar —

disse-lhe.

— É terapêutico. Gosto muito de estar na cozinha, com uma boa banda sonora no fundo. Adorei esta casa, porque me permite isso mesmo: cozinhar num espaço onde tenho fácil acesso aos meus vinhos. E tu?

— Eu cozinho para não morrer de fome — confessei-lhe humoristicamente. — Quando vivia no Porto, a Catarina costumava cozinhar para nós...

— Por falar em Catarina, como correu a conversa?

— A nossa amizade acabou — comecei por partilhar com um triste sorriso. — Como é que se costuma dizer nos divórcios? Diferenças irreconciliáveis.

— Talvez seja isso mesmo — explicava Pedro, enquanto levava o jantar para a mesa. — Talvez viver no Porto fosse a única coisa que vos unia.

— Pois — assenti, pensativamente. — E não viver no Porto é a única coisa que nos separa — concluí encarando-o.

Ao ouvir as minhas palavras, Pedro olhou para mim. Antes de partir para Madrid, os nossos movimentos faziam-se com calma, desprezando a importância do tempo. Ríamos-nos da sua passagem. Sempre achara que o nosso amor é que o bloqueava. Mas não era. Quando não conseguimos deslindar um futuro para nós, a cadência do tempo tem pouca relevância. O *ontem*, o *hoje* e o *amanhã* são todos iguais: desinteressantes, inúteis e assustadores. No entanto, quando vislumbramos e acreditamos que o futuro também é nosso, a calma perde o seu lugar. A ânsia passa a dominar o jogo. Queremos concretizar-nos, nesta breve passagem que é a vida. E o tempo torna-se pouco. Torna-se no inimigo.

Por isso, quando senti o olhar escuro e profundo de Pedro pousado em mim, dirigi-me até ele. Passei as minhas mãos pelos seus olhos, pedindo-lhe que os fechasse. Ele obedeceu-me. Na ponta dos meus pés, rondava-o, deslizando o meu braço

pelo seu corpo a um ritmo suave. Beijava-lhe a parte de trás das orelhas e passava a língua pelo seu pescoço. De frente para ele, pedi-lhe que continuasse com os olhos cerrados. Peguei nas suas mãos e guiei-as por todo o meu corpo. Comecei por pousá-las nos meus lábios desejosos e, lentamente, descemos até às minhas mamas. Quando as nossas mãos transpiradas pousaram nos meus seios, a saliência dos meus mamilos, que estavam duros, era visível através da minha camisola de malha. Encostei os meus lábios aos de Pedro, enquanto conduzia a sua mão até ao meu sexo humedecido. Enquanto ele me tocava, desaparetei a saia, até que ela caiu no chão. Em meias de liga e ainda nos meus *Mary Janes*, agarrei na sua mão, tentando encaminhá-lo para o sofá. No entanto, os olhos de Pedro abriram-se, dizendo-me que o meu comando tinha chegado ao fim. Depois de nos despirmos, ele pegou-me ao colo e deitou-me no sofá. Ao sentir a sua língua serpentina e a sua mão hábil no meu sexo, mordi os meus dedos. Depois de pouco mais de dez anos por camas alheias, chegava à conclusão de que nunca seria melhor do que isto. Enquanto reconhecia este facto, que me assustava e extasiava simultaneamente, atingi o primeiro orgasmo da noite. Cedendo-me algum tempo para recuperar a minha respiração, o Pedro levantou-se para mudar o disco de lado. Quando ele regressou até mim, os jogos de prazer reinaram durante horas.

Assim que os nossos corpos se separaram, ficámos em silêncio durante algum tempo. Sentados no chão e encostados ao sofá, eu pensava no quanto o amava. Saber que partiria no dia seguinte para Madrid entristeceu-me. Ele? Eu não sabia no que ele pensava. De repente, levantou-se e dirigiu-se à janela da cozinha.

— Onde vais?

— Preciso de fumar um cigarro — explicou-me, com um ar de fumador desesperado.

Depois de abrir a janela, o Pedro inclinou-se no parapeito.

Dividia o seu olhar entre a cidade e o meu corpo. Ele sugava aquele cigarro com grande satisfação.

— Posso aquecer o jantar? — sugeri, enquanto prendia o cabelo. — Tenho fome.

— Eu também. Espera, eu aqueço — disse-me.

Ao contemplar a mesa posta, rimo-nos. Quando acabou de fumar, colocou a lasanha no microondas. Enquanto ele aguardava com as mãos apoiadas no balcão da cozinha, eu magicava nos meses que passáramos separados. Gostaria de lhe perguntar se conhecera alguém, neste entretanto. Não eram ciúmes, o que me levava a ponderar estas questões. Nunca me considerara uma mulher ciumenta e Pedro não era exceção. A nossa fidelidade não advinha da exclusividade dos nossos corpos, mas das nossas almas. Na verdade, o que sentia era uma grande necessidade de escutar as suas aventuras enquanto eu estivera longe, de me deleitar nos pormenores que o compunham e de me imiscuir na sua vida. Queria matar a distância que nos tomara e ainda tomaria.

— Em que estás a pensar? — perguntou-me Pedro, como se adivinhasse o meu impasse. Entretanto, ele sentara-se ao meu lado, no chão, e dera-me um prato com comida.

— Estava a perguntar-me como foram os teus meses aqui. Estive longe... — disse, enquanto soprava para arrefecer a comida.

— Teriam sido melhores se aqui estivesses, mas não me posso queixar.

— Nem acredito que não fizemos caso desta lasanha, há pouco. Valeu a pena. Mas isto está delicioso, a sério.

— Obrigado — agradeceu Pedro, com um sorriso que me enterneceu. — E tu? Conheceste alguém em Madrid? Acho que te posso perguntar isto, não?

— Podes — comecei por esclarecer. — É engraçado como essa questão te saiu com naturalidade. Eu estava a tentar

perguntar-te o mesmo. Tive receio de que a minha pergunta fosse mal-interpretada.

— Eu sei que estavas, mas não te quis facilitar a vida — confessou. Antes que um de nós pudesse partilhar as suas odisseias, Pedro beijou-me. — Não conheci ninguém. Quer dizer, conheci. Mas não me envolvi com ninguém. Estar com alguém, ainda que seja por umas noites, exige tempo e interesse. Neste momento, não tenho nenhum dos dois. Já encontrei a pessoa a quem dou e que tem tudo de mim. Mas não quero que me escondas nada por causa do que te acabo de dizer. Não me debes o mesmo — sorriu.

— Acho interessante vivermos a vida de forma tão distinta e, ao mesmo tempo, tão simbioticamente — respondi, depois de colocar o prato na mesa de centro e pousar a cabeça no ombro nu de Pedro. — Posso estar com alguém ocasionalmente, ainda que o meu coração esteja noutras andanças. E estar com alguém é apenas isso: um pouco de tempo partilhado. Nada mais. O que sinto por ti não muda e nunca mudará. Antes de apareceres, a minha vida era um filme a preto e branco. De repente, é um filme cheio de cores néon, com personagens eufóricas, que fazem um *flash mob* no final.

— Gostava de ver esse filme — comentou, esboçando um sorriso. Entretanto, Pedro estendera o seu braço pelos meus ombros. Eu agarrava-me ao seu peito. Sentia-me em casa.

— Para responder à tua questão, eu estive com uma pessoa.

— Uma? Ufa! Já estava preparado para uma lista infindável — gracejou Pedro, o que nos levou a partilhar uma gargalhada. — Não te preocupes. A distância entristece-me. Nada mais.

— Hoje estamos perto — disse-lhe, ao levantar-me. Tocava um vinil da marroquina Hindi Zahra. Eu adorava as suas melodias quentes e sensoriais. Aquela voz levou-me a estender a mão a Pedro. — Lembras-te de te dizer que apenas dançava quando a pista estava cheia? Queria ser invisível. Esses tempos

acabaram. Quero dançar contigo, agora. Tu vê-me e está tudo bem.

Pedro entregou-me a sua mão, ergueu-se e envolveu-me nos seus braços. Enquanto dançávamos, pisava-o sem querer, o que acabou por espoletar uma data de gracejos. Além de dançar, beijávamo-nos e perdíamo-nos na risota. Ele desgrenhava-me o cabelo e eu retribuía na mesma moeda.

— Não podemos agir como dois adultos? Dançar de forma sensual como nos filmes? — perguntei-lhe, tentando manter-me séria.

— Não, não podemos. Prefiro o teu filme, em que as personagens estão em LSD.

— Eu não disse que as personagens estavam em LSD.

— Digo eu — esclareceu. Caímos no silêncio e o espaço tornou-se mais sério. As suas mãos levaram a minha cabeça ao seu peito e embalávamo-nos. De repente, a sua boca encostou-se ao meu ouvido. — Estás feliz em Madrid? É lá que continuarás a estar?

— Estou a fazer o meu caminho. Não tem sido fácil. Mas está a fazer-me bem. Está a fazer-me muito bem — confidenciei-lhe, agarrando os seus braços com mais força do que intencionara. — Só te peço que não te esqueças de mim.

— Senta-te — ordenei após uns minutos. Pedro não me respondeu. — Vou buscar uma coisa.

— A sério, continuo a estranhar uma pessoa sentir-se tão à vontade com a nudez — disse Pedro, enquanto me observava a passarinhar pela casa.

— É uma forma franca de se estar. É assim que quero estar contigo. No Verão, vamos passar as férias a uma praia naturista.

— No Verão? — perguntou ele, acusando surpresa.

— Falo em irmos a uma praia naturista e o que te surpreende é o facto de que conto estar contigo daqui a uns meses?

— Por muito que me custe, regressa lá para Madrid — disse-me, quando me voltei a sentar ao seu lado. — Mudaste tanto, desde que partiste. Não te preocupes. É impossível esquecer-te, Lola.

— Acho que seremos felizes. Não te parece? — perguntei-lhe, tocando-lhe no rosto.

— Eu acho que já somos. À nossa maneira.

— Olha — disse-lhe, mostrando-lhe o retrato que lhe tirara no Le Chat Noir. — Olha para ti. Amo esta fotografia, porque capta a essência da pessoa por quem me apaixonei. Há uma honestidade brutal no teu rosto — expliquei-lhe. Pedro pegou na imagem e contemplava-a, enquanto escutava as minhas palavras. — Tirei tantos retratos na minha vida. Mas foste tu que me mostraste que era possível dar um rosto sincero ao mundo.

— Não sei o que dizer — respondeu-me. — És uma ótima fotógrafa, Lola. Antes de viajares para cá, disseste-me que ias tentar a tua sorte na área da fotografia. Não desistas desse sonho.

— Obrigada. Não vou mesmo desistir. Gostaria que a minha avó soubesse que mudou a minha vida, quando me deu a *Olympus*. Ela ficaria muito feliz.

— Também acho. Deixa-me pegar no meu telemóvel. Também tenho o teu retrato.

— Não sei se o quero ver — afirmei com um sorriso trágico, tapando os olhos com os dedos.

— Toma! — disse Pedro, entregando-me o telemóvel.

— Meu deus... — suspirei, enquanto observava a imagem. Por uns momentos, a minha respiração tornou-se lenta e a minha garganta fez-se pequena. — Parecia que o mundo estava a acabar.

— O mundo não estava a acabar. O teu é que estava.

— Eu sei que tenho evoluído. A terapia tem ajudado muito.

Mas ver esta imagem, estes meus olhos tristes, é arrepiante. Dá-me vontade de chorar. Estava tão perdida.

— Estavas, mas procuraste um caminho para ti. És muito forte, miúda.

— Espero sê-lo amanhã — murmurei. — Por falar nisso, tenho de ir. Já é tarde.

— Não queres ficar a dormir aqui? São quase três da manhã.

— Obrigada, mas prefiro voltar para casa da Simone. Amanhã, quando acordar, quero estar sozinha. Desculpa — disse, dando-lhe um beijo na ponta do nariz.

— Eu entendo... Onde combinaram conversar?

— Na praia. Em Matosinhos.

Enquanto nos vestíamos, trocávamos olhares em silêncio. A despedida era a nossa derradeira punição. Sabíamos que matar a saudade implicava este momento final. Não sabia quando nos veríamos novamente e isso doía-me. Para escapar a estes pensamentos, peguei no telemóvel para chamar um Uber. Ao aperceber-se, Pedro disse que desceria comigo e me faria companhia até o condutor chegar. No elevador, mantivemo-nos em silêncio e engolfados um no outro.

— Faltam dois minutos — disse-lhe, já na rua, após verificar a aplicação. Estava um ar gélido. Na manhã seguinte, os donos dos carros estacionados nesta rua encontrariam os vidros com uma camada branca de geada. Eu soprava para as mãos e esfregava-as para as aquecer. — Estava a pensar... podias vir a Madrid...

— Vou pensar nisso — respondeu-me.

Agarrou-me e beijámo-nos, uma última vez. De seguida, deu-me um abraço demorado e meigo. Fechei os olhos e permaneci nos seus braços até ouvir o carro a aproximar-se.

— É assim que te despedes das pessoas, agora? — perguntei-lhe, quando me afastei dos seus braços e me preparava para entrar no carro.

— Não, só daquelas com quem tenho histórias por acabar.

Apertava o cachecol contra o pescoço, enquanto caminhava pelo passeio de Matosinhos. Ao procurar pela minha mãe, acabei a contemplar o céu nublado que beijava o mar português. Permanecia numa disputa interior entre a resistência à conversa que se avizinhava e uma paz por saber que estava prestes a compreender todo o meu passado. Passáramos uma vida a esquivar-nos uma da outra, mas chegara o momento de nos vermos de frente. A cada onda violenta que rebentava na costa, o meu peito encolhia-se. Não tardei a avistar uma mulher sentada no areal, com uma pequena manta a cobrir-lhe as costas. Era a Dulce. Era a minha mãe.

— Olá — disse-lhe, quando me aproximei dela. Sentei-me ao seu lado.

— Olá — respondeu-me. Estava pensativa. Durante todo o fim-de-semana, eu sentira-me como se me preparasse para o matadouro. Agora, olhando para a minha mãe, reconhecia que a minha agonia não se comparava à dela. Eu vinha escutar. Ela vinha falar.

— Obrigada por teres arranjado tempo para conversar comigo. Sei que te avisei sem antecedência e esta fase é atribulada.

— Não me agradeças. É uma conversa que te devo há muito. Eu é que agradeço que ainda estejas por cá — respondeu ela, pousando a mão na minha perna. — Bem, eu imaginei esta conversa de várias formas. Mas só me parece haver uma: contar-te tudo de uma vez. Peço que não me interrompas. Peço-

te que me escutes. Depois, estarei aqui para te ouvir.

— Está bem... — concordei, assentindo com a cabeça. No entanto, a minha mãe manteve-se em silêncio durante uns minutos. Enquanto as ondas continuavam a rebentar, eu perguntava-me se deveria dizer algo. Quando me preparava para lhe dar força, ela começou:

— Eu tinha 24 anos. Ainda trabalhava como jornalista. Era a noite de São João. Recebi uma chamada do teu pai a dizer-me que um casal, com quem festejaríamos, já estava em nossa casa. Eu tinha perdido a noção das horas e estava atrasada. Já não me recordo do artigo no qual estava a trabalhar. Apressei-me a sair da redacção. Lembro-me de estar uma noite tão quente. Era uma noite de São João perfeita.

Nesse momento, as palavras falharam à minha mãe. A cada frase que proferia, fazia uma breve interrupção. Mas, agora, o silêncio era absoluto. Ela olhava o mar como se ele lhe pudesse ceder alguma da sua força e robustez. O mar talvez não fosse suficiente para encorajá-la, por isso, eu coloquei a mão no seu ombro.

— Estava no parque de estacionamento, a dirigir-me para o carro. Não se via um rato. Toda a gente tinha ido para as sardinhas. Sabes como é essa noite... Ali, só estava eu e outra pessoa. Fui violada — confessou-me. As lágrimas começaram a cair pelo seu rosto. — Demorei anos a conseguir dizer estas palavras. Anos — explicou-me. Ela inspirava e expirava a um ritmo lento. Entretanto, também eu começara a chorar. As nossas mãos apertavam-se. — Fui violada. Tinha 24 anos. Casara há pouco tempo. Eu era uma rapariga radiante. Não havia nada que me detivesse. Até àquela noite. Quando acabou, fiquei sentada no chão. Chorava e vomitava. Assim que me consegui mover, entrei no carro. Tremia tanto. Não me lembro de quanto tempo permaneci ali. Nunca me ocorreu que ele pudesse regressar. Eu ainda não tinha telemóvel. Quando

consegui conduzir, rezava para que o teu pai e os nossos amigos tivessem desistido de esperar por mim. Assim foi. A casa estava vazia. Não apresentei queixa, Lola. Não sei quem me violou. E nunca contei a ninguém, até hoje.

— O pai não sabe? — perguntei-lhe.

— Não, nunca soube. Guardar este trauma para mim teve consequências. Destruíu o meu casamento. Destruíu a minha família. Destruíu a relação com a minha mãe. Como é óbvio, aquilo mudou-me. Mas eu não consegui lidar de outra maneira. Por estar a sofrer em silêncio e por me sentir tão isolada, criei a Por Nós. Eu queria que houvesse um espaço seguro, um espaço que a mim me faltou. Eu tinha de lutar por um mundo onde isto não acontecesse. A associação e a minha luta acabaram por dar sentido à minha vida, numa fase em que acordava todos os dias sem vontade de aqui estar.

Apesar do estrondo do mar, eram as nossas lágrimas que soavam alto. Abraçámo-nos de forma desesperada.

— Mas o pai nunca insistiu para tentar compreender? Quer dizer, tu mudaste do dia para a noite.

— Claro que sim. Mas, quanto mais ele insistia, mais eu me afastava. A única coisa que nos manteve juntos por pouco mais de uma década foste tu. Aquela pessoa matou qualquer chance de felicidade no meu casamento. Eu não deixava que o teu pai me tocasse e me amasse. Ele acabou por desistir de mim. Lola — ouvi-a chamar o meu nome. O meu rosto ergueu-se e pousei o meu olhar no da minha mãe. Havia mais. Ela pegou nas minhas mãos. — Filha, quando eu soube que estava grávida de ti, foi o dia mais estranho da minha vida.

— Porquê?

— Não sei se algum dia me poderás perdoar por isto — disse ela, cobrindo o rosto. — Eu não sei quem é o teu pai. Durante a gravidez e mesmo depois de tu nasceres, perguntei-me se deveria saber e se te deveria dizer, um dia. Mas, naquele

momento, era demasiado para mim.

— O que é que tu estás a dizer? O que é que tu estás a dizer?
— gritei-lhe.

— Tu sabes o que eu estou a dizer...

— Não, não, não — repetia vezes sem conta. Eu chorava descontroladamente. Estava certa de que as pessoas que caminhavam pelo passeio escutavam a minha dor.

— Desculpa, filha. Eu peço tantas desculpas.

— Então, é por isto que sempre achei que não gostavas de mim...

— Eu fiz o meu melhor para sobreviver, mas estive longe de ser o que tu necessitavas. Nos primeiros anos, a dúvida matou-me. Quando cresceste, já estávamos tão distanciadas. Era mais seguro ter-te longe de mim. Até que percebi que eras a única pessoa que eu não poderia afastar. És a única pessoa que quero perto de mim. O que me aconteceu não nos podia destruir a nós também.

— Vocês deixaram-me ao abandono, mãe...

— Eu sei. — Neste ponto, a minha mãe já soluçava. — Sentia que me culpavas, quando ambos errámos. Eu e o teu pai. Espera-se sempre mais das mães. A culpa reside em nós. Os pais têm carta-branca. Com isto, não me quero desculpar...

— Não me venhas com isso — interrompi-a. — Tu ressentias a minha existência. E o ressentimento de uma mãe é muito mais difícil de aceitar do que um pai incompetente. Eu sabia que tu agias dessa forma porque eu era a tua filha. Para o pai, nunca foi pessoal. Se fosse pai de outra pessoa, agiria da mesma forma.

— Tens toda a razão — respondeu-me, limpando as lágrimas.
— Posso apenas pedir-te desculpa para o resto da vida. Com quase 60 anos, aceitei que precisava de terapia para lidar com o meu trauma. Levei demasiado tempo a compreender isso. Apesar de ser um segredo para o mundo, este é o episódio mais

marcante da minha vida. Sempre que subia a um palco para discursar, pensava naquela noite. Eu preciso que tu saibas que não guardo ressentimentos sobre ti, Lola. Nunca o fiz. Eu temia-te e, por isso, abandonei-te. Eu queria que te esquecesses de mim, para que também eu me pudesse esquecer de ti. Não é justo. É cruel. Se fosses filha daquele homem, eras uma vítima como eu. Como pude errar tanto? Nos últimos anos, tenho olhado para ti e vejo uma mulher muito mais forte do que eu alguma vez fui.

— Mais forte do que tu?

— Claro que sim. Sem quaisquer alicerces, tu fizeste-te. Eu estou tão orgulhosa de ti e admiro-te tanto...

Mantive-me em silêncio. Sequei as lágrimas e contemplei o mar. Tinha tanto para assimilar e agradeci a todos os meus anjos da guarda por ter uma consulta com a Dr.^a Mariana no início da semana seguinte.

— Ficámos tão distanciadas, que eu não sabia o caminho de volta para nós — prosseguiu a minha mãe, quando não obtive resposta da minha parte. — Depois, percebi que o caminho passava por te contar a verdade. Precisei de vários meses para aceitar e me preparar para este momento...

— Custa-me que tenhas esperado quase trinta anos, mas também sei que nunca estive tão preparada para ouvir esta história como estou hoje. E se eu não sou filha do pai? E se eu sou o resultado do episódio mais traumático da tua vida?

— Durante décadas, fiz-me essas mesmas perguntas. Por isso é que agi da maneira que agi. Terás de assimilar tudo o que acabo de te dizer, mas o que me demorou a perceber é que essas questões não tinham importância. Estava a fazer as perguntas erradas. Existires é o mais importante. Isso basta-me. Só estou feliz por estares aqui. Espero que chegues à mesma conclusão. Por muito disfuncional que pudéssemos ser, a tua família sou eu e o teu pai. E era a tua avó Teresa, que te amava

tanto. E nós, nós que também te amamos muito.

— Tudo começa a fazer sentido agora — expliquei-lhe, abanando a cabeça. — Quantas vezes me perguntei como é que tu, sendo feminista, tinhas tido uma filha se não a querias...? Eu lamento tanto, mãe. Eu lamento o que te aconteceu. Não consigo imaginar o quão só te sentiste.

— Acho que consegues, Lola. Infelizmente, acho que consegues. A solidão é uma velha amiga das duas.

— Parecias sempre tão miserável em casa. Cá fora, sempre me pareceste feliz...

— Cá fora, eu era admirada. Mas não tinha de aceitar ser amada. Acredita que, durante muito tempo, não me senti digna de amor.

— Mãe, eu acho que devias contar ao pai. A história é tua, por isso tu é que sabes. Mas ele também fazia parte do casamento que ruiu. Eu acho que ele merece saber porquê.

— Estou a pensar contar-lhe — admitiu a minha mãe, tocando-me no cabelo. Voltámos a abraçar-nos.

Durante uns momentos, olhámos o mar em silêncio. No entanto, quando verifiquei as horas, apercebi-me que tinha de partir. O avião descolaria em duas horas. A minha mãe sugeriu levar-me até ao aeroporto e perguntou-me se tinha tudo na mochila que trouxera comigo. Eu assenti com a cabeça e levantámo-nos. Quando acabámos de sacudir a areia das calças, dirigimo-nos para o carro da minha mãe. Na curta viagem para o aeroporto, perguntou-me sobre a minha vida na capital espanhola e eu contei-lhe a minha decisão em deixar o doutoramento para trás e me focar na fotografia. Havia uma estranheza nesta partilha franca. Queria que ela conhecesse os meus sonhos e decisões. Queria que ela me conhecesse. Queria tê-la na minha vida. Passáramos demasiado tempo longe. Quando escutou a minha decisão, sorriu-me e disse-me para acreditar no meu sonho.

— Eu sei — respondi-lhe. — Como disse uma vez à Simone, lembro-me sempre de uma pessoa que teve coragem e audácia para lutar pelos seus sonhos e tudo correu bem.

— Fico muito feliz por te inspirar, apesar de tudo — disse a minha mãe, quando parou na zona autorizada para largar passageiros.

— Não me digas *apesar de tudo*. Tu és uma guerreira. Não tens culpa do que te aconteceu. Há muita mágoa e tenho muito para processar... Mas sei que estavas a tentar sobreviver.

— Antes de ires, queria dizer-te que se precisares de fazer um teste de paternidade, eu compreendo e apoio-te.

— Ainda não pensei nisso, mãe. Não sei o que vou fazer.

— Há quantos anos não me chamavas mãe...

QUARTA PARTE

A caminho de Chamberí, desapertava o meu *cardigan* pérola, que comprara na semana anterior, com Celia e Paula, numa loja de artigos *vintage*. Quando nos sentámos numa esplanada, para descansarmos de um roteiro dedicado às lojas em segunda mão, pensei em partilhar o que a minha mãe me contara. No entanto, não fui capaz. Não saberia como dizer às minhas amigas que, ao fim de quase trinta anos, descobri que posso ser filha de um violador.

Esta seria a quarta consulta consecutiva com a Dr.^a Mariana, desde o meu regresso de Portugal, na qual dissecaríamos este assunto. Na primeira semana, contei-lhe sobre o meu fim-de-semana no Porto e, conscientemente, deixei a conversa com a minha mãe para o final da consulta. Dessa forma, não nos restaria muito tempo para a debatermos. Sabia que necessitava de esmiuçá-la, mas temia-a.

A psicóloga assumia quase sempre uma expressão neutra. Quando lhe revelava os meus pensamentos mais obscuros e dos quais me culpabilizava, ela nunca evidenciava qualquer reacção. Dizer-lhe que, em alguns momentos da vida, pensara em matar-me e levar a minha mãe comigo, não a afectava. Talvez estes pensamentos hediondos abundassem entre os seus pacientes. O certo é que, devido a esta ausência de julgamento, sentia-me confortável nos nossos diálogos. Porém, quando lhe deixei a bomba no colo, cinco minutos antes de darmos a consulta por terminada, o seu rosto contorceu-se. Durante uns segundos, que me pareceram uma eternidade, permaneceu em silêncio. Depois, disse-me que esta descoberta deveria ter sido

traumática para mim. Ao escutar as palavras dela, chorei. Ao longo dos dias que sucederam o meu regresso a Madrid, tentei relativizar o que a minha mãe me contara. Tinham passado trinta anos, afinal. Eu sabia a quem chamava pai. Também dei por mim a compartimentar o sofrimento da minha mãe e o meu. Tratá-los como duas questões distintas ajudava-me a privilegiar a dor dela e a suprimir a minha. Era-me mais fácil sofrer por ela do que por mim. Prevendo a minha crise, a minha mãe ligara-me dois dias depois para conversarmos. Pouco dissemos, mas chorámos muito. Até esse momento, eu não contara a ninguém; com ela, era fácil. Ela sabia tudo. Ela conhecia a minha dor. Não tinha de me explicar. Não tinha de me deparar com aquele silêncio penoso, de quem não sabe o que dizer. Ela sabia; ela sabia tudo.

Depois da primeira consulta, soube que tinha de descartar os mecanismos de defesa antigos. Teria de enfrentar a minha dor ou ela acabaria por me consumir, como acontecera com a minha mãe. Então, durante as consultas seguintes, apertei o cinto e lancei-me à viagem. Comecei por expressar a minha revolta. A minha mãe tinha-me deixado ao abandono uma vida inteira e eu não passava de outra vítima, nesta história. Por outro lado, o fardo que a minha mãe carregara parecia-me insuportável. Como poderia eu agravá-lo? Apesar de já estar na terapia há alguns meses, estranhava esta minha capacidade de me legitimar e levar a sério. Não havia ironia ou cinismo, quando falava da minha dor. Como me dissera a Dr.^a Mariana, nas consultas iniciais, tinha de respeitar o meu sofrimento.

Agora, na sala de espera, preparava-me para uma nova consulta. Sabia o que abordáramos, esta semana. Depois da revolta e da tristeza, restava-me conversar sobre a minha origem. Restava-me compreender se agora, que eu estava focada no meu futuro, era importante entender de onde vinha. Quando a psicóloga me chamou, levantei-me absortamente. Ela

teve de me alertar para o facto de que deixara o meu livro na mesa auxiliar.

— Como é que se sentiu esta semana? — começou por questionar, após nos sentarmos. A sua caneta preparava-se para escrever as minhas palavras.

— Melhor, parece-me. No início, sentia-me esvaziada. Não era um vazio como aquele que costumava sentir, antes de começar a terapia. Era diferente.

— Agora já não se sente tão vazia?

— Não. A terapia está a ajudar-me. Também tenho falado com a minha mãe, quase todos os dias. Acho que estamos a curar juntas. Nunca pensei...

— O que é que nunca pensou?

— Tantos anos distanciadas. Falávamos duas vezes por ano. Não sabíamos como nos amarmos. E, agora, estamos a passar por este processo, lado a lado. É uma força e um amor que não sabia que existiam, que estava lá para nós.

— Parece-me que, no meio desta história terrível, está a surgir algo de bom...

— Sim, é verdade... Também fico feliz que a minha mãe esteja a lidar com o passado dela. Há uns dias, confessou-me que sempre se sentiu uma hipócrita. Apesar de ela ser uma feminista de renome, ainda se sentia dominada pelo passado. Não apresentou queixa. Nunca partilhou o que se passou. Durante o movimento *#metoo*, não divulgou que tinha sido abusada sexualmente. Disse-me que observava as mulheres a revelarem os abusos que tinham sofrido e não tinha coragem para fazer o mesmo. Mas, depois, discursava sobre a força deste movimento, dizendo que a nossa hora tinha chegado.

— Mas a hora dela chegou. Noutros termos, apenas. A sua mãe não disse ao mundo que tinha sido violada, mas disse-lhe a si. Por vezes, é mais difícil abrimo-nos com uma pessoa do que com milhões. Imagino que falar consigo terá sido uma das

coisas mais custosas que ela teve de fazer. Talvez mais difícil do que se um dia ela decidir tornar o passado dela público.

— Tem razão — respondi, assentindo com a cabeça. — Envergonha-me dizer isto, mas ela não partilhou os detalhes comigo e isso alivia-me. Só conversámos sobre o que sucedeu. Saltámos a parte da violação e ainda bem. Seria insuportável escutar. E se é impossível escutar, como é possível viver-se depois disso...? Enfim, continuo a matutar se deveria fazer um teste de paternidade. Tenho o mesmo receio que a minha mãe teve. E se sou filha de um violador? Tenho-me perguntado se preciso mesmo de saber quem é o meu pai para viver. Às vezes, parece-me que não. No entanto, sei que carregarei esta dúvida toda a vida. Não quero esse fardo. Talvez fosse melhor saber. Se se provar que sou filha do meu pai, acaba-se esta indecisão. Se não for, pelo menos, sei que não sou.

— É uma decisão que lhe cabe a si. Só posso fazer perguntas para a ajudar a decidir. Eu sei que sempre foi muito importante compreender o seu passado e entender quem é. Esses são os motivos que a trouxeram a este consultório. Entretanto, chegámos à conclusão de que, apesar de ser importante entender o passado, ele não nos define. Você não sabe quem é o seu pai? Não será quem a criou? Em que é que um teste mudará isso? Mudará quem a Lola é?

— Não, não mudará quem sou — respondi com uma segurança que me surpreendeu. — Mas o que farei quando a dúvida despertar, de vez em quando? É que estará sempre lá...

— A dúvida é um pensamento, é uma condição psicológica que pressupõe ausência de certeza. Penso que ela só existirá enquanto olhar para essa questão como algo por solucionar, por resolver, sobre a qual não tem certezas. Se calhar, é uma não-questão. Saber mudaria a sua vida? Em quê? Se se provar que é filha desse homem, só lhe trará sofrimento. E, no fundo, não passa de ADN. Ser filha dele torna-o no seu pai?

Reflectia sobre as questões da psicóloga em silêncio. Reconhecia que necessitava de algum espaço e tempo para tomar esta decisão, por isso servi-me do final da consulta para abordarmos a minha vontade de regressar a Portugal. Não ponderava pegar nas minhas malas e zarpar, dentro de alguns dias. Esta ideia estava a ser cozinhada na minha mente, a um ritmo lento e consciente. Após o meu regresso à capital espanhola, tinham decorrido as eleições portuguesas. Apesar de o Por! ter sido o segundo partido mais votado, Beatriz Costa Gomes chegou a chefe do Governo depois de uma negociação de coligações com outros partidos políticos, atingindo a maioria parlamentar.

Nos dias anteriores às eleições, as camadas jovens e progressistas uniram-se nas ruas para apelar ao voto e colocar um ponto final na abstenção obscura, para derrotar as vozes fascistas que se faziam ouvir e tanto temíamos. Ao longo desses dias, quando espreitava para dentro dos cafés madrilenos e me deparava com uma televisão, era frequente encontrar as ruas portuguesas nos noticiários espanhóis. O meu país sonolento e pacato erguera-se para que pudéssemos mudar o nosso futuro. O surgimento de uma candidata como Beatriz Costa Gomes, aliado ao barulho provocado pelos fascistas, funcionou como uma injeção nos rabos progressistas. Levantámo-nos para lutar. Este novo caminho, que me enchia os pulmões de esperança, dava-me vontade de regressar ao meu país. Além disso, sempre soubera que a minha estadia em Madrid tinha um propósito, e aproximava-me desse remate.

Depois de pagar a consulta, entrei no elevador antigo do edifício. Quando me largou no rés-do-chão, apercebi-me de que a luz solar se estava a esvaír para acolher a noite. Em vez de apanhar o metro, decidi caminhar até casa. Ponderei pegar nos auriculares para ouvir um álbum de música, mas preferi escutar as melodias da cidade, enquanto calcorreava. A minha passada

fazia-se lenta, já que parava para sacar da *Olympus* e tirar algumas fotografias. Não havia pressa para chegar à meta. Num banco vermelho de um parque, que encontrei no percurso para casa, avistei um casal de idosos sentado. Ele vestia um casaco de lã e usava um chapéu castanho. Ela tinha o cabelo arranjado e argolas de madrepérola. Conversavam. Cada um tinha um livro fechado, pousado nas pernas. Há muito tempo que, nestas caçadas fotográficas, não interagia com os transeuntes. Estranhamente, sentia falta desses momentos. Por isso, aproximei-me do casal e expliquei-lhes que era fotógrafa. Perguntei-lhes se poderia fotografá-los, naquele banco de jardim, ao que eles sorriram e aquiesceram. A forma como seguravam no livro com uma mão e entrelaçavam a outra era ternurenta. Assim que me aproximei para agradecer, perguntei-lhes se costumavam ler no parque.

— Costumamos — respondeu-me o senhor em castelhano. — Às segundas, quartas e sextas-feiras, vimos para este parque ler. Nos outros dias, estamos com os nossos amigos. Os que ainda estão vivos...

— Separados — frisou a mulher num tom imponente, o que nos levou a dar uma gargalhada. — Eu estou com as minhas amigas. Vamos ao cabeleireiro e bebemos chá. Ele está com os amigos dele.

— Jogamos às cartas e conversamos. Mas, nos outros dias, quando o estado do tempo permite, vimos para o parque ler. Lemos sempre o mesmo livro — explicou-me. Ambos viraram as capas na minha direcção.

— Lêem o mesmo livro para comentarem depois?

— Sim, é a nossa tradição, desde que nos reformámos. Estabelecemos um número de páginas. Ele é um leitor lento. Às vezes, aborrece-me esperar que ele termine... Entretenho-me a observar as pessoas no parque.

— Gosto de saborear as palavras. A leitura deve ser lenta e

introspectiva.

— Eu consigo ser introspectiva e ler rápido. Somos mulheres — disse-me, piscando-me o olho. O senhor riu-se e abanou a cabeça. Não era uma discussão na qual ele ponderasse entrar ou vencer.

— Depois, quando terminamos, ficamos sentados a comentar o que acabámos de ler. Gosto muito. É engraçado como, enquanto estou a ler, já consigo adivinhar determinados comentários que ela vai fazer...

— Então, as vossas estantes estão repletas de títulos repetidos...

— Sim, mas sabemos sempre a quem pertence cada livro. Os dele estão em estado imaculado. Os meus não...

— É verdade. Mas termos obras repetidas em casa não é de agora. Fui professor de Literatura. Costumava ter uma cópia, na qual apontava a minha análise, que levava para a escola. E outra, que permanecia nas estantes. Imaculada, como ela disse.

— Esta é das histórias mais encantadoras que já ouvi — admiti.

O casal trocou um olhar cúmplice e sorriu-me. Despedi-me deles para continuar o meu caminho. No entanto, tinha bichos-carpinteiros na alma. Este encontro casual tinha sido um maravilhoso pontapé, que me lançara para uma teia de esperança. Apesar de difícil, eu deveria libertar-me desta história que carregava às costas. Porque, assim que a partilhasse, deixaria de a carregar. O seu peso não ficaria mais retido na relação com a minha mãe ou no consultório do 3.º andar. Esvoaçaria pelo mundo e deixar-me-ia mais leve e livre. Então, enviei uma mensagem a Pedro, a perguntar se lhe poderia ligar. A resposta não tardou a chegar em forma de chamada. Depois de nos cumprimentarmos, sentei-me no último banco, com a *Olympus* ao pescoço. Já não conseguia ver o casal. As luzes dos candeeiros da cidade trespassavam os

ramos das árvores, alumando os caminhos arenosos do parque. Nesse jogo entre claridade e escuridão, contei a Pedro tudo o que a minha mãe me dissera, na praia de Matosinhos.

Paula e Celia estavam concentradas numa conferência que ocorreria dentro de um mês. Por isso, decidi trabalhar naquele que considerava o meu último artigo, em casa. Na mesa, de carácter multifuncional devido à dimensão claustrofóbica dos meus aposentos, tinha vários livros académicos e o portátil. Enquanto sublinhava umas passagens, recebi uma mensagem de Ángel, anunciando-me que havia uma festa de sexo, perto da capital madrilena, nessa mesma noite. Perguntou-me se ainda estava interessada em captar a alma dos devassos. Quando respondi positivamente, enviou-me a morada e aconselhou-me a estar lá por volta das oito da noite. No final, explicou-me que estava por minha conta, assim que chegasse ao local.

A sua resposta deixou-me um pouco ansiosa, mas apressei-me a pesquisar a localização da festa. Ao verificar que teria de sair em breve, procurei por um vestido de veludo esverdeado. Depois de me vestir, agarrei na *Olympus* e em vários rolos. De auriculares nos ouvidos, que me traziam sons de uma banda *rock* californiana, desci para a rua. Pedi um *Uber* para a morada que Ángel me enviara e, enquanto esperava, voltei a pesquisar a pequena cidade: Ávila. Tinha sido denominada, em 1985, Património da Humanidade. Não pude evitar e soltei uma pequena risada. Afinal, não tardaria muito a ser declarada Património da Foda também. Ou, quem sabe, esta honra precedia a da UNESCO.

Devido à distância, pagaria um balúrdio por esta viagem, mas lá teria de ser. Depois de cumprimentar o condutor, reparei que a minha ansiedade dera lugar à adrenalina. Quando

Ángel me falara destas festas, lembrara-me do clássico *Eyes Wide Shut* e ficara com a curiosidade aguçada. Recordava-me vivamente dos trajes, dos tons vermelhos que dominavam os espaços e da grande mansão. Os livros macabros do Marquês de Sade também dançaram na minha mente. Essas associações pareceram-me fetichistas mas, do outro lado da moeda, surgiu-me a trilogia tosca de *50 Shades of Gray*. Assim que nos distanciámos da capital espanhola, decidi ignorar este zumbido. Estava certa de que, apesar dos meus pensamentos, a realidade me surpreenderia e isso agradava-me.

Quando avistei um castelo medieval iluminado, percebi que deveríamos estar a chegar. Apertei as mãos e ocorreu-me enviar uma mensagem a Ángel. Desde que recebera o seu convite, confrontara-me com uma variedade de emoções, que me relembra que caminhava embaraçosamente para o desconhecido. No entanto, respirei fundo e olhei para o relógio do telemóvel, que me indicava as oito em ponto. «Que se foda», pensei. Era isto que eu tinha procurado. E tinha conseguido. Estava a insinuar-me numa noite um pouco mefistofélica, mas, juízos e receios um tanto cristãos à parte, senti-me entusiasmada.

Depois de atravessarmos o centro de Ávila, imiscuímo-nos numa zona residencial. Longe das luzes amareladas do centro da cidade, a noite trazia uma outra imponência. Longe dos transeuntes e do movimento da parte antiga da cidade, a malícia espreitava.

— Chegámos! — indicou-me o condutor.

Inclinei-me para me assegurar de que tinha chegado e vi que, à frente do meu carro, estavam paradas quatro viaturas pretas. A mansão, do meu lado direito, estava cercada de cedros altos e tinha uns portões de ferro. A distância não me permitia ver muito mais. Os convidados mantinham-se no carro, até que este chegasse junto do portão. Mantive-me quieta, na esperança de

que a observação desta cena me ensinasse alguma coisa. Quando o primeiro carro partiu, o segundo aproximou-se do portão. De lá, saiu um homem, num sobretudo preto.

— É alguma festa privada? — perguntou-me o condutor, interrompendo a minha jogada de detective.

— Sim — confirmei.

Entretanto, as luzes de uns faróis iluminaram a parte de trás do carro onde me encontrava, avisando-me de que já não era a última na fila. O meu coração batia a um ritmo tão acelerado, que me parecia sentir o seu batimento em todos os membros do meu corpo. Da viatura que se encontrava à minha frente, saiu um casal. Ambos envergavam um sobretudo preto, por isso deduzi que esse fosse o código de vestuário. Pareceu-me ridiculamente banal, mas o que esperara eu? Pessoas com máscaras de Veneza? Assim que o meu condutor arrancou para parar em frente aos portões de ferro, tentei vistoriar o máximo que me foi possível. Precisava de ter a certeza de que queria colocar os pés fora deste carro. Ao longe, avistei a mansão. Do outro lado do portão, encontravam-se dois seguranças. Se, por um lado, ver os dois figurões me relaxou, já que eu não ficaria de sentinela sozinha, por outro lembrei-me de que poderia ser corrida num ápice.

— Divirta-se — disse-me o condutor.

— Obrigada. Boa noite.

Assim que bati a porta, decidi caminhar até aos seguranças confiantemente, como se essas fossem as minhas instruções. Enquanto passava os portões e me apercebi de que o meu condutor se tinha afastado, perguntei-me de quem seria esta mansão. Seria de um político, de um artista, de um milionário ou de um padre? Visionei os cargos no masculino, já que é nesse género que se faz a nossa língua, porque, na verdade, estava longe de achar que esta festa fosse obra de um homem. Poderia ser de uma política, de uma artista ou de uma

milionária. Retiraria somente a freira da equação.

— Não pode entrar — afirmou um dos seguranças, focando o olhar no meu *blazer* castanho. Como previra, eu não cumpria o código de vestuário. Irritei-me com Ángel. Poderia ter-me avisado. Perguntei-me se o fizera para que não me sentisse tentada a entrar e me ativesse ao propósito que aqui me trouxera.

— Eu não trouxe sobretudo preto, porque assim me pediram — expliquei, mostrando-lhes a *Olympus*. — Fui contratada para fotografar os convidados da festa à entrada e à saída. Acho que não queriam que eu me confundisse com os demais.

— Ninguém nos avisou de que teríamos uma fotógrafa.

— Pode confirmar. Eu aguardo — sugeri. Apesar da fachada tranquila, perguntei aos meus botões se o meu condutor já estaria longe, porque estava prestes a ser recambiada para a capital espanhola.

— Lola?

— Ángel! — exclamei, quando me virei para trás e vi o rosto que me era familiar.

— Vais fotografar esta festa também? — perguntou-me, depois de se afastar do táxi e se aproximar de mim. Como era expectável, ele envergava um sobretudo preto e tinha um lenço escuro ao pescoço. A sua imagem era memorável e até hipnotizante. Lamentei não poder fotografá-lo, neste momento.

— Sim, estou à espera de que eles confirmem que fui contratada — disse, apontando para os dois seguranças.

— Adorei o teu trabalho nas festas anteriores. Boa noite.

— Vão demorar muito a confirmar a minha contratação? — perguntei-lhes, com alguma insolência. Uma fotógrafa de renome, que fosse do meio desta cambada de libertinos, não lhes faria o pedido num tom passivo. Além disso, neste entretanto, apercebera-me de uma certa relutância da parte deles em incomodar quem quer que tivesse organizado a festa,

e tinha de me aproveitar disso. — Preciso de trabalhar. Daqui a pouco, os convidados já entraram todos.

— Faça o seu trabalho. De forma discreta.

Assenti e comecei a preparar a máquina. Personificar uma fotógrafa de renome divertia-me e notei uma certa ousadia e irreverência a apoderarem-se de mim. Em vez de me posicionar fora dos portões, dirigi-me para o jardim. Havia uma fonte com uns rostos maquiavélicos esculpidos, que me pareceu um fundo caído do céu, e a luminosidade concedida pelos candeeiros de ferro favoreceria o meu trabalho.

A primeira convidada a passar pela minha triagem artística foi uma mulher de certa idade. Expliquei-lhe que tinha sido contratada para eternizar esta festa. Achei que deveria utilizar termos megalómanos e narcisistas, para despertar o interesse dos convidados. Ela sorriu-me, mas recusou ser fotografada. Devolvi-lhe o sorriso e assenti com a cabeça.

De seguida, avistei dois homens e uma mulher a abandonarem um carro. Respirei fundo e fiz figas para que estes aceitassem. Quando lhes expliquei o propósito da minha contratação, perguntaram-me se as imagens seriam publicadas na internet ou em alguma revista. Expliquei-lhes que haveria a probabilidade de serem exibidas em alguma galeria no futuro, mas que a festa e o local permaneceriam anónimos para sempre. Partilharam um olhar quase sigiloso, que foi mutuamente compreendido. A resposta era positiva. A mulher posicionou-se no meio e todos encararam a máquina com desejo. A minha *Olympus* funcionara como um portal de entrada para esta festa, quase como quando se coloca uma moeda numa máquina de jogo e sabemos que, dentro de segundos, as luzes se acenderão e divertir-nos-emos por instantes. Pela primeira vez, invejei a *Olympus*. Havia uma clara distinção entre mim e a máquina, entre a fotógrafa e o seu objecto. Por instantes, desejei que aquele olhar se

destinasse a mim.

Quando aqueles três mosqueteiros se afastaram, reparei que os próximos convidados aguardavam perto dos portões para que se pudessem aproximar de mim. Tinha-me tornado numa paragem obrigatória. Enquanto fotografava os convidados que iam chegando, um ou outro receio passava-me pela cabeça. Quando o manda-chuva deste sítio descobrisse a minha empreitada, poderia procurar-me e até processar-me.

Já estava perto de terminar o primeiro rolo, quando se aproximou um casal imponente. Ela tinha uns cabelos ruivos magníficos, que me lembravam a beleza e a alegria das fogueiras vultosas. O charme do homem advinha de uma seriedade profunda, de quem está constantemente num diálogo filosófico consigo mesmo. Assim que lhes expliquei a minha presença na festa, ela soltou uma gargalhada e tocou-me no rosto com a sua mão forte. Que nem um cão que abana a cauda de felicidade, refasteiei-me naquele toque. Numa voz firme, segredou-me ao ouvido que queria o melhor retrato da festa. Eu sorri, assentindo com a cabeça, e pedi-lhes que se posicionassem. Retratei um longo beijo. Naquele instante, fiquei desesperada para ver o resultado final. Aqueles cabelos resplandecentes, as luzes amareladas que alumiam o jardim, os rostos demoníacos no cenário e a paixão. De repente, ocorreu-me que, apesar de as pessoas que passavam por mim se estarem prestes a imiscuir numa festa de sexo, este casal fora o único a beijar-se e a assumir a ardência que lhes corria no corpo. Antes que ela se afastasse, disse-lhe que eles tinham conseguido a fotografia mais bonita da noite. As linhas do rosto do homem denunciaram-me que um sorriso esteve perto.

Pouco depois deste casal, os carros pararam de chegar. Eram quase nove da noite. Olhei para as janelas da mansão e perguntei-me se estariam a fazer um banquete. Ángel teria de preencher os vazios da minha noite, as indagações de quem fica

do lado de fora. Quando guardei a *Olympus*, comecei a reflectir nas fotografias que tirara. Deixei-me sonhar e imaginei-as expostas nas paredes brancas de uma galeria. Nessa minha viagem pelos sonhos, percebi que o trabalho desta noite poderia ser associado a dois eventos: um funeral ou uma festa de sexo. Por um lado, não eram assim tão distintos, já que o sexo e a morte andam de mãos dadas. Quem organizara esta festa e escolhera o código de vestuário, também o sabia. Não foi ao acaso que os franceses apelidaram a apoteose sexual como *la petite mort*. No entanto, nos funerais, as pessoas não se beijam com paixão, não olham a máquina como se estivessem prestes a incendiar o seu mundo. As pessoas não se posicionam como se se preparassem para assumir o lugar que comanda os seus lados mais negros. Nunca explicaria o que se passara na propriedade da fonte de pedra. Mas não seria necessário. Afinal, a arte falava por si mesma.

Nesse momento, dois seguranças passaram por mim, interrompendo as minhas reflexões. Cumprimentavam os dois latagões que me tinham dificultado o trabalho no início da noite, e compreendi que se preparavam para fazer o turno seguinte.

— Vai ficar aqui a noite toda? Os convidados só começam a sair ao amanhecer — disse-me um dos seguranças, que caminhava em direcção à mansão. — Venha, eu indico-lhe onde costuma ficar o *staff*.

Sem me pronunciar, assenti com a cabeça e segui-os pelo jardim fora. Depois de entrarmos por uma porta das traseiras, o segurança deu-me indicações para a sala de repouso dos colaboradores. Por sorte, encontrava-se vazia. Havia um sofá e poltronas, umas pequenas estantes com alguns *bestsellers* e uma televisão antiquada. Atirei-me para o sofá aveludado e peguei no comando. Enquanto fazia *zapping* e, por receio de adormecer, coloquei o telemóvel a despertar para as 6h30. Ao

fim de quase duas horas dedicadas a um filme mexicano, apercebi-me de que a adrenalina que esta *soirée* inesperada me causara atrasaria o meu sono. Acabei por me dirigir às estantes para pegar num policial de origem nórdica e as restantes horas foram alternadas entre a leitura e um sono leve e sobressaltado.

Assim que o Sol começou a espreitar timidamente, eu já me encontrava no jardim, e não demorou até que os primeiros convidados saíssem. Alguns aceitavam ser fotografados, outros não se dignavam a olhar-me e a responder-me. Tratavam-me como se lhes tentasse vender um serviço, nos corredores de um centro comercial. No entanto, eu sabia que não era a mim que tentavam invisibilizar. A vontade de se recolherem era-me evidente. Se pudessem teletransportar-se para as suas viaturas, tê-lo-iam feito.

Quando fotografava aqueles que permitiam a proximidade da *Olympus*, pensava no quão ansiosa estava para construir uma espécie de *puzzle*. Assim que revelasse as fotografias, queria ver se os convidados saíam com as mesmas pessoas com quem tinham entrado. Queria ver se aqueles que tinham aceitado a *Olympus* antes da festa tinham-na procurado no final, uma última vez. Neste momento, era-me impossível fazer essas associações, já que os rostos eram demasiados para lembrar.

Já tinha fotografado umas três dezenas de pessoas, quando avistei a ruiva a abandonar a mansão. Caminhava, ainda nos seus saltos altos vertiginosos, com o mesmo companheiro. Dirigiam-se até mim e soube que teria permissão para os retratar, uma última vez. Acercando-se de mim, reparei que a sua maquilhagem dos olhos, que era escura e carregada, estava esbatida. Por momentos, quis perguntar-lhe se chorara. Ainda abri a boca, mas voltei a fechá-la. A ligação que estabelecera entre o sexo e a morte parecia-me gritante nestes rituais. Os seus olhos desvelavam-me uma espécie de fim momentâneo, como se algo de muito próprio e profundo tivesse ficado

naquela mansão. Quis abraçá-la e, por isso, abracei. Ela libertou uma risada reconfortante e deu-me umas palmadas nas costas, antes de nos afastarmos. Pedi-lhes que se dirigissem para o lugar onde gostaria de os fotografar e, assim que coloquei a *Olympus* a postos, voltaram a beijar-se.

Estava prestes a chamar um *Uber*, no momento em que vi Ángel a andar na minha direcção. Deveria ser um dos últimos convidados a abandonar a festa. Caminhava um pouco absortamente, com o sobretudo aberto e o lenço mal ajeitado, e, por instantes, tive a sensação de que passaria por mim e me ignoraria. Lá acabou por me cumprimentar e perguntar se gostaria de partilhar um táxi para Madrid.

— Eu ia chamar um *Uber* — respondi-lhe, abanando o meu telemóvel.

— Vamos de táxi. Nunca deixo estas viagens registadas. Pago com dinheiro e tudo.

— Inteligente — comentei, acusando um tom de surpresa.

— Bastante, obrigado.

— Mas és dos menos abastados da festa, parece-me. A maioria dos outros convidados têm viaturas particulares.

Ángel olhou para mim e mostrou-me um sorriso cínico, mas não me respondeu. Ficámos em silêncio até o táxi chegar.

— Como correu o trabalho? — perguntou-me, quando já tínhamos deixado a pequena cidade para trás.

— Correu muito bem. Acho que tenho uma série de fotografias incríveis. Obrigada pelo convite e pela tua ajuda, no início da noite. Não sei se os seguranças me teriam deixado entrar, se não tivesses corroborado a minha história.

— Ficas a dever-me uma — disse-me. Não era apenas uma expressão. O seu tom de voz implicava que lhe ficara a dever uma, de facto. Era assim que este mundo funcionava.

— Sabes... — comecei por dizer. — Lembras-te de uma ruiva da festa?

— Vi algumas ruivas.

— Uma bastante alta. Estava com um homem bastante sério — especifiquei. Ele assentiu com a cabeça, evidenciando-me que sabia a quem me referia. — Ela pareceu-me tristíssima, no final da festa. E resignada, muito resignada à sua tristeza.

— Os grupos variam. Não somos sempre os mesmos a participar — disse-me, passando a mão pelo rosto, como se afagasse uma barba que não tinha. — Ela costuma ser assídua, no entanto. Chama-se Manu. Ela ainda não era a Manu, quando começou a vir a estas festas. Cada pessoa vem em busca de algo. Ela acaba por encontrar sempre o que procura.

— E o que é que tu procuras? — depois da minha pergunta, ocorreu-me que o taxista escutava a nossa conversa.

— Intimidade...

— Intimidade? Estás a sabotar-te, não?

— Não, não espero que compreendas. É raro acontecer, é verdade. No entanto, venho sempre em busca disso. Quando, no meio da festa, encontras uma pessoa que nunca viste e crias uma ligação profunda e imediata, que explode num confronto de corpos e almas, é um momento épico. Não sou grande poeta para explicar estas coisas...

— Mas porquê nestas festas?

— Eu não quero construir nada com essa pessoa. Só quero esse instante no tempo.

Desde que começara a conversar com Ángel, perdera a vontade de lhe pedir que me descrevesse a festa. Tratava-se da vida privada das pessoas que fotografara. Não me pertencia a mim. Não me cabia saber o que acontecera a essas mesmas pessoas entre a fotografia inicial e final. Com estes pensamentos, o cansaço acabou por levar a melhor de mim e adormeci até chegarmos à minha rua. Assim que o táxi parou em frente à minha porta, Ángel acordou-me. Eu propus pagar metade da viagem, mas ele recusou e disse que ficava por sua

conta. Não soube como me despedir dele. Pensei em dar-lhe um abraço, mas isso não fazia o nosso género.

— Adeus — disse-lhe.

— Espera — pediu-me, enquanto metia a mão no bolso do sobretudo. De lá, tirou um pequeno frasco. — Toma, é para ti. Hoje, tivemos um perfumista. Tínhamos de sentir o odor de dois pequenos frascos: o da Terra e o da Lua. Depois, fomos separados em dois grupos, conforme a nossa preferência. Este é o frasco da Lua. Foi o grupo que me calhou. Podes ficar com esta lembrança.

Apesar de as fotografias serem a maior recordação da noite, gostei da ideia e peguei no frasco. Teria dois meios sensoriais para relembrar esta festa singular.

— Oh, acabei de me lembrar que não te fotografei esta noite. Logo tu, que me levaste lá...

— Eu não teria deixado que me fotografasses... Se algum dia expuseres estas fotografias, avisa-me.

Fechei a porta do apartamento e pousei os sacos das compras. Depois de abrir a janela para arejar, decidi manter as luzes apagadas e ficar entregue ao clarão alaranjado, concedido pelo pôr-do-sol madrileno. Paula e Celia tinham proposto um jantar português na minha casa. Quando lhes disse que não sabia cozinhar comida portuguesa ou de qualquer outra nacionalidade, acharam que eu estava a render-me à modéstia. Eu não era modesta. Eu não sabia o que fazer na cozinha. Porém, elas ignoraram e explicaram-me que havia uma invenção chamada internet. Apesar de lhes ter dito que, assim que procurasse uma receita, me iriam aparecer dezenas nos dias seguintes e que dispensava esse jogo diabólico das redes, a Paula deu-me uma palmadita nas costas e disse: «Bem-vinda ao século XXI, *guapa!*»

Durante a tarde, mandei uma mensagem à minha mãe para lhe pedir a receita do bacalhau com natas, que já tinha passado da avó Teresa para ela e aterraria agora nas minhas mãos. Quando um estrangeiro propõe um jantar português, fica implícito que se deverá servir um prato de bacalhau. Já que não podia garantir a satisfação na mesa, não tinha intenção de decepcionar ninguém no cardápio.

Quando a campainha tocou, previsivelmente após a hora marcada, espreitei para o forno como se repetisse o que costumava ser um ritual cinematográfico. Depois de abrir a porta, Paula abraçou-me e abanou as três garrafas de vinho branco. Por trás de Celia, estava Mila. A minha reacção de surpresa levou a que a equatoriana mencionasse que me

enviara uma mensagem, há cerca de trinta minutos, a avisar que Mila se juntaria a nós. Desde que colocara o bacalhau no forno, não pegara no meu telemóvel.

— Onde comem três, comem quatro — respondi, com um ar tipicamente português. — O único problema é que agora poderei causar uma gastroenterite a mais uma pessoa!

A minha piada ficara aquém, mas Mila mostrou-me um sorriso caloroso. Atiraram os casacos de malha para cima da cama e Celia aumentou o volume da banda sonora que eu escolhera para esta noite. Mila, que mantivera a sua boina vermelha na cabeça, perguntou-me onde estavam os pratos para que pudesse acrescentar o seu à mesa. Depois de lhe indicar a porta, contemplei o meu estúdio sobrelotado e feliz. Quando pegou no prato, perguntou-me se o poderia pousar junto à janela, já que fumava. Por mim, estava tudo bem.

Coloquei o bacalhau com natas na mesa, enquanto Paula abria uma das garrafas de vinho que trouxera. Eu seguira a receita religiosamente, para garantir que regressava aos tempos da minha avó e levava as minhas amigas nessa mesma viagem. Assim que degustaram, começaram os elogios.

— E dizias que não sabias cozinhar... — reclamou Paula.

— E não sei. É uma receita de família. Segui os passos.

— Está delicioso — disse Celia.

— Está mesmo — corroborou Mila, afagando os seus cabelos negros.

— Obrigada — respondi. Mais um elogio e eu sentir-me-ia desconfortável. — Então, a Celia mencionou que trabalha numa galeria de arte, aqui em Madrid...

— Sim, é verdade. Chama-se Galería Ruby. Fica no bairro de Las Letras.

— Não conheço. Terei de visitar — afirmei, enquanto bebia um pouco de vinho.

— Tens mesmo. Temos um programa interessante —

mencionou ela alegremente. — Espero que a tua visita esteja para breve. É que há um motivo para eu estar aqui...

Olhei para Celia, evidenciando um sorriso suspeito. Aguardava que o nosso elo de ligação me desvendasse o mistério. Ela não me conhecia há muito tempo, mas a sua sagacidade dizia-lhe que eu não era grande fã de surpresas.

— A Mila quer ver o teu trabalho fotográfico — desvendou Celia.

— O quê? Porquê? — apressei-me a corrigir a questão. Nunca mostrara o meu trabalho a ninguém que o pudesse avaliar. Nunca estivera na posição de entregar as minhas fotografias a alguém que tivesse o poder de as lançar para uma parede e mostrá-las ao mundo. Ainda que, nos últimos tempos, tivesse decidido deixar o doutoramento para trás e focar-me na fotografia, a vulnerabilidade de permitir que avaliassem a minha arte requeria uma preparação psicológica que eu não tinha tido.

— Calma — pediu Mila, tentando sossegar-me. — Há uns tempos, a Celia falou-me da tua fotografia. Eu já andava à procura de um fotógrafo emergente para acrescentar ao nosso programa. Era um plano para o futuro, na verdade. Mas estamos a ter um problema com uma artista, que está agendada para o final de Maio. Ela não vai conseguir entregar as obras. Enfim, um pesadelo. Tenho de encontrar outro artista para a exposição. Nada melhor do que uma fotógrafa.

— Mas a Celia não conhece o meu trabalho.

— Pois não — respondeu a equatoriana. — No entanto, disse à Mila que ela não perdia nada em vê-lo...

— Estou nervosa — admiti, pousando os talheres na beira do prato e agarrando no copo de vinho.

— É normal. Mas, se queres aventurar-te como fotógrafa, terás de te habituar a isto. Faz parte do jogo...

— Tenho tanta coisa. Não me podes dar algum tempo para

eu fazer uma espécie de curadoria e separar as minhas melhores fotografias?

— Não tenho tempo. Estou a trabalhar contra o relógio, neste momento. Quando um artista nos deixa na mão, é horrível. São ossos do ofício, mas é esgotante. Preciso mesmo de ver o teu trabalho hoje. Se a tua fotografia for aquilo que imagino, encaixará no nosso programa — explicou-me, enquanto dava uma passa no cigarro, que entretanto acendera. — Eu sei que isto parece uma emboscada e peço desculpa por isso...

— Bem — comecei por dizer —, recentemente, fiz uma série de fotografias em Ávila. Revelei-as há uns dias. É um dos meus melhores trabalhos, na minha opinião. Mas também tenho séries domésticas. Sobretudo, retratos e auto-retratos. Fotografo o espaço urbano também.

— Já acabaste? — perguntou a Mila, olhando para o meu prato. Ainda não acabara, mas perdera o apetite. Por isso, assenti com a cabeça, levando-a a apagar o cigarro. Ela vestia umas calças largas com uns suspensórios. Assim que se levantou da mesa, ajeitou-os e beijou a testa de Celia.

Abri o armário e encarei os álbuns de fotografia. Por fora, tinha etiquetado os nomes das séries e as respectivas datas. Comecei por entregar uma série de retratos a Mila. Ela colocou os casacos em cima do suporte de cabides e espalhou algumas imagens em cima da cama. Enquanto ela observava as primeiras fotografias, eu punha de lado algumas séries. Mantínhamo-nos em silêncio. Paula e Celia conversavam na mesa atrás de nós, no entanto o meu nervosismo não me permitia acompanhar as palavras que trocavam. Antes de pegar nas séries que eu tinha seleccionado, Mila tirou o maço de tabaco do bolso das calças. Sem o abrir, voltou a guardá-lo no mesmo sítio.

— Onde tiraste estas fotografias?

— No Porto. Essa era a minha colega de casa — expliquei-

lhe. Mila tinha escolhido a série doméstica que fiz com Catarina. Entre todas aquelas imagens, sabia que faltava uma. A que deixara para ela, no momento da minha partida.

— Interessa-te fotografia urbana? — perguntei, enquanto ela analisava outras séries. Ela não me respondeu, mas assentiu com a cabeça. Pousei no chão algumas imagens da capital espanhola e do Porto e dirigi-me à mesa para beber um pouco de vinho. Aproveitei a minha escapadela para me sentar um pouco e deixar Mila entregue à sua avaliação. Perto dela, sentia-me agoniada.

— Espero que não te tenhas importado que tenha trazido a Mila — disse-me Celia. — Ela estava muito ansiosa por ter perdido a artista. Há uns tempos, já tinha comentado que fotografavas. Então, quando a vi assim, voltei a sugerir o teu nome. Queria ajudá-la. E ajudar-te, claro...

— Claro que não me importo — assegurei-lhe. — É tudo inesperado. Apenas isso. Tenho sonhado com uma exposição. E, de repente, aqui está a minha oportunidade.

— Não te preocupes. Ela gostou do teu trabalho.

— Como sabes? — perguntei, depois de girar a cabeça na direcção de Mila. Inclinação sobre a cama, ela acrescentava fotografias e reorganizava aquelas que já lá estavam.

— Ela não está a decidir se vai expor o teu trabalho. Já decidiu que vai. Ela não precisa de muito tempo para reconhecer a qualidade da arte. Essa decisão é rápida. Ela está a decidir que trabalho vai expor.

— A sério? Assim tão simples? — perguntei, incrédula.

— Depois também quero ver as tuas fotografias — mencionou Paula.

Coei a cabeça e petisquei um pouco do bacalhau com natas que ficara no meu prato. Enquanto o fazia, libertei um sorriso céptico e agarrei as mãos das minhas amigas. O meu toque não era mais do que um agradecimento profundo por uma amizade

extraordinária.

— Já agora — disse, dando uma cotovelada a Celia. — Tu e a Mila namoram?

— Fico muito contente por terem voltado — comentou Paula, depois de Celia confirmar que estavam numa relação.

— Nós não voltámos. Eu estava numa relação com a Mila e com o Xavier. Agora, as dinâmicas são diferentes. É tudo diferente. É tudo novo.

— Desculpa, só queria dizer que estou feliz por vocês — corrigiu Paula, mostrando-se um pouco ofendida.

— Eu também estou muito contente — acrescentei, com um sorriso.

— Podes chegar aqui? — perguntou Mila, fazendo-me levantar num ápice. — Eu vou expor o teu trabalho. Estava a averiguar se encaixaria no nosso programa, mas não me restam dúvidas. O que te leva a fotografar?

— De certa forma, a fotografia é um veículo para compreender melhor o mundo e o *outro* — comecei por lhe explicar, enquanto encarava as imagens que Mila tinha espalhado pela cama. — Ao entender o que me rodeia, compreendo-me melhor. É uma forma de descoberta. Além disso, fotografar conecta-me ao mundo. Aquele instante em que primo o botão e disparo liga-me ao tempo e ao espaço. Recorda-me de que existo. Mais do que eternizar o objecto da minha fotografia, é um lembrete de que eu também faço parte do mundo que fotografo.

— O teu trabalho é profundamente individualista e colectivo, ao mesmo tempo. A tua fotografia capta muito bem a nossa geração, na minha opinião. Os teus auto-retratos transmitem-me sentimentos de fragilidade e desespero. Essas noções também estão presentes no espaço urbano que fotografas. Cidades dominadas pelo movimento, mas manchadas pela solidão. As tuas séries domésticas e os teus retratos também me

mostram esse fosso. É a fragmentação humana. Há consistência no teu trabalho. Há uma narrativa evidente.

— Obrigada — disse-lhe, contemplando o retrato da minha mãe, tirado na ceia de Natal. Tinha sido o nosso primeiro momento de redenção. — Esta será a minha primeira exposição. És tu que escolhes as fotografias?

— Sim. Como é a tua primeira vez, eu farei a curadoria, mas terás a palavra final. Não te preocupes, que eu organizarei a exposição de uma forma que fará justiça ao teu trabalho. Além disso, sei quem são os nossos colecionadores e, por isso, a melhor forma de comercializarmos as tuas imagens.

— Está bem. Que fotografias estás a pensar expor, então?

— Apesar de sermos uma geração deprimida, somos sonhadores e revolucionários. Estas imagens, tiradas na manifestação feminista, representam isso. Esta série, que fizeste com a tua colega de casa no Porto, também será exposta. Aquelas fotografias da cidade — disse-me, apontando para uma data de imagens — são fantásticas. Estes auto-retratos foram tirados aqui?

— Sim, foram — confirmei. A Mila referia-se à série de fotografias que tirara durante o meu período de hibernação. Depois de confirmar, ela gesticulou, indicando-me que essas imagens também seriam expostas.

— Quais são os retratos que vais expor?

— Estes — apontou ela. Entre os assinalados, estava o retrato de Pedro, no Le Chat Noir, e o da minha mãe. — Agora, eu quero que me fales deste trabalho. Trata-se de uma festa privada?

— Sim, trata-se de uma festa privada... — expliquei, quando ela indicou as imagens que eu tirara em Ávila.

— Algumas das pessoas que estão nestas fotografias são dos nossos melhores colecionadores. Eles estão a contar com o rosto deles nas nossas paredes?

— A não ser que sejam videntes — respondi, encolhendo os ombros. — Eu não poderia adivinhar que teria esta oportunidade, mas fui transparente quanto ao facto de que estas imagens poderiam acabar numa exposição. Garanti-lhes que nunca mencionaria a festa ou o local.

— Nem *off the record*? — perguntou Mila, desafiando a minha promessa de sigilo.

— Nem *off the record*.

— Pronto, essas imagens vender-se-ão sem dificuldade. O narcisismo anda de mãos dadas com o capitalismo. Preciso que me entregues estas fotografias numa escala maior com brevidade. Não te esqueças de que estamos a correr contra o relógio. Eu mando-te todas as informações por *e-mail*. Agora, vamos festejar! Temos muito para celebrar!

Celia e Paula aproximaram-se, trazendo os nossos copos de vinho reabastecidos. Depois de brindarmos, as minhas amigas debruçaram-se sobre o meu trabalho e teceram elogios. Em breve, desceríamos para nos imiscuirmos na noite madrilena. No entanto, enquanto permanecíamos neste pequeno cubículo, pensava no meu percurso desde que chegara a Espanha. Chegara arqueada, como se carregasse uma grande cruz às costas. A cruz da existência. A cruz da solidão. Como Mila dissera, a cruz da fragmentação. Aqui, encontrara uma força, que brotara de um desespero imenso, para me libertar desse fardo. Agora, essa cruz estaria pregada às paredes de uma galeria de Madrid. Não às minhas costas.

Sentada na cama, os meus dedos deslizavam pelas últimas publicações nas redes sociais, num assumido acto de defesa. Fazia-o para me abstrair da inauguração, que ocorreria dentro de poucas horas. Na tarde anterior, deslocara-me à galeria com o pretexto de me assegurar de que tudo estava a postos. No entanto, o que me levava ao espaço era a necessidade de pôr os meus olhos naquelas paredes antes dos convidados. Na inauguração, não me queria surpreender com a minha própria arte. Não me queria surpreender com a minha própria sorte. No entanto, quando cheguei, Mila e um colega ainda se encontravam a afixar o meu trabalho, o que arruinou qualquer pretensão da minha parte. Em resposta à ansiedade e inquietação de uma novata, pediram-me que saísse com delicadeza. Estes atrasos eram comuns. No entanto, a prioridade não poderia ser acalantar os anseios da jovem artista, mas sim terminar o trabalho. Entre estas divagações, apercebi-me de que o telemóvel vibrava nas minhas mãos.

— Olá. Então, entusiasmada? — perguntou a minha mãe, em êxtase.

— À conta da ansiedade, nem sei bem como me sinto. Mas acho que isto passará assim que chegar à galeria.

— Estar à espera de que o momento chegue é a parte mais angustiante. Lamento muito não poder estar aí. Gostaria tanto de te apoiar — desculpou-se. A exposição tinha sido agendada de um mês para o outro, o que impossibilitara a presença da minha mãe. Ela encontrava-se em Bristol, para uma conferência no festival literário da cidade, que serviria de lançamento da

tradução do seu mais recente livro.

— Mãe, não te preocupes. Eu sei que gostarias de estar aqui.

— Sinto-me culpada e com o coração apertado por não estar contigo neste momento.

— Não há razão para isso. Se esta exposição correr bem, terei outras.

— O pai ligou-te?

— Sim, de manhã. Foi uma chamada um pouco estranha. Sentimental, diria. Por que motivo perguntas?

— Hum — após o seu murmúrio, ficou uns segundos em silêncio. — Decidi seguir o teu conselho. Uns dias antes de vir para o Reino Unido, contei-lhe tudo.

— Contaste? — perguntei, atónita. De repente, ocorreu-me que o meu pai se encontrava agora na mesma incógnita que eu e temi que ele tivesse encontrado finalmente uma justificação para a sua distância e incapacidade parental. Afinal, poderia nem ser o meu pai.

— Sim. Pensei em esperar que viesses a Portugal para conversarmos os três. Depois, mudei de ideias. Eu e o teu pai precisávamos de privacidade para falar. Havia muito por dizer. Mas gostaria que nos encontrássemos todos, assim que viesses cá. Ele também gostaria.

— Deve ter sido uma conversa muito difícil...

— Sim, foi duro. Acho que é uma história muito difícil para todos.

— Às vezes, fico a pensar nas repercussões daquele momento. Este homem, que nós nem sabemos quem é, alterou o rumo das nossas vidas. Quase trinta anos passaram e nós continuamos a sofrer as consequências daquele acto hediondo. Na verdade, foi por isso que não quis que cancelasses a tua conferência. O teu trabalho é demasiado importante.

— Obrigada pelo apoio, querida — agradeceu a minha mãe, numa voz que lhe falhava.

— Tenho de ir — disse-lhe, depois de verificar as horas no relógio de pulso. — Mas, antes de desligar, gostava de te fazer uma pergunta. O pai mencionou que queria um teste de paternidade?

— Não — apressou-se ela a responder, para pôr fim aos meus receios. — Quer dizer, nós conversámos sobre a possibilidade de tu queres fazer um teste. Mas ele não quer saber o resultado. Ele disse que compreende se tiveres necessidade de saber, no entanto tu serás sempre a filha dele.

— Está bem — concluí, com os olhos humedecidos.

Depois de me despedir da minha mãe e de desligar a chamada, preparava-me para escrever uma mensagem. No entanto, a campainha tocou. Carreguei no botão para abrir a porta do prédio e, enquanto aguardava, peguei na minha mala de pele.

— Desculpa a demora — disse Pedro, dando-me um longo beijo. — Encontrei o champanhe no supermercado, mas depois decidi ir comprar um bolo para logo. Tive de andar um pouco até encontrar uma pastelaria decente.

— Ainda chego atrasada à inauguração por causa de um bolo — comentei risonhamente, com os braços à volta do seu pescoço.

— Estou muito orgulhoso de ti — disse Pedro, tocando-me nos lábios.

— Obrigada — agradeci, depois de o beijar outra vez. — Estou muito feliz por estares aqui. Não te cheguei a dizer, mas a Mila tinha escolhido o retrato que te tirei no Le Chat Noir, para expor. Mas, após alguns dias, apercebi-me de que não conseguiria. Foi a única fotografia seleccionada por ela que pedi que não fosse incluída na exposição. Aquela noite continuará a ser apenas nossa. — Abracei-o com força, como que para ter a certeza de que tudo isto era real.

— Os nossos retratos ficarão para nos lembrar de um

momento em que a nossa história esteve por acabar — respondeu-me ao ouvido, enquanto as suas mãos deslizavam pelas minhas costas.

— Já ultrapassámos essa fase? — perguntei-lhe, lambendo-lhe o pescoço e deixando cair a minha mala no chão.

Agarrámos o rosto um do outro e beijámo-nos com urgência, como fizéramos da primeira vez. Pedro mordia-me os lábios e eu puxava o seu cabelo escuro e desgrenhado com força. A nossa respiração acelerada era a melodia que dominava o nosso espaço. Nesse momento, ele pegou em mim ao colo e pousou-me no balcão da cozinha. Os tons torrados do lusco-fusco, que invadiam o meu estúdio através da janela, clareavam os olhos dele.

— Diz que me amas — pedi-lhe, com os meus lábios semiabertos.

Eu nunca imaginara que, um dia, queria ouvir e retribuir estas palavras. E, decerto, nunca previra que estas me pudessem excitar tanto. Quando ele as pronunciou repetidamente ao ouvido, tirei-lhe a camisola preta e desapertei-lhe as calças. Atirando as minhas cuecas para o chão, o Pedro levantou-me a saia e penetrou-me. As suas mãos, colocadas na parte de trás da minha anca, empurravam-me para ele. Ambos gemíamos e agarrávamos o rosto um do outro como se nos quiséssemos consumir e tornar-nos apenas *um*. Os nossos beijos eram sôfregos e fodíamos sem consideração por um amanhã, sabendo, no entanto, que o resto da vida era nosso. E, no mesmo instante em que o meu telemóvel começou a tocar, viemo-nos, misturando os sons libertadores de um orgasmo com uma gargalhada, que reflectia a urgência de nos pormos a andar para a galeria. A vida era bonita.

Quando recuperámos a respiração, abri uma das garrafas de champanhe que ele trouxera. Servi-lhe um pouco num copo e eu bebi do gargalo, enquanto nos contemplávamos em silêncio.

— Temos de ir. Era a Mila a ligar — acabei por dizer.

— Temos — constatou ele, sorrindo e acenando com a cabeça.

Depois de nos vestirmos, entrámos no elevador acanhado do prédio e, à medida que sentia esta pequena caixa a aproximar-nos do chão, os nossos beijos davam-me a sensação de me dispararem para o céu.

Antes de entrarmos na galeria, Simone mandou-me uma mensagem a informar que tinha aterrado e que chegaria assim que possível. Faltavam dez minutos para a inauguração arrancar, por isso os convidados ainda não tinham chegado. Mila e o dono da galeria aproximaram-se para nos cumprimentar, dando indicações ao rapaz que eu vira na tarde anterior para terminar de preparar as bebidas. Era provável que fosse um estagiário, debaixo das regras de um capitalismo sério e explorador, a trabalhar gratuitamente em troca de uma experiência maravilhosa que não lhe pagará as contas no final do mês.

A galeria tinha um aspecto rústico, acentuado pelo chão de madeira envelhecida e pelas vidraças com esquadrias em ferro branco, harmonizando com a estética da minha fotografia. Aguardei que Mila acabasse de me explicar o que deveria esperar desta noite para me aproximar de Pedro, que contemplava as imagens de Ávila.

— Então, esta é a famosa festa...

— É verdade. Pergunto-me se a Manu aparecerá hoje. Gostaria de a ver novamente — comentei em voz alta, apesar de se tratar de um desejo quase íntimo.

— Pode ser que ela seja uma das coleccionadoras que a Mila mencionou. E o Ángel? Aparecerá?

— Eu convidei-o, mas ele é imprevisível. Não me chegou a confirmar, por isso não sei — expliquei, num tom desinteressado, para não dar azo à conversa. A ideia de Ángel

falhar a inauguração não me apouquentava, e não tinha intenções de que Pedro pensasse o contrário.

Nesse entretanto, os convidados começaram a surgir. Entre eles, encontravam-se Celia e Paula, que tinham cumprido o horário religiosamente, para se certificarem de que eu me encontrava bem. Após as apresentações iniciais, e de copo na mão, conversávamos sobre o meu trabalho. Celia e Pedro mencionavam a minha capacidade exímia em captar as emoções veladas nos retratos. Nas palavras dela, a minha *Olympus* punha fim aos segredos que carregamos na alma. O espectador não descobria a história por detrás do rosto, mas tornava-se conhecedor dos sentimentos associados à mesma. Assim, eu permitia uma certa privacidade, arrancando a verdade simultaneamente. Pedro, que assentia com a cabeça, referia que havia uma certa violência na minha fotografia. Era difícil assistir ao lado lunar dos outros. Tornava-nos *voyeurs*. Ele proferia estas palavras, enquanto contemplava o retrato da minha mãe, da ceia de Natal.

Paula pegava no segundo copo de espumante, quando me apercebi de que Mila me acenava. Enquanto me aproximava, constatei que ela conversava com uma das pessoas que eu fotografara, na festa em Ávila. O homem, que se encontrava nos seus quarentas, elogiou o meu trabalho e fez algumas perguntas do foro pessoal. Estava interessado em saber mais sobre as minhas origens e o meu percurso na fotografia. Eu notava que a presença de Dulce Gaspar nestas paredes o intrigava. Era provável que ambos soubéssemos que a minha experiência fotográfica em Ávila não tinha sido autorizada, por isso, apesar de não ceder grande informação nas minhas respostas, simulava interesse na nossa conversa. Estes meios sociais eram ardilosos e preferia manter-me nas graças desta gente.

A galeria já estava bem composta, quando Simone abriu a

porta. Pedi licença ao casal jovem com quem conversava, nesse momento, para receber a minha amiga. Depois de um abraço caloroso, fomos guardar a pequena mala de viagem, numa sala indicada por Mila. Desse espaço, tínhamos uma visão panorâmica da galeria. As luzes estrategicamente colocadas acaloravam este lugar. Alguns convidados bebiam e conversavam, outros contemplavam o meu trabalho.

— Isto é incrível! — comentou Simone, colocando o braço nos meus ombros e acenando com a outra mão a Pedro, que entretanto olhara para nós.

— Eu sei — concordei. — Estou verdadeiramente feliz. Obrigada por estares aqui. Esta inauguração sem ti não seria igual.

— Como é que poderia não vir? Há uns meses, estavas destroçada no Porto. Agora, tens o teu trabalho exposto numa galeria madrilena.

— De certa forma, parece que a minha vida esteve paralisada, durante quase trinta anos. E agora, num curto intervalo de tempo, tudo mudou...

— Eu tive de ir ao Japão. A ti, bastou-te Madrid.

— Pensei que ias trazer o Ethan.

— Já não estamos juntos.

— A sério? Não me disseste da última vez que falámos.

— Queria contar-te pessoalmente. Acabámos há pouco mais de uma semana. Neste momento da minha vida, as relações têm de ser descomplicadas. Depois, não me posso surpreender quando o empenho não é muito — disse-me com um sorriso meigo.

— Pois, é verdade. Bem sei — respondi-lhe num tom terno. — Só quero que estejas bem... Tenho uma notícia que te pode alegrar. Vou regressar a Portugal.

— Vais? — perguntou-me euforicamente, e voltámos a abraçar-nos.

— Sim, mas não digas ao Pedro. És a primeira a saber. Estou a guardar essa novidade para esta noite.

— Claro! Porra, essa é uma ótima notícia! Vá, temos muito tempo para conversar este fim-de-semana. Agora, vamos juntar-nos aos convidados. Quero que me apresentes às tuas amigas e quero ver se estou em alguma fotografia — disse, soltando uma risada.

Pouco depois de apresentar Simone, avistei Celia a deslocar-se para o retrato da minha mãe. Era, sem dúvida, o principal trabalho da minha exposição. Aquela fotografia, impressa numa grande escala, assumia o poder de um altar religioso. Os convidados dirigiam-se a ela e prestavam o seu culto. As cores quentes da sala da minha mãe e a angústia dos olhos dela eram marcantes. Aproximei-me de Celia, enquanto tentava ignorar a manhã que sucedera a esta imagem.

— Ainda me custa a acreditar que a Dulce Gaspar é tua mãe... — disse-me, quando se apercebeu da minha presença. Encontrávamo-nos lado a lado.

— Está tudo bem entre ti e a Mila? — perguntei, ignorando o seu comentário. Afinal, tinha sido proferido quase como um suspiro. — Reparei que vocês se estão a evitar.

— Tivemos uma discussão ontem.

— Então? Achas que vão ficar bem?

— Penso que sim, mas tem sido difícil. Eu gostava que começássemos do zero. Estávamos a tentar fazê-lo, mas não é possível. É que há uma história e essa história envolvia outra pessoa. Então, o que temos agora nem é uma continuação de algo que tivemos, nem é uma relação nova. A nossa maior bagagem emocional advém de uma relação na qual ambas estivemos. Às vezes, ela ainda guarda ressentimentos por determinadas atitudes que tive no passado. Peço-lhe para ela esquecer isso. Lembro-lhe de que agora somos só as duas. Ela está a tentar, no entanto, também me pede para parar de

menosprezar os erros que cometi, na nossa relação com o Xavier. Caso contrário, estarei condenada a cometê-los outra vez.

— Parece-me que ambas estão a fazer cedências. Isso é bom. Não deixes escapar a Mila.

— Porquê? — perguntou-me, deixando espreitar um sorriso.

— Porque eu gosto de te ver feliz e é isso que acontece, quando estás perto dela.

— Obrigada. Estou com saudades do Equador. Quero passar duas ou três semanas lá. Vou convidá-la para vir comigo.

— Fazes bem. Preciso de te dizer uma coisa — admiti, num tom muito sério. — Ainda bem que não aconteceu nada entre nós, naquela noite em que fomos jantar à taberna — disparei, com uma grande gargalhada.

Celia também desatou a rir e assentiu com a cabeça, fazendo uma expressão de que fora a decisão mais sensata do serão. Quando recuperámos alguma seriedade, abraçámo-nos. Entretanto, Simone chamou-nos e, assim que nos virámos para nos juntarmos ao grupo, vi Ángel a conversar com o coleccionador a quem Mila me tinha apresentado, no início da festa. Tinha decidido aparecer. Vestia uma camisa de linho desabotoada até ao peito e calças de ganga justas. Voltar a conversar com o coleccionador não estava nos meus planos, por isso caminhava para o grupo a um passo lento. Fazia-o, porque tentava descodificar se Ángel viria cumprimentar-me. No entanto, ele colocou-se de costas para mim, indicando-me que teria de aguardar pacientemente por um momento a dois. A artista era eu, mas era ele quem haveria de ser vedeta e dominar a comunicação.

A maioria dos convidados já tinha abandonado a inauguração, quando Ángel se aproximou do meu grupo. Apresentou-se como se se tratasse de uma maçada e pediu-me que o acompanhasse. Preparava-me para recusar o pedido, mas

Pedro tirou o maço de tabaco do bolso e disse-me que iria fumar um cigarro ao exterior. Simone afirmou que lhe faria companhia, para que pudessem colocar a conversa em dia. Acabei por seguir Ángel até um dos retratos da festa de Ávila. Tratava-se da primeira fotografia que tirara, nessa noite. Apesar de os trabalhos estarem intitutados com numeração romana, eu recordava esta imagem como a dos *Três Mosqueteiros*. Não sabia a identidade deles, mas estava ciente de que seriam bastante influentes. Aceitarem ser retratados por mim tornara-me apelativa. Passara a ser um ponto obrigatório entre aqueles portões e a mansão.

— Tens um trabalho interessante — comentou Ángel, de mãos nos bolsos.

— Obrigada. Não sabia se virias esta noite.

— Quem é aquela ruiva? — perguntou, depois de ignorar propositadamente o meu comentário.

— É minha amiga.

— Incomodar-te-ia se... Pareces-me daquelas pessoas que ficariam incomodadas se metesse conversa com ela por termos dormido juntos.

— És tão egocêntrico que me aborreces. Termos dormido juntos não significa nada. Estás à vontade — respondi, entediada.

— No fundo, acho que temos algumas coisas em comum.

— Não sei o que te dizer. Não sei se é um grande elogio — comentei e rimo-nos discretamente. — Por que motivo aterraste em frente a este retrato? Não me parece que tenha sido ao acaso. Quem é a rapariga?

— Parabéns pela exposição — disse-me, estendendo a mão para que nos despedíssemos. Soube, naquele instante, que não valia a pena insistir e que esta era a última vez que veria Ángel. Apertámos a mão, durante algum tempo. Depois, ele virou as costas e abandonou a galeria.

Não tardou muito a que o espaço ficasse reservado aos galeristas e ao meu grupo de convidados. Mila, que estava no computador, aproximou-se de nós e perguntou se gostaríamos de celebrar a inauguração em algum bar madrileno, no entanto eu expliquei que tinha planos com o Pedro. Era com ele que queria celebrar esta noite. Além disso, Simone já me tinha confessado que se eu fizesse questão de celebrar a inauguração com ele, ela se encontraria com um rapaz que trabalhara com ela na agência de publicidade e que agora residia em Madrid. Quando me dissera isto, abriu os braços e embalara o corpo, dando-me a saber que *dançaria o tango* com ele. Eu rira-me por ela ainda se servir desta expressão para me dizer que uma boa noite de sexo estava nos seus planos. Paula acabou por dizer que ia para casa, já que tinha de dar uma aula na manhã seguinte, deixando Celia entregue à sua parceira.

— Correu surpreendentemente bem — comentou Mila, quando nos preparávamos para sair da galeria. — Vendemos imensas fotografias.

— A sério?

— Sim. A própria Dulce Gaspar enviou um *e-mail* a afirmar que adquirirá o retrato dela. A maioria dos retratos da festa privada também estão reservados.

— Hum — murmurei, sorrindo. A minha mãe sabia que se me tivesse mencionado que estava interessada em adquirir o retrato, eu não o teria exposto e ter-lho-ia oferecido. — Posso perguntar-te se o Ángel comprou alguma fotografia? Aquele tipo de camisa de linho — especifiquei.

— Sim, um dos retratos da festa — disse ela, indicando a imagem dos *Três Mosqueteiros*. Continuaría sem saber quem era a rapariga, mas descobrira o que levava Ángel às orgias. Ele dissera-me que não era grande poeta, mas que ia em busca de uma pessoa com quem pudesse criar uma ligação profunda, que explodia num confronto de corpos e almas. Essa pessoa tinha

um rosto. Era ela. Eu descobrira-o.

— Não sei se o vosso assistente é um estagiário... — apesar de ter sido um comentário, proferira-o num tom que exigia uma confirmação por parte de Mila. Ela assentiu com a cabeça. — Se se tratar de um estágio não-remunerado, eu gostava que ele recebesse pelo seu trabalho relacionado com a minha exposição. Nem que subtraíam esse valor da minha comissão.

— Não me leves a mal, mas é o dono da galeria que gere os seus funcionários. Ele não pode pagar ao Enrico pela tua exposição e não pagar os restantes dias de trabalho.

— Eu insisto, por favor.

— A maioria dos estágios são não-remunerados, nesta área. Ele assinou um contrato, estando ciente das condições.

— Mila, ninguém aceita trabalhar de graça porque gosta. É um sistema que sujeita os remediados a uma contínua exploração e que nem permite a quem conta todos os cêntimos para comer e pagar uma renda a possibilidade de ter um estágio e de ganhar experiência. Não posso mudar a forma como o dono gere a galeria, mas eu não quero servir-me de trabalho gratuito. Diz-lhe que é um agradecimento da minha parte.

— Como podes imaginar, concordo contigo. Só estou a fazer o meu trabalho. Bem, eu digo que se trata de um agradecimento. Não te preocupes que o Enrico receberá pelo trabalho relacionado com a tua exposição.

Depois de me despedir de Mila e Celia, que ficaram para trás a apagar as luzes da galeria, fui ao encontro de Pedro, que já se encontrava no passeio a fumar um cigarro. A noite estava inesperadamente quente. Nesta cidade, os dias da semana pouco significavam. Era uma quinta-feira, mas a cidade estava viva. Sugerí-lhe que caminhássemos até casa para aspirar os ares madrilenos.

— Só de pensar que, durante o confinamento, esta cidade

estava adormecida... — comentou baixinho. — Então, agora que a inauguração terminou, como te sentes?

— É uma sensação espantosa... — respondi, roçando a sua mão. Nunca tivéramos a necessidade de demonstrar o nosso amor com grandes carícias, em público. Não tínhamos o hábito de caminhar entrelaçados ou de dar as mãos. Pelo contrário, socialmente, costumávamo-nos entregar a toques leves, que nos arrepiavam por esconderem um desejo profundo, ou olhávamo-nos de soslaio como se estivéssemos em confidência. Era assim que denunciávamos a nossa paixão.

— Reparei que a Catarina não apareceu. Não a convidaste?

— Não, não voltámos a falar desde que regressei do Porto. A amizade terminou mesmo. Ela tinha razão. Já não fazia sentido sermos amigas. O que nos esperava? Deveria fazer de conta que estava feliz com as decisões dela e ela fingir que acreditava nas minhas palavras?

— Pois, tens razão.

— Sabes? Às vezes, acho que esta cidade me salvou — admiti, enquanto passávamos por *scooters* estacionadas na calçada e pessoas a beber copos de cerveja à porta dos estabelecimentos nocturnos.

— Ambos sabemos que não foi a cidade que te salvou.

— Era pegar ou largar, lembrás-te? Finalmente, aprendi a agarrar a vida. Sem medos e sem reservas. Tomei uma decisão. Agora, que desisti do doutoramento, não faz sentido permanecer em Madrid. Vou regressar a Portugal.

— Ai, sim? — perguntou Pedro, depois de acender outro cigarro. Enquanto expirava o fumo do tabaco, sorria.

— Sim, já decidi. O nosso país está a traçar um novo rumo. Quero fazer parte dele. Vou apostar na minha fotografia e gostaria de recuperar algum do tempo que perdi com a minha mãe. E quero estar perto de ti. Aliás, quero estar contigo.

— Hum — murmurou. — Saber que vais regressar deixa-me

felicíssimo, mas gostava que soubesses que estou muito contente que o nosso caminho se tenha feito desta forma. Apesar da tua partida me ter custado muito, fez-me bem. Obrigou-me a enfrentar o meu medo de abandono. Se tivesses ficado, eu não me teria desafiado tanto.

— Às vezes, sentia-me um pouco culpada por estar aqui. Tinha receio de que a minha decisão nos destruisse — expliquei-lhe, engolfando-me no seu braço. — Por isso, ouvir estas palavras é muito bom. No entanto, eu não estou a pensar em regressar ao Porto.

— Então?

— Acho que me vou mudar para Lisboa. Quero regressar, mas o meu capítulo no Porto está terminado. Não me revejo lá. Ir para a capital é um intermédio entre estar perto das minhas raízes e começar do zero. Gostaria que viesses comigo...

— Tens a certeza?

— Claro.

— Tenho de pensar — disse-me, afagando a barba.

— Tens tempo. Não te preocupes — assegurei-lhe calmamente. — A minha bolsa termina no próximo mês, por isso eu mudo-me nessa altura. Mas tu levas o tempo que precisares. Isto, se te quiseses mudar, claro...

— E se eu não quiser? — perguntou hesitantemente.

— Se isso não for mesmo uma opção para ti, tenho de repensar... Mas ambos sabemos que a luz da capital é esplêndida — acrescentei, piscando-lhe o olho. — O sotaque é demasiado pomposo, mas pronto...

— O sotaque é demasiado pomposo — repetiu o Pedro, soltando uma risada. — Não sei. Tenho mesmo de pensar, mas não está fora de hipótese. A verdade é que, desde que o director de departamento mudou, não estou muito satisfeito no trabalho. Vamos ver. Também tenho de falar com a minha irmã. Ela está a acabar os estudos dela — terminou, cedendo-

me um sorriso carinhoso.

Conversávamos sobre as razões que levavam Pedro a estar insatisfeito no trabalho, quando um gato alaranjado se impôs à nossa frente no passeio, fazendo-nos parar. Miava para nós insistentemente e não tardou a que se roçasse nas minhas pernas. Madrid continuava a surpreender-me. Por baixo de um candeeiro da cidade, que falhava intermitentemente, eu era afagada por um felino. Baixei-me devagar, para não o assustar, e comecei a fazer-lhe festas. O gato vadio enterneceu-se e eu enterneci-me com ele. Esta pausa no percurso levou Pedro a encostar-se a uma porta de um prédio.

— Não sabia que tinhas uma faceta tão ternurenta — disse ele, rindo-se.

— Nem eu — confessei, enquanto continuava a mimar o pequeno felino. — Mas ele é amoroso. Tens de admitir.

— É mesmo. Nunca vi um gato de rua assim.

— Deve ter sido abandonado. Vou levá-lo para casa.

— Vais adoptá-lo?

— Se, antes de vir para Madrid, alguém me dissesse que, dentro de uns meses, estaria a adoptar um animal, não acreditaria. Nem cuidar de mim conseguia.

— É um gato ou uma gata?

— Não sei, porquê? Como é que se vê?

— Também não sei. Estava a perguntar para saber o que lhe vais chamar — disse Pedro. Ainda nos continuávamos a rir. Ele baixou-se para fazer festas ao gato.

— Então, vou mesmo fazer isto? Será que tem dono? Tenho receio de que tenha escapado de uma casa.

— Pois, isso não sei...

— Bem, ele não tem coleira e, além disso, não está muito bem tratado.

— Sim, deve ser apenas um vadio muito sociável. Como é que o vais levar? Estamos longe?

— Não, o meu apartamento já fica ali — disse, apontando para a porta, a uns metros de distância. — Acho que o podemos levar numa caixa de cartão. Espero que não fuja. Podes procurar uma caixa? Não devem faltar por aí.

Pedro levantou-se e afastou-se serenamente, para não afugentar o animal. Não tardou a regressar com uma caixa de cartão, que tinha umas bananas impressas, dizendo-me que a tinha encontrado em frente a uma frutaria. Lembrei-me de que tinha umas bolachas na bolsa. Não sabia se os gatos comiam bolachas. Tinha de fazer uma pesquisa extensa sobre a vivência felina assim que chegasse a casa; no entanto, foi assim que o atraí para dentro do caixote. Quando o tentei elevar, o gato reagiu como se se preparasse para escapar.

Compreendendo que seria impossível levá-lo até ao apartamento numa viagem aérea, o Pedro pediu-me o pacote de bolachas e, enquanto o acenava ao gato, caminhava em direcção ao meu prédio. O pequeno felino seguia-nos sumptuosamente e, perante esta cena hilariante, tive de libertar um sorriso que me advinha das entranhas.

Depois de uma desafiante viagem de elevador, chegámos a casa. Assim que a porta do apartamento bateu, respirei fundo. Alternava o meu olhar entre Pedro e o gato. De repente, ambos soltámos uma gargalhada perante este fim de noite inesperado. Tirei o casaco de ganga a Pedro e silencieiei-o com um longo beijo. O nosso já não era o amor ingénuo de quem pensa e repensa os actos e as palavras. Já não adormecia a questionar um presente a dois e a duvidar da existência de um futuro. O seu toque já não me amedrontava como se se tratasse de uma das maravilhas do meu mundo. Os seus olhos escuros continuavam a ser os mais profundos da minha história, mas não me assustavam. Já não era ingénuo, mas o nosso amor continuava a ser louco. E eterno, sabia-o agora. Agora, ligávamos e soprávamos ao telemóvel «amo-te». Agora,

esperava por ele, a uma quinta-feira, nas escadas do Aeroporto de Madrid-Barajas, num estranho balanço entre a voracidade e a paz, enquanto escutava o número de voo a ser emitido nos altifalantes. Agora, queria eternizar o corpo dele na minha fotografia e descrever-lhe essas imagens com minúcia e amor. Agora, queria ser *kitsch* junto dele. Subir à Torre Eiffel, enquanto choro no elevador devido às vertigens, ou criticar o capitalismo no centro da Times Square. Agora, ele insinua que conhecerei a sua irmã e a sua mãe, assim que regressar ao Porto. Eu sorrio. Ele diz-me que, inspirado na história da minha família, contactou o seu pai. Há quinze anos que não bebe, mas a vergonha e o medo tinham-no impedido de se reaproximar. Talvez o venha a conhecer também. Preciso apenas das horas e do local. Lá estarei, Pedro. Agora, ele traz-me bolos para celebrar o início da minha carreira e eu imagino-me a sorver o champanhe do seu corpo, ao longo da noite. Agora, enquanto ele ampara o pequeno felino, eu remexo os meus armários em busca de comida. E, um dia, eu comprarei baguete e ingredientes para fazermos *pizza*, *crema catalana* e *goulash*. Porque toda a nossa vida será uma eterna viagem e exploração, ainda que dentro das nossas quatro paredes. Também trarei flores do mercado para decorar a casa. É que o nosso amor não viverá numa caverna. Eu não voltarei a viver numa caverna.

QUINTA PARTE

Quando avistei o condutor a entrar na minha rua, olhei uma última vez para o prédio onde vivi aqueles últimos meses. Ao contrário de quando partira do Porto, sentia uma serenidade que ainda me era pouco familiar. O único motivo que despertava a minha ansiedade era o facto de que talvez tivesse de tirar o *Cohen* da transportadora, na segurança do aeroporto. Se me obrigassem, não saberia a que acrobacias ou artimanhas teria de recorrer para nos mantermos tranquilos. No entanto, ao pousá-lo ao meu lado, no banco de trás, lembrei-me do momento em que partilhara com Pedro o nome escolhido para o felino e ri-me. Ele soltara uma gargalhada, comentando que, pelo menos, não lhe chamara *Zappa*. Ele conhecia uns poucos. Terminou, em tom de suspiro, dizendo-me que não entendia o fascínio em apelidar animais de estimação com nomes de artistas. Expliquei-lhe que havia dois propósitos: mudar o nosso mundo e inspirar a nomeação dos animais de companhia. Este era o único *Cohen* que podia ter por casa e parecia-me *de puta madre*. Um dia, avisou-me ele, haverá uma gata *Gaspar* na casa de alguém. Libertámos uma gargalhada e eu lembrei-lhe, em tom espirituoso, que esse não era o meu apelido.

Sem que me apercebesse, estávamos a percorrer a Calle de la Palma. Antes de conseguir avistar aqueles olhos, que me perturbaram no início da minha estadia madrilenha, pedi delicadamente ao motorista que abrandasse. Não tardou a que estivesse de frente para a parede azul-turquesa, marcada por dezenas de olhos negros e peculiares. Coloquei uma mão no vidro, enquanto me questionava se deveria sair da viatura e

tirar uma última fotografia. Decidi manter-me em silêncio e continuar a viagem para o aeroporto. No entanto, enquanto avançava em direcção à M14, compreendi que este cenário que outrora me parecera claustrofóbico e doloroso, lembrando-me a minha submissão e impotência, não passava agora de uma parede estupenda, que eu observava a partir de uma viatura.

Nesse instante, o telemóvel vibrou. Era uma mensagem do meu pai a perguntar a que horas chegava ao aeroporto de Lisboa, outra vez. Já lhe tinha dado essa informação por chamada, na noite anterior. Ele estava na capital e oferecera-se para me ir buscar. Depois, almoçaríamos com a minha mãe, algures pela cidade. Conversaríamos sobre um passado que não nos poupava, e sobre o presente que, quem sabe, poderia trazer um bonito futuro para a nossa família. Da minha parte, faria o que estivesse ao meu alcance para que esse futuro chegasse. Dias antes, decidira que não precisava de um teste de paternidade. A dúvida dissipara-se e não me acompanharia neste regresso a Portugal. Quase trinta anos depois, o nosso amanhã já não estava nas mãos daquele homem. Estava nas nossas.

Já sentada em frente à porta de embarque, com a transportadora do *Cohen* no meu colo, tentava acalmar o bichano, que respirava ofegantemente. A atribulação na segurança tinha sido demasiada para o pobre felino, deixando-me solidária para com o seu medo. Quando ele se acalmou, pousei a transportadora aos pés e peguei no telemóvel.

— Estou prestes a embarcar — disse a Pedro, depois de ele me cumprimentar meigamente.

— Custou muito despedires-te do cubículo?

— Não — respondi, rindo-me. — Estou contente por regressar a Portugal e com as perspectivas de uma nova vida em Lisboa. O que ganhei com a exposição vai dar para me aguentar dois ou três meses...

— Sim, e vais ver que não te vão faltar novos convites e propostas.

— Espero que estejas certo — suspirei. — Mas deixar Madrid é uma sensação estranha. É quase como se tivesse renascido, aqui. Vou querer voltar em breve. E tu? A minha ideia não ajudou?

— A tua ideia? De me enviases diariamente uma razão para me mudar para Lisboa?

— Sim, essa mesma.

— Ajudou, principalmente a tua investida de ontem — disse ele, o que me enterneceu. Durante um mês, enviara-lhe uma mensagem todos os dias com uma imagem ou um facto peculiar sobre a capital. Na noite anterior, que colocava termo a este meu plano, enviara-lhe uma fotografia minha e do *Cohen*. «Esperamos por ti, em Lisboa», escrevi na mensagem.

— E então? Já tomaste uma decisão?

— A minha irmã incentivou-me muito a ir. Afinal de contas, ela acabou o curso este mês — explicou a um ritmo lento. — Desde que o director mudou, também acho aquele trabalho insuportável. Bem, parece-me que uma aventura em Lisboa nos aguarda. Enviei a carta de demissão hoje — terminou, com uma risada expectante.

— Ainda bem — disse eu, após uns longos e mudos sorrisos. Estava extasiada. Movimentava os pés para expelir a minha energia como se temesse não aguentá-la dentro de mim. — Estou feliz, caraças. Estou muito feliz.

— Eu também, eu também — admitiu Pedro. Na impossibilidade de o abraçar ou beijar, nesse momento, eu colava o telemóvel ao ouvido como se esse gesto me aproximasse dele. Ao fazê-lo, apercebi-me de que Pedro acendera um cigarro. Era a forma que ele tinha de expelir o que sentia. — Ainda estás a sorrir?

— Estou, ainda estou a sorrir. Não consigo parar — confessei

com uma gargalhada. — Não consigo. Devo parecer uma idiota.

— Sabes? Eu cá acho que vamos sorrir por muito tempo...

Pouco depois de desligarmos, ouviu-se a chamada para o voo TP1025, no aeroporto madrileno. Levantei-me. Era o meu.

AGRADECIMENTOS

Ao longo da minha investigação académica, estudei questões de identidade autoral e de herança literária. Tal como esses escritores, aos quais dediquei a minha pesquisa, compreendi que a nossa bagagem cultural é essencial para a nossa própria escrita. No meu caso, as vozes de determinadas escritoras foram essenciais para que acreditasse que havia lugar para a minha própria voz no panorama literário, e que a narrativa sobre o *feminino* e sobre jovens mulheres é importante. À minha herança literária, estarei sempre grata. Ajudou a transformar um sonho no meu caminho.

Gostaria de agradecer à minha editora, Diana Garrido, que foi uma verdadeira aliada ao longo de todo o processo. Descortinou estas personagens e este enredo com a mesma clareza que eu e sempre compreendeu a essência deste romance, o que levou a uma cumplicidade profissional enorme. Não posso avançar sem mencionar o seu sentido de humor incrível e a entrega aos seus escritores.

Obrigada aos meus pais. À minha mãe, que escutou todas as minhas ideias para este romance, e me apoiou incansavelmente. Quando me sentiu nervosa para a primeira reunião na Penguin Random House, em vez de me deixar na central, a partir da qual me aguardava uma viagem de quatro horas, entrou no autocarro comigo. Foi também ela quem me tirou a fotografia de autor. Ao meu pai, que acreditou no meu trabalho e potencial sem reservas. Esta sua fé em mim é tão exuberante e visível, que nunca permitiu que eu duvidasse deste romance ou de mim mesma.

Agradeço ao meu irmão Diogo, pela camaradagem. Durante o confinamento vivíamos juntos e, com a vida estagnada, o processo de escrita dificultou-se. Conversou comigo sobre as minhas personagens, para que eu pudesse contemplar possibilidades e encontrar a consistência que tanto procurava. Acima de tudo, esteve sempre pronto para um abraço.

Obrigada à Mariana Machado, que foi a primeira leitora. Os manuscritos chegavam com as suas anotações, que sem dúvida melhoraram este livro. Agradeço o seu tempo e apoio, que nunca faltaram e que chegaram sempre com muito carinho e humor também.

Despoina Tzanou, Daniel Andreasen e Joe Sarah foram também muito importantes ao longo do processo de escrita. Cederam-me conhecimento e as suas valiosas opiniões, quando precisei, e mostraram-me pura amizade.

Por fim, gostaria de agradecer aos meus seguidores do Books Turn You On. O entusiasmo e a motivação constante que me chegaram através de comentários e mensagens foi impressionante. Vocês fazem toda a diferença.

Um coming of age moderno sobre uma jovem à procura do seu lugar no mundo, entre ansiedade, redes sociais e mistérios familiares que a envolveram em solidão



Lola anda à procura do seu lugar no mundo. Entre ataques de ansiedade que a deixam paralisada, à sua forma de olhar o outro através da lente da máquina fotográfica, ela vai deambulando pelas ruas do Porto sem, no entanto, encontrar o que procura.

Numa luta permanente entre aquilo que é, aquilo que gostaria de ser e aquilo que os outros esperam dela, Lola decide cortar as frágeis amarras que a prendem ao país e rumar a Madrid, capital alegre e mais aberta onde ela espera encontrar alguma paz.

Neste seu romance de estreia, a autora explora o género coming of age e algumas das questões que afectam o ser humano desde o início dos tempos - quem somos e para onde

vamos - misturando-as com os tempos modernos e as suas redes sociais, o Tinder, e outras universais como o feminismo e a busca pelo amor.

Cátia Vieira estudou Estudos Portugueses e frequentou o Doutoramento em Modernidades Comparadas, na Universidade do Minho. Em 2017, criou a conta de Instagram Books Turn You On, que conta com mais de 40 mil seguidores, na qual divulga as suas leituras e ideias sobre o mundo. Além de escrever, também é directora criativa da marca Selafano. *Lola* é o seu primeiro romance. Vive em Braga, Portugal.



Edição em digital: maio de 2021

© Cátia Vieira, 2021

© desta edição:

2021, Penguin Random House Grupo Editorial Unipessoal, Lda.

Suma de Letras é uma chancela de

Penguin Random House Grupo Editorial

Av. da Liberdade, 245, 7.º A, 1250-143 Lisboa

correio@penguinrandomhouse.com

Edição: Diana Garrido

Revisão: Safaa Dib e Madalena Alfaia

Capa: Armanda Vilar

Ilustração da capa © Sol Costa

ISBN: 978-989-784-316-7

Composição digital: Newcomlab S.L.L.

Este livro não pode ser reproduzido, no todo ou em parte, por qualquer processo mecânico, fotográfico, electrónico ou por meio de gravação, nem ser introduzido numa base de dados, difundido ou de qualquer forma copiado para uso público ou privado, além do uso legal como breve citação em artigos e críticas, sem a prévia autorização por escrito do editor.

[1] «Tu que, lá no alto, estás à escuta! O que tens para me dizer? Olha para o meu rosto enquanto aspiro a aproximação furtiva da noite, (Fala com honestidade, ninguém mais te ouve, e permanecerei só mais um minuto.)

Contradigo-me?

Muito bem, então contradigo-me

(Sou imenso, contendo multidões).»

Folhas de Erva, vol. 1, Relógio d'Água, 2002. Tradução de Maria de Lourdes Guimarães.

[2] «Se à primeira não conseguires alcançar-me, não percas a coragem, Se não me encontrares num lugar, procura noutro, Estarei em qualquer sítio à tua espera.»

Folhas de Erva, vol. 1, Relógio d'Água, 2002. Tradução de Maria de Lourdes Guimarães.

Índice

Lola

Primeira parte

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Segunda parte

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Terceira parte

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Quarta parte

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Quinta parte

Capítulo 28

Agradecimientos

Sobre o livro

Sobre Cátia Vieira

Créditos

Notas